



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS LIVROS I E II
DA OBRA *DE ASTRONOMICA*, DE HIGINO**

ROBSON LUCENA CARNEIRO

João Pessoa – PB

2023

ROBSON LUCENA CARNEIRO

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS LIVROS I E II
DA OBRA *DE ASTRONOMICA*, DE HIGINO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução. Linha de pesquisa: Estudos Clássicos e Medievais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli.

João Pessoa – PB

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
ROBSON LUCENA CARNEIRO

Aos trinta e um dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e três, às nove horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: **“TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS LIVROS I E II DA OBRA DE ASTRONOMICA, DE HIGINO”**, apresentada pelo(a) aluno(a) Robson Lucena Carneiro, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Marco Valério Classe Colonnelli (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Hermes Orígenes Duarte Vieira (UFPB) e Felipe dos Santos Almeida (UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: **Aprovado**. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Marco Valério Classe Colonnelli (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 31 de julho de 2023.

Parcecer:

Após a arguição da banca, foi constatado que a dissertação precisa de pequenos ajustes: melhor esclarecimento dos conceitos de tradução, melhor articulação dos conceitos com os comentários tradutórios, discussão um pouco mais aprofundada acerca da teoria tradutória. Entretanto, observou-se também que a dissertação possuía grande inovação (texto não traduzido em português), fluidez textual e argumentativa, além de farto material trabalhado pelo discente.

Documento assinado digitalmente
MARCO VALERIO CLASSE COLONNELLI
Data: 02/08/2023 10:38:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli
(Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
FELIPE DOS SANTOS ALMEIDA
Data: 02/08/2023 09:22:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Felipe dos Santos Almeida
(Examinador)

Documento assinado digitalmente
ROBSON LUCENA CARNEIRO
Data: 01/08/2023 10:11:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Robson Lucena Carneiro
(Mestrando)

Prof. Dr. Hermes Orígenes Duarte Vieira
(Examinador)

Documento assinado digitalmente
HERMES ORIGENES DUARTE VIEIRA
Data: 01/08/2023 22:01:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C289t Carneiro, Robson Lucena.

Tradução e comentário dos livros I e II da obra De Astronomica, de Higino / Robson Lucena Carneiro. - João Pessoa, 2023.

188 f. : il.

Orientação: Marco Valério Classe Colonnelli.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Tradução escrita. 2. De Astronomica - Obra. 3. Higino, 64 a.C.-17 d.C. 4. Latim. 5. Astronomia - Mundo antigo. I. Colonnelli, Marco Valério Classe. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'255(043)

ROBSON LUCENA CARNEIRO

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS LIVROS I E II
DA OBRA *DE ASTRONOMICA*, DE HIGINO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução. Linha de pesquisa: Estudos Clássicos e Medievais. Data de aprovação: 31/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli (Orientador)

Prof. Dr. Felipe dos Santos Almeida (Examinador)

Prof. Dr. Willy Paredes Soares (Examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, por me terem concedido
inteligência e força para superar as dificuldades durante o mestrado.

Carinhosamente à minha mãe (*in memoriam*) e a meu pai.

A esta instituição, a seu corpo docente,
ao Programa de Pós-graduação em Letras, ao professor orientador
Marco Valério Classe Colonnelli e aos professores da banca examinadora,
Felipe dos Santos Almeida e Willy Paredes Soares.

Ao CNPq, pela bolsa de mestrado.

A Hamilton Medeiros e Robson Claudino,
como também a todos que, direta ou indiretamente, me auxiliaram
na caminhada acadêmica e pessoal.

*Felices animae, quibus haec cognoscere primis
inque domos superas scandere cura fuit!*

(Ovídio, *Fastos*, I, 297-298)

RESUMO

O objetivo deste trabalho de dissertação é apresentar uma proposta de tradução em prosa do latim para o português, acompanhada de comentários, dos dois primeiros livros que compõem a obra intitulada *De Astronomica*, de Higino. Do mesmo modo, serão apresentados alguns estudos acerca do autor e de sua obra, como também um panorama que envolve os tópicos relacionados à astronomia no mundo antigo, especificamente entre os povos que habitavam as regiões do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma. Este tratado, composto no fim do primeiro século antes de Cristo, discorre sobre questões concernentes à astronomia e astrologia, sob a ótica dos estudiosos de épocas passadas.

Palavras-chave: Astronomia; tradução; *De Astronomica*; Higino; latim.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to present a proposal for a prose translation from Latin to Portuguese, accompanied by comments, of the first two books that compose the work entitled *De Astronomica*, by Hyginus. In the same way, some studies about the author and his work will be presented, as well as an overview involving topics related to astronomy in the ancient world, specifically among the peoples who inhabited the regions of Egypt, Mesopotamia, Greece and Rome. This treatise, composed at the end of the first century B.C., discusses issues concerning astronomy and astrology, from the perspective of scholars of past times.

Keywords: Astronomy; translation; *De Astronomica*; Hyginus; latin.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: ASPECTOS GERAIS ACERCA DE HIGINO E DA OBRA <i>DE ASTRONOMICA</i>	16
1.1 Sobre a vida de Higinio	16
1.2 Sobre a obra de Higinio	23
1.3 <i>De Astronomica</i>	31
1.3.1 Estrutura da obra	32
CAPÍTULO II: TRADIÇÃO ASTRONÔMICA ANTIGA	40
2.1 Arqueo-astronomia	40
2.2 A astronomia entre os egípcios	43
2.3 A astronomia na Mesopotâmia	45
2.4 A astronomia na Grécia	48
2.5 A astronomia em Roma	52
CAPÍTULO III: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DOS LIVROS I E II DA OBRA <i>DE ASTRONOMICA</i> , DE HIGINO	66
<i>Prologus</i>	66
<i>Liber Primus</i>	72
<i>Liber Secundus</i>	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS	180

INTRODUÇÃO

Conforme se nota a partir de diversos estudos, a astronomia pode ser considerada como a ciência mais antiga de que se tem conhecimento. Desde as épocas pré-históricas, é notório o deslumbramento e o interesse do ser humano em observar as realidades que transcorrem no céu. Além de tudo, o campo celeste também serviu como representação das questões divinas, por ser considerado a morada das divindades, ou ainda como meio de sobrevivência para aqueles que viviam do campo.

O tratado astronômico de Higino, composto por volta do fim do primeiro século antes de Cristo, trata sobre questões relacionadas à astronomia e astrologia, sob a ótica dos estudiosos de épocas passadas. De forma geral, divide-se em quatro livros, dos quais este trabalho se propõe a traduzir os dois primeiros.

Em relação à estrutura desta dissertação, o primeiro capítulo do trabalho aponta os assuntos referentes à vida e obra de Higino. Presume-se que a fonte mais relevante dos escritores antigos que falam sobre o autor está na obra de Suetônio chamada *De uiris illustribus* (*Sobre os homens ilustres*), mais precisamente no excerto inscrito como *De grammaticis et rhetoribus* (*Sobre os gramáticos e rétores*).

Sobre a produção de Higino, apesar de seu vasto número, aos nossos dias chegaram apenas *Fabulae* (*Fábulas*) e *De Astronomica* (*Sobre as questões astronômicas*), objeto de estudo deste trabalho. Além destes, existiam escritos voltados às temáticas mais variadas, a saber: os de cunho didático, como, por exemplo, *De apibus* (*Sobre as abelhas*); de cunho histórico-geográfico, como *De familiis Troianis* (*Sobre as famílias troianas*); ou ainda de cunho religioso, como *De dis Penatibus* (*Sobre os deuses Penates*).

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta um panorama das questões concernentes à astronomia no mundo antigo. No início, há uma seção acerca da arqueo-astronomia, dedicada a estudar as possíveis relações dos povos pré-históricos e sua ligação com os fenômenos celestes. Em seguida, há as seções da astronomia correlacionadas com os povos antigos, como os mesopotâmicos, os egípcios, os gregos, e, por fim, os latinos.

A última seção do segundo capítulo, apresentada como *A Astronomia em Roma*, busca dar enfoque ao objeto de estudo do trabalho. São demonstradas as principais correntes filosóficas gregas (pitagóricos, estoicos e epicuristas), que influenciaram diretamente no modo de pensar dos astrônomos latinos. Posteriormente, indicam-se as relações entre astronomia e astrologia no mundo antigo. Em seguida, alguns dos expoentes latinos que se dedicaram à escrita de obras que versavam sobre questões astronômicas, até Higino.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta a proposta de tradução referente aos dois primeiros livros da obra *De Astronomica*, acompanhada de notas explicativas e comentários pertinentes. O prólogo do escrito, de certa forma, pode ser caracterizado como uma seção à parte do corpo do texto, pois, dentre outros aspectos, é composto por seis parágrafos que trazem a dedicatória e a intenção da obra e são bem marcados por uma linguagem diferente do restante, mais rebuscada e até retórica.

O primeiro livro consiste em oito seções, dividido entre parágrafos, em que Higino explana certas noções que fazem referência ao universo e à esfera celeste, de modo geral. Em ordem, a primeira seção fala sobre o mundo; a segunda, sobre o centro da esfera; a terceira, sobre sua dimensão; a quarta, sobre as significações dentro da esfera; a quinta, sobre os polos; a sexta, sobre os círculos; a sétima, sobre o círculo zodiaco; a oitava, por fim, sobre a Terra.

O segundo livro possui um pequeno prólogo, com três parágrafos, e quarenta e três seções, enumerando as constelações e fazendo um compilado mítico acerca de cada uma delas. Em ordem, são: *Ursa Maior (Ursa Maior)*, *Ursa Minor (Ursa Menor)*, *Draco (Dragão)*, *Bootes (Arctophylax)*, *Corona (Coroa)*, *Hercules (Engónasin)*, *Lyra (Lira)*, *Cygnus (Cisne)*, *Cepheus (Cefeu)*, *Cassiopea (Cassiopeia)*, *Andromeda (Andrômeda)*, *Perseus (Perseu)*, *Auriga (Auriga)*, *Ophiucus (Ofiúco)*, *Aquila (Águia)*, *Sagitta (Flecha)*, *Delphinus (Delfim)*, *Equuleus (Cavalo)*, *Triangulum (Triângulo)*; depois, os doze signos do Zodíaco: *Aries (Áries)*, *Taurus (Touro)*, *Gemini (Gêmeos)*, *Cancer (Câncer)*, *Leo (Leão)*, *Virgo (Virgem)*, *Libra (Libra)*, *Scorpius (Escorpião)*, *Sagittarius (Sagitário)*, *Capricornus (Capricórnio)*, *Aquarius (Aquário)* e *Pisces (Peixes)*; e ainda *Cetus (Baleia)*, *Eridanus (Erídano)*, *Lepus (Lebre)*, *Orion (Órion)*, *Canis Maior (Cão Maior)*, *Canis Minor ou Antecanis (Cão Menor ou Prócion)*, *Argo (Argo)*, *Centaurus (Centauro)*, *Ara (Ara)*, *Hydra (Hidra)* e *Piscis Austrinus (Peixe Austral)*.

Os parágrafos quadragésimo segundo e quadragésimo terceiro, porém, se dedicam a falar sobre aspectos diferentes das constelações. Aquele consiste num relato acerca das estrelas de Júpiter, do Sol, de Marte, de Vênus e de Mercúrio, respectivamente. Este, porém, trata acerca do círculo que atualmente chamamos de Via Láctea.

Todas as traduções apresentadas das línguas do inglês, francês, italiano, espanhol, grego ou latim, seja em referências ao longo do texto dissertativo, seja nas notas de rodapé, no corpo da tradução, são de origem própria, exceto no trecho da citada obra *Ele que o abismo viu*, presente no capítulo segundo, na seção sobre a astronomia entre os egípcios. Neste local está indicado o autor da tradução do trecho, originalmente da língua acádia.

Sob uma ótica geral acerca de nossa tradução, adotou-se um caráter majoritariamente operacional, com a finalidade de passar para o vernáculo as informações obtidas das outras línguas, e principalmente do latim, sem ater-se necessariamente à exclusão de estranhezas textuais. Em alguns momentos, obviamente, não será possível a transposição completa entre os idiomas, visto que os sistemas linguísticos são diferentes.

Uma particularidade de Higino, por exemplo, é utilização demasiada da repetição de determinadas estruturas no livro segundo, como os verbos *fertur*, *dicitur*, *demonstratur*, *ait*, dentre outros. Todos se caracterizam como *verba dicendi*, empregados para dar marcação ao texto sobre algum elemento que o autor deseje ressaltar, ou para reafirmar que aquelas afirmações não são puramente suas, mas conforme atesta a tradição.

Em relação à fundamentação teórica da tradução, utilizamos três autores. Em primeiro lugar, a noção de Jakobson (1995), referente à definição de tradução sob a nuance interlingual. A proposta do autor é classificar a noção tradutória em três níveis, a saber: *intralingual*, em que os signos verbais são vertidos dentro da mesma língua; *interlingual*, em que acontece a tradução propriamente dita, com os signos de uma língua em relação a outra; e *inter-semiótica*, em que há o uso de signos não-verbais.

Em segundo lugar, os apontamentos de Aslanov (2015) dizem respeito às nuances dos estudos tradutórios modernos que trazem à tona a visão manipuladora da tradução. De certa forma, o tradutor, mesmo adotando uma versão mais literal do texto, traz em si uma

vasta possibilidade das formas com que visa apresentar seu trabalho. Além disso, ainda há algumas intercorrências relacionadas à manipulação da tradução, como certas ideologias ou pensamentos diversos que não são aceitos por parte do público de chegada.

Oustinoff (2011), por fim, pontua bem as difíceis relações do tradutor quando necessita realizar seu papel. Faz-se necessário o equilíbrio da literalidade, havendo de possuir um bom conhecimento do contexto, da finalidade da tradução, e diversos outros pontos que norteiam o tradutor. Assim, são tratadas as noções de língua de partida e língua de chegada. Segundo Oustinoff, o tradutor se ampara em três aspectos, a saber: a posição tradutória, sobre a atividade de tradução; o projeto de tradução, sobre a maneira de traduzir; e o horizonte do tradutor, que se relaciona com um conjunto de parâmetros que o envolvem.

Utilizamos como subsídio a edição de Bernhardus Bunte, de 1875. O autor emprega poucos códices para estabelecer o seu texto, dentre os quais o *Codex Dresdensis* e o *Codex Bibliothecae Guelferbytanae*. Porém, a edição primeira que serviu como base para a estruturação e o conteúdo do texto latino é a de André Le Boeuffle (2002), na edição publicada pela Les Belles Lettres. O autor faz um estudo da obra na introdução de sua tradução, apontando as principais características acerca de Higino e da obra, como também uma densa explanação dos códices utilizados em sua versão textual.

Uma edição estabelecida filologicamente é de extrema importância, a fim de que sejam observadas as minúcias do texto, que eventualmente se perdem em outras edições. Boeuffle afirma que sua edição é diferente da de Bunte em 383 momentos, seja por conta de lições, seja por conta de elementos que não se ligam logicamente entre si. Os episódios em que preferimos tomar a lição de Bunte foram estes:

PASSAGEM	BOEUFFLE	BUNTE
I, 2	<i>Centrum est</i>	<i>Centron est</i>
I, 6,2	<i>cuius centrum ipse est polus finitus</i>	<i>cuius centron ipse est polus finitus</i>
I, 8, 1	<i>centrum obtinet sphaerae</i>	<i>centron optinet sphaerae</i>

II, 2, 3	<i>Thales enim, qui [...] ut Herodotus Milesius dicit.</i>	<i>Thales enim Milesius, qui [...] ut Herodotus dicit.</i>
II, 3, 1	<i>quare quoduis licet intellegere hunc maxime draconem dici.</i>	<i>quare quosuis licet intellegere hunc maxime draconem dici.</i>
II, 4, 3	<i>experrecti cum se numquam melius quiescere faterentur ac requirerent Icarum,</i>	<i>experrecti cum se numquam melius quiesse faterentur ac requirerent Icarum,</i>
II, 5, 1	<i>non recusauit condicionem [stupri]</i>	<i>non recusauit condicionem</i>
II, 5, 3	<i>comprimere uoluisse, quod Theseus se passurum negaret,</i>	<i>comprimere uoluisse. Quod Theseus se passurum negauit,</i>
II, 15, 4	<i>ne patris regno priuatus cogeretur, destitit Thetin uelle ducere uxorem</i>	<i>ne patris regno priuaretur, coactus destitit Thetin uelle ducere uxorem</i>
II, 15, 5	<i>Sed, opinor, ad initium causae et interitum aquilae reuertar</i>	<i>Sed potius ad initium causae et interitum aquilae reuertamur</i>
II, 17, 2	<i>receptum et Naxum cum suis comitibus trauectum redderent</i>	<i>receptum, ut Naxum cum suis comitibus trauectum redderent</i>
II, 23, 3	<i>Huius similis est historia de bucino Tritonis.</i>	<i>Huic similis est historia de bucino Tritonis.</i>

Na maioria dos casos, preferiu-se a edição de Bunte em relação ao melhor sentido da tradução. Nos três primeiros excertos, porém, adotou-se a versão diferente da de Boeuffle porque Bunte também realiza, no começo de seu texto, um estudo acerca de várias questões acerca de Higino. Neste ponto, há a identificação de todos os momentos em que o autor latino

utiliza palavras advindas do grego em sua composição, dentre as quais o vocábulo *centron*, ao passo que Boeuffle adota a forma *centrum*.

Assim, o objetivo deste trabalho de dissertação é apresentar uma proposta de tradução em prosa do latim para o português, acompanhada de comentários, dos dois primeiros livros que compõem a obra intitulada *De Astronomica*, de Higino. Do mesmo modo, serão apresentados alguns estudos acerca do autor e de sua obra, como também um panorama que envolve os tópicos relacionados à astronomia no mundo antigo.

CAPÍTULO I: ASPECTOS GERAIS ACERCA DE HIGINO E DA OBRA DE ASTRONOMICA

1.1. Sobre a vida de Higino

Em relação às informações sobre a vida e a obra de Higino percebe-se a escassez de fontes, ao pesquisá-las. Especula-se que o autor tenha nascido em 64 a.C., no território hispânico, e morrido em 17 d.C., na cidade de Roma. Alguns consideram que Higino não era natural da Hispânia, mas sim de Alexandria. Outros, ainda, acreditam que o autor da obra *De Astronomica* não tenha sido este, mas outro, intitulando-o de Pseudo-Higino.

Algumas referências podem ser encontradas em textos dos escritores latinos, como, por exemplo, em Suetônio, cuja versão adotaremos neste trabalho. Dentre suas composições, havia *De uiris illustribus* (*Sobre os homens ilustres*), cujo excerto intitulado *De grammaticis et rhetoribus* (*Sobre os gramáticos e rétores*) proporcionou talvez a fonte mais relevante acerca de Higino:

Gaio Júlio Higino, liberto de Augusto, hispano por nascimento (embora alguns o considerem alexandrino e levado jovem a Roma por César, depois que Alexandria foi tomada), com diligência tanto ouviu quanto imitou Cornélio Alexandre, gramático grego a quem muitos chamavam *Polihistor*, por causa de seu conhecimento da Antiguidade, e outros o chamavam *História*. Esteve à frente da Biblioteca Palatina e por causa disso não ensinou com menos empenho a vários. Foi familiaríssimo a Ovídio, o poeta, e a Clódio Licino, o historiador consular, que conta Higino ter morrido bastante pobre e sustentado por sua própria generosidade, enquanto viveu. Júlio Modesto foi liberto dele e seguiu os vestígios do patrono, nos estudos e na doutrina¹. (SUETÔNIO, *De grammaticis et rhetoribus*, XX, 1)

¹ C. Iulius Hyginus, Augusti libertus, natione Hispanus (etsi nonnulli Alexandrinum putant et a Caesare puerum Romam aduectum Alexandria capta) studiose et audiuit et imitatus est Cornelium Alexandrum, grammaticum Graecum quem propter antiquitatis notitiam Polyhistorem multi, quidam Historiam uocabant. Praefuit Palatinae bibliothecae, nec eo secius plurimos docuit. Fuitque familiarissimus Ouidio poetae et Clodio Licino consulari historico; qui eum admodum pauperem decessisse tradit et liberalitate sua, quoad uixerit, sustentatum. Huius libertus fuit Iulius Modestus, in studiis atque doctrina patroni uestigia secutus. (*De grammaticis et rhetoribus* XX, 1)

Como apresenta Suetônio, ainda jovem Higino foi levado por César para Roma, depois da tomada da cidade alexandrina pelo imperador romano, a 47 a.C. O contexto envolve o evento político do primeiro triunvirato, composto por Crasso, Pompeu e César. Os dois primeiros foram eleitos para o cargo de cônsules em 55 a.C., e lhes foram destinados, respectivamente, os territórios da Síria e da Espanha. Enquanto Crasso foi, de fato, para o Oriente, Pompeu enviou delegados em seu lugar para a região hispânica e permaneceu na cidade de Roma, maquinando formas de angariar para si o poder.

Crasso foi tragicamente assassinado logo após a batalha de Carras, em 53 a.C. A morte de Júlia, esposa de Pompeu e filha de César, fez com que os ânimos de ambos voltassem a rivalizar. Na batalha da Farsália em 48 a.C., Pompeu foi derrotado e em seguida fugiu para o Egito. Seu assassino, Ptolomeu XIII, em vão tentou conseguir as graças de César, que mais tarde partiria rumo a Alexandria.

Com a finalidade de disputar o trono herdado de Ptolomeu XII, acontecia uma forte guerra civil entre Ptolomeu XIII e sua irmã e esposa Cleópatra VII, a quem César favorecia e de quem tomava partido. Conforme nos relata a tradição, ele tornou-se amante dela e foi vitorioso no embate. Entregou o trono a Cleópatra, como confirmação do laço que mantinham, e posteriormente retornou para Roma.

Nos dois últimos anos de sua vida e de seu reinado, César empreendeu diversas reformas institucionais, políticas, sociais e culturais em Roma. Ao promover leis benéficas em sua região e certos privilégios aos territórios que paulatinamente eram conquistados, fazia com que cada vez mais a supremacia ausônia se expandisse e se mantivesse fortificada, estabelecendo a romanidade.

O contexto que envolve a figura de Augusto, por sua vez, é a do segundo triunvirato, composto em 43 a. C. juntamente com Marco Antônio e Lépido. Quando da designação dos territórios para cada um, este havia ficado com a Gália Narbonense e a Hispânia; Marco, com as Gálias Cisalpina e Transalpina; Augusto, com as partes da Sicília, Sardenha e África.

Após muitas reviravoltas, o segundo triunvirato começou a se dissolver, mesmo depois do acordo de mais cinco anos de aliança entre os três. Lépido abdicou do cargo em 36 a.C., visto que Otávio havia subtraído suas legiões. Marco Antônio havia perdido a boa

estima do povo romano e repudiado sua esposa Otávia, mulher romana e irmã de Augusto, para se casar com Cleópatra, considerada uma bárbara.

A partir dos desertores de Marco, cujos nomes eram Títio e Planco, Otávio teve acesso a seu testamento, em que havia pedidos claramente inapropriados para um cidadão romano, pois, dentre outras questões, nele manifestava seu desejo de ser enterrado na cidade de Alexandria, e não em Roma. Valendo-se deste trunfo para subjugar seu companheiro de poder, Augusto julga oportuno levar tais questões a todo o povo e, a partir deste engenho, juntamente com todos decide declarar guerra contra a rainha. Em consequência das novas investidas de Roma, Cleópatra e Antônio se suicidaram e o Egito passou a ser mais uma região granjeada pelo poder romano.

Otávio então permanece, ficando como o *princeps* do mundo romano, e recebe posteriormente o título de *Augustus*. A propaganda de seu governo era pautada nos valores tradicionais, a exemplo da *uirtus* (*virtude*), da *iustitia* (*justiça*) e da *pietas* (*piedade*). Este último valor, que devia revelar-se através dos atos principalmente para com os deuses, para com a família e para com a pátria, recebeu uma nova roupagem por intervenção do imperador. Após sua ascensão ao poder, a cidade entrou em um processo grandioso de enriquecimento cultural e estrutural, com a construção de organizações como bibliotecas, teatros e templos.

A construção de bibliotecas públicas já era projeto de Júlio César, o que não pôde se concretizar por causa de sua morte. Asínio Pólio, orador, poeta e historiador, esteve junto a César em vários momentos importantes. Segundo Plutarco (*Vidas Paralelas, César*), esteve em sua companhia no momento em que o imperador decidiu atravessar o Rubicão (*id.* XXXII, 7), ajudando-o a analisar seja os possíveis infortúnios que lhes acarretaria a travessia, seja a fama posterior advinda deste feito, ou ainda, prestando-lhe auxílio quando os númidas atacaram seus companheiros cavaleiros (*id.* LII, 8).

Pólio deu origem à primeira biblioteca pública de que se tem relatos em Roma, na parte externa ao Fórum. Além dos espólios granjeados em suas campanhas, que serviram como fundo para a construção do local, acredita-se que grande parte do acervo da biblioteca era composto pelas próprias obras pessoais de Asínio, ou pelo menos da cópia delas, visto que, por se dedicar ao estudo das letras, o orador possuía um grande e diversificado número de livros.

César Augusto, por sua vez, mantinha a preocupação de reparar edifícios públicos que haviam sido destruídos ou de construir os que estavam inacabados ou inexistentes até então. Ao lado do Templo de Apolo no monte Palatino, dedicado em 28 a.C. pelo imperador, foi edificada a Biblioteca Palatina, a segunda de Roma. O lugar seguia o primeiro modelo em sua estrutura e disposição, como seções separadas para materiais de grego e latim e seções para a colocação de estátuas de personagens importantes para a época. Também era cenário de encontros frequentes de muitos expoentes filosóficos, poetas, intelectuais e historiadores.

Em seu livro *Bibliotecas no Mundo Antigo*, Lionel Casson afirma que “o termo *‘liberto de Augusto’*”, citado inclusive por Suetônio, “é uma designação de alguém que, de origem escrava, passou para a posse do imperador e foi alforriado por ele” (CASSON, 2018, p. 110). Estando protegido pelo imperador, a educação e a cultura fizeram com que Higino saísse de seu estado de escravo para alcançar a liberdade e sua consequente ida para a escola em que o gramático Cornélio lecionava.

Por ser conhecedor de diversas ciências, inclusive de etnografia, Alexandre Polihistor atribuiu às suas obras um caráter muito vasto. Sua obra de maior importância expõe relatos históricos e geográficos de quase todas as regiões do mundo antigo. Após a morte de Cornélio, tendo-o seguido de perto, Higino foi incumbido da administração da Biblioteca Palatina, como reconhecimento à sua intelectualidade. O primeiro responsável desta instituição havia sido Pompeu Macer.

Da mesma forma que em qualquer outra instituição, dentro das bibliotecas havia a separação de funções e cargos específicos para cada empregado. Casson (2018) aborda a questão dos trabalhadores das bibliotecas romanas, e, posteriormente, trata de modo específico sobre a posição de bibliotecário:

Os próprios funcionários consistiam em escravos e uma pequena quantidade de libertos. Nas bibliotecas criadas pelos imperadores eles vieram da *familia Caesaris* e, sem dúvida, também da família de Pólio, uma vez que eles passaram pela supervisão imperial. Na chefia de cada equipe estava um *bibliothecarius*, ou “bibliotecário”. [...] O *bibliothecarius* tinha abaixo de si um grupo de empregados que, como sabemos pelos epitáfios sobre eles ou pelas lápides de suas famílias, eram, na sua maioria, classificados como uma *bibliotheca* “da equipe da biblioteca” mais a indicação de a qual biblioteca e a qual seção, latina ou grega, eles pertenciam. (*id.*, p. 113-114)

O convívio da Biblioteca Palatina teria sido o meio pelo qual se estabeleceu, por exemplo, a grande familiaridade entre Higino e Ovídio, citada na passagem referenciada de Suetônio. Na introdução apresentada por Guadalupe Morcillo Expósito (2008) à sua tradução das obras *Fábulas* e *De Astronomica* de Higino, a estudiosa afirma que, na verdade, a relação do autor latino com Ovídio teria sido puramente oportunista:

Entretanto, esta relação ‘oportunista’, segundo indica Le Boeuffle, valeu-lhe para cair em desgraça com Ovídio, de quem havia sido amigo. Demonstrou-se que ambos os autores tiveram em um primeiro momento uma relação muito boa, que se rompeu no ano 8 d.C. [...] Aparentemente, Higino velava pela publicação das obras de seu amigo, mas no fundo renegava cruelmente a ele. Atuava como um oportunista, que intentava não desagradar a seu amigo nem ao imperador. Tal oportunismo o levou a cair na desgraça do imperador, a tal ponto que sua vida terminou em ruína². (EXPÓSITO, 2008, p. 15-16)

Alguns autores adotam tal ponto de vista sobre a relação de ambos, afirmando que as más ações de Higino não teriam ficado às escondidas. Alegam ainda que em *Íbis*, obra escrita posteriormente, Ovídio teria exposto de forma claríssima suas queixas sobre o suposto amigo. Segundo a explanação feita sobre a mesma obra, no livro que contém os textos completos de Ovídio traduzidos para a língua francesa, Nisard (1869) aponta questões semelhantes e mais fortes sobre a ação de Higino:

O triste herói deste poema é desconhecido; alguns dizem que ele se chamava Higino. Era amigo de Ovídio, que, apesar desta amizade, magoava-o por suas calúnias, cobiçava seus despojos e insultava sua mulher. Quanto ao nome que lhe dá o poeta, foi tomado de um poema do mesmo gênero, escrito por Calímaco, poeta elegíaco grego, contra Apolônio de Rodes³. (NISARD, 1869, p. 860)

² Sin embargo, esta relación ‘oportunista’, según indica Le Boeuffle, le valió para caer en desgracia con Ovídio, del que había sido amigo. Se ha demostrado que ambos autores tuvieron en un primer momento una muy buena relación, que se rompió en el año 8 d.C. [...] Aparentemente, Higino velava por la publicación de las obras de su amigo, pero en el fondo renegaba cruelmente de él. Actuava como un oportunista, que intentaba no desagradar a su amigo ni al emperador. Dicho oportunismo le llevó a caer en desgracia del emperador, hasta tal punto que su vida terminó en la ruina.

³ Le triste héros de ce poème est inconnu; quelques-uns disent qu’il se nommait Hygin. Il était l’ami d’Ovide, qu’en dépit de cette amitié il déchirait par ses calomnies, et dont il convoitait les dépouilles et insultait la femme. Quant au nom que lui donne le poète, il est pris d’un poème du même genre écrit par Callimaque, poète élégiaque grec, contre Apollonius de Rhodes.

Segundo a afirmação de Hoyo (2009), por sua vez, esta seria uma opinião bastante improvável. Além disso, o autor teria caído em desgraça por razões desconhecidas, e não por causa de determinado oportunismo em relação ao poeta de Sulmona. Mesmo que se caracterize esta afirmação apenas como conjectura, em relação à amizade de ambos, é perceptível que o autor latino possuía um vasto conhecimento das obras ovidianas. Tomando as passagens citadas também por Hoyo (*ibid.*), percebe-se episódios que existem unicamente em *Fábulas* e em *Íbis*.

O exemplo que podemos tomar refere-se ao mito de Belerofonte. Nas versões comumente apresentadas, inclusive na obra *De Astronomica* (II, XVIII), é trazida a informação de que à personagem é imposto o desafio de matar a Quimera, bem como de sua relação com Pégaso, o cavalo alado. De modo geral, os autores não trazem informações sobre o desfecho de sua vida, como é o caso de Píndaro: “*Deixarei em silêncio sua morte*”⁴. Na fábula LVII, Higino afirma que “*assentando-se sobre Pégaso, [Belerofonte] matou-a; diz-se que ele caiu na direção dos campos aleios*”⁵. Como veremos no decorrer deste trabalho, Higino traz em seu estilo uma compilação das variantes míticas. Neste caso, retoma o verso 257 de *Íbis*, quando Ovídio diz: “*E aquele, precipitado pelo cavalo, caiu na direção dos campos aleios*”⁶.

Voltando à questão da função de Higino dentro da Biblioteca Palatina, a presidência do lugar não fez com que o autor perdesse o empenho em ensinar a muitas pessoas. Com efeito, Martinho (2014), afirma:

Quanto ao número dos alunos, alguns gramáticos chamam a atenção, porque, graças a alguma condição privilegiada, puderam abster-se de ensinar o grande número. Cecílio Epirota foi preceptor de poucos, e tão-só de adolescentes, de nenhum pretextado, a não ser que não pudesse negar seu ofício ao pai de algum (16, 2-3); Vérrio Flaco mudou-se para o Palácio a fim de ensinar os netos de Augusto, sob a condição de não receber mais nenhum discípulo (17, 2); Valério Probo costumava admitir um e outro ou, quando muito, três ou quatro nas horas vespertinas e, deitado, ler alguma coisa em meio a conversas longas e ademais banais, e isso bem raramente (24, 4). Alguns, porém, apesar de outros encargos,

⁴ Refere-se ao verso 91 da Ode Olímpica XIII: Διασωπάσομαί οἱ μόρον ἐγώ (*Diasopásomái hoí móron egó*).

⁵ *Hanc, super Pegasus sedens, interfecit; et decidisse dicitur in campos Aleios.*

⁶ *Quique ab equo praeceps in Aleia decedit arua.*

não se furtaram a ensinar o grande número; é o caso de Júlio Higino, que, apesar da incumbência de presidir à Biblioteca Palatina, não deixou de ensinar muitíssimos (20, 2). (MARTINHO, 2014, p. 240)

Conforme a citação, percebe-se que muitos intelectuais da época do autor aqui trabalhado se abstiveram da prática do ensino a um grande número de pessoas, por causa de certo privilégio. Alguns tinham a regalia de escolher um grupo específico de alunos, seja por faixa etária ou classe social, ou ainda lecionar em um único período do dia. Higino, porém, apesar de ocupar um dos cargos mais altos dentro da biblioteca, não diminuiu seu empenho para ensinar. O próprio Virgílio teria sido seu aluno, e dele tomou muitos ensinamentos, conforme declara Cramer:

A versatilidade do prolífico gramático era maior do que sua profundidade acadêmica, mas Virgílio, que era um de seus alunos, provavelmente deveu a este professor largamente informado muito de seu conhecimento sobre agricultura e horticultura, como também de apicultura – Higino foi o primeiro escritor latino sobre abelhas⁷. (CRAMER, 1954, p. 85)

Passando para a última parte sobre a vida de Higino no que diz respeito à fala de Suetônio, há uma menção a Clódio Licino, cônsul e historiador, como aquele que o sustentou generosamente até o momento de sua morte. Este havia sido eleito cônsul suffecto no ano de 4 d.C., juntamente com Cneu Saturnino, o Velho, e já era conhecido por oferecer patrocínio a estudiosos e poetas.

Na antiguidade romana, o consulado era a posição principal dentro das magistraturas. Recebeu a definição de sua forma através das leis promulgadas no ano de 367 a.C., em que havia a ordem de o consulado ser formado de uma parte advinda dos patrícios e outra, da plebe⁸.

⁷ *The versatility of the prolific grammarian was greater than his scholarly depth, but Vergil, who was one of his students, probably owed Much of his knowledge on agriculture and horticulture, as well as apiculture – Hyginus was the first Latin writer on bees – to this widely informed teacher.*

⁸ O tempo, inclusive, era marcado pelo nome dos dois cônsules que estivessem à frente desta magistratura, pois assim determinaria a época exata de algum acontecimento. Em muitos textos romanos aparece esta forma de demarcação temporal sob a forma gramatical do ablativo absoluto.

Dentre as subdivisões dos cargos existentes no consulado, havia o de *consul suffectus*⁹, do qual Clódio fazia parte. Utilizava-se tal nomenclatura para os designados após o tempo normalmente estabelecido para a eleição dos cônsules, como pode ser visto no primeiro volume de *História de Roma*: “No caso de um cônsul se revelar incapaz de exercer a função para que fora eleito (ou de falecer), nomeava-se um consul suffectus, ou substituto” (BRANDÃO & OLIVEIRA, 2015, p. 96).

Após ter dedicado parte de sua vida a estes afazeres, bem como o da abundante composição de materiais literário-científicos, Higino caiu em desgraça diante do imperador por motivos desconhecidos, fazendo eco ao que declara Hoyo (2009). Este teria sido o motivo da necessidade da ajuda do cônsul. O historiador consular teria relatado esse recorte da vida de Higino na única obra que escreveu, intitulada *Prova dos Tempos*, e mencionada por Plutarco em *Vidas Paralelas*, logo no início da sessão em que discorre sobre Numa Pompílio.

Assim, tendo discorrido sobre estes pontos concernentes à vida do autor romano, na próxima seção tratar-se-á sobre o acervo de obras compostas por Higino, ainda que em sua maioria tenham se perdido ao longo do tempo, permanecendo apenas duas.

1.2. Sobre a obra de Higino

Inserido no ambiente fértil e de abundante cultura da Biblioteca Palatina, Higino compôs um número significável de obras. Porém, dentre todas as composições do autor latino, as únicas duas que permaneceram em sua forma integral são as *Fabulae* (*Fábulas*) e *De Astronomica* (*Sobre as questões astronômicas*). Em relação às demais, sabemos de sua existência a partir de citações de outros autores em suas respectivas obras.

Deparando-nos com as obras do segundo administrador da Biblioteca do Templo de Apolo, é evidente a grande versatilidade dos assuntos tratados, ainda que normalmente ele não se utilize de muitos recursos e rebuscamentos linguísticos para suas composições, como

⁹ A forma *suffectus* diz respeito ao particípio passado do verbo *sufficio*, que significa *substituir, colocar no lugar de*.

veremos no decorrer deste trabalho. Da mesma forma, é notável que as obras nas quais essas referências são citadas, não são dedicadas a apenas um tema ou autor específico, mas envolvem agricultura, agronomia, filosofia, gramática, historiografia, entre outros.

Em sua dissertação, Alves (2013) faz referência a algumas fontes antigas nas quais podemos encontrar menções às obras perdidas de Higino. Nisto, tomamo-las como base e a estas acrescentamos outras referências. De modo geral e cronológico, as citações estão em *De agri cultura* (*Sobre a agricultura*) de Columela (século I d.C.), *Naturalis Historia* (*História Natural*) de Plínio o Velho (século I d.C.), *Noctes Atticae* (*Noites Áticas*) de Aulo Gélcio (século II d.C.), *Saturnalia* (*Saturnália*) de Macróbio (século IV d.C.) e no *In Vergilii carmina comentarii* (*Comentários aos livros de Virgílio*) de Sérvio Honorato (século IV d.C.).

A primeira obra que podemos citar de Higino é *De apibus* (*Sobre as abelhas*), que se particulariza pelo seu cunho didático, descrevendo a origem mítica das abelhas. Podemos encontrar referências em alguns momentos do livro IX da obra de Columela.

Venho agora ao cuidado das colmeias, sobre as quais não se pode prescrever algo nem mais diligente do que já foi dito por Higino, nem mais ornamentado do que por Virgílio, nem mais elegante do que por Celso. Higino reuniu de maneira industriosa as determinações dos autores antigos, dispersas em obras isoladas; Virgílio iluminou-as com ornatos poéticos; Celso aplicou o método de ambos mencionados¹⁰. (COLUMELA, *De agri cultura*, IX, 2, 1)

Na citação referenciada, deve-se destacar o vocábulo *industriose* (*de maneira industriosa, ativa, zelosa*). Este advérbio é empregado por Columela para ressaltar o empenho de Higino em coletar as recomendações dos autores antigos, sobre o que se deveria fazer com as colmeias de abelhas. Não é característica apenas desta, mas de todas as obras deste autor latino, fazer um compilado excelente das fontes relacionadas aos temas que ele se propõe abordar.

¹⁰ Venio nunc **ad alvorum curam**, de quibus neque diligentius quidquam praecipi potest, quam ab Hygino iam dictum est, nec ornatiùs quam Vergilio, nec elegantius quam Celso. Hyginus veterum auctorum placita secretis dispersa monumentis industrie collegit: Vergilius poeticis floribus illuminavit: Celsus utriusque memorati adhibuit modum. As palavras destacadas neste e nos demais trechos sobre a obra *De apibus* são as menções diretas às abelhas.

Ainda no livro IX da obra de Columela, após o trecho citado acima, podemos destacar outras passagens em que aparece a menção à obra *De apibus*: “E as coisas transmitidas de modo célebre pelos mitos, as quais Higino não interrompeu sobre as origens das abelhas, eu teria concedido mais à licença poética do que à nossa fé¹¹” (*id.*, IX, 2, 2). Ou ainda:

Com efeito, no livro que escreveu sobre as abelhas, Higino disse: “Aristômaco considera que se deve socorrer deste modo as operárias: primeiro, que sejam retirados todos os favos defeituosos, e de novo colocado alimento fresco; em seguida, que sejam fumigadas”¹². (*id.*, IX, 13, 8)

À semelhança da anterior, a obra *De re rustica*, ou *De agri cultura*, também trata de temas que são relacionados à vida no campo e a questões relacionadas diretamente com a agricultura ou horticultura, e que englobam conhecimentos naturais de modo geral. É também em Columela que podemos encontrar menções.

Com efeito, tendo seguido Tremelius, Higino assevera que são aptas para as vinhas principalmente as partes mais baixas das montanhas, que tenham recebido terra defluente dos vértices, ou também os vales que tenham se formado pela cheia dos rios e pelas inundações – eu não dissentindo¹³. (*id.*, III, 11, 8)

Ou ainda:

Higino considera que as sementes de nabo, após a debulha, devem ser espargidas sobre as palhas que ainda estão estendidas na eira, porque as cabeças se tornam mais férteis, já que, subjazendo na dureza do solo, não seja permitido dirigir-se para o alto¹⁴. (*id.*, XI, 3, 62)

¹¹ *Atque ea, quae Hyginus fabulose tradita de originibus apum non intermisit, poeticae magis licentiae quam nostrae fidei concesserim.*

¹² *Hyginus quidem in eo libro, quem de apibus scripsit, Aristomachus, inquit, hoc modo succurrendum laborantibus existimat: primim, ut omnes vitiosi favi tollantur, et cibus ex integro recens ponatur; deinde ut fumigentur.*

¹³ *Hyginus quidem secutus Tremelium praecipue montium ima, quae a verticibus defluentem humum receperint, vel etiam valles quae fluminum alluvie et inundationibus concreverint, aptas esse vineis adseverat, me non dissentiente.*

¹⁴ *Rapae semina Hyginus putat post tritutam iacentibus adhuc in area paleis inspergi debere, quoniam fiant laetiora capita, cum subiacens soli duritia non patiatur in altum descendere.*

Outras obras de Higino traziam propostas de pretensões históricas e geográficas, como *De familiis Troianis* (*Sobre as famílias troianas*), que tratava especificamente da vinda troiana da dinastia júlio-claudiana. Para referenciar esta composição, podemos observar um comentário na obra citada de Sérvio Honorato, referente ao verso 389 do livro V da *Eneida*:

EM VÃO é a ordem – Permitirás tão paciente que tantos presentes sejam levados, em vão? Na verdade, deve-se saber que, segundo Higino, que escreveu *Sobre as famílias troianas*, este foi um dos troianos, sobre quem Virgílio muda a história¹⁵. (SÉRVIO, *In Vergilii carmina comentarii*, V, 389)

A passagem se refere ao livro V da *Eneida*, em que Eneias anuncia a execução dos jogos fúnebres em honra de seu pai, Anquises. À altura do verso 389 já haviam sido realizados o primeiro e o segundo jogos, respectivamente o da regata e o da corrida, e depois anuncia-se o jogo pugilista dos cestos. Cestos são espécies de tiras de couro cru e metais, feitos para serem envoltos nos braços durante o embate. A personagem Dares logo se levantou de forma soberba e se colocou diante de Eneias, afirmando-se superior a todos aqueles homens reunidos, dos quais nenhum seria capaz de vencê-lo.

O verso diz respeito ao início da fala de Acestes, revoltado com a soberba de Dares. O ancião chama a atenção de Entelo e o censura, para que ele honre o posto de homem mais forte de seu grupo e enfrente o adversário. Caso contrário, teriam sido em vão os prêmios outrora conquistados por ele, discípulo de Érix, grande pugilista e rei de uma cidade homônima.

Uma segunda obra que se encaixa nesta temática de Higino é *De situ urbium Italicarum* (*Sobre a disposição das cidades itálicas*), ou *Vrbes Italicae* (*Cidades itálicas*), que foi escrita à semelhança das fundações gregas, intituladas de κτίσεις (*ktíseis*). Podemos destacar um trecho também da obra de Sérvio:

¹⁵ *FRUSTRA ordo est: tantane dona tam patiens sines tolli frustra? Sane sciendum, hunc secundum Hyginum, qui de familiis Troianis scripsit, unum Troianorum fuisse, de quo Vergilius mutat historiam.* As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De familiis Troianis*.

E AS FORTALEZAS DE CAULÔNIA – Áulon é uma montanha da Calábria, [...] em que esteve a cidade *fundada pelos locros* [...] segundo Higino, que escreveu *Sobre a disposição das cidades itálicas*. Outros dizem *fundada por Caulo, filho da amazona Clita*¹⁶. (*id.*, III, 553)

O trecho faz menção ao verso 553 do terceiro livro da *Eneida*, em que o herói fundador descreve os lugares por onde havia passado com Anquises: nomeadamente, o golfo de Tarento, o templo de Juno Lacínia, o promontório Cilaceu e, por fim, os muros da cidade de Caulônia. Sérvio parece explicar de onde vem o nome desta cidade, falando de Áulon e dos possíveis fundadores, ao passo que dá embasamento à sua informação citando a obra de Higino.

Além desta, podemos encontrar outra menção em Sérvio:

NEM FALTOU O FUNDADOR DA CIDADE PRENESTINA – muitos escreveram de modo parcial sobre as cidades de todo o orbe; de modo pleno, porém, Ptolomeu, em grego, e Plínio, em latim. Sobre as cidades itálicas, Higino também escreveu de modo pleníssimo; e Catão, nas origens¹⁷. (*id.*, VII, 678)

Sob a ótica de recepção das obras homéricas, advindas da tradição grega, pode-se dividir os doze livros da *Eneida* em duas metades iguais, cujos livros de I a VI aludem à *Odisseia*, e de VII a XII, à *Ilíada*. Assim, o contexto do verso que Sérvio cita em seu comentário diz respeito à seção bélica da obra virgiliana, mais especificamente na parte do catálogo dos reis, chefes e povos a serem enfrentados por Eneias.

Por fim, uma última referência que pode ser apresentada sobre esta obra que trata sobre as cidades da Itália, encontra-se em *Saturnalia*: “E Júlio Higino, no livro segundo das Cidades, prova com não poucas palavras que Hérnico, um homem pelasgo, certamente foi

¹⁶ *CAVLONISQUE ARCES* Aulon mons est Calabriae, [...] in quo oppidum fuit a Locris conditum, quod secundum Hyginum, qui scripsit **de situ urbium Italicarum** [...]. alii a Caulo, Clitae Amazonis filio, conditum tradunt. As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De situ urbium Italicarum*.

¹⁷ *NEC PRAENESTINAE FVNDATOR DEFVIT VRBIS de civitatibus totius orbis multi quidem ex parte scripserunt, ad plenum tamen Ptolomaeus graece, latine Plinius. de Italicis etiam urbibus Hyginus plenissime scripsit; et Cato in originibus.*

chefe para os hérnicos”¹⁸ (MACRÓBIO, *Saturnalia*, V, 18, 16). No contexto desta citação, Macróbio aponta que entre alguns povos gregos havia o costume de marchar na guerra estando com um pé calçado e o outro, desnudo. Isto é atribuído aos hérnicos, antiga colônia dos pelasgos. Dentre as possibilidades para a origem da nomenclatura desse povo, Higino é apresentado como fonte de embasamento, pois afirma que vem de Hérnico, um de seus chefes.

Passando a uma nova seção dos tipos de obras de Higino, podemos encontrar menções de escritos que se dedicam a falar sobre a religiosidade dos romanos, como é o caso de *De proprietatibus deorum* (*Sobre as propriedades dos deuses*) e *De dis Penatibus* (*Sobre os deuses Penates*). Ambas as referências se encontram na obra de Macróbio:

De fato, como falasse sobre os astros e sobre as estrelas em *Sobre as propriedades dos deuses*, Higino afirma ser necessário que a eles sejam imolados pássaros. Sabiamente, pois, Virgílio disse que a alma do pássaro permaneceu junto aos deuses, aos quais foi dada para oferecer-se em sacrifício¹⁹. (MACRÓBIO, *Saturnalia*, III, 8, 4)

E, em segundo lugar:

No livro que escreveu *Sobre os deuses Penates*, Higino acrescentou que eles são chamados de θεοὺς πατρώους²⁰. Mas Virgílio não deixou isto ignorado:

[...] *deuses pátrios, guardai a casa, guardai o neto*²¹;

e, em outro lugar:

[...] *e os pátrios Penates*^{22, 23} (*id.*, III, 4, 13)

¹⁸ *Et Hernicum quidem hominem Pelasgum ducem Hernicis fuisse IVLIVS HYGINVS in LIBRO SECUNDO VRBIVM non paucis uerbis probat.*

¹⁹ *HYGINVS enim DE PROPRIETATIBUS DEORVM cum de astris ac de stellis loqueretur, ait oportere his uolucres immolari. docte ergo Vergilius dixit apud ea numina animam uolucris remansisse quibus ad litandum data est.* As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De proprietatibus deorum*.

²⁰ *Theús patróus* – deuses pátrios.

²¹ O trecho citado corresponde ao verso 702 do segundo livro da *Eneida*.

²² A menção aos Penates como deuses pátrios aparece algumas vezes ao longo da narrativa da *Eneida*, como no verso 717 do segundo livro, no verso 598 do quarto livro e no 229 do sétimo livro.

²³ *Addidit HYGINVS in libro quem DE DIS PENATIBVS scripsit uocari eos θεοὺς πατρώους, sed nec hoc Vergilius ignoratum reliquit*

Enfatizando mais uma vez a diversidade dos autores e das obras em que Higino é citado, vemos agora a obra de Aulo Gélío como fonte referencial desses escritos perdidos. Podemos encontrar temáticas de caráter biográfico, como em *De uita rebusque illustrium uirorum* (*Sobre a vida e as obras dos homens ilustres*) e em *Exempla* (*Exemplos*). A primeira referência encontra-se no primeiro livro de *Noites Áticas*:

Júlio Higino, no sexto livro de *Sobre a vida e as obras dos homens ilustres*, diz que vieram legados dos samnitas até C. Fabrício, imperador do povo romano, e que, tendo sido memorados os muitos e grandiosos feitos que de modo bom e benévolo fez aos samnitas após recuperada a paz, ofereceram-lhe uma grande quantia como presente e pediram que ele a aceitasse e dela se utilizasse; diz ainda que os samnitas afirmaram fazer isto porque viam faltar muitas coisas para o esplendor da casa e do sustento [...] ²⁴. (AULO GÉLIO, *Noites áticas*, I, XIV, 1)

A menção à obra *Exemplos*, por sua vez, pode ser destacada no livro décimo da composição de Aulo: “Existe atualmente também uma tragédia de Teodocto²⁵, que está inscrita Mausolo. Em *Exemplos*, Higino refere que Teodocto agradou mais nela do que na prosa”²⁶ (*id.*, X, 18, 7).

A seguir, vale ressaltar a obra *De Vergílio*, caracterizada como um ensaio crítico sobre a *Eneida*. Esta obra é pouquíssimo citada, em comparação com as demais composições higinianas. Como declara Woestyne: “Este autor [...] escreveu um trabalho de crítica em

di patrii seruata domum seruata nepotem, et alibi patriique Penates. As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De dis Penatibus*.

²⁴ Julius Hyginus, in libro **de uita rebusque illustrium uirorum** sexto, legatos dicit a Samnitibus ad C. Fabricium imperatorem Populi romani uenisse; et memoratis multis magnisque rebus, quae bene ac benivole post redditam pacem Samnitibus fecisset, obtulisse dono grandem pecuniam; orasseque uti acciperet utereturque; atque id facere Samnites dixisse, quod viderent multa ad splendorem domus atque victus defieri. As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De uita rebusque illustrium uirorum*.

²⁵ Natural da Lícia, foi discípulo de Platão, Isócrates e Aristóteles, e escritor de tragédias, das quais restaram apenas algumas e certos fragmentos.

²⁶ *Exstat nunc quoque Theodoti tragoedia, quae inscribitur, Mausolus. In qua eum magis quam in prosa placuisse Hyginus in **exemplis** refert*. As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *Exempla*.

vários livros sobre a obra virgiliana, na qual se aplicava a assinalar as belezas e defeitos do texto²⁷” (VAN DE WOESTYNE, 1928, p. 1333).

No trecho seguinte de *Saturnalia*, Macróbio evidencia que Higino era conhecedor do direito pontifício, mais uma das áreas sobre as quais o autor teria se dedicado em sua vasta produção, e à qual possuiu um sólido fundamento para escrever.

Higino, contudo, que não desconheceu o direito pontifício, no quinto dentre os livros que fez *Sobre Virgílio*, escreveu que eram chamadas de *bidentes*²⁸ as vítimas que, por causa da idade, tivessem os dois dentes mais desenvolvidos, pelos quais constasse terem passado da menor para a idade adulta²⁹. (MACRÓBIO, *Saturnalia*, VI, 9, 7)

Neste excerto citado, há a discussão da origem do termo *bidentes*, aplicado às vítimas que haveriam de ser sacrificadas. Públio Nigídio, quando escreveu sobre as vísceras sacrificais, afirmou que *bidentes* não seriam apenas as ovelhas, mas também qualquer vítima de dois anos. Em seguida, Macróbio acrescenta que, segundo os *Comentários pertinentes ao direito pontifical*, estes animais eram chamados primeiramente de *bidennes*, que significa *de dois anos*. Assim, como Higino conhecia o direito pontifical, na obra em que disserta sobre as questões relacionadas ao autor da *Eneida*, afirma que tais vítimas eram chamadas de *bidentes* porque, em virtude da idade, teriam os dois dentes dianteiros mais desenvolvidos, e, portanto, já teriam passado à fase adulta.

Dentre as composições higinianas, o livro das *Fábulas* talvez seja a composição mais conhecida. Apesar de se ter difundido de forma mais abrangente esta nomenclatura, primitivamente eram chamadas de *Genealogiae* (*Genealogias*), conforme o próprio autor cita na seção XII do segundo livro do *De Astronomica*: “Mas, como em Fórcides afirma Ésquilo,

²⁷ Cet auteur [...] écrivit un ouvrage de critique en plusieurs livres sur l'oeuvre virgilienne dans lequel il s'appliquait à signaler les beautés et les défauts du texte.

²⁸ Palavra latina que significa *bidente*, que tem dois dentes.

²⁹ *HYGINVS tamen, qui ius pontificium non ignorauit, in QVINTO LIBRORVM quos de VERGILIO fecit bidentes appellari scripsit hostias quae per aetatem duos dentes altiores haberent, per quos ex minore in maiorem transcendesse constaret aetatem.* As palavras destacadas neste trecho são uma menção direta à obra *De Vergilio*.

escritor de tragédias, as Graias foram guardiãs das Górgonas, sobre quem escrevemos no primeiro livro das Genealogias”³⁰.

Ao dividir os conteúdos encontrados no interior da obra, em primeiro lugar aparecem as genealogias das gerações dos deuses, desde o Caos até a ordem cósmica. Nisto percebe-se uma forte tradição hesiódica. Ademais, encontram-se os diversos relatos dos mitos compilados e os catálogos. Também pode-se perceber as fortes relações entre o texto de Higino e outros escritos mitológicos anteriores, que versam sobre diversos assuntos.

1.3. *De Astronomica*

Além das *Fábulas*, a outra obra que chegou intacta até o nosso tempo foi *De Astronomica*. Conforme o próprio título nos indica, este escrito trata sobre questões relacionadas à astronomia e astrologia, sob a ótica dos estudiosos de épocas passadas. Assim, no final do primeiro século a.C., Higino compõe um tratado de caráter mítico-científico, que remonta à tradição astronômica dos autores antigos. Presume-se que a publicação do trabalho tenha sido entre os anos de 11 e 3 deste século.

Da mesma forma que existem dúvidas no que concerne aos pontos sobre a vida de Higino, também o há sobre a autoria verdadeira de algumas de suas obras, como é o caso desta. Inclusive, apesar de termos adotado a nomenclatura *De Astronomica*, este escrito pode ser encontrado sob diversos títulos diferentes, tais como *Poeticon Astronomicum*, *Poeticon Astronomicum libri IV*, *De Astronomica*, *De Astronomia*, *De signis caelestibus*, *De sideribus*, entre outros. À luz de Frederick Cramer e Jérôme Carcopino, em seu texto intitulado *Fabulae Hygini* Clair Desmedt argumenta a favor da autoria higiniana. Com efeito, afirma:

Cramer e Carcopino identificam o autor das *Astronômicas* com o bibliotecário da Palatina. Apenas Carcopino justifica sua escolha. Seus argumentos são intimamente ligados à identificação da personagem à qual foram dedicadas as

³⁰ *Sed ut ait Aeschylus tragoediarum scriptor in Phorcisi, Graeae fuerunt Gorgonum custodes; de quibus in primo libro Genealogiarum scripsimus.*

Astronômicas, um certo M. Fabius, e à amizade do liberto de Augusto com Ovídio³¹. (DESMEDT, 1970, p. 28-29)

De fato, a autora francesa traz a visão de Carcopino em relação à autoria de Higino, a partir da identificação do destinatário da obra. O lugar onde o nome da personagem aparece é logo nas primeiras linhas do texto, à semelhança de uma dedicatória de cartas, que inicia o prefácio. Assim, abre-se margem para que possamos iniciar outra seção de estudos sobre o *De Astronomica*, falando agora sobre sua estrutura e conteúdo.

1.3.1 Estrutura da obra

Em primeiro lugar, existe uma introdução, separada em seis parágrafos, nos quais Higino explica todos os passos que percorrerá ao longo do texto. Martin (1948) afirma que o prefácio do tratado de Higino pode ser dividido na compreensão de três partes: “*um elogio de M. Fabius, um sumário dos assuntos que vão ser tratados e, por fim, uma defesa pessoal da obra*”³² (MARTIN, 1948, p. 209).

Em primeiro lugar, portanto, há um elogio de uma personagem chamada *M. Fabius*. O primeiro parágrafo é ligado diretamente ao destinatário, sobre a intenção do autor em dedicar-lhe a obra, principalmente por já ser conhecido pelos estudos da arte gramatical e pela variedade dos assuntos abordados. De fato, o texto aponta:

Embora [...] eu veja que tu te destakes, introduzido ao estudo da arte gramatical, que inclusive pode ser percebida mais facilmente em teus escritos (não apenas no equilíbrio dos versos, que poucos observaram claramente, mas também

³¹ *Cramer et Carcopino identifient l’auteur des Astronomiques avec le bibliothécaire de la Palatine. Carcopino seul justifie son choix. Ses arguments sont intimement liés à l’identification du personnage à qui sont dédiés les Astronomiques, un certain M. Fabius, et à l’amitié de l’affranchi d’Auguste avec Ovide.*

³² *Un éloge de M. Fabius, un sommaire des sujets que vont être traités et enfin une défense personnelle de l’ouvrage.*

na variedade das histórias, pela qual se percebe a ciência dos assuntos) [...] ³³. (HIGINO, *De Astronomica*, Prefácio, 1)

O escrito é dedicado a um certo *M. Fabius*, sobre quem não se poderia estabelecer nada preciso. Alguns consideram ser Fábio Marcelino (*Fabius Marcellinus*), biógrafo de Trajano, ou também Marco Fábio Quintiliano (*Marcus Fabius Quintilianus*), orador romano. Atualmente, porém, de forma mais verossímil, é identificado como Paulo Fábio Máximo (*Paullus Fabius Maximus*), amigo do imperador Augusto. Expósito (2008, p. 28) afirma que essa questão foi resolvida a partir de Carcopino.

O orador era filho do cônsul Quinto Fábio Máximo. Por ser uma importante personalidade dentro da aristocracia, era recordado também nos escritos dos poetas. Inicialmente pode ser encontrado em Horácio, nos versos 11 e 12 do primeiro poema do quarto livro das Odes. O autor chega a declarar que Vênus irá se deleitar na casa de Paulo, acompanhada de cisnes purpúreos.

A Fábio Máximo também foram endereçadas algumas cartas de Ovídio, no tempo do exílio, conforme consta nas *Epistulae ex Ponto*. No livro I, há a segunda carta, com 152 versos; no livro III, por sua vez, há a terceira e a oitava cartas, com 108 e 24 versos respectivamente. Na sua introdução à segunda carta do livro I, Albino (2009) aponta sobre Fábio:

[...] É um dos destinatários mais importantes não só pelo número como pela extensão das cartas a ele dirigidas. Ele era um dos poucos que poderiam obter de Otávio Augusto o perdão para Ovídio ou sua transferência para uma localidade menos belicosa. (ALBINO, 2009, p. 7)

Presume-se que Paulo ocupou o consulado romano em 11 a.C., no mesmo ano em que havia se casado com Márcia, prima de Augusto; depois disto, tornou-se procônsul em uma província da Ásia. Expósito (2008, p. 28) afirma ser possível pensar que Higino realizou

³³ *Etsi te studio grammaticae artis inductum, non solum uersuum moderatione, quam pauci peruiderunt, sed historiarum quoque uarietate, qua scientia rerum perscipitur, praestare uideo, quae facilius etiam scriptis tuis perspici potest.*

a dedicação da obra no ano 10 a.C., justamente quando Máximo ocupava o proconsulado no território oriental. Durante seu comando, propôs nesta região um decreto, nomeado OGIS 458, em que o calendário local passaria a se conformar com o calendário juliano, iniciando em 23 de setembro, aniversário de Augusto.

Assim, invertendo a ordem da definição de Martin, falemos sobre a defesa pessoal de Higino para com sua obra, ao fim do parágrafo introdutório. O autor afirma para Fábio: “*escrevi isto a ti como se apoiado em um rudimento da ciência, não como quem demonstra a um imperito, mas como quem recorda a um grande sábio*”³⁴ (HIGINO, *De Astronomica*, Prefácio, 1). Desta forma, já aparece a justificativa do método empregado para a composição deste tratado, de modo que parece não ser algo consolidado para o ensino, mas, sim, com a finalidade de reacender os conhecimentos de alguém que já é instruído.

Para este alguém já instruído, percebe-se a preocupação do autor em apresentar o sumário dos assuntos que vão ser tratados ao longo do texto. Dentre os tópicos citados, há a definição de terra e de mar; a exposição das quarenta e duas constelações pelo nome, tanto em sua parte mitológica, quanto em sua parte científica; a relação dos eclipses; os círculos imaginários presentes no globo terrestre, dentre vários outros.

Em seguida, para que não houvesse a possibilidade de críticas sem fundamento, Higino ressalta a importância de não se deixar levar pela quantidade de linhas escritas no momento em que alguma questão for debatida, mas de debruçar-se sobre o conteúdo proposto e sobre a abundância das matérias. Para corroborar com isto, escreve depois:

Se eu tiver parecido mais prolongado na discussão, considera que foi feito por causa da necessidade da questão, e não pela minha eloquência; e, se eu tiver dito algo mais breve, confia que isto tem menos valor do que o que se deveria ouvir com várias palavras³⁵. (HIGINO, *De Astronomica*, Prefácio, 6)

³⁴ [...] *hoc uelut rudimento scientiae nisus scripsi ad te, non ut imperito monstrans, sed ut scientissimum commonens.*

³⁵ *Quod si longior in sermone uisus fuero, non mea facunditate, sed rei necessitate factum existimato; nec si breuius aliquid dixero, minus idem ualere confidito, quam si pluribus esset audiendum uerbis.*

Ao nos depararmos com o texto latino referente a este trecho, é claramente visível a diferença da utilização das palavras e da sintaxe por parte do autor. Primeiramente, há a mudança da pessoa do discurso, pois no período anterior ao citado, havia sido empregada a forma *scripserimus*, referente à primeira pessoa do *plural* do presente do subjuntivo *perfectum* ativo, do verbo *scribo*. Logo abaixo, há a mudança de tom na exposição do tratado. No momento em que o autor expõe uma opinião pessoal, e não mais tem relação direta com os conteúdos que havia citado, emprega as formas *fuero* e *dixero*, referentes à primeira pessoa do *singular* do futuro do indicativo *perfectum* ativo, respectivamente dos verbos *sum* e *dico*. O plural parece ser empregado com uma nuance culta, na posição de quem está passando o conhecimento. O singular, por sua vez, denota intervenção direta do autor.

Além destas, aparecem outras formas gramaticais pouquíssimo utilizadas na composição dos textos latinos em geral, e, inclusive, ao longo do próprio texto do *De Astronomica*, tais como *confidito* e *existimato*, referentes à segunda pessoa do singular do imperativo futuro ativo, dos verbos *confido* e *existimo*, respectivamente. Visto que houve a utilização da segunda pessoa, evidentemente o autor teve o desejo de falar de forma direta com o leitor.

No final do trecho, foi aplicado o gerundivo *audiendum*, acusativo singular neutro, de *audio*, com o verbo auxiliar *esset*, na terceira pessoa do imperfeito do subjuntivo ativo, de *sum*, o que não é comum dentro desta obra higiniana. Acima, no mesmo trecho se havia sido empregado o gerundivo *pertimescendum*, nominativo singular neutro, de *pertimesco*, mas sem verbo auxiliar, como em geral. É semelhante à mudança de plural para singular, exposta acima. O uso comum do gerundivo é empregado na fala comum do tratado; quando, porém, é necessária uma intervenção direta do autor, também há mudança na utilização dos termos.

Tendo sido colocadas estas considerações acerca da introdução da obra, passemos às partes de cada capítulo. O primeiro capítulo é um resumo cosmográfico, dividido em oito seções, das quais cada uma trata de uma noção geral dentro do estudo astronômico. Em ordem, são: primeiro, o universo e sobre a esfera; depois, sobre o centro da esfera; em seguida sobre a dimensão; sobre os círculos formados; sobre os polos; delimitação do universo; círculo do Zodíaco; por fim, sobre a Terra.

O segundo livro, por sua vez, possui uma breve introdução e cita nomeadamente cada uma das quarenta e duas constelações, a saber: *Ursa Maior* (Ursa Maior), *Ursa Minor* (Ursa Menor), *Draco* (Dragão), *Bootes* (Arctofílix), *Corona* (Coroa), *Hercules* (Engónasin), *Lyra* (Lira), *Cygnus* (Cisne), *Cepheus* (Cefeu), *Cassiopea* (Cassiopeia), *Andromeda* (Andrômeda), *Perseus* (Perseu), *Auriga* (Auriga), *Ophiucus* (Ofiúco), *Aquila* (Águia), *Sagitta* (Flecha), *Delphinus* (Delfim), *Equuleus* (Cavalo), *Triangulum* (Triângulo); depois, os doze signos do Zodíaco: *Aries* (Áries), *Taurus* (Touro), *Gemini* (Gêmeos), *Cancer* (Câncer), *Leo* (Leão), *Virgo* (Virgem), *Libra* (Libra), *Scorpius* (Escorpião), *Sagittarius* (Sagitário), *Capricornus* (Capricórnio), *Aquarius* (Aquário) e *Pisces* (Peixes); e ainda *Cetus* (Baleia), *Eridanus* (Erídano), *Lepus* (Lebre), *Orion* (Órion), *Canis Maior* (Cão Maior), *Canis Minor* ou *Antecanis* (Cão Menor ou Prócion), *Argo* (Argo), *Centaurus* (Centauro), *Ara* (Ara), *Hydra* (Hidra) e *Piscis Austrinus* (Peixe Austral).

Nesta parte da obra, o autor se dedica a falar exclusivamente da parte mítica, narrando as histórias das personagens que deram origem às constelações. O nome de tal acontecimento em grego é *catasterismo*, que, por sua vez, vem do verbo *καταστερίζω* (*katasterídzo*), com o significado de *colocar entre as estrelas*.

Deste modo, uma das principais obras de que Higino se utilizou como fonte para a elaboração de sua produção foi *Catasterismos*, de Pseudo-Eratóstenes. Este havia sido o guardião da grande Biblioteca de Alexandria, à semelhança de Higino, que tempos mais tarde ocuparia o mesmo cargo na Biblioteca situada ao lado do Templo de Apolo.

Outro exemplo que podemos citar em relação à base primeira para a composição desta obra, são os *Fenômenos*, de Arato. No parágrafo sexto do Prefácio encontra-se uma das intenções de Higino em escrever este tratado:

Com efeito, além de nossa descrição da esfera, apresentamos com mais clareza as coisas que foram ditas com mais obscuridade por Arato, após examiná-las, para que parecêssemos ter averiguado completamente o que iniciamos³⁶. (HIGINO, *De Astronomica*, Prefácio, 6)

³⁶ *Etenim praeter nostram scriptionem sphaerae, quae fuerunt ab Arato obscurius dicta, persecuti planius ostendimus, ut penitus id quod coepimus esquisisse uideremur.*

Logo em seguida, o autor afirma que realmente fez uso dos melhores autores. Bunte (1875) fez o levantamento de pelo menos 44 autores citados por Higino. Isto denota o grande conhecimento que o autor tinha, pois conhecia muito bem não somente os latinos, mas também os gregos, a saber: Ésquilo, Aglaóstenes, Alexandre, Ânfis, Anacreonte, Araeto de Tégea, Arato, os escritores argólicos, Aristômaco, Asclepiades, Calímaco, Cícero, Cleóstrato de Tênedos, Cónon, Epimênides, Ctésias, Diogneto, Evêmero, Eurípides, Hegesianax, Heráclides, Hermipo, Heródoto, Homero, Hesíodo, e diversos outros.

Para cada constelação, Higino organiza seu texto em torno de um compilado de variantes míticas. Na seção catorze do quarto livro, o autor parece esclarecer mais um de seus intuitos em escrever a obra: deixar o leitor informado de tal maneira que não precise buscar outras fontes, como também ressalta o seu empenho na composição.

[...] Após este volume ter sido lido completamente, não queremos que se procure o de outro, nem que um trabalho escrito, cogitado por tanto tempo, leve ao desejo de outros. Além disso, como expomos de modo diligentíssimo todo o restante, parece ser estranho que não sigamos a mesma causa³⁷. (HIGINO, *De Astronomica*, IV, 14)

De fato, o autor está bem fundamentado para a escrita do texto e para as finalidades que deseja com isto. Alguns estudiosos modernos, porém, como H. J. Rose, afirmam que Higino chega a escrever como um semidouto, ou como um desconhecedor até das noções básicas da língua. Em contrapartida, Urbán (2003) faz eco às palavras de Le Boeuffle, ao afirmar:

Por outra parte, como já observava A. Le Boeuffle em sua edição da *Astronomia* de Higino (Paris 1983), nada se opõe a que inclusive os erros que se observam em Higino já estivessem nas fontes que este utiliza. O gosto pela erudição e pelas variantes – quanto mais raras, melhor – na tradição mitográfica da época helenística é aqui um fator decisivo não apenas para não imputar descuido

³⁷ [...] *quod alterius quaeri uolumen hoc perlecto nolimus, nec tamdiu rem cogitatam scriptam aliorum ad desiderium adducere. Praeterea cum reliqua omnia diligentissime persecuti fuerimus, alienum uidetur esse nos non eandem persequi causam.*

ou ignorância na utilização das fontes, mas também para não tirar conclusões precipitadas, fora de lugar³⁸. (URBÁN, 2003, p. 143)

Da mesma maneira que fez com os autores citados por Higino, Bunte (1875) elenca algumas palavras raras das quais o autor se utiliza, que foram introduzidas com o tempo, mas em sua maioria advindas da língua grega. Abaixo separamos em uma tabela as palavras apresentadas por Bunte, em seguida os locais do *De Astronomica* onde aparecem, e, em terceiro lugar, as palavras gregas de onde vieram:

<i>aelurus</i>	III, 28	αἴλουρος – <i>áiluros</i>
<i>arctous</i>	III, 11	ἀρκτικός – <i>arktóos</i>
<i>cataclysmus</i>	II, 29	κατακλυσμός – <i>kataklysmós</i>
<i>centron</i>	I, 2; I, 6; I, 8	κέντρον – <i>kéntron</i>
<i>plagius</i>	III, 3	πλάγιος – <i>plágios</i>
<i>circumductio</i>	I, 2; I, 4; I, 8; III, 7; III, 9; IV, 11	περιφέρεια – <i>periféreia</i>
<i>se ingeniculare</i>	II, 6	γονατίζειν – <i>gonatídzein</i>
<i>interscapilium</i>	III, 1; III, 17; III, 19; III, 20 III, 23; III, 25; III, 26; III, 27; III, 34; III, 37	μετάφρενον – <i>metáfrenon</i>

Além destas, há algumas outras raras palavras latinas que são empregadas: *concubitio* (em vez de *concubitus* – II, 12), *erratio* (em vez de *error* – II, 2), *siliquastrum* (II, 10; III, 9),

³⁸ Por otra parte, como ya observaba A. Le Boeuffle en su edición de la *Astronomía de Higino* (París 1983), nada se opone a que incluso los errores que se observan en Higino ya estuviesen en las fuentes que éste utiliza. El gusto por la erudición y por las variantes – mientras más raras mejor – en la tradición mitográfica de época helenística es aquí um fator decisivo no sólo para no imputar descuido o incultura en la utilización de las fuentes, sino también para no sacar conclusiones apressuradas, fuera de lugar.

trifarie (I, 8) etc. Higino também se utiliza de algumas estruturas gramaticais para falar sobre as variantes dos mitos. Quando não cita nomeadamente os autores, aparece, por exemplo: *nonnulli dixerunt* (alguns disseram), *complures dixerunt* (muitos disseram), *alii dixerunt* (outros disseram), *alii complures dixerunt* (muitos outros disseram) ou *quidam dixerunt* (alguns disseram).

Outro tipo de imparcialidade quanto às citações das variantes, é com o uso de verbos na voz passiva, na terceira pessoa, unidas a orações de nominativo com infinitivo: *dicitur* (diz-se), *existimatur* (considera-se), *demonstratur* (demonstra-se), *ostenditur* (mostra-se), *fertur* (conta-se), ou também os mesmos verbos, com outras flexões.

A terceira parte do *De Astronomica* segue a mesma ideia do livro anterior, porém, se aquele era dedicado exclusivamente às narrativas míticas que deram origem às constelações, este se volta para a nuance científica acerca das estrelas, numa descrição da abóbada celeste e sobre suas posições. O quarto e último livro, por sua vez, menos extenso do que os anteriores, aborda um estudo dos círculos celestes e dos movimentos que transcorrem no céu.

Higino, assim, espelha esta temática relacionada à astronomia em sua obra, trazendo à tona os mitos e os estudos mais relevantes daquela época, pois essas questões presentes nas narrativas transitavam constantemente entre a cultura grecorromana. No próximo capítulo veremos as influências da visão astronômica dos povos antigos e como estes aspectos foram perpetuados até chegar à cidade do Lácio e, posteriormente, a Higino.

CAPÍTULO II: TRADIÇÃO ASTRONÔMICA ANTIGA

2.1. Arqueo-astronomia

Segundo apontam muitos estudos, a astronomia pode ser considerada como a ciência mais antiga de que se tem conhecimento. Desde as épocas pré-históricas, o homem necessitava possuir certa compreensão dos acontecimentos que transcorriam no céu. Era preciso, por exemplo, que observasse as mudanças climáticas ao longo de determinado período, para reconhecerem a estação em que estavam e, conseqüentemente, plantar e colher no momento certo o alimento.

Após ter um senso de observação determinado, percebeu-se que muitos dos acontecimentos eram cíclicos. Cada civilização possuía sua forma de organizar o tempo em dias, meses e anos, o que conhecemos atualmente como calendário. Conforme se vê na atualidade, a partir dos estudos de vários astrônomos, esta organização dava-se de forma muito semelhante entre os povos antigos.

William Stukeley, estudioso inglês que viveu entre o final do século XVII e parte do século XVIII, foi o primeiro a dedicar-se à ciência denominada arqueo-astronômica. As investigações desta ciência se pautam no legado deixado pelos povos pré-históricos, no que diz respeito a seus conhecimentos astronômicos, que não foram transmitidos de forma escrita.

Posteriormente, os estudos relacionados a este novo ponto de vista da astronomia foram impulsionados por Sir Joseph Norman Lockyer, cientista e astrônomo britânico. Procurou conhecer as orientações de certos templos gregos, como também das pirâmides e dos lugares religiosos dos povos egípcios, que porventura estivessem ligados a seu objeto de estudo.

No ano de 1740, Stukeley iniciou uma percepção astronômica sobre os megálitos de Stonehenge, localizado na Inglaterra. O monumento é composto por grandes blocos de rocha, dispostos de maneira estratégica. Segundo Gerald Hawkins – outro cientista que deu força aos estudos da arqueo-astronomia –, na citação de Afonso & Nadal (2013), esta construção

megalítica poderia ter sido utilizada há mais de quatro mil anos como ponto de observação do sol e da lua para a previsão de eclipses.

Em relação aos monumentos pré-históricos localizados nas regiões do Brasil, há diversos exemplos em que essa nova matéria de discussão se encaixa. Theodoro Fernandes Sampaio foi o primeiro expoente dos estudos arqueo-astronômicos em terras brasileiras. Em primeiro lugar, foram encontrados certos agrupamentos rochosos, equidistantes cerca de um quilômetro entre si, em um sítio arqueológico situado na cidade de Monte Alto, no sudoeste do estado da Bahia, em 1879.

Afonso & Nadal (2013) afirmam que os agrupamentos rochosos não estariam voltados para determinadas estrelas ou pontos astronomicamente relevantes. Após investigações mais acuradas, com levantamento topográfico e outros modos de melhor compreender a formação daquele lugar, apontou-se que, se os alinhamentos fossem preenchidos com algumas rochas faltantes, talvez removidas por caçadores, estariam no número de trezentos e sessenta e cinco: a mesma quantidade de dias de um ano.

Assim, percebeu-se que naquele local os alinhamentos pareciam representar a região do céu localizada entre o Grande Quadrado de Pégaso e as estrelas das Plêiades. Realizava a projeção do céu na terra, quando as Plêiades surgiam no firmamento celeste. Como as rochas estavam divididas por um riacho, este, por sua vez, parecia representar a Via Láctea.

Outro exemplar são as inscrições rochosas localizadas em Ingá, cidade localizada no estado da Paraíba. Neste local há a Pedra Lavrada do Ingá, um monólito, de natureza muito rígida, no qual se pode encontrar cerca de quinhentos registros desconhecidos, cunhados em baixo relevo.

As inscrições podem ser classificadas no que se intitula por arte rupestre astronômica. Visto que o modelo de representação arqueo-astronômica encontrada na cidade de Ingá se encaixa em uma categorização diferenciada dos exemplos apresentados anteriormente, como o de Stonehenge, vale ressaltar um ponto importante, citado por Afonso & Nadal (2013):

É óbvio que não se pode tentar interpretar as obras paleolíticas europeias a partir de realizações modernas de aborígenes australianos ou africanos atuais. A interpretação das pinturas existentes em um sítio arqueológico brasileiro, por um

indígena atual, também é limitada. No entanto, ela nos fornece pelo menos uma visão diferente da visão ocidental da maioria dos pesquisadores sobre painéis que, não se pode esquecer, são de origem indígena.

Na arqueoastronomia brasileira pode-se fazer algumas hipóteses sobre o sentido das figuras rupestres utilizando informações de indígenas que conservam muito suas tradições antigas, como os Guaraní. As informações obtidas podem servir como auxílio para o controle das interpretações dos painéis. No entanto, esse método deve ser utilizado com cautela, principalmente em figuras isoladas, pois um mesmo símbolo pode ter diversos significados e uma mesma ideia pode ser representada por diversos símbolos. Em um painel com diversos temas, a figura que denominamos Sol poderia representar um cocar indígena, a Lua poderia representar uma canoa e as estrelas olhos, por exemplo. Assim, deve-se procurar painéis que possuam somente símbolos aparentemente astronômicos, sem estarem misturados com zoomorfos e antropomorfos. (AFONSO & NADAL, 2013, p. 69-70)

Afirma-se que o monumento localizado em território paraibano deveria representar alguma realidade muito importante, haja vista a dificuldade encontrada para cunhar todos aqueles símbolos em um material tão rígido. No material composto pelos autores aqui citados algumas vezes, são apresentadas três hipóteses acerca dos materiais de Ingá.

Em primeiro lugar, considerada a hipótese menos provável pelos estudiosos, é a do médico Francisco Pessoa, que no monólito aponta haver a representação da eclíptica e do equinócio de primavera, em sua parte média ou central. Em seguida, um estudo de José Benício de Medeiros, publicado pelo Boletim Informativo do Centro Brasileiro de Arqueologia, em que aponta aquelas inscrições terem sido realizadas no ano de 4134 a.C. Por fim, a terceira hipótese é um trabalho de Francisco Alemany, que aponta as representações de Ingá serem uma espécie de calendário solar, ao qual se empregava um relógio de sol vertical.

Um último exemplo que se pode citar nesta breve seção sobre a ciência relacionada à arqueoastronomia também se encontram em Afonso & Nadal (2013). Os autores afirmam que, em estudos mais recentes, no ano de 1998 foi descoberta por John Malville e sua equipe, na região do sul do Egito, uma construção datada de mais de cinco mil anos. Sendo mais antiga que os megálitos europeus de Stonehenge, possuía pedras alinhadas na direção dos pontos cardeais e, nos solstícios, para as posições do nascer e do pôr do sol.

2.2. A Astronomia entre os egípcios

Os indícios das questões relacionadas à astronomia entre os egípcios, têm relações profundas com a agricultura. Segundo Souza & Teixeira (2013), os habitantes do Egito antigo eram muito práticos, e, também nos pontos concernentes à ciência astronômica, realizaram as observações do céu buscando produzir um sistema de contagem do tempo, a fim de melhor gerir os negócios e a administração.

Esta civilização nasceu às margens do rio Nilo. De modo geral, o início da vida de determinado agrupamento de indivíduos sempre se dá às margens de um rio ou algum lugar que lhes proporcione opções de sustento e de vida. Um local propício lhes poderá fornecer, por exemplo, alimento, melhores moradias, sustento para a manutenção de suas próprias necessidades, bem como as de sua família, dentre outros.

Souza & Teixeira (2013) apontam que, durante a cheia do Nilo, milhões de microrganismos florescem com a subida do nível das águas. Com a inundação, o solo torna-se bastante fértil para o plantio e para o desenvolvimento das atividades relacionadas ao campo. Assim, esses dias estavam posicionados no início do ano egípcio, simbolizando o período em que viriam as águas fecundas para a região.

Vê-se, portanto, que os egípcios configuravam um povo que necessitava ater-se às questões astronômicas, ainda que básicas. Na obra intitulada *Pérola de Grande Valor*, por exemplo, uma das obras-padrão do Evangelho utilizada pelos adeptos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, encontra-se o livro de Abraão. Esta personagem havia recebido de Deus a ordem de sair de sua terra e dirigir-se a um local que Ele lhe mostraria. Neste ínterim, Abraão decidiu ir até o Egito, a fim de levar a boa notícia da parte de Deus.

Todo o capítulo terceiro deste livro é repleto de sinais astronômicos e de referências aos movimentos que ocorrem no céu. Após ter sido ensinado por Deus acerca das realidades das estrelas, Abraão teria recebido a ordem de anunciar estas coisas aos egípcios. Com efeito, Kerry Muhlestein (2009) afirma:

Na minha opinião, esse é o motivo pelo qual Abraão acreditaria a linguagem das estrelas ser um modo significativo de comunicação com os egípcios. [...] A astronomia permitiu que Abraão construísse uma base comum, e seu conhecimento nesta área o ajudou a construir um relacionamento de confiança. Se o Senhor quisesse descobrir uma base que fosse comum e persuasiva como um veículo para ensinar o Faraó e seu povo sobre o evangelho, a astronomia seria uma escolha efetiva, não apenas porque os egípcios estariam interessados, nem somente porque eles estavam acostumados aos corpos celestes transmitindo ensinamentos simbólicos, mas também porque os movimentos e princípios das estrelas e planetas prestam-se a uma poderosa mensagem³⁹. (MUHLESTEIN, 2009, p. 37)

Em relação à visão dos egípcios sobre o universo, conforme aponta Faria (2014), seguindo outra citação, vê-se que era demarcado por três pontos bem definidos. Em primeiro lugar, a Terra plana, delimitada pelo rio Nilo e pelo Oceano; em segundo lugar, a região que diz respeito ao céu; por fim, a região que se encontra por debaixo da terra, fazendo referência àquilo que não podia ser visto, como os mortos, o sol no período da noite, e a lua, enquanto fosse dia.

Os planetas desempenhavam papéis importantes sobre a cultura do povo egípcio. Visto que acreditavam que os deuses teriam saído da Terra para residir na região dos céus, havia a assimilação dos planetas e astros às divindades. Órion estaria relacionada ao deus Osíris; a lua, por sua vez, com o deus Thoth; os planetas de Marte, Júpiter e Saturno, com o deus Hórus; o sol, com Rá e muitos outros exemplos.

A figura do rei local, desta forma, não poderia estar desassociada dos eventos que porventura estivessem relacionados aos astros e aos movimentos celestes. Quando morresse, por exemplo, estaria destinado a se transformar em alguma das estrelas que não se põem no oceano, visto que na visão do céu elas nunca desapareciam.

Em relação ao calendário dos egípcios, segundo Canhão (2014), havia três estações bem demarcadas: *Akhet*, *Peret* e *Chemu*, ou os períodos da *Inundação*, *Inverno* e *Verão*,

³⁹ *In my estimation, this is why Abraham would find the language of the stars to be a meaningful mode of communication with the Egyptians. [...] astronomy enabled Abraham to build on common ground, and his expertise in this area helped him build a relationship of trust. If the Lord wanted to find ground that was both common and persuasive as a vehicle for teaching Pharaoh and his people about the gospel, astronomy was an effective choice not only because the Egyptians would be interested, nor solely because they were accustomed to celestial bodies carrying symbolic teachings, but also because the movements and principles of the stars and planets lend themselves to a powerful message.*

respectivamente. Cada um deles possuía quatro meses com trinta dias; os meses, por sua vez, eram constituídos de ciclos de três “semanas” de 10 dias. Para cada ciclo havia uma estrela ou um grupo delas, que servia para demarcar o momento do ano em que estavam. Por fim, de modo contrário aos povos mesopotâmicos, conforme apontam Souza & Teixeira (2013), ao longo do ano os egípcios não se baseavam no calendário lunar, exceto para determinadas festas religiosas que possuíam data móvel.

2.3. A Astronomia na Mesopotâmia

A antiga Mesopotâmia, compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, foi berço do surgimento de muitas ciências, dentre as quais, a astronomia. Para os povos que viviam nesta região, o sustento, novamente, era advindo quase totalmente através da agricultura. O fato da observação do céu e dos astros era necessário, para que soubessem se preparar no campo da agricultura, seja indicando um tempo favorável, seja indicando possíveis catástrofes como presságios.

Acompanhado das atividades agrícolas e religiosas, o calendário da região mesopotâmica era composto por um ano tropical, dividido entre meses lunares e dias solares. Segundo Marques (2006), o ano tropical diz respeito ao tempo em que a Terra gira em torno do sol, com relação ao início das estações, ou equinócio vernal, e dura em média trezentos e sessenta e cinco dias. Os meses lunares, por sua vez, se baseiam nas lunações, que são relacionadas às fases da lua, e duram, em média, vinte e nove dias. Por fim, o dia solar se caracteriza pelo tempo que a Terra leva para dar uma volta ao redor de si mesma, o que dura cerca de vinte e quatro horas.

Além dos motivos relacionados ao manejo da agricultura e da consequente formulação de um calendário, em que os habitantes das regiões pudessem acompanhar os ciclos das estações, havia a noção de que o céu era a morada das divindades. Assim, o rei deveria estar ciente das mudanças que ocorriam no firmamento celeste, pois tudo poderia ser caracterizado como uma forma da comunicação dos deuses com os mortais.

Segundo Yuste (2011), não era uma relação de causa e efeito, mas de presságios. Os sinais fornecidos pelos deuses poderiam, também, ser acompanhados de frases formuladas nas estrelas, e muito poucos indivíduos estavam capacitados para decifrar estas mensagens. Sobre a relação com as mensagens estelares, o mesmo autor apresenta, em seu artigo, um trecho traduzido do mito sumério de *Innana e Šukallituda*, presente em outra citação trazida por ele:

Então alcei os olhos para as terras baixas,
olhei as estrelas a leste,
alcei os olhos para as terras altas,
olhei as estrelas a oeste,
contemplei o céu de onde se inscreviam os signos;
neste céu inscrito aprendi os presságios,
vi como havia que aplicar as leis divinas,
estudei as decisões dos deuses⁴⁰. (YUSTE, 2011, p. 84)

Junto à corte do rei também havia um número de astrônomos e de adivinhos, cujo trabalho era perscrutar o céu noturno, em busca de possíveis advertências. Aliado a isto, também se observavam as entranhas dos animais e o que acontecia com as gotas de azeite que eram vertidas dentro da água. Segundo Yuste (2011), a princípio estas artes eram praticadas dentro do palácio, ao passo que, após a queda da Babilônia por Dario II, por volta do ano de 539, foram transferidas para dentro dos templos.

Valendo-se dos escritos literários desta época, pode-se apontar a obra *Ele que o abismo viu*, mais comumente conhecida por *Epopeia de Gilgámesh*. A autoria do texto épico é atribuída a Sîn-lēqi-unninni, e data entre o terceiro ou segundo milênio antes de Cristo. Inicialmente apresenta-se escrito em língua suméria, passando posteriormente à língua acádia, constituído por doze tabuinhas em escrita cuneiforme.

⁴⁰ *Entonces alcé los ojos hacia las tierras bajas,
miré las estrellas al este,
alcé los ojos hacia las tierras altas,
miré las estrellas al oeste,
contemplé el cielo donde se inscribían los signos,
en este cielo inscrito aprendí los presagios,
vi cómo había que aplicar las leyes divinas,
estudié las decisiones de los dioses.*

É possível encontrar neste escrito outro exemplo da percepção dos povos mesopotâmicos acerca da presença dos astros, utilizados como indicativos para determinados acontecimentos que porventura pudessem ocorrer. O trecho seguinte corresponde aos versos de 245 a 258 da primeira tabuinha:

Levanta-se Gilgámesh, do sonho busca o sentido, diz a sua mãe:	245
Mãe, um sonho vi esta noite:	
Apareceram-me estrelas no céu,	247
Como rochas de Ánu caíam sobre mim.	
Prendi uma, era pesada para mim,	249
Tentava movê-la, não podia levantá-la;	
A terra de Úruk estava em volta dela,	251
Toda a terra amontoada em cima dela,	
Apertava-se o povo em face dela,	253
Os jovens acumulavam-se em volta dela,	
Como a uma criancinha pequena beijavam-lhe os pés:	255
A ela amei como esposa, por ela me excitei,	
Peguei-a e deixei-a a teus pés	257
E tu a uniste comigo.	

(SÎN-LÊQI-UNNINNI, *Ele que o abismo viu*, primeira tabuinha, versos 245-258, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

O trecho diz respeito ao sonho de Gilgámesh, personagem sobre a qual a obra intenta discorrer. Conforme Brandão (2017), o escrito resume em três pontos os feitos do protagonista: suas ações civilizatórias, suas ações relacionadas à busca do sentido da vida ou da imortalidade, e suas ações que buscaram reconstruir as memórias depois do dilúvio. Ele teria governado a região de Úruk, após a catástrofe, por volta do século XXVII a.C.

Gilgámesh era de origem divina, filho de Nínsun, deusa titular de Gudea e Lagash. Logo depois de acordar, dirige-se à mãe para lhe contar o sonho que havia tido. Em primeiro lugar, afirma que surgiram estrelas no céu, que procuravam lhe indicar algum acontecimento posterior. Afirma que caíam sobre ele como rochas de Ánu, deusa que corresponde ao céu. Posteriormente, apenas uma ele não conseguiu afastar, ao passo que toda a cidade se reunia em torno dela e lhe dava respeito.

Nos versos seguintes, Nínsun toma a palavra e explica todo o sentido deste acontecimento, declarando que o sonho era bom e precioso. Diz respeito à chegada de

Enkídu, com quem Gilgámesh terá uma relação muito próxima. Além de Enkídu ter ajudado o rei nos feitos que conseguiu operar, após ter passado por diversas experiências significativas, com sua morte despertou em Gilgámesh uma nova percepção sobre sua vida, lembrando que também ele é passível de perecimento.

Com Yuste (2011), vale ressaltar que a astronomia científica surgiu de forma explícita no período neo-assírio, no século VIII a.C., compreendendo os períodos caldeu (ou neobabilônico), selêucida e arsácida. Quase todos os textos eram provenientes da Babilônia ou de Úruk, ao passo que o último texto escrito em língua acádia data do primeiro século depois de Cristo.

Por fim, segundo afirma Kragh (*apud* Faria, 2014), as civilizações mesopotâmicas possuíram uma astronomia científica sofisticada, mais desenvolvida do que a dos egípcios. Porém, a visão de mundo dos babilônicos continuou voltada para a mitologia, e sua astronomia matemática não proporcionou praticamente nenhum impacto sobre sua cosmogonia, diferentemente dos gregos.

2.4. A Astronomia na Grécia

Em relação à visão de astronomia concebida pelos egípcios e mesopotâmicos, os gregos fizeram com que houvesse uma percepção muito mais avançada e voltada à razão. Não permaneceram simplesmente numa noção mitológica e religiosa dos astros, mas conseguiram decifrá-los do ponto de vista científico.

De fato, Platão afirma que “chama-se astronomia a ciência acerca dos movimentos dos astros e das estações dos anos⁴¹” (PLATÃO, *Banquete*, 188b). Ferreira (2006) declara que já em Platão havia a diferenciação entre tipos diferentes da visão astronômica:

⁴¹ Ἐπιστήμη περὶ ἄστρον τε φορὰς καὶ ἐνιαυτῶν ὥρας ἀστρονομία καλεῖται (*Epistème perí ástron te phorás kái eniautón hórás astronomia kaléitai*).

Platão, no livro VII da República, tenta demonstrar, pela boca de Sócrates, a necessidade do ensino da astronomia e mostrar que o valor dessa disciplina residiria no seu poder de dirigir a alma não para os objectos visíveis, mas para certas realidades invisíveis. Em sua opinião, os astros são as mais belas e exactas das coisas visíveis, mas ficam aquém da verdade, invisível, que só pode ser apreendida pela razão e pelo pensamento. Portanto, Platão distingue entre uma astronomia de observação e uma astronomia abstracta, a que se deve dar mais valor e atenção. (FERREIRA, 2006, p. 44)

Através dos escritos dos primeiros poetas gregos pode-se perceber a noção geral que se possuía em relação aos astros, seja em símiles relacionadas aos elementos da natureza, seja em noções que lhes permitiam associar as épocas do ano ou os eventos meteorológicos à vida na guerra ou à vida do campo. Na *Ilíada*, por exemplo, Homero cita exemplos astronômicos, no momento em que inicia a descrição do escudo de Aquiles:

Nele representou a terra; nele, o céu; nele, o mar,
o sol infatigável e a lua cheia;
nele, todas as constelações e as que o céu havia corado, 485
as Plêiades, as Híades, a força de Órion
e Arctos, que também chamam pelo nome de Carro,
e que observa Órion e se volta em torno dele,
é a única [constelação] privada dos banhos do Oceano⁴². (HOMERO, *Ilíada*,
XVIII, 483-489)

Nos versos anteriores, o autor afirma que o escudo é grande e robusto, dividido pelas seções de cinco camadas, nas quais havia colocado imagens de forma fabulosa. Este trecho diz respeito ao início da descrição do escudo de Aquiles, forjado por Hefesto. A primeira parte apresenta as realidades referentes à observação humana geral, sobre a terra, o céu, o mar, o sol e a lua. Em seguida, detém-se nas estrelas, cujas constelações mais conhecidas são citadas, como as Plêiades, as Híades, Órion e a Ursa.

⁴² Ἐν μὲν γαῖαν ἔτευξ', ἐν δ' οὐρανόν, ἐν δὲ θάλασσαν,
ἡέλιόν τ' ἀκάμαντα σελήνην τε πλήθουσιν,
ἐν δὲ τὰ τεύχεα πάντα, τὰ τ' οὐρανὸς ἐστεφάνωται, 485
Πληϊάδας θ' Ὑάδας τε τό τε σθένος Ὠρίωνος
Ἄρκτον θ', ἣν καὶ Ἄμαξαν ἐπὶ κλησὶν καλέουσιν,
ἧ τ' αὐτοῦ στρέφεται καὶ τ' Ὠρίωνα δοκεύει,
οἷη δ' ἄμμορός ἐστι λοετρῶν Ὠκεανοῖο.

Outro exemplo semelhante pode ser encontrado na obra *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo:

Assim que Órion e Sirius tenham se dirigido para o meio
do céu, e a Aurora de dedos rosados tenha visto Arcturo, 610
colhe então, ó Perses, todos os cachos de uvas para a casa.
Expõe-nos ao sol dez dias e dez noites,
e em cinco deixa-os à sombra; no sexto, derrama em vasos
os dons de Dioniso, que causa muitas alegrias. Mas, depois que já
as Plêiades, as Híades e a força de Órion 615
tenham mergulhado, então lembra-te do trabalho
que é da estação, e ele estaria preparado debaixo da terra⁴³. (HESÍODO,
Trabalhos e Dias, 609-617)

Neste excerto, que compreende os versos de 609 a 617 de *Trabalhos e Dias*, Hesíodo faz menção à observação dos astros por parte de algum camponês. Percebe-se que a noção dos astros, unida à compreensão mítica, também está atrelada de forma intrínseca à agricultura neste primeiro momento da literatura grega, que, por sua vez, reflete as questões além do texto.

Tales de Mileto é apontado como o pai da astronomia. Viveu por volta dos séculos VII-VI antes de Cristo, tornando-se uma figura importantíssima entre os estudiosos da época. Na seção sobre a Ursa Menor (*De Astronomica*, II, 2, 3), Higino cita-o como o primeiro a ter nomeado a constelação desta forma. Délambre (1817) aponta algumas das descobertas de Tales:

Tales é considerado como o fundador da Astronomia grega. Ele afirma que as estrelas são de fogo; que a lua recebe sua luz do sol; que em suas conjunções, ela fica invisível porque ela é absorvida nos raios solares [...] Segundo ele, a terra é esférica e colocada ao meio do mundo. O céu está dividido por cinco círculos, o

⁴³ Εὗτ' ἂν δ' Ὀρίων καὶ Σεῖριος ἐς μέσον ἔλθῃ
οὐρανόν, Ἀρκτοῦρον δ' ἴδῃ ῥοδοδάκτυλος Ἥως, 610
ὧ Πέρση, τότε πάντας ἀποδρέπεν οἴκαδε βότρυς·
δειῖναι δ' ἡελίῳ δέκα τ' ἡμέρας καὶ δέκα νύκτας,
πέντε δὲ συσκιᾶσαι, ἕκτω δ' εἰς ἄγγε' ἀφύσσαι
δῶρα Διωνύσου πολυγηθέος. Αὐτὰρ ἐπὶ δὴ 615
Πληιάδες θ' Ὑάδες τε τό τε σθένος Ὀρίωνος
δύνωσιν, τότε ἔπειτ' ἀρότου μεμνημένος εἶναι
ὥραϊον· πλειὸν δὲ κατὰ χθονὸς ἄρμενος εἶη.

Equador e os dois trópicos, o Ártico e o Antártico [...] A eclíptica corta o Equador obliquamente; o meridiano corta todos os círculos perpendicularmente; [...] Ele dividia o ano em 365 dias⁴⁴. (DÉLAMBRE, 1817, p. 13-14)

Além de Tales, após Autólico e Euclides, Arato é considerado o autor mais antigo de uma obra que nos chegou até os dias atuais. O modo de escrita de *Fenômenos* baseia-se no dialeto épico, utilizado, a título de exemplo, por Homero e Hesíodo. Caracteriza-se por ser um texto conciso e, dentro do contexto literário do século III antes de Cristo, foi marcado pelas influências da ciência e filosofia gregas.

O poema se inicia com um hino em honra de Zeus, ao longo de seus dezesseis primeiros versos. Logo em seguida, há a invocação às Musas, para que inspirem o autor no canto acerca das constelações. Arato faz, em seguida, uma breve explanação sobre as noções básicas que dizem respeito ao mundo, tais como o geocentrismo, determinado pelo estado imóvel do planeta, e a existência de dois polos que delimitam a Terra em seus extremos. Logo após, apresentam-se as duas primeiras constelações: as Ursas.

Outro expoente da astronomia entre os povos gregos é Eratóstenes. Além de ter exercido os ofícios de músico, historiador, matemático e geógrafo, como compositor literário também deixou a obra *Catasterismos*, que chegou até os dias atuais. Pereira (2020), na sua tradução deste escrito, afirma que Bernhardt, na referência de Westermann, aponta que a autoria de *Catasterismos* não seria de Eratóstenes, mas do próprio Higino.

A obra se propõe a falar de forma resumida sobre as constelações existentes no contexto de então, sendo algumas de nomenclatura diferente das que conhecemos atualmente. Apresenta-se uma breve característica em relação à mitologia, e posteriormente a quantidade de estrelas presentes no agrupamento. A palavra *catasterismo* vem do verbo καταστερίζω (*katasterídzo*), que significa *colocar entre as estrelas*.

⁴⁴ Thalès passe pour le fondateur de l'Astronomie grecque. Il dit que les étoiles sont de feu; que la lune reçoit sa lumière du soleil; que dans ses conjonctions elle est invisible parce qu'elle est absorbée dans les rayons solaires [...] Suivant lui, la terre est sphérique et placée au milieu du monde. Le ciel est divisé par cinq cercles, l'équateur et les deux tropiques, l'arctique et l'antarctique [...] L'écliptique coupe l'équateur obliquement; le méridien coupe tous ces cercles perpendiculairement; [...] Il partageait l'année en 365 jours.

De acordo com Faria (2014), é possível apontar quatro espécies de avanços científicos em relação à visão astronômica dos gregos. Em primeiro lugar, há a concepção da Terra como localizada no centro do Universo. A referência é atribuída a Anaximandro, com a noção de que o planeta estaria imóvel, devido ao seu equilíbrio. E, como se manteria fixa por necessidade, não seria capaz de se deslocar para nenhuma parte.

Em seguida, adotou-se como forma o modelo esférico da Terra, cuja autoria conceitual se aplica geralmente a Pitágoras ou a Parmênides. A teoria surge em detrimento dos antigos pensamentos que afirmavam a Terra possuir configuração plana ou cilíndrica, segundo também muitos estudiosos haviam indicado.

Posteriormente, é atribuída a Anaxágoras a classificação da ordenação dos planetas, utilizada por Platão e Aristóteles. Ocupando os primeiros lugares, estariam a Lua e o Sol, chamados de planetas segundo o significado grego da palavra, na acepção de *errantes*; em seguida, os cinco astros restantes, respectivamente Vênus, Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno. Segundo Evans (*apud* Faria, 2014), porém, Ptolomeu adotou a ordem creditada aos pitagóricos, sendo Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno.

Por fim, surgiu a noção do Universo formado a partir de duas esferas. Nesta concepção, o mundo, em sua forma esférica, estaria contido dentro de outra esfera maior, levando a esfera menor juntamente com todas as estrelas. De certo modo, pode-se apontar isto como a consolidação dos pontos apresentados anteriormente. Estas questões, pensadas a partir do ponto de vista filosófico, servirão de forte influência para a astronomia romana.

2.5. A Astronomia em Roma

No início desta seção, buscou-se demonstrar um panorama, ainda que breve, sobre as correntes de pensamento dos pitagóricos, estoicos e epicuristas, que faziam parte do contexto intelectual dos gregos. Assim, há a finalidade de apresentar as influências exercidas por estes grupos, para entender melhor a inserção da astronomia em Roma.

Em primeiro lugar, havia a noção dos antigos pitagóricos, que, segundo Ferreira (2006), seguiam a doutrina de Anaximandro. De acordo com este caminho de conhecimento, os corpos celestes eram como círculos de fogo, visíveis apenas a partir de aberturas criadas nestes círculos. Pensavam que o sol, a lua e os outros planetas se moviam todos na mesma direção, saindo do oriente para o ocidente.

Visto que os pitagóricos haviam descoberto os intervalos de quarta, quinta e oitava, respectivamente, dentro da música, atribuíram esta representação igualmente aos astros e à movimentação ocasionada nestes corpos. Deste modo, o céu era uma espécie de escala musical e cada planeta ou formação celeste formava um som, a fim de compor de um modo geral uma harmonia conjunta, ou a harmonia das esferas.

Segundo também aponta Ferreira (2006), o som formado por cada uma das esferas era inaudível, na concepção destes pensadores. Na verdade, haveria duas possibilidades para este entendimento:

Mas, se não os ouvimos, tal se deve ao facto de a eles estarmos habituados desde nascença. Aliás a própria alma humana era pensada como uma harmonia que atinge felicidade e bem-estar, se é *kosmos*, ou seja se se encontra perfeitamente combinada com a ordem do mundo ou cosmos. (FERREIRA, 2008, p. 42)

Portanto, o ser humano e sua alma já eram tidos como parte intrínseca dentro do cosmos, a ponto de se tornarem propriamente κόσμιος (*kósmios*, adjetivo proveniente de cosmos), conforme aponta Ferreira. De certo modo, pode-se considerar que também a alma estava estabelecida em conformidade e consonância completa com a música produzido pelas esferas celestes.

Posteriormente, pode-se apontar que, na visão dos pitagóricos, a Terra possuía uma espécie de fogo, que estava localizado em seu centro, porém, totalmente diferente do sol. Este elemento, também invisível, faria com que o planeta se movesse em torno dele, da mesma forma que os demais astros, e também produziria a mudança dos turnos do dia e da noite. Desta forma, a percepção do universo não seria heliocêntrica nem geocêntrica, haja vista que o centro seria esta força ígnea, presente no centro da Terra.

Ferreira (2006) afirma que, conforme Aristóteles indica, haveria também um segundo elemento, intitulado ἀντίχθον (*antíkhthon*), ou *anti-terra*. Também gravitaria em torno da força ígnea, e servia como explicação para o surgimento de eclipses lunares duas vezes mais frequentes do que solares em determinada região do planeta. Nestas circunstâncias, não apenas a Terra se colocaria em meio ao ponto de luz, mas também a anti-terra.

Tendo visto os principais pontos acerca do pensamento dos pitagóricos, vê-se a figura dos estoicos. Outros filósofos desta corrente de pensamento, como Sêneca, tornaram-se mais conhecidos do que o fundador, Zenão. Este foi um filósofo natural de Cítio, nascido por volta da metade do século IV antes de Cristo, cujas noções se pautavam, de modo geral, no racionalismo e no panteísmo.

Segundo Veneziano (2018), o racionalismo estava baseado nas percepções de que o entendimento humano poderia se tornar a fonte de todo conhecimento, contanto que isto fosse proveniente de um princípio fundamental. As formas pelas quais este princípio fundamental poderia tornar-se efetivo seriam as nuances intuitiva ou experimental.

Provavelmente através da geometria, da física e da mecânica, seria possível chegar de maneira dedutiva à finalidade desejada a partir daquele princípio. Da mesma maneira, após observar estas três ciências, haveria a possibilidade de alcançar a explicação científica e também racional de quaisquer assuntos, relacionados seja ao teor da matéria, seja do espírito.

O panteísmo, por sua vez, se baseava no conceito de que não existia uma divindade única como pessoa. A divindade estava associada com o mundo de forma abrangente, e com as premissas que o regiam. A propósito, a divindade era impessoal, caracterizada como o Λόγος (*Lógos*), espécie de razão universal, fonte de que emanaria a alma do ser humano.

Consequentemente, na visão dos estoicos o ser humano era dotado de importância ímpar no contexto da vida, diferenciando-se drasticamente, por exemplo, dos animais. Veneziano (2018) declara:

A ética estoica evidenciava uma diferença substancial entre os animais e os seres humanos. Os animais obedeciam aos impulsos e ao instinto, a fim de preservar sua vida, enquanto o ser humano era o único de todas as criaturas da

Terra a usar a própria racionalidade para fazer uma escolha. Sendo partícipe do Logos, o homem era, por assim dizer, “portador de uma centelha” de um fogo inextinguível, que os animais, por outro lado, não possuíam. O Logos se refletia no homem assim como os homens se refletiam no Logos. Os homens eram, em suma, um microcosmo no qual era reproduzida a totalidade do Universo, como uma espécie de azulejo harmonizado em um mosaico celeste⁴⁵. (VENEZIANO, 2018, p. 5)

A noção de que o ser humano é totalmente um partícipe do Universo relembra de certo modo a noção já trazida pelos pitagóricos. Como parte desse Logos e como portador desta centelha do fogo inextinguível, a alma do humano sobrevive mesmo após a morte do corpo, pois não é formada de elementos perecíveis, diferentemente da matéria corporal.

Por fim, a noção de realização plena encontrada no pensamento dos estoicos estava baseada no autocontrole e no desprendimento das coisas terrenas. A superação e o domínio sobre as emoções seriam capazes de dispor o indivíduo em um estado de apatia (ausência de sofrimentos), e, tendo movido o pensamento a coisas elevadas, alcançaria a felicidade.

Por oposição ao pensamento dos estoicos, a doutrina seguida pelos epicuristas estava pautada principalmente sobre uma concepção materialista da realidade, opondo-se nas noções de acaso *versus* providência. Para eles, não era necessário o desapego das coisas terrenas; ao contrário, o equilíbrio interior poderia ser alcançado justamente através da conscientização das necessidades físicas e materiais que o envolviam.

Dado que o conhecimento não poderia ser caracterizado como uma finalidade em si mesma, não deveriam existir dentro do ser humano os temores relacionados à morte nem as superstições atreladas à religiosidade. Isto não afirma, porém, que estes pensadores desacreditavam na existência das divindades. Em contrapartida, elas estariam tão distantes dos humanos, que não seriam capazes de se preocuparem com eles.

Assim, na concepção deles, não havia a necessidade de oferecerem sacrifícios aos deuses ou de lhes pedir algo, pois não seriam capazes de os ajudar a alcançar o estado de

⁴⁵ *L'etica stoica evidenziava una sostanziale differenza tra gli animali e gli esseri umani. Gli animali obbedivano agli impulsi e all'istinto al fine di preservare la loro vita, mentre l'essere umano era l'unico tra tutte le creature della Terra ad usare la propria razionalità per operare una scelta. Essendo partecipe del Logos, l'uomo era, per così dire, "portatore di una scintilla" di un fuoco inestinguibile, che gli animali invece non possedevano. Il Logos si rispecchiava negli uomini così come gli uomini si rispecchiavano nel Logos. Gli uomini erano insomma un microcosmo nel quale era riprodotta la totalità dell'Universo, come una sorta di tassello armonizzato in un mosaico celeste.*

felicidade. O estado da realização plena seria obtido através de alguns fatores simples, como a amizade, ou ainda pela satisfação com os prazeres terrenos e da consumação de suas necessidades físicas. Veneziano (2018) declara:

A vida era considerada como uma coisa vinda à existência por acaso em um universo mecânico. Pensava-se que a morte seria o fim de toda coisa, que a libertaria do pesadelo da vida. Os epicuristas acreditavam que o homem tivesse uma alma composta de átomos, que se dissolvia com a morte do corpo. A opinião de Epicuro, compartilhada do poeta latino Lucrécio, era que a alma nasceria com o corpo e que, como tal, seria, portanto, mortal, dissolvendo-se juntamente dele com a morte do indivíduo, em um modo tal que os átomos que compunham seu corpo retornariam aos princípios da matéria. Esta teoria sobre a mortalidade da alma se contrapunha àquela de Platão, a qual sustentava que a alma era imortal, preexistia ao corpo, e subsistia depois da morte física; e também com a crença popular de um reino dos mortos (o Orco) ou com a teoria pitagórica da transmigração das almas (metempsicose)⁴⁶. (VENEZIANO, 2018, p. 7-8)

Neste tipo de concepção, percebe-se que a relação entre alma e corpo é unicamente terrena. Totalmente oposta à visão dos estoicos, não existe as noções relacionadas ao transcendental, nem acerca dos deuses, nem acerca da configuração da alma após a morte, visto que até a alma seria formada de átomos, que, posteriormente, se dissolveriam juntamente com o corpo.

Nestas circunstâncias, houve certas ocasiões contraditórias durante o processo que envolvia a penetração e a difusão dos ideais filosóficos gregos dentro do Império Romano. Na visão dos latinos, seria inútil dedicar a vida em busca de um conhecimento que não haveria de trazer riquezas para si mesmos, sua família e sua pátria. Veneziano (2018, p. 10),

⁴⁶ *La vita era considerata qualche cosa venuta all'esistenza per caso in un universo meccanico. Si pensava che la morte fosse la fine di ogni cosa, che liberasse dall'incubo della vita. Gli epicurei credevano che l'uomo avesse un'anima composta di atomi che si dissolveva alla morte del corpo. L'opinione di Epicuro, condivisa dal poeta latino Lucrezio, era che l'anima nascesse con il corpo e che come tale fosse quindi mortale, dissolvendosi insieme ad esso alla morte dell'individuo in modo tale che gli atomi che componevano il suo corpo tornassero ai principi della materia. Questa teoria sulla mortalità dell'anima si contrapponeva a quella di Platone, il quale sosteneva che l'anima era immortale e preesisteva al corpo e sussisteva dopo la morte fisica, e anche alla credenza popolare di un regno dei morti (l'Orco) o alla teoria pitagorica della trasmutazione delle anime (metempsicosi).*

afirma que “a *nobilitas* senatorial via na filosofia grega a causa de um possível afastamento dos jovens da vida política por aderir a um *otium* improdutivo, o ócio como pai dos vícios⁴⁷”.

Da mesma maneira, havia determinado confronto entre a noção dos romanos e a forma de pensar difundida pelos epicuristas. Os primeiros estavam acostumados com um modelo que se detinha na falta do pensamento e na religiosidade do Estado, ao passo que os últimos, como demonstrou-se, procuravam a interioridade do homem e dedicavam-se às questões da razão.

Apenas com a crise republicana, situada entre o fim do século II e o início do século I antes de Cristo, é que a corrente de pensamento de Epicuro começou a ganhar mais adeptos. A ambição demasiada e a guerra interna, em busca das riquezas e do poder, fizeram com que estivesse mais suscetível entre todos a noção da interioridade do ser humano.

De modo geral, para todos os povos antigos, inclusive os gregos, os astros eram sinais que demonstravam a presença das divindades. Em primeiro lugar, o Sol e a Lua, que eram os mais aparentes, vistos igualmente em todos os dias do ano, exceto por outras razões meteorológicas. Posteriormente, as estrelas e os planetas de forma abrangente também faziam parte desta observação, inclusive a própria Terra.

Com efeito, Veneziano (2018) aponta que a astrologia serviu como instrumento de propulsão para difundir a astronomia em Roma:

Graças à tolerância do politeísmo clássico, adotada pelo Império Romano como parte do programa de integração cultural, a adoração dos astros tornou-se prática consolidada também na Urbe. Na verdade, sobretudo em Roma, a astrologia encontrou um substrato favorável para sua expansão, propiciado do fato que a adivinhação já fazia parte da máquina político-religiosa da cidade. Nenhuma medida do Estado vinha tomada sem ter consultado os especialistas das práticas adivinhatórias. A religião romana era, de fato, uma mistura dos antigos cultos de natureza itálica e de elementos derivados dos etruscos e dos gregos. Não obstante a pragmaticidade da civilização romana, a vida era dominada pelo medo do fato transcendental, medo que poderia ser aliviado graças ao conhecimento dos

⁴⁷ *La nobilitas senatoriale vedeva nella filosofia greca la causa di un possibile allontanamento dei giovani dalla vita politica per aderire all'improduttivo otium, l'ozio come padre dei vizi.*

fenômenos naturais e astronômicos e com a utilização da arte adivinhatória.⁴⁸
(VENEZIANO, 2018, p. 20)

De fato, a astrologia científica começou de forma embrionária na Mesopotâmia, atingindo seu ápice na cultura helenística. Especialmente Alexandria se tornou um centro renomado para os estudos voltados a esta temática. Assim, segundo Cramer (1954), a partir disto os autores gregos e romanos, e, inclusive autores modernos, introduziram o conceito equivocado de que a astrologia egípcia era mais antiga ou coexistente com a mesopotâmica, ou ainda que seria independente dela.

As estrelas e seus agrupamentos podem exercer uma forte influência sobre as questões terrestres, seja determinando assuntos que não são passíveis de mudança, seja atuando no campo de acontecimentos que poderiam ser evitados a partir de sua observação. Para os povos antigos, no entanto, não era visível de forma evidente a diferenciação entre uma astrologia referente à noção científica ou referente às adivinhações ou presságios.

Com efeito, durante muitos séculos a astrologia foi considerada como ramo legítimo advindo da astronomia. Não havia distinção, ou, pelo menos, eram utilizados como sinônimos os termos *astronomia* e *astrologia*. Presumiu-se que a astronomia era responsável pela conexão de eventos relacionados aos astros e à meteorologia, como o nascer e o pôr do sol, ou ainda o nascimento e o ocaso de certas estrelas. A partir da observação dos astros, assim, era possível prever acontecimentos naturais.

Pereira (2020), em sua introdução à tradução da obra *Catasterismos*, de Eratóstenes, afirma sobre estes termos:

⁴⁸ *Grazie alla tolleranza del politeismo classico adottata dall'Impero Romano come parte del programma di integrazione culturale, l'adorazione degli astri divenne pratica consolidata anche nell'Urbe. Anzi, soprattutto a Roma, l'astrologia trovò un substrato favorevole alla sua espansione, propiziato dal fatto che la divinazione faceva già parte della macchina politico-religiosa della città. Nessun provvedimento di Stato veniva preso senza aver consultato gli esperti delle pratiche divinatorie. La religione romana era infatti una commistione di antichi culti della natura italici e di elementi derivati dagli Etruschi e dai Greci. Nonostante la pragmaticità della civiltà romana, la vita era dominata dalla paura del trascendentale fato, paura che poteva essere alleviata grazie alle conoscenze dei fenomeni naturali ed astronomici e all'utilizzo delle arti divinatorie.*

Com efeito, desde logo há que considerar ‘astronomia’, um dos ramos da matemática (juntamente com aritmética e música), bem como ‘astrologia’ (enquanto arte mágica de procrastinação da sorte e do destino, com base na influência das posições de corpos celestiais sobre criaturas terrenas) páreas no século V a.C. Isso embora o vocábulo *ἀστρονομία* já recolhesse sentido análogo ao auferido na atualidade, em autores como Platão. Porém, logo no século seguinte, Tales de Mileto é integrado por Aristóteles (Pol. 1.1259a) no âmbito da *ἀστρολογία*, pelas suas previsões empreendedoras, apesar de estar correntemente creditado com a controversa previsão do eclipse solar de c. 585 a.C. De forma que, no séc. III, Diógenes Laércio ainda o considera o primeiro *ἀστρολόγος*, com sentido de ‘astrónomo’ (fr. 38D: *δοκεῖ δὲ κατὰ τινὰς πρῶτος ἀστρολογῆσαι*, “segundo alguns, o primeiro astrónomo”). (PEREIRA, 2020, p. 18-19)

Conforme vimos nos trechos acima, já em Platão havia a diferença entre os tipos de visualização astronômica, visto que, naquele contexto, passou-se a ter mais ênfase a nuance desta ciência numa percepção mais abstrata. Porém, Cramer (1954) afirma que o fundador da escola peripatética utilizou a palavra *astrologia* para fazer menção aos lugares que seus predecessores haviam citado *astronomia*.

Aristóteles, assim, distinguiu em duas formas o uso da astrologia. Em primeiro lugar, pode-se tratar de uma astrologia aplicada, como, por exemplo, na utilização da navegação, a partir da posição das estrelas. Por oposição, há o tipo das investigações puramente teóricas e matemáticas, que outrora haviam sido atribuídas às noções de astronomia.

Nos âmbitos helenístico e romano, porém, a astrologia era propensa a receber as percepções ligadas ao cientificismo, como o método racional de adivinhação. Voltando à questão do politeísmo presente nestas culturas, os astrólogos gregos foram os primeiros a identificar todos os planetas a divindades específicas, embora atualmente tenham subsistido suas nomenclaturas latinas.

À medida que avançava o crescimento do Império Romano e as obras literárias, peças e demais artes surgiam como fontes de expressão do intelecto humanos, principalmente entre as áreas mais elevadas do povo, outros cultos também eram inseridos na religião da cidade, sobretudo os que eram ligados às estrelas, entre os estratos inferiores. Apenas no último século da República, conseguiram elevar-se às classes superiores.

As relações dos estudiosos latinos acerca da astrologia eram contrastantes. Veneziano (2018) declara que personagens como Cícero, Horácio e Propércio compuseram escritos em que rechaçavam a dita sabedoria dos astrólogos e adivinhos, pois o povo desejava consultá-

los em todas as oportunidades. Cícero, no entanto, defendia que deveria haver uma espécie de reavaliação do entendimento dos presságios, quando estes fossem ligados à consulta dos harúspices e augúrios relacionados ao êxito de alguma tarefa ligada ao Estado.

No tocante aos autores que defendiam estes conceitos, há Manílio, por exemplo, que compôs uma obra intitulada *Astronomica*. Para ele, as diferentes latitudes do globo terrestre em que os seres humanos habitavam, influenciavam diretamente no modo de pensamento e em determinadas emoções suas. Isto não se aplica, porém, especificamente às pessoas individualmente, mas inclusive a povos inteiros.

Émilie-Jade Poliquin (2015), em sua tese doutoral, faz um questionamento no que se refere à existência real de uma ciência astronômica em Roma. De fato, estão em maior evidência as noções conhecidas desde os egípcios e mesopotâmicos, até as noções filosóficas conceituadas pelos gregos, como o ciclo metônico ou a precessão dos equinócios.

Portanto, dentre as culturas mediterrâneas estudadas, os romanos não possuíram questões tão relevantes acerca dessas temáticas, de modo que os fizessem sobressair. Isto não significa, entretanto, que não houve autores dedicados a esta temática ou que não existiram obras literárias riquíssimas que versavam sobre este assunto.

Esta espécie de desaceleração não era especificamente dos romanos, mas, de certa maneira, sintomática de uma época. Boeuffle (*apud* Poliquin, 2015) afirma que a astronomia helênica estaria prestes a perder seu vigor, haja vista a influência muito presente de uma nova corrente de pensamento voltada a tendências que prescindiam do uso da razão.

No que diz respeito ao advento da literatura de cunho astronômico, Poliquin (2015) declara:

Essa “onda de popularização” [...] chegou até o próprio mundo romano, onde ela achou também um terreno fértil. Do fim da República até o início da Idade Média se sucederam assim os poemas didáticos, os manuais de iniciação, as partes da enciclopédia e os capítulos de comentários filosóficos consagrados à astronomia. Todas essas formas literárias, aparentemente diferentes, têm a

particularidade comum de ser, em graus diversos, compilações.⁴⁹ (POLIQUIN, 2015, p. 2)

Segundo a visão de Veneziano (2018), percebe-se que a forma de escrita referente aos autores latinos não possui o desejo de descobrir conceitos ou de fazer discussões acerca de novas formas de pensamento. A ciência dos romanos, deste modo, parece ser sobretudo pautada em fins didáticos, a fim de tecer certos manuais de entendimento, de caráter enciclopédico.

Pode-se citar alguns exemplos de autores que se dedicaram a este tipo de escrita. Catão, o Velho, escritor que viveu no fim do século III e início do II antes de Cristo, certamente ocupou o primeiro lugar dentre os enciclopedistas. Opunha-se de forma veemente acerca da expansão de certas teorias da filosofia grega, que, em sua maioria, também iam de encontro ao tradicionalismo romano.

Marco Varrão, posteriormente, viveu no fim do século II e início do século I antes de Cristo, oferecendo à cultura do povo romano um número profuso de obras, na média de seiscentas produções. No entanto, apenas duas obras permaneceram até os nossos dias: *De re rustica* (*Sobre a agricultura*), que trata sobre as questões da agricultura, e uma parcela dos livros do *De lingua latina* (*Sobre a língua latina*), um tratado em que aborda questões de caráter gramatical.

Em seguida, Lucrécio foi contemporâneo de Varrão, caracterizando-se como um dos maiores expoentes relacionados à filosofia epicurista em Roma. A obra *De rerum natura* (*Sobre a natureza das coisas*) reveste-se de uma aparência didática, a fim de apresentar de forma mais aprazível os duros ideais de Epicuro, imbuídos dentro do contexto do escrito. Um dos exemplos de tais ideais é de que o cosmos é formado pela mudança incessante de átomos que se agregam e, posteriormente, se desintegram, sem repassar a noção de imortalidade da alma e do cosmos.

⁴⁹ Cette « vague de vulgarisation » [...] atteint même le monde romain où elle trouve aussi un terreau fertile. De la fin de la République à l'orée du Moyen Âge se succèdent ainsi les poèmes didactiques, les manuels d'initiation, les parties d'encyclopédie et les chapitres de commentaires philosophiques consacrés à l'astronomie. Toutes ces formes littéraires, en apparence disparates, ont la particularité commune d'être à divers degrés des compilations.

Vitrúvio é outro expoente da literatura que trata acerca das questões astronômicas. Escreveu uma obra intitulada *De Architectura (Sobre a arquitetura)*, que serviu de base para as noções que se referem à arquitetura antiga, e continua influenciando nos dias atuais as concepções do Ocidente. No início de seu trabalho, o autor afirma que um bom arquiteto deve ter em mente também o que seja ligado ao céu, denotando a importância do aspecto prático, diferentemente da visão grega, em que apenas o conhecimento seria essencial.

Cícero, que viveu no primeiro século antes de Cristo, foi um dos maiores autores ligados à astronomia em Roma. Realizou o excelente trabalho de traduzir do grego para o latim a *República* e o *Timeu*, as obras de Platão que mais despertavam o interesse por parte de seus contemporâneos. Mais tarde compôs o *De Republica*, inspirado na obra platônica. O livro VI deste escrito traz o *Sonho de Cipião*, considerado uma das expressões estilísticas mais eloquentes acerca das realidades do céu.

Diametralmente opostos ao epicurista Lucrécio estão os estoicos Manílio e Sêneca. O primeiro, conforme dissemos, possui uma obra intitulada *Astronomica*, em que busca conciliar os ideais da astrologia e astronomia, e ao mesmo tempo, difundir a doutrina estoica. Sêneca, por sua vez, em *Naturales quaestiones (Questões naturais)*, trata de vários assuntos relacionados à astronomia e meteorologia, como também tópicos geográficos e físicos. Contudo, apesar de primeiramente se dedicar a estes pontos de vista, não deixa de incluir dentro do escrito as noções filosóficas em que acredita.

Tendo já escrito as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, Virgílio se propôs a cantar as armas e o varão, que, após fugir dos territórios de Troia, levado pelo Fado, recebeu a incumbência de estabelecer as bases de Roma. A *Eneida* é composta por doze livros, que, ao longo de mais de dez mil versos conta os feitos de Eneias. Por seu teor e grandiosidade, considera-se formada a partir de duas divisões, dentre as quais a primeira metade está relacionada com a *Odisseia*, a respeito das errâncias de Eneias, e a segunda, relacionada à *Ilíada*, caracterizando a parte bélica do escrito.

A obra se inicia já com a cidade troiana devastada e os troianos navegando através do mar Mediterrâneo. Por ordem de Juno, os companheiros são interceptados pelas intempéries de Éolo, até aportarem na cidade de Cartago. Após terem sido acolhidos por Dido e

receberem hospitalidade por parte dela, no palácio da rainha Eneias começa a relatar todos os infortúnios que passou desde a saída de Troia.

A parte final do primeiro livro da obra é caracterizada pela exposição de todos esses relatos, por parte de Eneias. No entanto, em vez de iniciar imediatamente com a exposição, há uma citação astronômica, muito semelhante à que apresentamos outrora, escrita por Homero. O excerto que compreende este momento diz respeito aos versos de 740 a 746 do livro I da *Eneida*:

740

[...] Com a cítara dourada, Iopas de muitos cabelos
faz ressoar o que o máximo Atlas ensinou.
Este canta a lua errante e os eclipses do sol;
donde, o nascimento dos homens e os animais; em seguida, as chuvas e as
chamas;

745

Arcturo e as Híades chuvosas e as Ursas gêmeas;
por que se apressem tanto para se banhar no Oceano os sóis
invernais, ou qual demora faça obstáculo às noites lentas.⁵⁰ (VIRGÍLIO, *Eneida*, I,
740-746)

Da mesma forma, Ovídio é um compositor latino que dedicou boa parte de suas obras para falar das questões astronômicas. O primeiro exemplo a ser citado é *Fastos*, uma espécie de poema-calendário em que o autor narra o cotidiano do povo romano, através da descrição de suas festas, cultos, celebrações e datas importantes.

Logo na proposição do texto, em seus dois primeiros versos, o autor de Sulmona afirma: “Cantarei, com as causas, os tempos distribuídos ao longo do ano latino, e os astros nascidos e escorregados sob as terras⁵¹” (OVÍDIO, *Fastos*, I, 1-2). Alguns versos depois, há uma retomada ao pensamento apresentado na proposição e o enaltecimento daqueles que se dedicam a observar o céu:

⁵⁰ [...] *Cithara crinitus Iopas* 740
personat aurata, docuit quem maximus Atlas.
Hic canit errantem lunam solisque labores,
unde hominum genus et pecudes, unde imber et ignes,
Arcturum pluuiasque Hyadas geminosque Triones,
quid tantum Oceano properent se tinguere soles 745
hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.

⁵¹ *Tempora cum causis latium digesta per annum*
lapsaque sub terras ortaue signa canam.

“O que veta cantar as estrelas, que cada uma nasce e se põe? 295
 Também essa seja parte de minha promessa.
 Felizes as almas às quais primeiro houve o cuidado de conhecer estas coisas
 e de subir às moradas celestes!
 É crível que eles mostraram igualmente
 a cabeça mais elevada do que os vícios e os lugares humanos. 300
 Nem Vênus e o vinho enfraqueceram os corações sublimes,
 nem o ofício do foro ou o labor da guerra;
 nem a escorregadia ambição e a glória derramada pelo fuco
 e a avidez de grandes obras os atormentaram.
 Aproximaram os astros distantes para os olhos da mente 305
 e colocaram o éter sob seu engenho.
 Assim busca-se o céu, não de modo que o Olimpo leve o Ossa
 e o cume Pelíaco toque os astros mais elevados.
 Nós, também, mediremos o céu sob aqueles guias
 e os signos errantes colocaremos a seus dias⁵². (OVÍDIO, *Fastos*, I, 295-310)

De modo semelhante, outra obra composta por Ovídio traz em si características muito fortes de elementos astronômicos. *Metamorfoses* é um poema cosmogônico e etiológico que se desenrola ao longo de quinze livros. Propõe-se a narrar as metamorfoses dos seres para novos corpos, perpassando estágios que vão desde o início de tudo, com a criação do mundo, separação dos elementos primordiais, e surgimento do homem, até os seus dias, como exaltação de Otávio.

Logo na proposição do poema é possível observar as características que estarão presentes por toda a obra:

⁵² *Quid uetat et stellis, ut quaeque oriturque caditque,* 295
dicere? promissi pars sit et ista mei.
Felices animae, quibus haec cognoscere primis
inque domos superas scandere cura fuit!
Credibile est illos pariter uitaeque locisque
altius humanis exseruisse caput. 300
Non Venus et uinum sublimia pectora fregit
officiumque fori militiaeque labor;
nec leuis ambitio perfusaque gloria fuco
magnarumque fames sollicitauit opum.
Admouere oculis distantia sidera mentis 305
aetheraque ingenio subposuere suo.
Sic petitur caelum, non ut ferat Ossan Olympus
summaque Peliacus sidera tangat apex.
Nos quoque sub ducibus caelum metabimur illis,
ponemusque suos ad uaga signa dies. 310

O ânimo leva a narrar as formas mudadas para novos
corpos; deuses (pois vós também as mudastes),
aspirai aos meus intentos e, desde a primeira origem do mundo
até meus tempos conduzi um poema perpétuo⁵³. (OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, 1-4)

Por fim, considerando o período até o primeiro século depois de Cristo, podemos citar Higino como último autor que se dedicou a escrever uma obra astronômica. À semelhança do que Veneziano (2018) aponta sobre a natureza dos textos astronômicos latinos, Higino compõe *De Astronomica* como uma espécie de compilação das variantes mitológicas e científicas acerca das constelações, conforme vimos no capítulo anterior.

Veneziano (2018) afirma ainda que foram muito bem sucedidos entre os contemporâneos de Higino os capítulos da obra *De Astronomica* que estavam voltados à mitologia celeste. O apreço dos romanos à astrologia suscitou também apreço pela arte figurativa, conforme se pode ver na multidão de afrescos acerca da personificação das constelações, encontrados na cidade de Pompeia.

⁵³ *In noua fert animus mutatas dicere formas
corpora; di, coeptis (nam uos mutastis et illas)
aspirate meis primaque ab origine mundi
ad mea perpetuum deducite tempora carmen.*

CAPÍTULO III: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS DOS LIVROS I E II DA OBRA *DE ASTRONOMICA*, DE HIGINO

Neste capítulo será apresentada a proposta de tradução referente aos dois primeiros livros da obra *De Astronomica*, de Higino. Todo o texto em vernáculo está escrito em prosa, da mesma forma que o texto latino, separado por parágrafos, conforme a edição de André Le Boeuffle (2002).

Em relação à estrutura, primeiramente há o prólogo da obra, em que o autor realiza sua dedicatória a *M. Fabius* e também alguns apontamentos. No primeiro livro, explana alguns pontos relacionados à visão geral da cosmologia e, no segundo livro, discorre de forma abundante sobre quarenta e duas constelações, cinco planetas e sobre a Via Láctea.

Prologus

HYGINUS M. FABIO⁵⁴ plurimam salutem.

Prólogo

Higino, a M. Fábio, grandíssima saudação.

1. Etsi te studio grammaticae artis inductum, non solum uersuum moderatione, quam pauci peruiderunt, sed historiarum quoque uarietate, qua scientia rerum perspicitur,

⁵⁴ Sobre o destinatário a quem Higino dedica sua obra, conferir a terceira seção do primeiro capítulo deste trabalho.

praestare uideo, quae facilius etiam scriptis tuis perspici potest, desiderans potius scientem quam liberalem iudicem, tamen quo magis exercitatus et nonnullis etiam saepius in his rebus occupatus esse uideor, ne nihil in adulescentia laborasse dicerer, et imperitorum iudicio desidia subirem crimen, hoc uelut rudimento scientiae nisus scripsi ad te, non ut imperito monstrans, sed ut scientissimum commonens.

1. Embora, desejando antes um juiz instruído do que liberal, eu veja que tu te destakes, introduzido ao estudo da arte gramatical, que inclusive pode ser percebida mais facilmente em teus escritos (não apenas no equilíbrio dos versos, que poucos observaram claramente, mas também na variedade das histórias, pela qual se percebe a ciência dos assuntos), contudo, já que para alguns pareço estar mais exercitado e ocupado mais frequentemente nestas questões, para não dizer não ter trabalhado nada na adolescência e, ao julgamento dos ignorantes, incorresse no crime de desídia, escrevi isto a ti como se apoiado em um rudimento da ciência, não como quem demonstra a um imperito, mas como quem recorda a um grande sábio.

2. Sphaerae figurationem circularumque qui in ea sunt notationem, et quae ratio fuerit, ut non aequis partibus diuiderentur; praeterea terrae marisque definitionem, et quae partes eius non habitantur, ut multis iustisque de causis hominibus carere uideantur, ordine exposuimus. Et rursus redeuntes ad sphaeram, duo et XL signa nominatim pernumerauimus. Exinde uniuscuiusque signi historias causamque ad sidera perlationis ostendimus. Eodem loco nobis utile uisum est persequi eorum corporum deformationes et in his numerum stellarum, nec praetermisimus ostendere ad septem circularum notationem quo corpora aut partes corporum peruenirent et quemadmodum ab his diuiderentur.

2. Expusemos de maneira ordenada a configuração da esfera⁵⁵ e a notação dos círculos⁵⁶ que nela estão, e qual razão tenha havido para que não se dividissem em partes iguais; além disso, expusemos a definição de terra e de mar, e quais de suas partes não são habitadas, de modo que pareçam carecer de homens, devido a muitas e justas causas. E,

⁵⁵ *Sphaera* denota o globo terrestre; já *figuratio*, a posição relativa dos astros na esfera celeste.

⁵⁶ *Circulus* é cada uma das linhas imaginárias da esfera celeste, que servem para determinar a posição e o movimento dos astros.

voltando novamente à esfera, enumeramos completamente as quarenta e duas constelações⁵⁷ pelo nome. Em seguida, apresentamos os mitos de cada constelação e a causa do arrebatamento de cada uma ao céu. No mesmo lugar, nos pareceu útil examinar as formas dos corpos⁵⁸ e, neles, a quantidade das estrelas. E não negligenciamos apresentar desde a notação dos sete círculos, até onde os corpos ou partes deles chegariam e de que modo tais círculos seriam separados por estes corpos.

3. Diximus etiam in aestiui circuli definitione, quaerentes quare non idem hiemalis uocaretur, et quid eos fefellerit qui ita senserint; et quid in ea parte sphaerae solis efficiat cursus. Praeterea, quare circulos in octo partes diuideremus, ordine exposuimus. Scripsimus etiam quo loco circulus aequinoctialis foret constitutus et quid efficeret ad eum perueniens sol. In eiusdem circuli demonstratione ostendimus quare Aries inter sidera celerrimus diceretur. Pauca praeterea de hiemali circulo diximus. Exinde zodiacum circulum definiuimus et eius effectus, et quare potius duodecim signa quam undecim numerarentur; quid etiam nobis de reliquis circulis uideretur.

3. Falamos também na definição do círculo estivo⁵⁹, investigando por que razão não seria chamado hiemal⁶⁰, e o que tenha enganado aqueles que tenham pensado assim; e ainda, o que realiza o curso⁶¹ do sol naquela parte da esfera. Além disso, expusemos de maneira ordenada por que razão separaríamos os círculos em oito partes. Escrevemos também em que local foi constituído o círculo equinocial, e o que o sol realiza ao chegar até ele. Na demonstração do mesmo círculo, apresentamos por que Áries é chamada a mais rápida entre as constelações. Ademais, falamos poucas coisas sobre o círculo hiemal. Em seguida,

⁵⁷ O autor cita todas as constelações no início do livro segundo. São estas: *Ursa Maior (Ursa Maior)*, *Ursa Minor (Ursa Menor)*, *Draco (Dragão)*, *Bootes (Arctofílix)*, *Corona (Coroa)*, *Hercules (Engónasin)*, *Lyra (Lira)*, *Cygnus (Cisne)*, *Cepheus (Cefeu)*, *Cassiopea (Cassiopeia)*, *Andromeda (Andrômeda)*, *Perseus (Perseu)*, *Auriga (Auriga)*, *Ophiucus (Ofiúco)*, *Aquila (Águia)*, *Sagitta (Flecha)*, *Delphinus (Delfim)*, *Equuleus (Cavalo)*, *Triangulum (Triângulo)*; depois, os doze signos do Zodíaco: *Aries (Áries)*, *Taurus (Touro)*, *Gemini (Gêmeos)*, *Cancer (Câncer)*, *Leo (Leão)*, *Virgo (Virgem)*, *Libra (Libra)*, *Scorpius (Escorpião)*, *Sagittarius (Sagitário)*, *Capricornus (Capricórnio)*, *Aquarius (Aquário)* e *Pisces (Peixes)*; e ainda *Cetus (Baleia)*, *Eridanus (Erídano)*, *Lepus (Lebre)*, *Orion (Órion)*, *Canis Maior (Cão Maior)*, *Canis Minor ou Antecanis (Cão Menor ou Prócion)*, *Argo (Argo)*, *Centaurus (Centauro)*, *Ara (Ara)*, *Hydra (Hidra)* e *Piscis Austrinus (Peixe Austral)*.

⁵⁸ Evidentemente corpos celestes.

⁵⁹ Círculo estivo, ou de verão, diz respeito ao Trópico de Câncer.

⁶⁰ Círculo hiemal, ou de inverno, diz respeito ao Trópico de Capricórnio.

⁶¹ *Cursus* denota o movimento, o deslocamento real ou aparente dos corpos celestes.

definimos o círculo zodiacal e seus efeitos, e o motivo de os signos serem enumerados antes em doze do que em onze; e também o que consideraríamos sobre os círculos restantes.

4. His propositis rebus ad id loci uenimus ut exponeremus utrum mundus ipse cum stellis uerteretur an mundo stante uagae stellae ferrentur; et quid de eo nobis et conpluribus uideretur et qua ratione ipse mundus uerteretur. Praeterea quare nonnulla signa celerius exorta serius occiderent, nonnulla etiam tardius ceteris exorta citius ad occasum peruenirent; quare etiam quae signa pariter oriantur, non simul occidant. Eodem loco diximus quare non essent in sphaera superiora inferioribus hemicyclis aequalia et quot modis stellas uidere non possimus. Praeterea scripsimus in duodecim signorum ortu quae de reliquis corpora exoriri et quae eodem tempore occidere uiderentur. Deinde ordine perscripsimus sol utrum cum mundo fixus uerteretur an ipse per se moueretur, et cum ipse per se moueatur et contra duodecim signorum ortus eat, quare uideatur cum mundo exoriri et occidere.

4. Propostos estes pontos, chegamos até aqui, para que expuséssemos se o próprio mundo⁶² giraria com as estrelas, ou se, estando imóvel o mundo, as estrelas se moveriam errantes; e ainda, o que parece a nós e a muitos sobre isto, e por qual razão o próprio mundo giraria. Além disso, expusemos por que uns signos nascidos de maneira mais rápida se poriam mais lentamente, e outros também, nascidos mais tarde do que os demais, chegariam mais depressa ao ocaso; por que, ainda, os signos que nascem de forma semelhante não se ponham ao mesmo tempo. No mesmo lugar, falamos o motivo de não haver na esfera mais elevada signos iguais aos dos hemicírculos inferiores, e por quantos empecilhos não possamos ver as estrelas. Ademais, no surgimento dos doze signos escrevemos quais corpos pareceriam nascer dos demais, e quais pareceriam se pôr ao mesmo tempo. Depois, escrevemos detalhadamente, de maneira ordenada, se o sol giraria fixo com o mundo, ou se ele se moveria por si mesmo; quando ele se moveria por si mesmo e quando iria no sentido contrário ao surgimento dos doze signos; por que pareceria nascer e se pôr com o mundo.

5. Deinde protinus de lunae cursu pauca proposuimus et utrum suo an alieno lumine uteretur; eclipsis solis et lunae quomodo fieret; quare luna per eundem circulum iter faciens,

⁶² *Mundus* diz respeito ao conjunto dos corpos celestes, ao universo.

celerius sole currere uideatur et quid fefellerit eos qui ita senserint; quinque stellae quantum habeant interuallum et utrum quinque sint an septem, et utrum quinque certe errent an omnes, et quinque quomodo currant. Diximus etiam qua ratione priores astrologi non eodem tempore signa et reliquas stellas reuerti dixerint, et quare Meton diligentissime obseruasse uideatur, et quid reliquos fefellerit in eadem causa.

5. Logo em seguida, propusemos poucas coisas sobre o curso da lua, e se porventura se utilize de sua luz ou de outra; de que modo aconteceriam os eclipses do sol e da lua; e por que a lua, fazendo o caminho ao longo do mesmo círculo, pareça correr mais rápido que o sol; e o que tenha enganado aqueles que pensaram assim. Quanto intervalo tenham as cinco estrelas⁶³; se sejam cinco ou sete; se certamente as cinco errem, ou todas; e de que modo corram as cinco. Falamos também por que razão os primeiros astrônomos⁶⁴ não afirmaram que os signos e as demais estrelas sevolvem ao mesmo tempo; por que Méton⁶⁵ pareça ter observado isso de maneira diligentíssima; e o que tenha enganado os demais na mesma causa.

6. *In his igitur tam multis et uariis rebus non erit mirum aut pertimescendum quod tantum numerum uersuum scripserimus; neque enim magnitudinem uoluminis, sed rerum multitudinem peritos conuenit spectare. Quod si longior in sermone uisus fuero, non mea facunditate, sed rei necessitate factum existimato; nec, si breuius aliquid dixerò, minus idem ualere confidito quam si pluribus esset audiendum uerbis. Etenim praeter nostram scriptionem sphaerae, quae fuerunt ab Arato obscurius dicta, persecuti planius ostendimus, ut penitus id quod coepimus exquisisse uideremur. Quod si uel optimis usus auctoribus effeci ut neque breuius neque uerius diceret quisquam, non inmerito fuerim laudari dignus a uobis, quae uel amplissima laus hominibus est doctis; si minus, non deprecamur in hac confectione nostram scientiam ponderari. Ideoque maioribus etiam niti laboribus cogitamus, in quibus*

⁶³ As estrelas referidas pelo autor são os cinco planetas que tinham sido descobertos até então. A ordem deles seria Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

⁶⁴ O termo latino utilizado por Higino é *astrologi*, que pareceria corresponder a *astrólogos*. Porém, diferentemente dos tempos atuais, neste contexto ainda não havia distinção entre astrologia e astronomia. Assim, para não incorrer em ambiguidades, a tradução mais acertada seria *astrônomos*.

⁶⁵ Méton foi um célebre astrônomo ateniense, cuja descoberta em 432 a. C. foi o *ciclo metônico*, designado desta forma em sua homenagem. Teofrasto aponta isto em sua obra *Περὶ σήμειων* (*Perí sêmeion – Sobre os signos*). O astrônomo constatou que 235 meses lunares correspondiam à duração de 19 anos solares. O calendário grego já estava baseado neste ciclo, até o advento do calendário juliano. Logo, a cada 19 anos do calendário juliano, as fases da Lua ocorreriam nos mesmos dias.

et ipsi exerceamur et quibus uolumus nos probare possimus. Etenim necessariis nostris hominibus scientissimis maximas res scripsimus; non leuibus occupati rebus, populi captamus existimationem. Sed ne diutius de eo quod neglegimus loquamur, ad propositum ueniamus et initium rerum demonstrabimus.

6. Assim, nestas questões tão abundantes e variadas, não será estranho, ou algo para se ter grande receio, que tenhamos escrito tal quantidade de linhas; e, de fato, convém que os doutos observem não a grandeza do volume, mas a abundância das questões. Se eu tiver parecido mais prolongado na discussão, considera que foi feito por causa da necessidade da questão, e não pela minha eloquência; e, se eu tiver dito algo mais breve, confia que isto tem menos valor do que o que se deveria ouvir com várias palavras. Com efeito, além de nossa descrição da esfera, apresentamos com mais clareza as coisas que foram ditas com mais obscuridade por Arato⁶⁶, após examiná-las, para que parecêssemos ter averiguado completamente o que iniciamos. Mas, se fiz usos dos melhores autores, de modo que ninguém diria nem com mais brevidade nem com mais certeza, eu teria sido digno de ser louvado por vós, não imerecidamente – louvor que para os homens doutos é o mais importante; se não o fiz, pedimos que nossa ciência não seja ponderada nesta composição. Por isso, também cogitamos nos apoiar em trabalhos maiores, em que tanto nós mesmos sejamos estimulados, quanto possamos nos fazer aprovar àqueles a quem queremos. Com efeito, escrevemos as maiores questões para nossos amigos, homens instruíssimos; ocupados com questões não fúteis, captamos a estima do povo. Mas, para que não falemos por mais tempo sobre aquilo a que somos indiferentes, iremos ao propósito e demonstraremos o início das questões.

⁶⁶ Arato foi um poeta grego, nascido em Solos, que se dedicou ao gênero da poesia didático-astronômica. Seu maior expoente de trabalho foi a obra Φαινόμενα (*Phainόμενα* – *Fenômenos*), composta de uma longa descrição dos fenômenos meteorológicos e astronômicos, também apoiada na mitologia para explicar ou ilustrar determinadas realidades. Com esta afirmação, Higino esclarece um dos ideais de seu escrito: esclarecer certos pontos obscuros da obra de Arato, e talvez de toda a tradição astronômica.

LIBER PRIMUS

LIVRO PRIMEIRO

*I. DE MUNDO.***1. SOBRE O MUNDO.**

1. Mundus appellatur is qui constat ex sole et luna et terra et omnibus stellis.

1. Chama-se *mundo* o que é formado a partir do sol, da lua, da terra e de todas as estrelas.

2. Sphaera est species quaedam in rotundo conformata, omnibus ex partibus aequalis apparens, unde reliqui circuli finiuntur. Huius autem neque exitus neque initium potest definiri, ideo quod in rotundo omnes tractus et initia et exitus significari possunt.

2. *Esfera* é uma certa forma disposta em arredondado, mostrando-se igual por todas as partes, de onde se determinam os demais círculos. Porém, nem seu fim nem seu início podem ser definidos, porque, no arredondado, todos os lugares podem significar tanto os inícios quanto os fins.

*II. DE CENTRO.***2. SOBRE O CENTRO.**

Centron est cuius ab initio circumductio sphaerae terminatur, ac terrae positio constituta declaratur.

Centro é o lugar de onde, desde o início, se delimita a circunferência da esfera, e de onde se declara constituída a posição da terra.

III. DE DIMENSIONE.

3. SOBRE A DIMENSÃO.

Dimensioque totius ostenditur sphaerae [est] cum ex utrisque partibus eius ad extremam circumductionem rectae ut uirgulae perducuntur; quae dimensio a compluribus axis est appellata. Huius autem cacumina, quibus maxime sphaera nititur, poli appellantur; quorum alter ad aquilonem spectans boreus, alter oppositus austro notius est dictus.

E apresenta-se a *dimensão* de toda a esfera quando se traçam retas, como varetas, a partir de umas e outras partes do centro até a circunferência mais afastada; esta dimensão é chamada *eixo* por muitos. Suas extremidades, porém, nas quais a esfera se apoia sobretudo, são chamadas *polos*; destes, um, que se volta para o aquilão⁶⁷, é dito *boreal*⁶⁸; o outro, oposto, que se volta para o austro⁶⁹, é dito *austral*⁷⁰.

IV⁷¹.

⁶⁷ Em primeiro sentido, diz respeito ao vento norte, mas, por metonímia, significa a própria região norte.

⁶⁸ Diz respeito ao Polo Ártico.

⁶⁹ Em primeiro sentido, diz respeito ao vento sul, mas, por metonímia, significa a própria região sul.

⁷⁰ Diz respeito ao Polo Antártico.

⁷¹ Como aponta Bunte (1875), em alguns códices a seção se inicia por *De significationibus*.

1. Significationes quaedam in circumductione sphaerae circuli appellantur. E quibus paralleli dicuntur qui ad eundem polum constituti finiuntur. Maximi autem sunt qui eodem centro quo sphaera continentur.

1. Alguns sinais na circunferência da esfera são chamados *círculos*. A partir deles, são ditos *paralelos* os que se determinam constituídos na direção de um mesmo polo. Os maiores são os que estão contidos no mesmo centro em que a esfera⁷².

2. Horizon appellatur is qui terminat ea quae perspici aut non uideri possunt. Hic autem incerta ratione definitur, quod modo polo subiectus et circulis his qui paralleli dicuntur, modo duobus extremis et aequalibus nixus, modo aliis partibus adiectus terrae, peruidetur ita utcumque fuerit sphaera conlocata.

2. *Horizonte* se chama o que delimita as coisas que podem ser percebidas ou que não podem ser vistas. Mas este se define por uma razão incerta, porque, ora próximo ao polo e a estes círculos que se chamam paralelos, ora apoiado nos dois círculos extremos e iguais, ora ajuntado a outras partes da terra, é visto claramente, de qualquer maneira que a esfera tenha se colocado.

V. DE POLO.

5. SOBRE O POLO.

Polus is qui boreus appellatur peruideri potest semper; notius autem ratione dissimili semper est a conspectu remotus. Naturalis autem mundi statio [quae] physice dicitur; ea est in boreo polo finita, ut omnia a dextris partibus exoriri, in sinistris occidere uideantur.

⁷² O círculo do meio da esfera será o de maior diâmetro, fazendo com que por ele a esfera se divida em dois hemisférios, ao olhar de longe.

Exortus est enim subita quaedam species obiecta nostro conspectui; occasus autem pari de causa ut erepta ab oculis uisa.

O polo que é chamado boreal sempre pode ser visto claramente; o austral, porém, por razão diferente, está sempre afastado da visão. O estado natural do mundo, que se chama *physiké*⁷³, é determinado no polo boreal, de modo que tudo pareça nascer das partes que ficam à direita, e se pôr nas que ficam à esquerda. De fato, o nascer é uma manifestação repentina, colocada diante de nossa visão; já o ocaso, por motivo semelhante, é uma manifestação que pareceu de algum modo arrebatada dos olhos.

VI.

1. In finitione mundi circuli sunt paralleli quinque, in quibus tota ratio sphaerae consistit, praeter eum qui zodiacus appellatur; qui, quod non ut ceteri circuli certa dimensione finitur et inclinatio aliis uidetur, λοξός a Graecis est dictus. Quinque autem quos supra diximus sic in sphaera metiuntur: initio sumpto a polo qui boreus appellatur, ad eum qui notius et antarcticus uocatur, in triginta partes unumquodque hemisphaerium⁷⁴ diuiditur, ita uti dimensio significare uideatur in tota sphaera sexaginta partes factas.

1. Na divisão do mundo, existem cinco círculos paralelos, nos quais consiste todo o sistema da esfera, exceto o que se chama *zodíaco*; dado que este não se determina por uma dimensão certa como os demais círculos e parece mais inclinado do que os outros, é chamado λοξός⁷⁵ pelos gregos. Porém, os cinco que dissemos acima são medidos⁷⁶ na esfera desta

⁷³ Φυσική. Para os gregos, a φυσική determinava a observação ou estudo das coisas da natureza, distinguindo-se, por exemplo, do estudo da moral e do estudo da razão. Higino parece traduzir tal noção por *naturalis mundi statio* (*estado natural do mundo*), cujo determinante seria o Polo Norte, empregado como ponto de partida “natural” para questões relacionadas ao estudo da esfera.

⁷⁴ Forma latina do grego ἡμισφαίριον (*hemisfáirion*), de ἡμι- (*hemi-* – *hemi-*, *semi-*) e σφαῖρα (*spháira* – *esfera*), que significa cada uma das metades da esfera celeste.

⁷⁵ Λοξός, que significa *oblíquo*. O zodíaco é chamado de oblíquo porque se estende a cerca de 8° em cada lado da eclíptica. Ele forma a faixa sobre a qual se movem o Sol, a Lua e os planetas em órbita.

⁷⁶ Bunte (1875) afirma que Higino utiliza uma aceção passiva para o verbo depoente, *metior*.

forma: o início, tomado do polo que se chama boreal, até o que se chama austral e antártico. Cada hemisfério é dividido em trinta partes, de modo que a dimensão pareça significar sessenta partes feitas em toda a esfera.

2. *Deinde ab eodem principio boreo sex partibus ex utraque finitione sumptis, circulus dicitur, cuius centron ipse est polus finitus; [qui] circulus arcticus appellatur, quod intra eum Arctorum simulacra ut inclusa perspiciuntur; quae signa a nostris, ursarum specie ficta, Septentriones appellantur. Ab hoc circulo de reliquis partibus quinque sumptis, eodem centro quo supra diximus, circulus ducitur qui θερινὸς τροπικός appellatur, ideo quod sol cum ad eum circulum peruenit, aestatem efficit eis qui in aquilonis finibus sunt, hiemem autem eis quos austri flatibus oppositos ante diximus. Praeterea, quod ultra eum circulum sol non transit, sed statim reuertitur, τροπικός est appellatus. Ab hoc circuli significatione quattuor de reliquis partibus sumptis, ducitur circulus aequinoctialis [qui] a Graecis ἱσημερινός appellatus, ideo quod sol cum ad eum orbem peruenit, aequinoctium conficit.*

2. Em seguida, a partir do mesmo princípio boreal, tomadas seis partes⁷⁷ de uma e outra divisão, traça-se o círculo, cujo centro é o próprio polo determinado: chama-se *círculo ártico*, porque as representações das Ursas⁷⁸ são percebidas como inclusas dentro dele. Estes sinais, imaginados por nós com a forma das ursas, são chamados *Setentriões*⁷⁹. A partir deste círculo, tomadas cinco das partes restantes, do mesmo centro que mencionamos acima, traça-se o círculo que é chamado θερινὸς τροπικός⁸⁰, visto que o sol, quando chega a este círculo, faz o verão àqueles que estão nos limites do aquilão, e o inverno, entretanto, àqueles que dissemos antes, opostos, nos ventos do austro. Ademais, é chamado τροπικός porque o sol não vai além deste círculo, mas volta logo⁸¹. A partir deste, tomadas quatro das partes

⁷⁷ Conforme nos indica Gêmino (*Introdução aos Fenômenos*, V, 46), esses círculos dizem respeito à noção de latitude. A latitude, que em cada hemisfério chega ao valor de até 90°, serve para dar a distância de qualquer ponto da terra para a Linha do Equador. Como um círculo completo possui 360°, cada hemisfério possui um ângulo de 180°, no qual, consequentemente, há dois ângulos de 90°. Segundo Higino, toda a esfera, de 360°, parece estar dividida em 60 partes; assim, cada parte possui cerca de 6°. As primeiras 6 partes citadas pelo autor corresponderiam a 36°; as próximas 5 partes, a 30°; as outras 4 partes, a 24°.

⁷⁸ Constelações da Ursa Maior e Ursa Menor.

⁷⁹ A palavra latina é formada pela junção de *septem* (sete) e de *triones* (bois de trabalho). Diz respeito às sete estrelas que compõem as constelações da Ursa Maior ou da Ursa Menor.

⁸⁰ *Therínós tropikós*, literalmente *trópico de verão*. Tem a mesma significação de *circulus aestivus*, citado acima, denotando o Trópico de Câncer.

⁸¹ Podemos encontrar a nomenclatura de τροπικός para estes círculos já em Arato (*Fenômenos*, 528). Este adjetivo, relacionado com o verbo τρέπω (*trépo* – *retornar*), vem do substantivo τροπή (*tropé*), que no contexto

restantes na significação do círculo, traça-se o *círculo equinocial*⁸², que é chamado *ισημερινός*⁸³ pelos gregos, visto que o sol, quando chega a este círculo, realiza o equinócio⁸⁴.

3. *Hoc circulo facto, dimidia sphaerae pars constituta perspicitur. E contrario item simili ratione a notio polo sex partibus sumptis, ut supra de boreo diximus, circulus ductus ἀνταρκτικός uocatur, quod contrarius est ei circulo quem arcticum supra definiuimus. Hac definitione sphaerae centroque poli qui notius dicitur quinque partibus sumptis, circulus χειμερινός τροπικός instituitur, a nobis hiemalis, a nonnullis etiam brumalis appellatus, ideo quod sol cum ad eum circulum peruenit, hiemem efficit his qui ad aquilonem spectant; aestatem autem his qui in austri partibus domicilia constituerunt. Quanto enim abest longius ab his qui in aquilonis habitant finibus, hoc hieme maiore conflictantur; aestate autem hi, quibus sol adpositus peruidetur. Itaque Aethiopes sub utroque orbe necessario fiunt. Ab hoc circulo ad aequinoctialem circulum reliquae fiunt partes quattuor, ita uti sol per octo partes sphaerae currere uideatur. Zodiacus autem circulus sic uel optime definiri poterit, ut signis factis, sicut postea dicemus, ex ordine circulus perducatur. Qui autem lacteus uocatur, contrarius aequinoctiali, ibi oportet ut eum medium diuidere et bis ad eum peruenire uideatur, semel in eo loco ubi Aquila constituitur, iterum autem ad eius signi regionem quod Procyon uocatur.*

3. Feito este círculo, percebe-se formada a metade da esfera. Também por razão semelhante, tomadas seis partes do lado contrário desde o polo austral, conforme dissemos acima sobre o boreal, o círculo traçado é chamado *ἀνταρκτικός*⁸⁵ porque é oposto àquele círculo que definimos antes como ártico. Com esta definição da esfera e tomadas cinco partes do centro do polo que é dito austral, institui-se o círculo *χειμερινός τροπικός*⁸⁶, chamado por

astronômico indica a mudança de direção dos astros de algum lugar para outro no céu. Em se tratando do sol, faz menção ao seu retorno, durante o curso habitual.

⁸² Diz respeito à Linha do Equador.

⁸³ *Isemerinós*, de ἴσος (*isos* – igual) e μέρος (*méros* – parte, porção).

⁸⁴ O equinócio se dá no momento em que o sol passa pelo Equador celeste, fazendo com que a noite e o dia tenham a mesma duração de tempo.

⁸⁵ *Antarktikós*, de ἀντί (*antí* – contrário) e ἄρκτος (*árktos* – Ursa). Diz respeito ao Polo Antártico, contrária ao Ártico, onde se encontram as constelações das Ursas.

⁸⁶ *Kheimerinós tropikós*, literalmente *trópico de inverno*. Tem a mesma significação de *circulus hiemalis*, citado acima, denotando o Trópico de Capricórnio.

nós de *hiemalis*, e, por alguns, também de *brumalis*⁸⁷, visto que o sol, quando chega a este círculo, faz o inverno àqueles que se voltam para o aquilão; faz o verão, porém, àqueles que constituíram os domicílios nas partes do austro. De fato, quanto mais longe se afasta daqueles que habitam nos limites do aquilão, eles se afligem com este maior inverno; afligem-se com o verão, porém, aqueles a quem o sol é visto claramente, colocado diante deles. E assim, os etíopes se encontram inevitavelmente sob um e outro círculo. Deste círculo para o círculo equinocial se encontram quatro partes restantes, de modo que o sol pareça correr por oito partes da esfera. O círculo zodíaco poderá ser melhor definido, segundo falaremos depois, assim que o círculo for traçado completamente com os signos representados por sua ordem. Porém, é preciso que o círculo que se chama *lácteo*⁸⁸, oposto ao equinocial, pareça dividi-lo ao meio e chegar até ele, neste local, duas vezes: uma vez, no lugar onde está constituída a Águia, e, outra vez, à região de sua constelação que se chama Προκύων⁸⁹.

4. *Duodecim signorum partes sic diuiduntur: quinque circuli, de quibus supra diximus, ita finiuntur ut unusquisque eorum diuidatur in partes duodecim, et ita ex eorum punctis lineae perducantur, quae circulos significant factos, in quibus duodecim signa describantur. Sed a nonnullis imperitioribus quaeritur, quare non aequis partibus circuli finiantur, hoc est ut de triginta partibus quinae partes diuidantur, et ita circuli pari ratione ducantur. Id facillime defendi posse confidimus. Cum enim media sphaera diuisa est, eius circuli nullus potest aequalis esse, qui, quamuis proxime eum accedat, tamen minor esse uideatur. Itaque qui primum sphaeram fecerunt, cum uellent omnium circulorum aequas rationes esse, pro rata parte uoluerunt significare, ut quanto magis a polo discederetur, hoc minorem numerum partium sumerent in circulis metiendis, quo necesse his erat maiorem circulum definire. Quod etiam ex ipsa sphaera licet intellegere: quanto magis a polo discedes, hoc maiores circulos fieri [necesse est] et hac re minorem numerum duci, ut pares eorum uideantur effectus. Et si non in triginta partes unumquodque hemisphaerium*

⁸⁷ *Brumalis* (*brumal*) vem da palavra latina *bruma*, que indica o dia mais curto do ano, no qual acontece o solstício de inverno, e que, por extensão, também pode significar o próprio inverno.

⁸⁸ Diz respeito à Via Láctea. Tendo como ponto de vista o Sistema Solar, a galáxia parece possuir a forma de um círculo. O plano galáctico, inclinado cerca de 60° em relação à eclíptica, faz com que o sol passe por algumas constelações de ambos os hemisférios.

⁸⁹ *Prokýon*.

diuidatur, sed in alias quotlibet finitiones, tamen eo ratio peruenit eius ac si triginta partes fecisset.

4. As partes dos doze signos são separadas desta forma: os cinco círculos, sobre os quais dissemos acima, se determinam de modo que cada um deles seja separado em doze partes, e, assim, a partir de seus pontos sejam traçadas completamente as linhas, que indicam círculos feitos nos quais se representem doze signos. Mas, por alguns mais imperitos se pergunta por que os círculos não sejam determinados em partes iguais, isto é, de maneira que das trinta se separem as partes de cinco em cinco, e, assim, os círculos sejam traçados por igual razão. Temos a convicção de que isto pode ser rebatido de modo fácilimo. De fato, como a esfera é dividida ao meio, nenhum círculo seu pode ser igual; por mais que se aproxime muito perto dele, parecerá, contudo, ser menor. Desta forma, aqueles que fizeram primeiro a esfera, desejando que as razões de todos os círculos fossem iguais, quiseram indicar de maneira proporcional que, quanto mais se afastasse do polo, tomariam um menor número de partes ao medirem os círculos, porque lhes era necessário definir um círculo maior⁹⁰. Também é possível compreender isto a partir da própria esfera; quanto mais te afastares do polo, é necessário serem feitos círculos maiores aí, e, por esta razão, traçar um número menor, para que seus efeitos pareçam semelhantes. E, se cada hemisfério não seja separado em trinta partes, mas em quaisquer outras divisões, mesmo assim seu cálculo chega do mesmo modo que se tivesse feito trinta partes.

VII.

1. Zodiacus circulus tribus his subiectus, de quibus supra diximus, ex quadam parte contingit aestiuum et hiemalem circulum, aequinoctialem autem medium diuidit. Itaque sol, per zodiacum circulum currens neque extra eum transiens, necessario [etiam] cum signis

⁹⁰ No intuito de manter a proporção. Ao traçar círculos partindo dos polos de uma esfera, os primeiros serão mais estreitos do que os círculos traçados na parte do meio. Assim, nessas primeiras regiões seria preciso mais partes, a fim de se igualarem com as partes do meio, porque estas são necessariamente mais extensas.

his, quibus innixus iter conficere uidetur, peruenit ad eos quos supra diximus orbis et ita quattuor tempora definit. Nam ab Ariete incipiens uer ostendit; et Taurum et Geminos transiens idem significat. Sed iam capitibus Geminorum circulum aestiuum tangere uidetur, et per Cancrum et Leonem transiens et Virginem aestatem efficit. Et rursus a Virginis extrema parte transire ad aequinoctialem circulum perspicitur; in Libra autem aequinoctium conficit et autumnum significare incipit. Ab hoc signo transiens ad Scorpium et Sagittarium, deinde protinus incurrit in hiemalem circulum, et Capricorno, Aquario, Piscibus hiemem transigit. Itaque ostenditur non per tres ipsos circulos currere, sed zodiacum transiens ad eos peruenire.

1. O círculo zodiacal, colocado próximo àqueles três⁹¹, dos quais dissemos acima, a partir de certa parte alcança os círculos estivo e hiemal, mas separa o equinocial, no meio. Assim, correndo pelo círculo zodiacal e obrigatoriamente sem transitar fora dele, inclusive com estes signos, nos quais parece apoiado ao realizar o caminho, o sol chega aos círculos que dissemos acima e define as quatro estações. Pois, iniciando por Áries, apresenta a primavera; e indica o mesmo, atravessando Touro e Gêmeos. Mas, já nas cabeças dos Gêmeos, parece tocar o círculo estivo, e, passando por Câncer, Leão e Virgem, faz o verão. Para trás, percebe-se passar da extrema parte de Virgem para o círculo equinocial; já em Libra, realiza o equinócio e começa a indicar o outono. Passando deste signo para Escorpião e Sagitário, logo em seguida se lança no círculo hiemal e atravessa o inverno em Capricórnio, Aquário e Peixes⁹². Assim, apresenta-se correr não pelos três mesmos círculos, mas chegar a eles passando pelo zodíaco.

2. Sed quoniam de his rebus diximus, nunc terrae positionem definiemus, et mare quibus locis interfusum uideatur, ordine exponemus.

2. Mas depois que falamos sobre estas coisas, agora definiremos a posição da terra, e exporemos de maneira ordenada por quais lugares o mar pareça espalhado.

⁹¹ São os mesmos círculos que o autor cita logo abaixo: estivo (Trópico de Câncer), hiemal (Trópico de Capricórnio) e equinocial (Linha do Equador).

⁹² Higino aponta a relação entre as constelações do Zodíaco e as estações do ano, referentes ao hemisfério norte, onde ele está localizado. No hemisfério sul, quando o sol passa por Capricórnio, Aquário e Peixes (aproximadamente nos meses de dezembro a março), acontece o verão, e não o inverno.

VIII. DE TERRA.

8. SOBRE A TERRA.

1. *Terra mundi media regione conlocata, omnibus partibus aequali dissidens interuallo, centron obtinet sphaerae. Hanc mediam diuidit axis in dimensione totius terrae. Oceanus autem, [e] regione circumductionis sphaerae profusus, prope totius orbis adluit fines; itaque et signa occidentia in eum decidere existimantur. Sic igitur et terras contineri poterimus explanare: nam quaecumque regio est quae inter arcticum et aestiuum finem conlocata est, ea diuiditur trifarie, e quibus una pars Europa, altera Asia, tertia Africa uocatur. Europam igitur ab Africa diuidit mare ab extremis Oceani finibus et Herculis columnis. Asiam autem et Libyam cum Aegypto disternat os Nili fluminis, quod Canopicum appellatur. Asiam ab Europa Tanaïs diuidit, bifariam se coniciens in paludem quae Maeotis appellatur. Hac igitur definitione facile peruidetur mare omnibus adiectum finibus terrae.*

1. A terra, colocada na região central do mundo⁹³, estando separada por igual intervalo em todas as partes, ocupa o centro da esfera. Um eixo a separa no meio, na dimensão de toda a terra. O oceano, porém, espalhado abundantemente a partir da região da circunferência da esfera, banha os limites de quase todo o orbe; desta forma, considera-se que se põem os signos que caem sobre ele. Portanto, também poderemos explicar que as terras estão delimitadas. Pois qualquer região que está colocada entre os limites ártico e estivo, separa-se em três partes: das quais, uma parte se chama Europa, outra, Ásia, e a terceira, África⁹⁴. Assim, o mar separa a Europa da África, desde os limites extremos do Oceano e as colunas

⁹³ Geocentrismo.

⁹⁴ Higino dá continuidade à tradição sobre a divisão da parte continental da Terra. A diferença é a utilização da nomenclatura romana de *África* para o continente, ao passo que os gregos, como Heródoto (*Histórias*, II, 16; IV, 42) e Gêmino (*Introdução aos Fenômenos*, XVI, 3), a chamavam de Λιβύη (*Libýe* – *Líbia*).

de Hércules⁹⁵. Já a foz do rio Nilo que é chamada Canópica⁹⁶, delimita a Ásia e a Líbia junto com o Egito. Tânaís⁹⁷ separa a Ásia da Europa, se introduzindo em duas direções para o lago que se chama Meótida⁹⁸. Logo, com esta definição, o mar parece facilmente prolongado em todos os limites da terra.

2. *Sed ne uideatur nonnullis mirum, cum sphaera in sexaginta partes diuidatur, ut ante diximus, quare definiuimus ab aestiuo circulo ad arcticum finem dumtaxat habitari, sic uel optime defendimus. Sol enim per mediam regionem sphaerae currens, nimium his locis efficit feruorem. Itaque quae finis est ab aestiuo circulo ad hiemalem, ea terra a Graecis διακεκαυμένη uocatur, quod neque fruges propter exustam terram nasci, neque homines propter nimium ardorem durare possunt. Extremae autem regiones sphaerae duorum circulorum, quorum alter boreus, alter notius uocatur, fine arctici circuli et eius qui antarcticus uocatur, non habitantur, ideo quod sol ab his circulis semper est longe, uentique adsiduos habent flatu. Quamuis enim sol perueniat ad aestiuum circulum, tamen longe ab arctico uidebitur fine.*

2. Mas, visto que a esfera seja dividida em sessenta partes, conforme dissemos antes, para que a ninguém pareça estranho, defendemos da melhor forma possível por que definimos ser habitado apenas do círculo estivo até o limite ártico. Ao correr pela região central da esfera, o sol produz nestes locais um fervor demasiado. Desta forma, a região que é território desde o círculo estivo até o hiemal, é chamada pelos gregos de διακεκαυμένη⁹⁹, porque nem podem nascer os produtos da terra, por causa da terra profundamente queimada,

⁹⁵ Segundo Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica*, IV, 18, 4-5), a construção das Colunas faz alusão ao décimo trabalho de Hércules, no qual o rei Euristeu havia imposto trazer os bois de Gérion. Até a cintura, o gigante possuía o corpo monstruoso de três homens e guardava rebanhos de bois, juntamente com o boieiro Eurítion e o cão Orto, de duas cabeças. Após matá-los, o herói partiu até o rei com os bois do rebanho e teria construído os monumentos em memória deste feito, um em cada extremo da África e da Europa. Diodoro afirma também que, na visão de outros autores, ambos os continentes estavam unidos e posteriormente teriam sido fendidos pelo herói, fazendo ser aberto o Estreito de Gibraltar. Estrabão (*Geografia*, III, 5, 5) apresenta as possíveis variantes para a origem das Colunas, dentre as quais a trazida por Diodoro e algumas outras, como a de que seriam, na verdade, duas pequenas ilhas de Paloma, ou ainda os próprios promontórios do Estreito de Gibraltar.

⁹⁶ Um dos sete braços antigos do rio Nilo, localizado no extremo oeste. Faz referência a Canopo, cidade portuária do Egito antigo.

⁹⁷ Rio que separa os dois continentes. Atualmente é chamado de Don.

⁹⁸ Atual Mar de Azov.

⁹⁹ *Diakekauméne*, que significa *profundamente queimada*. Particípio perfeito passivo do verbo διακαίω (*diakáio* – *queimar profundamente*).

nem os homens podem sobreviver, por causa do ardor demasiado. Já as regiões extremas dos dois círculos da esfera – dos quais um se chama boreal, e o outro, austral –, no limite do círculo ártico e do círculo que se chama antártico, não são habitadas, dado que o sol está sempre longe destes círculos, e os ventos têm sopros constantes. Por mais que o sol chegue até o círculo estivo, parecerá longe do limite ártico.

3. Id ita esse hinc quoque licet intellegere: cum enim sol peruenit ad eum circulum qui hiemalis uocatur et efficiat nobis, qui prope eum sumus constituti, nimium frigus, quid arbitramur eis locis frigoris esse, qui longius etiam absunt a nobis? Quod cum in hac parte sphaerae fiat, idem in altera parte definitum putauimus, ideo quod similes sunt eius effectus. Praeterea hinc quoque intellegimus illic maximum frigus et in aestiuo circulo calorem esse, quod quae terra habitatur, eos tamen uidemus, qui proximi sunt arcticum finem, uti braxis et eiusmodi uestitu † uestium †; qui autem proximi sunt aestiuo circulo, eos Aethiopas et perusto corpore esse. Habitatur autem sic temperantissimo caelo, cum inter aestiuum circulum et arcticum finem haec perueniat temperatio; quod ab arctico circulo frigus, ab aestiuo feruor exortus in unum concurrrens efficit mediam finem temperatam, quae habitari possit. Itaque cum sol ab eo loco discessit, hieme necessario conflictamur, quod uentum exorientem non reuerberat sol. Quod cum ueniat in hac definitione, illud quoque fieri posse uidemus, ut hiemali circulo nobis ad antarcticum finem habitari possit, quod pares eodem proueniant casus. Certum quidem esse nemo contendit, neque peruenire eo potest quisquam propter interiectum terrae, quae propter ardorem non habitatur. Sed cum uidemus hanc regionem sphaerae habitari, illam quoque in simili causa posse constitui suspicamur.

3. Daí, também é possível compreender que isto se dá assim: quando o sol chega ao círculo que se chama hiemal, e para nós, que estamos colocados perto dele, produz um frio demasiado, que frio julgamos haver nos locais que estão mais longe de nós? Como isto acontece nesta parte da esfera, consideramos definido o mesmo na outra parte, visto que seus efeitos são semelhantes. Ademais, também compreendemos que ali há um enorme frio, e no círculo estivo há calor, porque na terra que é habitada vemos que aqueles que estão mais próximos ao limite ártico utilizam bragas¹⁰⁰ e vestimentas desse tipo; já os que estão

¹⁰⁰ Calças largas.

próximos ao círculo estivo, os etíopes¹⁰¹, são de corpo abrasado¹⁰². Assim, habita-se no céu mais temperado quando esta temperança provenha entre o círculo estivo e o limite ártico; porque, concorrendo ao mesmo lugar o frio do círculo ártico e o calor nascido do círculo estivo, faz-se temperada a região central, que pode ser habitada. Quando o sol se afasta deste local, lutamos necessariamente com o inverno, visto que o sol não repele o vento que surge. Quando se chega a esta definição, vemos que, para nós, também pode acontecer que se possa habitar do círculo hiemal ao limite antártico, porque no mesmo lugar se produzem casos semelhantes. Ninguém afirma ser certo, e ninguém pode chegar naquele lugar, por causa da interposição da região que não é habitada por causa do calor. Mas, quando vemos esta região da esfera ser habitada, também supomos que aquela pode constituir-se em uma causa semelhante.

¹⁰¹ Do grego Αἰθίοψ (*Aithíops*), de αἶθω (*áitho* – *queimar*) e ὤψ (*óps* – *vista, rosto*). O adjetivo era empregado pelos gregos para designar tanto os nativos da Etiópia quanto as pessoas de pele negra de outras regiões do continente, visto que estas partes também eram assim chamadas.

¹⁰² Relacionado à cor da pele dos etíopes. Com o emprego do particípio latino *perusto*, do verbo *peruro*, Higino parece traduzir o particípio grego διακεκαυμένη, citado anteriormente para se referir à zona localizada entre os trópicos.

LIBER SECUNDUS

LIVRO SEGUNDO

PROLOGUS

PRÓLOGO

1. *Sed quoniam quae nobis de terrae positione dicenda fuerunt et sphaeram totam definiuimus, nunc quae in ea signa sint singillatim nominabimus. E quibus igitur primum duas Arctos et Draconem, deinde Arctophylaca cum Corona dicemus et eum qui Engonasin uocatur; exinde Lyræ cum Olore et Cepheo et eius uxore Cassiopeia filiaque [eius] Andromeda et genero Perseo. Dicemus etiam protinus Aurigam, a Graecis Heniochum appellatum, Ophiuchum praeterea cum Aquila et Sagitta paruoque Delphine. Inde Equum dicemus cum eo sidere quod Deltoton uocatur.*

1. Como definimos o que tivemos de dizer sobre a posição da terra, e definimos toda a esfera, agora nomearemos uma a uma as constelações que nela estejam. Destas, então, primeiro falaremos das duas Ursas e do Dragão; em seguida, de Arctophylax com a Coroa, e da que se chama Engónasin; depois, da Lira com o Cisne, de Cefeu e sua esposa Cassiopeia, e de sua filha Andrômeda e o genro Perseu. Logo após falaremos também de Auriga, chamado *Heníochos*¹⁰³ pelos gregos, além de Ofiúco com a Águia, a Flecha e o pequeno Delfim. Daí, falaremos do Cavalo com a constelação que se chama Deltoton.

2. *His corporibus enumeratis, ad duodecim signa perueniemus. Ea sunt haec: Aries, Taurus, Gemini; deinde Cancer cum Leone et Virgine; praeterea Libra, dimidia pars*

¹⁰³ Ἡνίοχος.

Scorpionis et ipse Scorpius cum Sagittario et Capricorno; Aquarius autem cum Piscibus reliquas habet partes.

2. Enumerados estes corpos, chegaremos aos doze signos. São estes: Áries, Touro, Gêmeos; em seguida, Câncer com Leão e Virgem; depois, Libra, meia parte de Escorpião e o próprio Escorpião, com Sagitário e Capricórnio; Aquário, com Peixes, possui as partes restantes.

3. His enumeratis, suo ordine est Cetus cum Eridano flumine et Lepore; deinde Orion cum Cane et eo signo quod Procyon uocatur. Praeterea est Argo cum Centauro et Ara; deinde Hydra cum Pisce qui notius uocatur. Horum omnium non inutile uidetur historias proponere, quae certe aut utilitatem ad scientiam, aut iucunditatem ad delectationem adferent lectori.

3. Tendo enumerado estes, por sua ordem está a Baleia com o rio Erídano e a Lebre; depois, Órion com o Cão e com a constelação que se chama Prócyon. Em seguida, há Argo com Centauro e Ara; em seguida, Hidra com o Peixe que se chama austral. Não parece inútil propor os mitos de todos estes, os quais certamente levarão ao leitor utilidade para o conhecimento, ou prazer para o deleite.

I.

I. URSA MAIOR.

1. Igitur, ut supra diximus, initium nobis est Arctos maxima. Hanc autem Hesiodus ait esse Callisto nomine, Lycaonis filiam, eius qui in Arcadia regnavit; eamque studio uenationis inductam, ad Dianam se adplicuisse, a qua non mediocriter esse dilectam propter utriusque consimilem naturam. Postea autem ab Ioue conpressam, ueritam Dianae suum dicere euentum. Quod diutius celare non potuit; nam iam utero ingrauescente, prope diem partus in flumine corpus exercitatione defessum cum recrearet, a Diana cognita est non

conseruasse uirginitatem. Cui dea pro magnitudine suspicionis non minorem retribuit poenam. Erepta enim facie uirginali, in ursae speciem est conuersa, quae Graece ἄρκτος appellata. In ea figura corporis Arcada procreauit.

1. Portanto, como dissemos acima, para nós o início é a Ursa maior. Hesíodo¹⁰⁴, porém, diz que esta é de nome Calisto, filha de Licáon, ele que reinou na Arcádia. Introduzida ao gosto da caça, dedicou-se a Diana, por quem foi amada não de forma medíocre, devido à natureza semelhante de ambas. Depois disso, tendo sido violada por Júpiter, recebeu dizer seu acontecimento a Diana. Não pôde ocultá-lo por muito tempo; pois, como perto do dia do parto, já se tornando pesado o útero, reconfortasse no rio o corpo fatigado pelo exercício, foi reconhecido por Diana que ela não conservou a virgindade. Por causa da grandeza da suspeita, a deusa não lhe retribuiu uma pena menor. Foi arrebatada de sua face virginal e convertida na forma de ursa, que em grego chama-se ἄρκτος¹⁰⁵. Na figura deste corpo procriou Árcade.

2. Sed ut ait Amphis comoediarum scriptor, Iuppiter simulatus effigiem Dianae, cum uirginem uenantem ut adiutans persequeretur, amotam a conspectu ceterorum conpressit. Quae rogata a Diana quid ei accidisset, quod tam grandi utero uideretur, illius peccato id euenisse dixit. Itaque propter eius responsum, in quam figuram supra diximus, eam Diana conuertit. Quae cum in silua ut fera uagaretur, a quibusdam Aetolorum capta, ad Lycaonem pro munere in Arcadium cum filio est deducta. Ibi dicitur inscia legis in Iouis Lycaeï templum se coniecisse; quam confestim filius est secutus. Itaque cum eos Arcades insecuti interficere conarentur, Iuppiter memor peccati ereptam Callisto cum filio inter sidera conlocauit, eamque Arctum, filium autem Arctophylaca nominauit, de quo posterius dicemus.

2. Mas, conforme diz Ânfis¹⁰⁶, escritor de comédias: Visto que Júpiter, tendo simulado a imagem de Diana, perseguisse como um ajudante a virgem, que caçava, violou-

¹⁰⁴ Fragmento CLXIII.

¹⁰⁵ Ἄρκτος.

¹⁰⁶ Poeta grego que viveu no século IV a. C. Na seção sobre os fragmentos de fábulas incertas, presente em *Fragmenta Comicorum Graecorum* são citados excertos deste autor. Em uma das passagens, aparece este trecho do livro II do *De Astronomica*, ao qual se acrescenta este comentário: “É provável que o mito do qual se derivaram estas informações tenha sido inscrito como Καλλιστώ (Kallistó), título com o qual Alceu representou uma comédia” (*Probabile est fabulam, ex qua haec derivata sunt, Καλλιστῶ fuisse inscriptam, quo titulo Alcaeus comoediam docuit*).

a, depois de ter sido subtraída da percepção das coisas em volta. Interrogada por Diana sobre o que lhe tinha ocorrido, por que fosse vista com o útero tão grande, disse-lhe que isto tinha acontecido por culpa dela. Em virtude de sua resposta, Diana a converteu na figura que dissemos acima. Dado que vagasse na floresta como fera, foi capturada por alguns dos etólios e levada com o filho como presente a Licáon, na Arcádia. Diz-se que aí, insciente da lei, entrou no templo de Júpiter Liceu¹⁰⁷, à qual o filho logo seguiu. Como os árcades, que os perseguiram, tentassem matá-los, Júpiter, lembrado de sua falta, colocou entre os astros Calisto, arrebatada com o filho; a ela deu o nome de Arctos, e a ele, o de Arctophylax¹⁰⁸, sobre quem falaremos depois.

3. *Nonnulli etiam dixerunt, cum Callisto ab Ioue esset conpressa, Iunonem indignatam in ursam eam conuertisse; quam Dianae uenanti obuiam factam, ab ea interfectam, et postea cognitam inter sidera conlocatam.*

3. Alguns¹⁰⁹ também disseram que, como Calisto havia sido violada por Júpiter, Juno, indignada, a converteu em urso; vindo ao encontro de Diana, que caçava, foi morta por ela, e, depois de reconhecida, foi colocada entre os astros.

4. *Sed alii dicunt, cum Callisto Iuppiter esset in siluam persecutus, Iunonem suspicatum id quod euenit, contendisse ut eum manifesto diceret deprehendisse. Iouem autem, quo facilius suum peccatum tegetur, in ursae speciem conuersam reliquisse. Iunonem autem in eo loco pro uirgine ursam inuenisse; quam Dianae uenanti, ut eam*

¹⁰⁷ Pausânias (*Descrição da Grécia*, VIII, 38, 2) apresenta a variante mítica de que Júpiter teria nascido no monte Liceu, o mais alto da Arcádia. Creta, na verdade, seria uma região localizada no monte, e não uma ilha, segundo os arcadianos. Conforme também afirma Diodoro (*Biblioteca Histórica*, VIII, 2, 22), por exemplo, ali Reia teria feito brotar o rio Neda, para lavar-se após ter dado Zeus à luz. Na *República* (VIII, 565d), fazendo analogia com a tirania, Platão cita uma espécie de ritual que era feito no templo dedicado a Zeus Liceu, em que aquele que ingerisse carne humana, misturada com a de outras vítimas, seria transformado em lobo. Alguns parágrafos mais adiante, Pausânias (*ibid.*, 38, 6) discorre sobre o templo consagrado a Zeus *Lykaïos*, onde, segundo a lei, nenhum humano poderia entrar, sob pena de morte. Caso algum animal se refugiasse lá dentro, os caçadores esperariam do lado de fora.

¹⁰⁸ Arctos significa *ursa*. Arctophylax, por sua vez, significa *guardião da urso*, pois é formado a partir da junção de *arctos* e de *phylax* (φύλαξ), que significa *guardião*.

¹⁰⁹ Eratóstenes, *Catasterismos*, I; Pausânias, *Descrição da Grécia*, VIII, 3, 6; Ovídio, *Metamorfoses*, II, 466-485 e *Fastos*, II, 177; Higino, *Fábulas*, CLXXVII, 1.

interficeret, demonstrasse. Quod factum ut perspiceretur Iouem aegre tulisse, effigiem ursae stellis figuratam constituisse.

4. Mas outros¹¹⁰ dizem que, como Júpiter tivesse perseguido Calisto pela floresta, Juno, tendo suspeitado do que aconteceu, esforçou-se em dizer que o havia apanhado em flagrante. Júpiter, porém, para que mais facilmente encobrisse sua falta, abandonou-a, convertida na forma de ursa. E naquele lugar Juno encontrou a ursa, em vez de uma virgem; mostrou-a a Diana, que caçava, para que ela a matasse. Como se possa perceber, Júpiter realizou este feito com pesar e constituiu figurada nas estrelas a imagem da ursa.

5. Hoc signum, ut complures dixerunt, non occidit; et qui uolunt aliqua de causa esse institutum, negant Tethyn Oceani uxorem id recipere, cum reliqua sidera eo perueniant in occasum, quod Tethys Iunonis sit nutrix, cui Callisto succubuerit ut paelex¹¹¹.

5. Esta constelação, como muitos¹¹² afirmaram, não se põe. E os que pensam haver um ensinamento sobre essa causa, negam que Téthys¹¹³, esposa de Oceano, recebe esta constelação quando os demais astros cheguem ao ocaso, porque Téthys é a nutriz de Juno, a quem Calisto se submeteu como rival.

6. Araethus autem Tegeates historiarum scriptor non Callisto, sed Megisto dicit appellatam, et non Lycaonis, sed Cetei filiam, Lycaonis neptem; praeterea Cetea ipsum Engonasin nominari. Reliqua autem superioribus conueniunt. Quae res in Nonacri monte Arcadiae gesta demonstratur.

¹¹⁰ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 8, 2.

¹¹¹ Especificamente, *paelex* diz respeito à rival de uma mulher casada, como uma concubina.

¹¹² Já Homero ressalta esta questão, tanto na *Ilíada* (XVIII, 489) quanto na *Odisseia* (V, 275). Em ambas as passagens, os versos são iguais, denotando uma expressão formulaica, conforme vemos de forma abundante em suas obras: οἷη δ' ἄμμορός ἐστι λοετρῶν Ὠκεανοῖο (*óie d' ámmorós esti loetrón Okeavóio*) – [Arctos] é a única [constelação] privada dos banhos do Oceano. Segundo a versão de Ovídio, nas *Metamorfoses* (II, 508-530), Juno se encolerizou ao ver sua rival brilhando no céu e desceu ao mar, para rogar a Téthys que não a recebesse em suas águas. A deusa marítima anuiu à ordem de Juno porque havia sido sua mãe adotiva. Outros lugares onde esta parte do mito aparece são em *Fastos* (II, 191-192), e Higino, *Fábulas*, CLXXVII, 1.

¹¹³ Adotou-se assim a escrita de Téthys (Τηθύς), filha de Urano e da Terra, para diferenciá-la da Thétis (Θέτις), filha de Nereu e mãe de Aquiles.

6. Araeto de Tégea¹¹⁴, escritor de mitos, diz que não era chamada Calisto, mas Megisto; e filha não de Licáon, mas de Ceteu¹¹⁵, [e, assim,] neta de Licáon; além disso, diz que o próprio Ceteu era nomeado Engonasin. Os pontos restantes, porém, concordam com os de cima. Demonstra-se¹¹⁶ esta situação realizada em Nonácris, monte da Arcádia.

II. ARCTUS MINOR.

II. URSA MENOR.

1. *Hanc Aglaosthenes qui Naxica conscripsit, ait Cynosuram esse, unam de Iouis nutricibus ex Idaeis nymphis; ab eius quoque nomine et urbem quae Histoe uocatur, a Nicostrato et sodalibus constitutam, et portum qui ibi est, et agri maiorem partem Cynosuram appellatam. Hanc autem inter Curetas fuisse, qui Iouis fuerunt administri. Nonnulli etiam Helicen et Cynosuram nymphas esse Iouis nutrices dicunt; et hac re etiam pro beneficio in mundo conlocatas, et utrasque Arctos appellatas esse, quas nostri Septentriones dixerunt.*

1. Aglaóstenes, que escreveu *Naxica*¹¹⁷, diz que esta constelação é Cinosura, uma das nutrizes de Júpiter, das ninfas do Ida; a partir de seu nome foram chamados de Cinosura tanto a cidade que se chama Histoi¹¹⁸, constituída por Nicóstrato e os companheiros, quanto o portão que aí está, e, ainda, a maior parte do território. Ela esteve entre os Curetes¹¹⁹, que

¹¹⁴ Autor mitógrafo que foi contemporâneo de Ânfis, por volta do século IV a. C.

¹¹⁵ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 8, 2.

¹¹⁶ Higino, *Fábulas*, CLXXVII, 2.

¹¹⁷ Aglaóstenes foi um historiador grego, autor de *Naxica*, obra relacionada à cidade de Naxos.

¹¹⁸ Cidade da costa de Creta.

¹¹⁹ Na seção III do livro X de sua obra *Geografia*, Estrabão explana com riqueza de detalhes que há diversas teorias sobre a origem dos Curetes, dentre as quais, a versão apontada por Higino. Sob esta versão, há uma ligação direta com o mito do nascimento de Zeus e a figura de Crono. Os Curetes, assim, foram os responsáveis em proteger Zeus, tocando seus tambores e demais instrumentos, ao ritmo de dança de armas, para que o parto de Reia fosse ocultado e Crono não ouvisse o choro do recém-nascido. Segundo Estrabão, ainda, os Curetes continuaram a cuidar de Zeus com os mesmos cuidados, após o nascimento.

foram servidores de Júpiter. Alguns¹²⁰ também afirmam que as ninfas Hélice e Cinosura foram nutrizes de Júpiter; e, por esta razão, como benefício também foram colocadas no firmamento, e ambas chamadas de Ursas, as quais os nossos chamaram de Setentriões¹²¹.

2. *Sed maiorem Arctum complures plaustri similem dixerunt, et ἄμαξαν Graeci appellauerunt; cuius haec memoriae prodita est causa: [in] initio qui sidera peruiderunt et numerum stellarum in unaquaque specie corporis constituerunt, [et] non Arctum, sed Plaustrum nominauerunt, ut ex septem stellis duae quae pares et maxime in uno loco uiderentur, pro bubus haberentur, reliquae autem quinque figuram plaustri simularent. Itaque et quod proximum huic est signum Booten nominari uoluerunt, de quo posterius plura dicemus. Aratus quidem non hac re Booten, nec illud Plaustrum dicit appellari, sed quod Arctus uideatur ut plaustrum circum polum, qui boreus appellatur, uersari, et Bootes agitare eam dicatur. In quo non mediocriter uidetur errare. Postea enim, de septem stellis, ut Parmeniscus ait, quinque et uiginti sunt a quibusdam astrologis constitutae, ut ursae species non septem stellarum perficeretur. Itaque et ille, qui antea plaustrum sequens Bootes appellabatur, Arctophylax est dictus, et isdem temporibus quibus Homerus fuit, haec Arctus est appellata. De septem trionibus ille enim dicit hanc utroque nomine et Arctum et Plaustrum appellari; Booten autem nusquam meminit Arctophylaca nominari.*

2. Mas muitos disseram que a Ursa maior era semelhante a um carro, e os gregos a chamaram de ἄμαξα¹²², cujo mito foi transmitido à memória. No início, aqueles que observaram os astros e estabeleceram o número das estrelas em cada forma do corpo, deram-lhe o nome de Carro e não de Ursa, porque, das sete estrelas, duas¹²³, que pareceriam semelhantes e sobretudo em um único lugar, seriam tidas como bois, e as cinco restantes se assemelhariam à figura de um carro. Assim, quiseram que a constelação que lhe está mais próxima fosse nomeada de Bootes, sobre a qual falaremos mais, posteriormente. Arato¹²⁴, na verdade, afirma que não são chamadas de Bootes e Carro por este motivo, mas porque a Ursa pareça girar como um carro em torno do polo que é chamado boreal, e diz-se que Bootes a

¹²⁰ Arato, *Fenômenos*, 34; Eratóstenes, *Catasterismos*, II; Higino, *Fábulas*, CLXXVII, 3.

¹²¹ Conforme está no livro I, 6, 2.

¹²² *Hámaxa*, que em grego significa *carro*.

¹²³ Estrelas ζ (dzeta) e η (eta), chamadas de Mizar e Alkaid, respectivamente.

¹²⁴ *Fenômenos*, 25-27.

impulsiona. Nisto, não parece cometer erro¹²⁵ grandemente. Em seguida, a partir das sete estrelas, como diz Parmenisco¹²⁶, vinte e cinco foram estabelecidas por alguns astrônomos, de modo que a forma de ursa não fosse completada [apenas com a forma] das sete estrelas¹²⁷. Assim, aquele que antes era chamado Bootes, seguindo o carro, foi chamado de Arctophylax, e nos tempos em que Homero existiu, esta foi chamada de Arctos. A partir dos Setentriões, de fato ele afirma que esta é chamada com ambos os nomes, Ursa e Carro¹²⁸; porém, em nenhum lugar ele menciona que Bootes é nomeada de Arctophylax.

3. *Incidit etiam compluribus erratio, quibus de causis minor Arctus Phoenice appelletur, et illi qui hanc observant uerius et diligentius nauigare dicantur: quare, si haec sit certior quam maior, non omnes hanc obseruent. Qui non intelligere uidentur, de qua historia sit profecta ratio ut Phoenice appellaretur. Thales enim Milesius, qui diligenter de his rebus exquisiuit et hanc primus Arctum appellauit, natione fuit Phoenix, ut Herodotus dicit. Igitur omnes qui Peloponnesum incolunt, priore utuntur Arcto; Phoenices autem, quam a suo inuentore acceperunt, observant, et hanc studiosius perspiciendo diligentius nauigare existimantur, et uere eam ab inuentoris genere Phoenicen appellant.*

3. Também incide em muitos o erro sobre as causas pelas quais a Ursa menor é chamada de Phenice¹²⁹, e [por quais causas] se diga que aqueles que a observam, navegam de forma mais correta e atenta; caso esta seja mais certa do que a [Ursa] maior, por que nem todos a observam. Parecem não compreender a partir de qual mito tenha sido declarado o motivo para que fosse chamada de Phenice. De fato, Tales de Mileto¹³⁰, que investigou

¹²⁵ Neste caso, traduzimos *errare* por *cometer erro*, para não confundir com o sentido de *errar* ligado às estrelas.

¹²⁶ Gramático da cidade de Alexandria, que viveu por volta do século II a. C. e foi discípulo de Aristarco de Samos.

¹²⁷ Segundo Arato (*Fenômenos*, 141-146), por exemplo, as estrelas vizinhas às sete principais não fariam parte da constelação da Ursa Maior, mas se moveriam de forma individual, sem nomes próprios.

¹²⁸ Faz referência ao verso 487 do Canto XVIII da *Ilíada* e ao verso 273 do Canto V da *Odisseia*. Ambos são versos iguais, que denotam uma expressão formulaica, conforme vemos de forma abundante nas obras de Homero: Ἀρκτον θ', ἣν καὶ Ἄμαξαν ἐπὶ κλησὶν καλέουσιν (*Arkton th' én kái Hámaxan epíklesin kaléusin*) – e Arctos, a que também chamam pelo nome de Carro.

¹²⁹ Φοινίκη.

¹³⁰ Na edição empregada por Boeuffle (2002), o adjetivo *Milesius* (*de Mileto*) está ligado a *Herodotus*, e não a *Thales*. Assim, neste trecho adotamos a versão utilizada por Bunte, em que há a correção para *Thales enim Milesius*, em vez de *Herodotus Milesius*. Tales de Mileto viveu por volta do século VII-VI a.C., sendo figura importantíssima entre os estudiosos da época. Conforme aponta Heródoto, vemos Tales como político (*História*, I, 170), engenheiro (*ibid.*, I, 75) e astrônomo (*ibid.*, I, 74). Também foi citado com louvor por vários outros autores antigos, tais como Platão (*Teeteto*, 174) e Aristóteles (*Política*, 1259a e ss.; *Sobre o céu*, 294a e ss.).

acuradamente sobre estes assuntos e primeiro a chamou de Ursa, foi fenício de nação, conforme diz Heródoto¹³¹. Portanto, todos os que habitam o Peloponeso utilizam a primeira Ursa. Os fenícios, porém, observam a constelação que receberam de seu inventor, e, observando-a mais acuradamente, considera-se que navegam de forma mais atenta, e, de fato, a chamam Phenice desde a origem do inventor.

III. SERPENS.

III. DRAGÃO.

1. *Hic uasto corpore ostenditur inter duas Arctos conlocatus. Qui dicitur aurea mala Hesperidum custodisse et ab Hercule interfectus, ab Iunone inter sidera conlocatus, quod illius opera Hercules ad eum est profectus. Qui hortum Iunonis tueri solitus existimatur. Ait enim Pherecydes, Iunonem cum duceret Iuppiter uxorem, Terram uenisse ferentem aurea mala cum ramis. Quae Iunonem admiratam petisse a Terra ut in suis hortis sereret, qui erant usque ad Atlantem montem. Cuius filiae cum saepius de arboribus mala decerperent, Iuno dicitur hunc ibi custodem posuisse; hoc etiam signi erit, quod in sideribus supra eum draconem Herculis simulacrum ostenditur, ut Eratosthenes monstrat; quare quosuis licet intellegere hunc maxime draconem dici.*

1. Este se mostra colocado entre as duas Ursas, com um vasto corpo. Diz-se¹³² que ele guardava as áureas maçãs das Hespérides, e, após ser morto por Hércules, foi colocado entre os astros por Juno, visto que por encargo dela Hércules lançou-se contra ele. Considera-se que estava habituado a proteger o jardim de Juno. De fato, Ferécides¹³³ diz que, quando Júpiter desposou Juno, a Terra veio trazendo com os ramos áureas maçãs. Juno, admirada,

¹³¹ *História*, I, 170, 3.

¹³² Hesíodo, *Teogonia*, 333-335; Apolônio de Rodes, *Argonáuticas*, IV, 1396-1399; Apolodoro, *Biblioteca*, II, 5, 11; Higino, *Fábulas*, XXX, 12; Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 646-648.

¹³³ Autor natural de Leros, do século V a.C., mas que viveu a maior parte de sua vida em Atenas, atuando como mitógrafo. De seus escritos, restaram apenas fragmentos.

pediu à Terra que as semeasse em seus jardins, que iam até o monte Atlas. Visto que as filhas de Atlas colhessem frequentemente as maçãs das árvores, diz-se que Juno aí o colocou como guardião. Isto também será próprio da constelação, dado que nas estrelas apresenta-se um simulacro de Hércules sobre o dragão, conforme Eratóstenes demonstra¹³⁴. Por esse motivo, é lícito alguns compreenderem que sobretudo a partir disto [tal constelação] é chamada de dragão.

2. *Nonnulli etiam dixerunt hunc draconem a Gigantibus Mineruae obiectum esse, cum eos obpugnaret; Mineruam autem adreptum draconem contortum ad sidera iecisse et ad ipsum axem caeli fixisse. Itaque adhuc eum implicato corpore uideri, ut nuper ad sidera perlatum.*

2. Alguns também disseram que este dragão foi colocado diante de Minerva pelos Gigantes¹³⁵, quando esta lutava contra eles; e que Minerva, por sua vez, aos astros lançou o dragão, apanhado e contorcido, e o fixou ao próprio eixo¹³⁶ do céu. Assim, ainda é visto com o corpo enroscado, da mesma forma que foi levado aos astros há algum tempo.

IV. ARCTOPHYLAX.

IV. ARCTOPHYLAX.

1. *De hoc fertur ut sit Arcas nomine, Callistus et Iouis filius, quem dicitur Lycaon, cum Iuppiter ad eum in hospitium uenisset, cum alia carne concisum pro epulis adposuisse. Studebat enim scire si deus esset, qui suum hospitium desideraret. Quo facto, non minore poena est adfectus. Nam statim Iuppiter, mensa proiecta, domum eius fulmine incendit;*

¹³⁴ *Catasterismos*, III.

¹³⁵ Hesíodo (*Teogonia*, 180-186) afirma que os Gigantes nasceram a partir das gotas de sangue caídas em terra após Crono ter ceifado o pênis de Urano, seu pai. Já Higino (*Fábulas*, Prólogo, 4) afirma que eles nasceram da união da Terra e de Tártaro. Eram seres de tamanho e força descomunais, que procuravam expulsar os deuses do Olimpo.

¹³⁶ Centro.

ipsum autem in lupi figuram conuertit. At pueri membra collecta et composita in unum dedit cuidam Aetolorum alendum. Qui adulescens factus in siluis cum uenaretur, inscius uidit matrem in ursae speciem conuersam; quam interficere cogitans persecutus est in Iouis Lycaeii templum, quo ei qui accessisset, mors poena erat Arcadum lege. Itaque cum utrumque necesse esset interfici, Iuppiter eorum misertus ereptos inter sidera conlocauit, ut ante diximus. Hic autem e facto sequens Vrsam perspicitur, et Arctum seruans, Arctophylax est appellatus.

1. Sobre este, diz-se que seja de nome Árcade, filho de Calisto e de Júpiter; diz-se¹³⁷ também que Licáon, quando Júpiter veio até ele à procura de hospitalidade, serviu Árcade à mesa em lugar das comidas, cortado em pedaços com outra carne. Procurava saber se seria um deus quem desejava sua hospitalidade. Não foi condenado a uma pena menor por causa disto. Pois Júpiter, imediatamente após ter lançado fora a mesa, incendiou a casa dele com um raio e converteu-o na figura de um lobo. Depois que os membros do menino foram reunidos e dispostos conjuntamente, Júpiter os deu a um dos etólios, para que ele os alimentasse. Já adolescente, quando estava caçando nas florestas, viu, sem saber, a mãe convertida em forma de urso; cogitando matá-la, perseguiu-a até o templo de Júpiter Liceu, onde havia a pena de morte àquele que tivesse adentrado, segundo a lei dos árcades. Assim, como seria necessário que ambos fossem mortos, Júpiter, compadecido deles, colocou-os, arrebatados, entre os astros, conforme dissemos antes¹³⁸. A partir disto, ele é visto seguindo a Ursa, e aquele que guarda Arctos é chamado de Arctophylax.

2. *Nonnulli hunc Icarum Erigones patrem dixerunt, cui propter iustitiam et pietatem existimatur Liber pater uinum et uitem et uuam tradidisse, ut ostenderet hominibus quomodo sereretur, et quid ex eo nasceretur; et, cum esset natum, quomodo id uti oporteret. Qui cum seuisset uitem et diligentissime administrando floridam facile fecisset, dicitur hircus in uineam se coniecisse et, quae ibi tenerrima folia uideret, decerpisse. Quo facto, Icarum animo irato tulisse eumque interfecisse, et ex pelle eius utrem fecisse ac uento plenum*

¹³⁷ Eratóstenes, *Catasterismos*, VIII. Licáon foi o primeiro rei mítico da Arcádia. As demais narrativas variam quanto à personagem cuja carne foi cozida.

¹³⁸ *De Astronomica*, II, 1, 2.

praeligasse, et in medium proiecisse suosque sodales circum eum saltare coegisse. Itaque Eratosthenes ait:

Ἰκαρίου ποσὶ πρώτα περὶ τράγον ὠρχήσαντο.

2. Alguns afirmaram este como Ícaro¹³⁹, pai de Erígone, a quem, em virtude da justiça e da piedade¹⁴⁰, considera-se que o pai Líber transmitiu o vinho, a videira e a uva, para que mostrasse aos homens de que modo se semearia e o que disto brotaria; e, quando houvesse nascido, de que modo seria conveniente utilizar. Diz-se que, quando Ícaro semeava a videira e, por administrá-la de forma diligentíssima, tornava-a facilmente florida, um bode atirou-se à vinha e destruiu as delicadíssimas folhas que aí via. Por causa disto, com ânimo irado Ícaro o apanhou e o matou; de sua pele fez um odre, atou-o por cima, cheio de ar, lançou-o ao meio e obrigou seus companheiros a saltarem em torno dele. Assim, Eratóstenes¹⁴¹ diz:

Aos pés de Icário dançaram pela primeira vez em torno do bode.

3. *Alii dicunt Icarum, cum a Libero patre uinum accepisset, statim utres plenos in plaustrum inposuisse; hac re etiam Booten appellatum. Qui cum perambulans Atticorum fines, pastoribus ostenderet, nonnulli eorum auiditate pleni, nouo genere potionis inducti, somno consopiantur atque alius aliam se in partem reiciunt. Vt semimortua membra iactantes, alia ac decebat loquebantur, reliqui eorum arbitrati uenenum ab Icaro datum pastoribus, ut eorum pecora abigeret in suos fines, Icarum interfectum in puteum deiecerunt. Sed ut alii demonstrant, secundum arborem quandam defoderunt. Qui autem obdormierant, experrecti cum se numquam melius quiesse faterentur ac requirerent Icarum, ut pro beneficio*

¹³⁹ Há uma divergência nos manuscritos latinos, quanto ao nome do pai de Erígone ser Ícaro ou Icário. O nome grego, como vemos em Apolodoro (*Biblioteca*, III, 14, 7), e em Nono de Panópolis (*Dionisiacas*, XLVII, 35) aparece na forma Ἰκάριος (*Ikários*). Na fábula CXXX de Higino, também vemos *Icarius*; já neste trecho do *Astronomica* e em Ovídio (*Metamorfoses*, X, 450), por exemplo, aparece a forma *Icarus*.

¹⁴⁰ Dentre as variantes do mito, Nono de Panópolis (*Dionisiacas*, XLVII) afirma que Icário é apresentado como um ancião piedoso, o melhor dos agricultores da cidade. Através de sua piedade, é ele quem oferece hospitalidade a Dioniso e dele recebe os presentes. O deus aponta que os concidadãos celebravam a glória que Icário tinha, por ter recebido os dons da divindade. Filêmon e Báucis, em Ovídio (*Metamorfoses*, VIII, 611-724), são outro exemplo de pobres anciãos que oferecem hospitalidade a uma divindade, quando o fazem a Zeus e Hermes, na região da Frígia.

¹⁴¹ O trecho apresentado por Higino pertence à obra Ἐριγόνη (*Erigóne*), de Eratóstenes, que não chegou intacta até os nossos dias.

munerarentur, interfectores eius animi conscientia permoti, statim se fugae mandauerunt et in insulam Ceorum peruenerunt; a quibus ut hospites recepti, domicilia sibi constituerunt.

3. Outros dizem que Ícaro, como tivesse recebido o vinho do pai Líber, imediatamente colocou odres cheios em um carro; por essa razão também é chamado de Bootes¹⁴². Ao percorrer os territórios dos áticos, dado que Ícaro apresentasse os odres aos pastores, alguns deles, cheios de avidez e levados pelo novo tipo de bebida, são tomados pelo sono, e cada um se retira para uma parte. Como falavam coisas diferentes do que convinha, lançando os membros semimortos, os demais pensaram que havia sido dado veneno por Ícaro aos pastores, a fim de que afastasse os gados deles até suas regiões. Jogaram Ícaro, já morto, em um poço. Mas, segundo outros demonstram, eles o enterraram junto de uma árvore¹⁴³. Entretanto, como aqueles que haviam dormido profundamente, tendo despertado, confessassem que nunca descansaram de forma melhor e procurassem Ícaro para gratificá-lo pelo benefício, os assassinos dele, agitados pelo remorso do pensamento, logo se encarregaram da fuga e chegaram à ilha dos ceos¹⁴⁴; recebidos por eles como hóspedes, estabeleceram domicílios para si.

4. *At Erigone, Icari filia, permota desiderio parentis, cum eum non redire uideret ac persequi conaretur, canis Icari, cui Maera fuerat nomen, ululans ut uideretur obitum domini lacrimare, rediit ad Erigonen. Cui non minimam cogitatae mortis suspicionem ostendit; neque enim puella timida suspicari debebat nisi patrem interfectum, qui tot dies ac menses*

¹⁴² Vem do grego βοῦς (*bús* – *boi*) e significa *boieiro*, *boiadeiro*, ou ainda *condutor do carro*, já que a constelação também é chamada de Carro. A constelação é citada, por exemplo, no verso 272 do Canto V da *Odisseia*: Βοώτην (*Boóten*). Em outra variação do mito, como na fábula CXXX de Higino, Icário não é chamado de Bootes, mas de Arcturo. Arcturo é, na verdade, a estrela mais brilhante da constelação, a *Alpha Bootis*. Mourão (1989) afirma que ela é “de diâmetro 22 vezes superior ao do Sol”, e “em valor absoluto sua luminosidade é 83 vezes superior à do Sol. [...] Seu nome, de origem latina, significa *guarda da Ursa Maior*, uma vez que Arcturus parece dar guarda à Ursa Maior que lhe fica acima” (MOURÃO, 1989, p. 73).

¹⁴³ Neste trecho, Higino apresenta uma variante do mito, em que Icário teria sido enterrado junto a uma árvore. Assim, vale ressaltar um dos epítetos atribuídos a Dioniso/Baco: o de δένδριτης [*dendrites*, de δένδρον (*déndron*) – *árvore*], protetor das árvores, e especialmente da vinha. Gallarte (2019) afirma que é um epíteto da época imperial, utilizado primeiro por Plutarco (*Quest. controu.* 675F) e pelo filósofo Máximo de Tiro. Gallarte (2019) acrescenta a informação de que Bezerra de Menezes “acredita ser provável que Dioniso Dendrites apareça já na época arcaica, em um fragmento de um *chous* ático do séc. V a.C.” (GALLARTE, 2019, p. 55, nossa tradução).

¹⁴⁴ Os ceos são habitantes de Cea ou Ceos [do grego Κεία (*Kéia*) ou Κέως (*Kéos*)], ilha do mar Egeu, no Mediterrâneo. É uma das mais importantes das Cíclades, também celebrada por suas esplêndidas roupas femininas, segundo Lewis & Short (1879). A localidade é citada, por exemplo, no primeiro livro das *Geórgicas*, de Virgílio.

abesset. At canis uestem eius tenens dentibus, perduxit ad cadauer. Quod filia simul ac uidit, desperata spe, solitudine ac pauperie oppressa, multis miserata lacrimis in eadem arbore qua parens sepultus uidebatur, suspendio sibi mortem consciuit; cui canis mortuae spiritu suo parentauit. Nonnulli enim hunc in puteum se deiecissem dixerunt, Anigrum nomine; quare postea neminem ex eo puteo bibisse memoriae tradiderunt. Quorum casum Iuppiter miseratus, in astris corpora eorum deformauit. Itaque complures Icarum Booten, Erigonen Virginem nominauerunt, de qua posterius dicemus; canem autem sua appellatione et specie Caniculam dixerunt. Quae a Graecis, quod ante maiorem Canem exoritur, Procyon appellatur. Alii hos a Libero patre figuratos inter sidera dicunt.

4. Por outro lado, visto que Erígone, filha de Ícaro, agitada pela saudade do pai, não visse ele retornar e tentasse ir à sua procura, a cadela de Ícaro, cujo nome era Mera, retornou a Erígone uivando, como se parecesse chorar a morte do dono. Apresenta-lhe uma grande suspeita da morte cogitada, e de fato a menina, receosa, não devia suspeitar senão do pai morto, que estava ausente tantos dias e meses. A cadela, tendo nos dentes a roupa dele, levou Erígone até o cadáver. Logo que a filha o viu, tendo perdido a esperança, oprimida pela solidão e pela pobreza, lastimada com muitas lágrimas, por enforcamento suicidou-se na mesma árvore sob a qual o pai parecia sepultado; para ela, morta, a cadela fez o sacrifício do seu próprio espírito. Alguns, de fato, disseram que a cadela se jogou em um poço, de nome Ânigros¹⁴⁵; as narrativas contaram que por esta razão ninguém mais bebeu deste poço. Júpiter, compadecido do caso deles, representou nos astros os seus corpos. Assim, muitos chamaram Ícaro de Bootes e Erígone, de Virgem, sobre quem falaremos depois; a cadela, porém, por sua denominação e espécie, chamaram de Canícula¹⁴⁶. Visto que nasce antes do

¹⁴⁵ Do grego Ἄνιτρος. Em sua edição do texto, Bunte (1875) aponta que poderia haver duas explicações para este nome. Alguns não reconheceram o nome de Ânigro, porque, na verdade, este é um rio da Tessália, e não um poço. Homero, por exemplo, já o cita na *Iliada* (XI, 722), como o rio dos Mínias, e Ovídio também o faz nas *Metamorfoses* (XV, 282), ressaltando que um dia o rio havia sido potável. Bunte afirma ainda que outros denominaram o local como Ânidro, mas esta segunda nomenclatura faria menção a uma ilha do mar Egeu.

¹⁴⁶ Canícula vem de *canis* (cão, cadela) e do sufixo latino *-ulus, -a, -um*, utilizado para indicar o diminutivo das palavras. Significa, portanto, *pequena cadela, cadelinha*.

Cão maior, é chamada de Prócyon¹⁴⁷ pelos gregos. Outros dizem que estes foram figurados entre os astros pelo pai Líber.

5. *Interim cum in finibus Atheniensium multae uirgines sine causa suspendio sibi mortem consciscerent, quod Erigone moriens erat precata ut eodem leto filiae Atheniensium adficerentur quo ipsa foret obitura, nisi Icari mortem persecuti et eum forent ulti, itaque cum id euenisset, ut ante diximus, petentibus eis Apollo dedit responsum, si uellent euentu liberari, satisfacerent Erigonae. Qui quod ea se suspenderat, instituerunt uti tabula interposita pendentes funibus se iactarent, ut qui pendens uento mouetur. Quod sacrificium sollemne instituerunt. Itaque et priuatim et publice faciunt, et id Aletidas appellant, quod eam patrem persequentem cum cane, ut ignotam et solitariam oportebat, mendicam appellabant, quas Graeci ἀλήτιδας nominant.*

5. Nesse ínterim, como nos territórios dos atenienses muitas virgens se suicidassem por enforcamento sem motivo, visto que Erígone, ao morrer, havia pedido que as filhas dos atenienses fossem dispostas à mesma morte com que ela haveria de perecer caso não reivindicassem a morte de Ícaro e o vingassem, assim, como isto estivesse acontecendo, conforme dissemos antes, Apolo deu uma resposta aos que o solicitavam: se quisessem ser libertos do infortúnio, satisfizessem a Erígone. Dado que ela havia se enforcado, estabeleceram que se lançariam, pendentes em uma tábua colocada em cordas, a fim de que aquele que pendia fosse movido pelo vento¹⁴⁸. Instituíram este sacrifício solene. Assim, o fazem tanto privada quanto publicamente, e a chamam de Alétidas¹⁴⁹, porque chamavam Erígone de mendicante, quando procurava o pai com o cão, conforme era necessário, [por estar] ignorada e solitária; os gregos as nomeiam de ἀλήτιδας.

¹⁴⁷ Προκύων, de πρό (pró – antes) e κύων (kýon – cão), significa o que vem antes do cão. Diz respeito à constelação de *Canis Minor* ou *Antecanis* (Cão Menor), por oposição à constelação de *Canis Maior* (Cão Maior).

¹⁴⁸ Diz respeito a uma espécie de balanço.

¹⁴⁹ Do grego ἀλήτις, *errante*. Bunte (1875) ressalta que Hesíquio também relembra esta festa, pelo nome de αἰώρα (*aióra*), que significa primeiramente *balanço*, e depois *ação de balançar*. Para o correspondente latino, Higino apresenta de modo mais claro na fábula CXXX, ao afirmar que em honra de Erígone instituíram a *festum oscillationis* (literalmente, *festa do balançar*). Outro exemplo aparece nas *Geórgicas* (II, 389), de Virgílio. *Oscillatio* vem do substantivo *oscillum*, que significa tanto o próprio balanço, quanto as pequenas estátuas, geralmente de Baco e de Saturno, que também eram penduradas nas árvores para serem agitadas pelo vento, durante a festa.

6. *Praeterea Canicula exoriens aestu Ceorum loca et agros fructibus orbabat et ipsos morbo adfectos poenas Icaro cum dolore sufferre cogebat, quod latrones recepissent. Quorum rex Aristaeus, Apollinis et Cyrenes filius, Actaeonis pater, petiit a parente quo facto calamitate ciuitatem posset liberare. Quem deus iubet multis hostiis expiare Icari mortem et ab Ioue petere ut, quo tempore Canicula exoriretur, dies quadraginta uentum daret, qui aestui Caniculae mederetur. Quod iussum Aristaeus confecit et ab Ioue impetrauit ut etesiae flarent, quas nonnulli etesias dixerunt, quod quotannis certo tempore exoriuntur: ἔτος enim graece annus est latine; nonnulli etiam aetesias appellauerunt, quod expostulatae sunt ab Ioue et ita concessae. Sed de hoc in medio relinquetur, ne nos omnia praeripuisse existimemur.*

6. Além disso, Canícula, nascendo com o calor, privava de frutos os locais e os campos dos Ceos e obrigava-os, afetados pela doença, a suportar com dor as penas por Ícaro, visto que tivessem recebido os ladrões. Aristeu, rei dos ceos, filho de Apolo e de Cirene¹⁵⁰, pai de Actéon¹⁵¹, pediu de seu pai que, de fato, ele pudesse libertar a cidade da calamidade. O deus ordenou-lhe expiar com muitas vítimas a morte de Ícaro, e pedir a Júpiter que, no tempo em que Canícula nascesse, durante quarenta dias ele concedesse um vento que remediaria o calor de Canícula. Aristeu realizou a ordem e de Júpiter impetrou que soprassem os ventos etésios¹⁵², os quais alguns chamaram *etésios* porque nascem em um tempo certo a cada ano. De fato, ἔτος em grego é *annus* em latim¹⁵³. Alguns também chamaram de

¹⁵⁰ Segundo a versão de Apolônio de Rodes (*Argonáuticas*, II, 500-507), era uma ninfa selvagem e vigiava os rebanhos do pai. Enquanto exercia seu ofício próximo ao pântano de Peneu, Apolo enamorou-se dela, raptou-a até a Líbia e, desta relação, nasceu Aristeu. Segundo a versão de Virgílio (*Geórgicas*, IV, 321-322), porém, é apresentada como uma ninfa das águas.

¹⁵¹ Foi ensinado pelo gigante Quíron na arte da caça. Ovídio (*Metamorfoses*, III, 138-252) afirma que Diana o metamorfoseou em veado, porque a viu nua, enquanto se banhava numa nascente. Seus cães perseguem Actéon e, sem o reconhecerem, matam-no sobre o monte.

¹⁵² Apolônio de Rodes, no livro II das *Argonáuticas*, apresenta dois trechos que fazem menção aos ventos etésios. O primeiro, nos versos 498-499, afirma que de manhã tais ventos sopram em toda a terra, por ordem de Zeus. O segundo, nos versos 524-527, relembra este trecho de Higino, indicando que Aristeu havia erigido um altar em honra de Zeus *Ikmáios* (Διός Ἰκμαίου – *Zeus que espalha a chuva*), para oferecer os sacrifícios que lhe haviam sido indicados. Apolônio acrescenta ainda que até então todos os anos os sacerdotes ofereciam sacrifícios, antes de Canícula se erguer.

¹⁵³ ἔτος e *annus* significam *ano*.

*aetésios*¹⁵⁴, porque foram solicitados de Júpiter, e, assim, concedidos. Sobre isto, porém, deixe-se em suspenso, para que não se considere termos antecipado tudo.

7. *Sed ut ad propositum reuertamur, Hermippus, qui de sideribus scripsit, ait Cererem cum Iasione Electrae filio concubuisse, quamobrem fulmine percussum complures cum Homero dixerunt. Ex his, ut Petellides Gnosius historiarum scriptor demonstrat, nascuntur filii duo, Philomelus et Plutus; quos negant inter se conuenisse. Nam Plutum, qui ditior fuerit, nihil fratri suo de bonis concessisse; Philomelum autem necessario adductum, quodcumque habuerit ex eo boues duos emisse, et ipsum primum plaustrum fabricatum esse. Itaque arando et colendo agros ex eo se aluisse; cuius matrem inuenta miratam, ut arantem eum inter sidera constituisse et Booten appellasse. Ex hoc autem Parianta¹⁵⁵ demonstrant natum, qui de suo nomine Parios et oppidum Parion appellauit.*

7. Mas, para retornarmos ao propósito, Hermipo¹⁵⁶, que escreveu sobre os astros, afirma Ceres ter se deitado com Iásion, filho de Electra¹⁵⁷, razão pela qual muitos, com Homero¹⁵⁸, disseram que ele foi ferido pelo raio. De ambos, conforme demonstra Petélides de Gnosso, escritor de mitos, nascem dois filhos, Filomelo e Pluto; os autores negam que eles concordaram entre si. Pois Pluto, que era mais rico, não concedeu nada dos bens ao seu irmão; Filomelo, porém, levado pela necessidade, de tudo o que tinha comprou dois bois e, por primeiro, ele fabricou um carro. Assim, dele se alimentou, arando e cultivando os campos. Sua mãe, que admirou os inventos, constituiu-o entre os astros como um lavrador, e o chamou de Bootes. Como filho dele os autores demonstram Párias, que a partir de seu nome nomeou os pários e a cidade deles.

¹⁵⁴ Bunte (1875) ressalta que Higino demonstra alguns terem denominado os ventos de *aetésios*, por derivarem da expressão grega ἀπό τοῦ αἰτεῖν (*apó tou aitéin*), que significa literalmente *do pedir*. Portanto, os ventos foram concedidos porque foram *pedidos* a Júpiter.

¹⁵⁵ Bunte (1875) considera que a forma de acusativo *Parianta* deve ser lida a partir do grego Πάριος (*Párias*). A cidade dos pários faz menção à cidade de Paros.

¹⁵⁶ Hermipo de Esmirna viveu no século III a.C. e foi bibliotecário da cidade de Alexandria. Compôs algumas obras, dentre as quais Βίοι (*Bíoi – Vidas*), que são uma espécie de biografia sobre alguns homens, e Φαινόμενα (*Phainόμενα – Fenômenos*), tal como Arato o fez.

¹⁵⁷ Bunte (1875) afirma que é um trecho corrompido, onde aparece *Thusci*. Nos códices apresentados aparecem formas como *letis*, *laetis*, *oetae*, *tetis*, *laetus*, ou ainda *lecti*. A partir desta, porém, o códice Vossianus, aponta que neste lugar se deve ler *Electrae* (*de Electra*). Na fábula CCL, por exemplo, Higino afirma que Iásion é filho de Júpiter e de Electra.

¹⁵⁸ Seguem o que foi dito em *Odisseia*, V, 124-127.

V. CORONA.

V. COROA.

1. *Haec existimatur Ariadnes fuisse a Libero patre inter sidera conlocata. Dicitur enim in insula Dia cum Ariadne Libero nuberet, hanc primum coronam muneri accepisse a Venere et Horis, cum omnes dei in eius nuptiis dona conferrent. Sed, ut ait qui Cretica conscripsit, quo tempore Liber ad Minoa uenit, cogitans Ariadnen comprimere, hanc coronam ei muneri dedit; qua delectata, non recusauit condicionem. Dicitur etiam a Vulcano facta ex auro et Indicis gemmis, per quas Theseus existimatur de tenebris labyrinthi ad lucem uenisse, quod aurum et gemmae in obscuro fulgorem luminis efficiebant.*

1. Considera-se que esta coroa, de Ariadne, foi colocada entre os astros pelo pai Líber¹⁵⁹. De fato, quando Ariadne se casou com Líber na ilha Dia¹⁶⁰, diz-se que primeiro, de Vênus e das Horas¹⁶¹, ela recebeu a coroa como presente, já que todos os deuses lhe davam dons em suas núpcias. Mas, segundo afirma quem escreveu *Cretica*¹⁶², no tempo em que Líber veio até Minos¹⁶³, cogitando violar Ariadne, deu-lhe esta coroa como presente; deleitada com a coroa, ela não recusou a condição. Diz-se¹⁶⁴ também que foi feita por Vulcano, de ouro e pedras preciosas da Índia, pelas quais se considera Teseu ter saído das trevas do labirinto para a luz, porque em meio à escuridão o ouro e as pedras preciosas produziam o fulgor da luz.

¹⁵⁹ Eratóstenes, *Catasterismos*, V; Arato, *Fenômenos*, 71-72; Ovídio, *Metamorfoses*, VIII, 177-182.

¹⁶⁰ Ilha de Naxos. Higino cita o episódio na fábula XLIII.

¹⁶¹ Conforme nos narram Hesíodo (*Teogonia*, 901-906) e Apolodoro (*Biblioteca*, I, 3, 1), as Horas são filhas de Zeus e de Thêmis, cujos nomes são Εὐνομία (*Eunomie* – literalmente, *Boa Ordem*), Δίκη (*Dike* – *Justiça*) e Ειρήνη (*Eiréne* – *Paz*). Podem atuar tanto no âmbito do ciclo vegetal, regulando as estações do ano, quanto na estabilidade social, como seus próprios nomes já o ilustram. Na fábula CLXXXIII, Higino afirma que alguns autores atribuem o número de nove ou de dez a estas divindades.

¹⁶² *Cretica* diz respeito a uma obra de Epimênides, poeta grego do século VI a.C., natural da ilha de Creta.

¹⁶³ Pai de Ariadne, rei de Creta.

¹⁶⁴ Eratóstenes, *Catasterismos*, V.

2. *Qui autem Argolica conscripserunt hanc adferunt causam quod Liber cum impetrasset a parente ut Semelam matrem ab inferis reduceret, et quaerens ad eos descensionem, ad Argiuorum fines peruenisset, obuiam ei quendam factum nomine Polymnum, hominem dignum huius saeculi, qui petenti Libero descensionem monstraret. Hunc autem cum uidisset puerum aetate miranda corporis pulchritudine reliquis praestantem, mercedem petisse ab eo, quae sine detrimento eius daretur. Liberum autem matris cupidum, si eam reduxisset, iurasse quod uellet se facturum, ita tamen, quod deus homini non pudenti iuraret; pro quo Polymnus descensum monstrauit. Igitur cum Liber ad eum locum uenisset et uellet descendere, coronam quam a Venere muneri acceperat, deposuit in eo loco qui Στέφανος est a facto appellatus; noluit enim secum ferre, ne immortale donum mortuorum tactu coinquinaretur. Qui cum matrem incolumem reduxisset, coronam dicitur inter astra conlocasse, ut aeterna memoria nominis efficeretur.*

2. Os que escreveram *Argolica*, porém, referem esta causa: porque, como Líber tivesse conseguido do pai¹⁶⁵ que retirasse dos infernos a mãe, Sêmele, e, procurando a descida até eles, tivesse chegado até os territórios dos argivos, foi ao encontro de alguém de nome Polymnos¹⁶⁶, digno homem de seu tempo, que mostraria a descida ao solicitante Líber. Mas quando Polymnos o viu, jovem em idade, que se sobressaía aos demais pela admirável beleza do corpo, pediu dele uma recompensa, que lhe fosse dada sem detrimento seu. Líber, desejoso da mãe, jurou que haveria de fazer o que desejasse, se ele a tivesse retirado [dos infernos]; contudo, da forma que o deus juraria a um homem não pudente. Por causa disto, Polymnos mostrou-lhe a descida. Portanto, como Líber tivesse chegado ao local e quisesse descer, a coroa que recebera de Vênus como presente, ele depositou naquele lugar, que por isso foi chamado de Στέφανος¹⁶⁷. De fato, não quis levá-la consigo para que um dom imortal não fosse contaminado pelo toque dos mortos. Visto que tivesse retirado incólume a mãe, diz-se ter colocado a coroa entre os astros, para que se efetuasse a memória eterna de seu nome.

¹⁶⁵ Júpiter.

¹⁶⁶ Bunte (1875) afirma que este é um trecho corrompido. Em outros códices aparecem formas diferentes, como *Ipolipnum*, *Hyppolippum*, dentre outras. A versão aqui utilizada, conforme a edição de Le Boeuffe (2002), concorda com Pausânias (*Descrição da Grécia*, II, 37, 5), por exemplo, que traz a forma Πόλυμνος (*Pólymnos*).

¹⁶⁷ *Stéphanos*, que em grego quer dizer *coroa*.

3. *Alii dicunt hanc coronam Thesei esse, et hac re propter eum conlocatam. Nam qui dicitur in astris Engonasin, is Theseus esse existimatur, de quo posterius plura dicemus. Dicitur enim, cum Theseus Cretam ad Minoa cum septem uirginibus et sex pueris uenisset, Minoa de uirginibus Eriboeam quendam nomine, candore corporis inductum, comprimere uoluisse, quod Theseus se passurum negauit, ut qui Neptuni filius esset non ualeret contra tyrannum pro uirginis incolumitate decertare. Itaque cum iam non de puella, sed de genere Thesei controuersia facta esset utrum is Neptuni filius esset necne, dicitur Minos anulum aureum de digito sibi detraxisse et in mare proiecisse. Quem referre iubet Thesea, si uellet credi se Neptuni filium esse; se enim ex Ioue procreatum facile posse declarare. Itaque comprecatus patrem petiit aliquid signi, ut satisfaceret se ex eo natum; statimque tonitru et fulgore caeli indicium significationis fecisse. Simili de causa Theseus, sine ulla precatone aut religione parentis, in mare se proiecit. Quem confestim delphinum magna multitudo mari prouoluta, lenissimis fluctibus ad Nereidas perduxit; a quibus anulum Minois, et a Thetide coronam, quam nuptiis a Venere muneri acceperat, retulit, compluribus lucentem gemmis.*

3. Outros dizem que esta coroa é de Teseu, e, por esta razão, colocada ao lado dele. Pois aquele que nos astros é chamado Engonasin, considera-se ser Teseu, sobre quem falaremos várias coisas posteriormente. Dado que Teseu tivesse vindo a Creta, até Minos, com sete virgens e seis crianças¹⁶⁸, diz-se que Minos quis violar uma das virgens, de nome Eribeia¹⁶⁹, seduzido pelo candor de seu corpo: Teseu negava que haveria de permitir isto, já que ele, que seria filho de Netuno, não poderia lutar contra um tirano em prol da incolumidade de uma virgem. Assim, como tivesse sido feita a controvérsia já não sobre a menina, mas sobre a origem de Teseu, se ele seria filho de Netuno ou não, diz-se que Minos tirou o anel de ouro de seu dedo e o lançou ao mar. Ordena Teseu trazer o anel de volta, se quisesse acreditar que ele era filho de Netuno; de fato, podia declarar-se facilmente como nascido de Júpiter. Assim, tendo invocado o pai, pediu-lhe algum sinal, para que se garantisse como filho dele; imediatamente, por um trovão e por um clarão do céu produziu o indício do sinal. A partir de causa semelhante, sem nenhuma prece ou culto ao pai, Teseu se lançou ao mar.

¹⁶⁸ Conforme nos apresenta Apolodoro (*Biblioteca*, III, 15, 8), sete crianças e sete virgens deveriam ir até Creta, para servirem de alimento ao Minotauro, encarcerado no labirinto.

¹⁶⁹ Bunte (1875) afirma que há variantes para o nome dessa virgem, podendo ser chamada de Eribeia (de Ἐρίβοια – *Eríboia*) ou Peribeia (de Περίβοια – *Períboia*).

Uma grande multidão de golfinhos, precipitada ao mar, em suavíssimas ondas logo o levou até as Nereidas¹⁷⁰; delas, trouxe de volta o anel de Minos, e de Thétis, a coroa que nas núpcias recebera de Vênus como presente, reluzente pelas várias pedras preciosas.

4. *Alii autem a Neptuni uxore accepisse dicunt; coronam [quam] Ariadnae Theseus dono dicitur dedisse, cum ei propter uirtutem et animi magnitudinem uxor esset concessa. Hanc autem post Ariadnes mortem Liberum inter sidera conlocasse.*

4. Outros¹⁷¹, porém, afirmam ter recebido da esposa de Netuno¹⁷²; diz-se que Teseu deu a coroa como um mimo a Ariadne, visto que a esposa lhe tivesse sido concedida devido à virtude e à grandeza de alma. No entanto, após a morte de Ariadne, Líber colocou a coroa entre os astros.

VI. ENGONASIN.

VI. ENGÓNASIN.

1. *Hunc Eratosthenes Herculem dicit, supra Draconem conlocatum, de quo ante diximus, eumque paratum ut ad decertandum, sinistra manu pellem leonis, dextra clauam tenentem. Conatur interficere draconem Hesperidum custodem, qui numquam oculos operuisse somno coactus existimatur, quo magis custos adpositus esse demonstratur. De quo etiam Panyasis in Heraclea dicit. Horum igitur pugnam Iuppiter admiratus, inter astra constituit. Habet enim Draco caput erectum, Hercules autem dextro genu nixus, sinistro pede capitis eius dextram partem obprimere conatur; dextra manu sublata ut feriens, sinistra proiecta cum pelle leonis, ut cum maxime dimicans apparet. Etsi qui sit hic negat Aratus*

¹⁷⁰ São deusas marinhas, filhas de Nereu e Dóris, e netas de Oceano. Há divergências quanto ao número delas. Citando alguns exemplos, Hesíodo (*Teogonia*, 240-263) enumera cinquenta e duas; Higino (*Fábulas*, Prólogo, 8) enumera quarenta e nove; Apolodoro (*Biblioteca*, I, 2, 6), quarenta e cinco.

¹⁷¹ Baquilides, *Odes*, XVI, 112-116.

¹⁷² Anfitrite.

quemquam posse demonstrare, tamen conabimur [demonstrare] ut aliquid uerisimile dicamus.

1. Eratóstenes diz¹⁷³ que este é Hércules, colocado acima do Dragão – sobre o qual dissemos antes¹⁷⁴ –, e preparado como para combatê-lo, tendo na mão esquerda uma pele de leão e, na direita, uma clava. Tenta matar o dragão, guardião das Hespérides, quem considera-se nunca ter fechado os olhos, forçado pelo sono, motivo pelo qual mais se demonstra ter sido colocado como guardião. Paníasis¹⁷⁵ também fala sobre isto, em *Heraclea*. Júpiter, tendo admirado a luta deles, constituiu-o entre os astros. De fato, o dragão tem a cabeça ereta. Hércules, porém, apoiado no joelho direito, com o pé esquerdo tenta esmagar a parte direita da cabeça dele; aparece com a mão direita levantada, como ferindo o dragão, e com a esquerda projetada com a pele do leão, sobretudo como um combatente. Embora Arato¹⁷⁶ negue que alguém possa demonstrar quem seja este, nós, contudo, tentaremos demonstrar, para que digamos algo verossímil.

2. *Araethus autem, ut ante diximus, hunc Cetea Lycaonis filium, Megistus patrem, dicit. Qui uidetur ut lamentans filiam in ursae figuram conuersam, genu nixus palmas diuersas tendere ad caelum, ut eam sibi [dii] restituant. Hegesianax autem Thesea dixit esse, qui Troezenae saxum extollere uidetur, quod existimatur Aegeus sub eo saxo Ellopium ense posuisse, et Aethrae Thesei matri praedixisse ne ante eum Athenas mitteret quam, sua uirtute lapide sublato, potuisset gladium patri referre. Itaque niti uidetur ut quam altissime possit [lapidem] extollat. Hac etiam de causa nonnulli Lynam, quae proxima ei signo est conlocata, Thesei esse dixerunt, quod ut eruditus omni genere artium, lynam quoque didicisse uidebatur. Idque et Anacreon dicit:*

ἄγχοῦ δ' Αἰγείδεω Θησέος ἐστὶ λύρη.

¹⁷³ *Catasterismos*, IV.

¹⁷⁴ *De Astronomica*, II, 3.

¹⁷⁵ Paníasis foi um autor do século V a.C., da cidade de Halicarnasso, e parente de Heródoto. Da obra aqui citada por Higino, restam apenas fragmentos.

¹⁷⁶ *Fenômenos*, 63-66.

2. Como apresentamos antes¹⁷⁷, Araeto diz que este é Ceteu, filho de Licáon, pai de Megisto. Apoiado no joelho, como quem lamenta a filha convertida na figura de ursa, parece estender ao céu as mãos afastadas, para que os deuses lhe restituam a filha. Já Hegesianax¹⁷⁸ diz ser Teseu, que é visto levantar uma grande pedra em Trezena¹⁷⁹, porque considera-se Egeu ter colocado sob ela a espada de Elópia¹⁸⁰ e recomendado a Etra, mãe de Teseu, que não o enviasse a Atenas antes que ele tivesse podido levar de volta o gládio do pai, após retirar a pedra com sua própria força. Assim, parece apoiar-se para que levante a pedra o mais alto que possa. Também a partir desta causa, alguns disseram ser a Lira de Teseu, que foi colocada próxima a esta constelação, porque ele, como erudito em todo gênero de artes, parecia também ter estudado a lira. E Anacreonte¹⁸¹ afirma isto:

Perto do Egida¹⁸² Teseu está a lira.

3. *Alii autem Thamyrim a Musis excaecatam, ut supplicem ad genua iacentem dicunt. Alii Orpheia a Thraciis mulieribus interfici, quod uiderit Liberi patris initia. Aeschylus autem, in fabula quae inscribitur Προμηθεύς λυόμενος, Herculem ait esse, non cum Dracone, sed cum Liguribus depugnantem. Dicit enim, quo tempore Hercules a Geryone boues abduxerit, iter fecisse per Ligurum fines; quos conatos ab eo pecus abducere, manus contulisse et complures eorum sagittis confixisse. Sed postquam Herculem tela defecerint, multitudine barbarorum et inopia armorum defessum, se ingeniculasse, multis iam uulneribus acceptis. Iouem autem misertum filii curasse ut circum eum magna lapidum copia esset; quibus se*

¹⁷⁷ *De Astronomica*, II, 1, 6.

¹⁷⁸ Historiador e poeta grego, de Alexandria, que viveu por volta do séc. II a.C.

¹⁷⁹ Cidade do nordeste do Peloponeso. Segundo a tradição mítica da descendência humana de Teseu, ele é filho de Egeu e de Etra, e viveu sua infância nesta cidade. Por decreto de um antigo oráculo, Egeu não poderia ter nenhum tipo de relações sexuais antes de chegar a Atenas. Os Palântidas, em número de cinquenta, perseguiam-no por sua falta de descendência, e ele decide unir-se a Etra, filha de Piteu, mas logo precisaria partir para Atenas. Decide então esconder sua espada e suas sandálias debaixo de uma grande pedra, e pede-lhe que, caso surgisse algum filho daquela relação, na fase adulta o enviasse àquela cidade, levando seus pertences em segredo. Podemos ver o episódio na obra de Plutarco, *Vidas Paralelas*, sobre a *Vida de Teseu*, III, 7 e seguintes.

¹⁸⁰ Bunte (1875) afirma que este é um trecho corrompido, e que outros autores apresentam as formas *Pelopium*, ou ainda *Cecropium*. Elópia é uma região situada ao pé do monte Telétrion, no norte da Eubeia.

¹⁸¹ Poeta lírico grego, do período arcaico. Nasceu no séc. VI a.C., na cidade de Teos. O trecho apresentado por Higino está presente no fragmento 99 de Anacreonte (edição de Bergk).

¹⁸² Filho de Egeu.

Herculem defendisse et hostes fugasse. Itaque Iouem similitudinem pugnantis inter sidera constituisse.

3. Outros, porém, dizem ser Tâmiris¹⁸³, cegado pelas Musas, como suplicante que se apoia aos joelhos; outros ainda afirmam ser Orfeu, morto pelas mulheres trácias, porque viu os mistérios do pai Líber. Já Ésquilo, na narrativa que está inscrita Προμηθεύς λυόμενος¹⁸⁴, afirma ser Hércules, que luta não com o Dragão, mas com os lígures. De fato, o autor diz que Hércules, no tempo em que arrastou os bois de Gérion¹⁸⁵, caminhou ao longo dos territórios dos lígures, com os quais travou combate e transpassou vários deles com flechas, ao terem tentado retirar dele o rebanho. Mas, após terem faltado setas, Hércules ajoelhou-se, fatigado pela multidão de bárbaros e pela falta de armas, já tendo recebido muitos golpes. Júpiter, porém, compadecido do filho, cuidou para que em volta dele houvesse uma grande quantidade de pedras, com as quais Hércules se defendeu e afugentou as hostes. Assim, Júpiter constituiu entre os astros a representação de um lutador.

4. Hunc etiam nonnulli Ixiona brachiis uinctis esse dixerunt, quod uim Iunoni uoluerit adferre; alii Promethea in monte Caucaso uinctum.

4. Alguns também disseram que este era Íxion, com os braços acorrentados, porque quis fazer violência a Juno¹⁸⁶; outros, que era Prometeu, acorrentado no monte Cáucaso.

¹⁸³ Foi um poeta da Trácia. A primeira menção que se faz à personagem está nos versos 596-600 do canto II da *Ilíada*. Nesta passagem, Homero narra que as Musas privaram Tâmiris do canto e da arte da lira, pois ele as havia provocado, afirmando que ganharia delas, caso fizessem uma disputa com o canto. Já em narrativas posteriores, como em Apolodoro (*Biblioteca*, I, 3, 3), os autores afirmam que as Musas também privaram Tâmiris da visão, como é o caso de Higino, neste trecho da obra.

¹⁸⁴ *Prometheus lyómenos* – Prometeu acorrentado.

¹⁸⁵ Décimo trabalho de Hércules, imposto por Euristeu, conforme já vimos no livro I, ao falar sobre as colunas de Hércules.

¹⁸⁶ Íxion era o rei dos lápitas, de origem tessália. Havia matado o sogro, atirando-o ao fogo; dentre os deuses, Júpiter foi o único a compadecer-se dele e a conceder-lhe a purificação de seu ato. No entanto, conforme vemos no relato de Píndaro (*Píticas*, II, 21-40), a personagem não retribuiu de forma grata ao deus, tentando tomar à força sua esposa, Juno. O Cronida forjou a imagem de Juno em uma nuvem (Νεφέλη – *Neféle*), e Íxion uniu-se a ela, gerando o Centauro. Então foi preso a uma roda veloz, de modo que nunca haveria de se soltar de lá, porque estava na condição de imortal, já que depois de sua purificação havia provado da ambrosia. O que antes era benefício, tornou-se seu castigo. Higino (*Fábulas*, LXII) afirma que Íxion paga esta pena no Hades, ao passo que outros autores mais antigos que citam este episódio, como Sófocles (*Filoctetes*, 678-680), não fazem menção a isto.

VII. LYRA.

VII. LIRA.

1. *Lyra inter sidera constituta est hac, ut Eratosthenes ait, de causa, quod initio a Mercurio facta de testudine, Orpheo est tradita, qui, Calliopes et Oeagri filius, eius rei maxime studiosus fuit. Itaque existimatur suo artificio feras etiam ad se audiendum adlicuisse. Qui querens uxoris Eurydices mortem, ad inferos descendisse existimatur, et ibi deorum progeniem suo carmine laudasse, praeter Liberum patrem; hunc enim obliuione ductus praetermisit, ut Oeneus in sacrificio Dianam. Postea igitur Orpheus, ut complures dixerunt, in Olympo monte, qui Macedoniam diuidit a Thracia, sed ut Eratosthenes ait, in Pangaeo sedens, cum cantu delectaretur, dicitur ei Liber obiecissee Bacchas, quae corpus eius discerperent interfecti. Sed alii dicunt, quod initia Liberi sit speculatus, id ei accidisse. Musas autem collecta membra sepulturae mandasse, et lyram, quo maxime potuerunt beneficio, illius memoriae causa figuratam stellis inter sidera constituisse Apollinis et Iouis uoluntate, quod Orpheus Apollinem maxime laudaret; Iuppiter autem filiae beneficium concessit.*

1. A lira foi constituída entre os astros, conforme diz Eratóstenes¹⁸⁷, a partir desta causa: porque no início, feita por Mercúrio a partir de uma tartaruga, foi entregue a Orfeu, filho de Calíope e de Eagro, que foi maximamente aplicado a este instrumento. Assim, com seu artifício considera-se ter atraído inclusive as feras, para ouvi-lo. Considera-se também que ele, lamentando a morte da esposa Eurídice, desceu aos infernos e com seu canto aí louvou a progênie dos deuses, exceto o pai Líber; de fato, levado pelo esquecimento, omitiu-o, como Eneu a Diana, no sacrifício¹⁸⁸. Em seguida, como Orfeu se deleitasse com o canto –

¹⁸⁷ *Catasterismos*, XXIV.

¹⁸⁸ Eneu era o rei da cidade de Cálidon, na Etólia. As narrativas contam que a personagem havia oferecido sacrifícios aos deuses, a fim de obter um ano próspero; no entanto, apenas Ártemis foi esquecida, e, como punição, enviou o javali à região de Cálidon. Posteriormente o animal foi morto por Meléagro, filho de Eneu. A narrativa mais antiga encontra-se em Homero (*Ilíada*, II, 533-542), mas outros autores também retrataram

assentado no monte Olimpo, que divide a Macedônia da Trácia, segundo muitos afirmaram, ou no Pangeu¹⁸⁹, segundo afirma Eratóstenes¹⁹⁰ –, conta-se que Líber lançou contra ele as Bacantes, que dilacerariam seu corpo, morto. Mas outros dizem¹⁹¹ que isto lhe aconteceu porque teria especulado os mistérios de Líber. As Musas, porém, entregaram à sepultura os membros reunidos e, por causa de sua memória, como o maior benefício de que foram capazes, constituíram entre os astros a lira, figurada nas estrelas, com o favor de Apolo e de Júpiter, porque Orfeu louvava maximamente Apolo; Júpiter, no entanto, concedeu o benefício à filha.

2. *Alii autem dicunt Mercurium, cum primum lyram fecisset in Cyllene monte Arcadiae, septem chordas instituisse ex Atlantidum numero, quod Maia una ex illarum numero esset, quae Mercurii est mater. Deinde postea cum Apollinis boues abegisset, deprehensus ab eo, quo sibi facilius ignosceret, petenti Apollini ut liceret se dicere inuenisse lyram, concessit, et ab eo uirgulam quandam muneri accepit. Quam manu tenens Mercurius, cum proficisceretur in Arcadium et uidisset duos dracones inter se coniuncto corpore alium alium adpetere, ut qui dimicare inter se uiderentur, uirgulam inter utrumque subiecit; itaque discesserunt. Quo facto, eam uirgulam pacis causa dixit esse constitutam. Nonnulli etiam, cum faciunt caduceos, duos dracones inpletos uirgula faciunt, quod initium Mercurio fuerat pacis. Eius exemplo et athleticis et in reliquis eiusmodi certationibus uirgula utuntur.*

2. Outros dizem¹⁹² que, quando Mercúrio primeiro fabricou a lira no monte Cilene, na Arcádia, colocou nela sete cordas, a partir do número das Atlântidas¹⁹³, porque Maia, que é a mãe de Mercúrio, era uma do grupo delas. Em seguida, como Mercúrio tivesse roubado os bois de Apolo: para que lhe perdoasse mais facilmente após ter sido descoberto por ele, a Apolo, que lhe solicitava, concedeu ser permitido que ele dissesse ter inventado a lira, e como

em seus textos o episódio, como Apolodoro (*Biblioteca*, I, 8, 1), Ovídio (*Metamorfoses*, VIII, 273-281), Higino (*Fábulas*, CLXXII) etc.

¹⁸⁹ Assim como o Olimpo, o Pangeu é um monte situado na região citada, entre a Trácia e a Macedônia. Bunte (1875) afirma que nos códices há lições corrompidas deste trecho.

¹⁹⁰ *Catasterismos*, XXIV.

¹⁹¹ Por outro lado, segundo Diodoro (*Biblioteca Histórica*, I, 23, 2), Orfeu teria transladado os ritos de Osíris para os cadmeus, mas afirmando serem os ritos dionisiacos.

¹⁹² Eratóstenes, *Catasterismos*, XXIV. O Hino Homérico IV (v. 51), a Hermes, afirma que havia sete cordas na lira recém-fabricada, mas não indica o motivo, se devido ao número das Atlântidas.

¹⁹³ Filhas de Atlas e de Plêione, também chamadas de Plêiades. Seus nomes eram Taígete, Electra, Alcíone, Astérope, Celeno, Maia e Mérope.

presente recebeu uma certa vareta. Dado que Mercúrio se dirigisse para a Arcádia, tendo-a na mão, e tivesse visto duas serpentes com os corpos presos entre si, atacando uma à outra, de modo que pareciam lutar entre si, colocou a vareta por baixo, no meio de ambas, e assim se afastaram. Por isso, disse que a vareta foi estabelecida na causa da paz. Alguns também, quando fazem caduceus¹⁹⁴, fazem duas serpentes na vareta, porque para Mercúrio fora o princípio da paz. Com seu exemplo, eles se utilizam de uma vareta nos combates atléticos e nos demais combates deste tipo.

3. Sed ut ad propositum reuertamur, Apollo lyra accepta dicitur Orphea docuisse, et postquam ipse citharam inuenerit, illi lyram concessisse. Nonnulli etiam dixerunt Venerem cum Proserpina ad iudicium Iouis uenisse, cui earum Adonin concederet. Quibus Calliopen ab Ioue datam iudicem, quae Musa Orphei est mater; itaque iudicasse uti dimidiam partem anni earum unaquaeque possideret. Venerem autem indignatam, quod non sibi proprium concessisset, obiecissem omnibus quae in Thracia essent mulieribus, ut Orphea amore inductae ita sibi quaeque adpeterent ut membra discerperent. Cuius caput, in mare de monte perlatum, fluctibus in insulam Lesbum est reiectum; quod ab his sublatum et sepulturae est mandatum. Pro quo beneficio ad musicam artem ingeniosissimi existimantur esse. Lyra autem a Musis, ut ante diximus, inter astra constituta est. Nonnulli aiunt, quod Orpheus primus puerilem amorem induxerit, mulieribus uisum contumeliam fecisse; hac re ab his interfectum.

3. Mas, para retornarmos ao propósito, diz-se que, tendo recebido a lira, Apolo ensinou Orfeu e concedeu-lhe a lira, depois que ele mesmo inventou a cítara. Alguns também disseram que Vênus foi com Prosérpina para o julgamento de Júpiter, a qual delas ele concederia Adônis¹⁹⁵. Calíope, Musa que é a mãe de Orfeu, lhes foi dada por Júpiter como juíza; assim, julgou que cada uma delas teria uma metade do ano [com Adônis]. Vênus,

¹⁹⁴ O caduceu é esta pequena vara citada por Higino, que tem as duas serpentes rodeadas entre si. Após ter sido trocada com Apolo, passou a ser uma das insígnias de Hermes e símbolo da paz.

¹⁹⁵ Há algumas versões para este mito. Apolodoro (*Biblioteca*, I, 14, 4) afirma que os autores divergem quanto aos nomes dos pais de Adônis, como, por exemplo, Hesíodo aponta ele ser filho de Fênix e Alfesibeia; Paníasis, de Tias, rei da Assíria. A versão mais corrente é de que seus pais são Cíniras e Esmirna. Esta teria sido transformada em árvore e posteriormente o deus à luz. Por causa de sua beleza, Vênus o encerrou numa arca e o confiou a Perséfone, às escondidas, mas ela não o devolveu. Assim, nesta outra variante apresentada por Higino, ambas foram até Zeus, a fim de que ele proferisse o julgamento sobre quem teria a guarda de Adônis.

porém, indignada porque Calíope não o havia concedido como sua propriedade, a todas as mulheres que vivessem na Trácia, propôs que cada uma delas, seduzidas pelo amor, desejassem Orfeu de tal forma que lhe dilacerassem os membros. Sua cabeça, levada do monte para o mar, foi repelida pelas ondas até a ilha de Lesbos; foi apanhada pelos lésbios e entregue à sepultura. Por isso, como benefício, são considerados os mais engenhosos para a arte musical. A Lira, porém, conforme dissemos antes, foi constituída entre os astros pelas Musas. Alguns afirmam que, como Orfeu primeiramente introduziu o amor a rapazes¹⁹⁶, parece ter feito injúria às mulheres, e por essa razão foi morto por elas.

VIII. OLOR.

VIII. CISNE.

1. *Hunc Cygnum Graeci appellant; quem complures, propter ignotam illis historiam, communi genere auium ὄρνιν appellauerunt. De quo haec memoriae prodita est causa: Iuppiter, cum amore inductus Nemesin diligere coepisset neque ab ea ut secum concumberet impetrare potuisset, hac cogitatione amore est liberatus. Iubet enim Venerem aquilae simulatam se sequi; ipse in olorem conuersus ut aquilam fugiens ad Nemesin confugit et in eius gremio se conlocauit. Quem Nemesis non aspernata, amplexum tenens somno est consopita; quam dormientem Iuppiter compressit. Ipse autem auolauit, et quod ab hominibus alte uolans caelo uidebatur, inter sidera dictus est esse constitutus. Quod ne falsum diceretur, Iuppiter e facto eum uolantem et aquilam sequentem conlocauit in mundo. Nemesis autem, ut quae auium generi esset iuncta, mensibus actis, ouum procreauit. Quod Mercurius auferens detulit Spartam et Leda sedenti in gremium proiecit; ex quo nascitur Helena, ceteras specie corporis praestans, quam Leda suam filiam nominauit. Alii autem cum Leda Iouem concubuisse in olorem conuersum dixerunt; de quo in medio relinquemus.*

¹⁹⁶ Ovídio (*Metamorfoses*, X, 79-84) aponta que Orfeu recusava qualquer relação amorosa com as mulheres trácias, após ter perdido novamente Eurídice no Hades, e tal rejeição gerou revolta nelas; aponta ainda que ele foi o responsável por introduzir nos povos da Trácia a noção do amor entre rapazes.

1. Os gregos chamam este de Cisne¹⁹⁷. Por causa da história que lhes é desconhecida, vários chamaram-no pelo gênero comum das aves, ὄρνις¹⁹⁸. Sobre ele, foi transmitido este mito à posteridade: Quando Júpiter, seduzido pelo amor, começou a amar Nêmesis e dela não pôde conseguir que tivessem relações, libertou-se do amor com este plano: de fato, ordena Vênus persegui-lo, tendo tomado a aparência de águia; ele, convertido em cisne, recorreu a Nêmesis como quem fugia da águia, e colocou-se em seu seio. Nêmesis, que não o afastou, mantendo-o abraçado, foi tomada pelo sono; Júpiter violou-a, enquanto dormia. Ele fugiu voando, e, porque pelos homens era visto voando alto para o céu, diz-se ter sido constituído entre os astros. Para que isto não fosse dito como falso, Júpiter, de fato, colocou o cisne no mundo voando e seguindo a águia. Já Nêmesis, como havia se unido ao gênero das aves, depois de passados os meses procriou um ovo. Tomando-o, Mercúrio levou-o a Esparta e para Leda¹⁹⁹, que estava sentada, lançou-o ao colo; do ovo nasce Helena, que se sobressaía às demais pela forma do corpo, a qual Leda nomeou de sua filha. Outros²⁰⁰, porém, disseram que Júpiter teve relações com Leda, convertido em cisne. Sobre isto, porém, deixemos em suspenso.

IX. CEPHEUS.

IX. CEFEU.

Hunc Euripides cum ceteris Phoenicis filium, Aethiopum regem esse demonstravit, Andromedae patrem, quam ceto propositam notissimae historiae dixerunt. Hanc autem Perseum a periculo liberatam uxorem duxisse. Itaque ut totum genus eorum perpetuo maneret, ipsum quoque Cephea inter sidera superiores numerasse.

¹⁹⁷ A forma latina *cygnum*, apresentada no texto, vem de *cygnus* ou *cynus*, que, por sua vez, derivam da forma grega κύκνος (*kýknos*).

¹⁹⁸ Ὄρνις, que significa *pássaro*, de modo geral. Alguns exemplos são Arato (*Fenômenos*, 273-275) e Eratóstenes (*Catasterismos*, XXIV).

¹⁹⁹ Conforme a versão mais corrente, é filha de Téstio, rei da Etólia, e de Eurítemis.

²⁰⁰ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 10, 7; Eurípides, *Helena*, 17-21; Higino, *Fábulas*, LXXVII.

Juntamente com os demais, Eurípides demonstrou que este é o filho de Fênix²⁰¹, rei dos etíopes e pai de Andrômeda, quem os conhecidíssimos mitos afirmaram ter sido colocada diante de um monstro marinho²⁰². Perseu casou-se com ela após ter sido liberta do perigo. Assim, a fim de que toda a família deles permanecesse para sempre, os ancestrais também enumeraram Cefeu entre os astros.

X. CASSIEPIA.

X. CASSIOPEIA.

De hac Euripides et Sophocles et alii complures dixerunt ut gloriata sit se forma Nereidas praestare. Pro quo facto inter sidera sedens in siliquastro constituta est. Quae propter impietatem, uertente se mundo, resupinato capite ferri uidetur.

Sobre esta, Eurípides, Sófocles e vários outros disseram que Cassiopeia havia se vangloriado de se sobressair às Nereidas em beleza. Por causa disso, foi constituída entre os astros assentada em um trono. Em consequência da impiedade, ela parece mover-se com a cabeça virada para trás, quando o mundo gira.

XI. ANDROMEDA.

XI. ANDRÔMEDA.

²⁰¹ Higinio afirma que na obra de Eurípides consta Cefeu ser filho de Fênix. Já Apolodoro (*Biblioteca*, II, 1, 4) afirma que, segundo Eurípides, Cefeu é, na verdade, filho de Belo.

²⁰² Apolodoro, *Biblioteca*, II, 4, 3; Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 688-692; Higinio, *Fábulas*, LXIV.

Haec dicitur Mineruae beneficio inter astra conlocata, propter Persei uirtutem, quod eam ceto propositam periculo liberarat. Nec enim ab ea minorem animi beneuolentiam pro beneficio accepit. Nam neque pater Cepheus, neque Cassiepia mater ab ea potuerunt impetrare quin parentes ac patriam relinquens Persea sequeretur. Sed de hac Euripides hoc eodem nomine fabulam commodissime scribit.

Diz-se²⁰³ que esta foi colocada entre os astros por benefício de Minerva, em favor do mérito de Perseu, já que ele a libertara do perigo, após ter sido colocada diante de um monstro marinho. De fato, Minerva não recebeu dela uma benevolência menor do ânimo, pelo benefício. Pois nem o pai, Cefeu, nem a mãe, Cassiopeia, puderam conseguir da deusa que Andrômeda acompanhasse os pais e a pátria, abandonando Perseu. Mas sobre esta, Eurípides escreveu de modo habilíssimo uma narrativa com o mesmo nome²⁰⁴.

XII. PERSEUS.

XII. PERSEU.

1. Hic nobilitatis causa et quod inusitato genere concubitionis esset natus, ad sidera dicitur peruenisse. Qui missus a Polydecte Magnetis filio ad Gorgonas, a Mercurio, qui eum dilexisse existimatur, talaria et petasum accepit; praeterea galeam, qua indutus ex aduerso non poterat uideri. Itaque Graeci Ἄϊδος galeam dixerunt esse, non, ut quidam inscientissime interpretantur, eum Orci galeam usum; quae res nemini docto potest probari. Fertur etiam a Vulcano falcem accepisse ex adamante factam, qua Medusam Gorgona interfecit; quod factum nemo conscripsit.

²⁰³ Eratóstenes, *Catasterismos*, XVII.

²⁰⁴ Eurípides, como também Sófocles, compôs uma tragédia acerca deste mito de Andrômeda, mas restaram apenas fragmentos.

1. Diz-se²⁰⁵ que este chegou aos astros por causa da nobreza e porque teria nascido com um tipo inusitado de concepção²⁰⁶. Enviado às Górgonas²⁰⁷ por Polidectes, filho de Magnes, Perseu recebeu calçados com asas e um pétaso²⁰⁸ de Mercúrio, quem considera-se tê-lo amado; além de uma gálea²⁰⁹, com a qual, trajado, não pudera ser visto pelo inimigo. Assim, os gregos disseram a gálea ser Ἄϊδος²¹⁰; não como alguns interpretam, de forma inscientíssima, que ele usou a gálea de Orco²¹¹: coisa que não pode ser provada por nenhum duto. Diz-se também que de Vulcano recebeu uma foice feita de adamante, com a qual matou a Górgona Medusa: feito que ninguém escreveu.

2. *Sed, ut ait Aeschylus, tragoediarum scriptor, in Phorcisi, Graeae fuerunt Gorgonum custodes; de quibus in primo libro Genealogiarum scripsimus. Quae utraque uno oculo usae existimantur, et ita suo quaeque tempore accepto oculo uigilias egisse. Hunc Perseus, una earum tradente, exceptum in paludem Tritonida proiecit. Itaque custodibus excaecatis, facile Gorgona somno consopitam interfecit. Cuius caput Minerua in pectore dicitur habere conlocatum. Euhemerus quidem Gorgona a Minerua dicit interfecit; de qua alio tempore plura dicemus.*

2. Mas, como em *Fórcides*²¹² afirma Ésquilo, escritor de tragédias, as Graias foram guardiãs das Górgonas, sobre quem escrevemos no primeiro livro das *Genealogias*²¹³.

²⁰⁵ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXII.

²⁰⁶ O tipo inusitado de concepção citado por Higino diz respeito à metamorfose de Júpiter em uma chuva de ouro, a fim de se unir a Dânae. Eratóstenes (*Catasterismos*, XXII), Píndaro (*Píticas*, XII, 17), Apolodoro (*Biblioteca*, II, 4, 1), Ovídio (*Metamorfoses*, IV, 610-611) e Higino (*Fábulas*, LXIII, 1) são alguns dos autores que citam este mito.

²⁰⁷ Esteno, Euríale e Medusa, filhas de Fórcis e de Ceto. A mais conhecida, Medusa, era a única mortal dentre as três.

²⁰⁸ Espécie de chapéu de largas abas.

²⁰⁹ Espécie de capacete, armadura para a cabeça.

²¹⁰ Ἄϊδος. Possui relação com o adjetivo αἰδής (*aîdés*), que significa *invisível*. Bunte (1875) aponta que o capacete de Hades (Ἄϊδος κυνέη – *Áidos kynée*) é mencionado já na *Ilíada* (V, 875), no episódio em que Atena o usou a fim de ficar invisível diante de Ares. Podemos encontrar outra menção na *República* de Platão (X, 612β), quando o autor afirma que os homens devem fazer o que é justo, mesmo que não tenham o anel de Gíges, ou ainda o capacete de Hades (Ἄϊδος κυνῆν – *Áidos kynén*). A má interpretação de alguns, na visão de Higino, se dá pela semelhança dos termos, já que em determinado caso sintático o nome do deus seja escrito da mesma forma que o adjetivo utilizado para a gálea de Perseu, e também imputava a invisibilidade a quem o vestisse.

²¹¹ Orco é uma divindade dos Infernos, que, com o advento dos deuses helenizados, foi identificado com Hades.

²¹² Uma das tragédias perdidas de Ésquilo, que diz respeito às descendentes de Fórcis.

²¹³ Higino faz menção à sua obra *Genealogias*, que atualmente é intitulada de *Fábulas*.

Considera-se²¹⁴ que as três dispunham de apenas um olho, e que assim, depois de recebê-lo, cada uma fazia as guardas a seu tempo. No momento em que uma delas o repassava a outra, Perseu lançou-o ao lago Tritão²¹⁵, após ter sido tomado. Dessa forma, cegadas as guardiãs, facilmente matou a Górgona tomada pelo sono, cuja cabeça diz-se que Minerva tem colocada no peito. Um certo Evêmero²¹⁶ afirma que a Górgona foi morta por Minerva; sobre esta falaremos várias coisas, em outro momento.

XIII. HENIOCHUS.

XIII. HENÍOCO.

1. *Hunc nos Aurigam Latine dicimus, nomine Erichthonium, ut Eratosthenes monstrat. Quem Iuppiter cum uidisset primum inter homines equos quadrigis iunxisse, admiratus est ingenium hominis ad Solis inuenta accessisse, quod is princeps quadrigis inter deos est usus. Sed Erichthonius et quadrigas, ut ante diximus, et sacrificia Mineruae et templum in arce Atheniensium primus instituit. De cuius progenie Euripides ita dicit: Vulcanum Mineruae pulchritudine corporis inductum, petisse ab ea, uti sibi nuberet, neque impetrasse; et coepisse Mineruam sese occultare in eo loco qui propter Vulcani amorem Hephaestius est appellatus. Quo persecutum Vulcanum ferunt coepisse ei uim adferre, et cum plenus cupiditatis ad eam ut complexui se adplicaret, repulsus effudit in terram uoluptatem. Quo Minerua, pudore permota, pede puluerem iniecit. Ex hoc autem nascitur Erichthonius anguis, qui ex terra et eorum dissensione nomen possedit. Eum dicitur Minerua in cistula quadam ut mysteria contextum ad Erechthei filias detulisse et his dedisse seruandum; quibus interdixit ne cistulam aperirent. Sed ut hominum est natura cupida, ut eo magis appetant quo*

²¹⁴ Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, 795-796; Ovídio, *Metamorfoses*, IV, 771-774.

²¹⁵ Situa-se na Líbia e pertence a Tritão, deus marítimo. Esta região é muito citada pelos autores antigos, e o maior motivo disto talvez tenha sido pelo nascimento de Palas Atena neste lago, conforme podemos encontrar em Apolônio de Rodes (*Argonáuticas*, IV, 1309-1311). Ademais, a deusa possui o conhecido epíteto de Τριτογένεια (*Tritogéneia*), de Τρίτων (*Trítōn* – *Tritão*) e γένος (*génos* – *nascimento, origem*), que significa *nascida no Tritão*, e trazido já por Hesíodo (*Teogonia*, 895).

²¹⁶ Filósofo e historiógrafo grego, que viveu por volta do século IV a. C.

interdicatur saepius, uirgines cistam aperuerunt et anguem uiderunt. Quo facto, insania a Minerua iniecta, de arce Atheniensium se praecipitauerunt. Anguis autem ad Mineruae clipeum confugit et ab ea est educatus.

1. Este em latim nós chamamos *Auriga*²¹⁷, de nome Erictônio, conforme demonstra Eratóstenes²¹⁸. Visto que Júpiter o tivesse visto como o primeiro entre os homens a unir cavalos em quadrigas, admirou-se de o engenho do homem ter se aproximado das invenções do Sol, porque dentre os deuses este se utilizou primeiro de quadrigas. Mas Erictônio instituiu primordialmente tanto as quadrigas, conforme dissemos antes, quanto os sacrifícios a Minerva, e ainda um templo na cidadela dos atenienses. Sobre sua progênie, Eurípides²¹⁹ diz assim: Vulcano, levado pela beleza do corpo de Minerva, pediu a ela que se casasse consigo, mas não teve êxito; e Minerva começou a esconder-se em um lugar que, por causa do amor de Vulcano, foi chamado de Heféstio²²⁰. Dizem que Vulcano, tendo-a perseguido até lá, começou a fazer violência contra ela, e já que, pleno de desejo, se prendesse a ela como a um abraço, derramou a voluptuosidade espalhando-a na terra, após ter sido repellido. Minerva, muito agitada por causa do pudor, lançou cinza sobre o pé. Disto, porém, nasce a serpente Erictônio, que possui o nome a partir da terra e da dissensão deles²²¹. Diz-se que Minerva o levou em uma cestinha às filhas de Erecteu²²², escondido como mistérios, e que lhes deu para guardá-lo; proibiu-as de abrirem a cestinha. Mas, como a natureza dos homens é cúpida, de modo que mais cobicem aquilo que mais frequentemente seja proibido²²³, as virgens abriram a cesta e viram a serpente. Feito isto, precipitaram-se da cidadela dos atenienses, depois de

²¹⁷ Que significa *cocheiro, condutor de carro puxado por cavalos*. O nome da seção é a nomenclatura grega (Ἡρώχος), conforme Higino havia dito no início deste segundo livro (II, 1).

²¹⁸ *Catasterismos*, XIII.

²¹⁹ Diz respeito à tragédia *Íon*, cujos versos de 21 a 26 e de 267 a 274 falam sobre a origem de Erictônio.

²²⁰ Adjetivo relacionado a Hefesto, nome grego de Vulcano. Bunte (1875) afirma que Higino empregou este termo “às cegas”, para traduzir o grego Ἡφαίστειον (*Hephaistéion*) utilizado por Eratóstenes nos *Catasterismos*. O vocábulo representaria o templo ou santuário do deus Hefesto.

²²¹ Conforme nos afirma o próprio Higino (*Fábulas*, CLXVI, 4), a etimologia do nome vem de ἔρις (*éris*), que significa *discórdia, luta*, e de χθών (*khthón*), que significa *terra*.

²²² Segundo a versão encontrada em Apolodoro (*Biblioteca*, III, 14, 6), o autor afirma que a cestinha havia sido destinada a Pândroso, uma das filhas de Cérops. Este foi um dos reis míticos de Atenas, cujo corpo também era metade de serpente, por ser filho da terra. Pândroso havia obedecido a ordem de não abrir a cesta, mas posteriormente suas duas irmãs, Aglauro e Herse, fizeram o contrário. Já na versão das *Metamorfoses* (II, 551-560), por exemplo, Ovídio afirma que o cesto havia sido destinado às três irmãs e Aglauro o abriu.

²²³ Bunte (1875) aponta que Higino utiliza uma estrutura semelhante à de Ovídio em *Amores* (III, 4, 17): *Nitimur in uetitum semper cupimusque negata – Sempre nos apoiamos no proibido e sempre desejamos as coisas negadas*.

sobre elas ter sido lançada a insânia por Minerva. A serpente, porém, fugiu para o clipeo²²⁴ de Minerva e foi educada por ela.

2. *Alii autem anguina tantum crura habuisse Erichthonium dixerunt, eumque primo tempore adulescentiae ludos Mineruae Panathenaea fecisse et ipsum quadrigis cucurrisse; pro quibus factis inter sidera dicitur conlocatus. Nonnulli etiam, qui de sideribus scripserunt, hunc natione Argeum, Orsilochum nomine, primum quadrigarum inuentorem esse dixerunt et pro inuentione siderum locum possedissee. Alii autem hunc Mercuri filium ex Clytia natum, nomine Myrtilum, Oenomai aurigam definierunt, cuius post notam omnibus mortem parens corpus in mundo constituisse existimatur.*

2. Já outros disseram que Erictônio teve apenas as partes inferiores de serpente²²⁵; que no primeiro momento da adolescência instaurou jogos a Minerva, as Panateneias²²⁶; e que ele mesmo correu nas quadrigas. Por estes feitos, diz-se colocado entre os astros. Alguns também, que escreveram sobre os astros, disseram que este é argivo de nação, de nome Orsíloco, o primeiro inventor das quadrigas, e que por causa da invenção ocupou o local dos astros. Outros, porém, definiram este como filho de Mercúrio, nascido de Clítia, de nome Mírtilo, auriga de Enomau²²⁷; depois de sua morte, conhecida por todos²²⁸, considera-se que o pai constituiu seu corpo no universo.

3. *Huius in humero sinistro capra instare et in manu sinistra haedi uidentur formati; de quibus nonnulli ita dicunt: Olenum quemdam fuisse nomine, Vulcani filium; ex hoc duas nymphas Aega et Helicen natas, quae Iouis fuerunt nutrices. Alii autem etiam ab his urbes quasdam appellari dixerunt, et Olenon in Alide, Helicen autem in Peloponneso et † Aegam*

²²⁴ Espécie de escudo arredondado.

²²⁵ *Fábulas*, CLXVI, 3.

²²⁶ *Catasterismos*, XIII. A mesma referência aplica-se às quadrigas. As Panateneias eram as festividades mais importantes celebradas em honra de Palas Atena, e eram divididas em dois tipos. As Grandes Panateneias ocorriam a cada quatro anos, sempre no ano anterior às Olimpíadas; as Pequenas, por sua vez, aconteciam anualmente, no mês de *Hekatombaión* (ἑκατομβαιών) correspondente a julho, em nosso calendário.

²²⁷ Eratóstenes, *Catasterismos*, XIII; Higino, *Fábulas*, LXXXIV, 4.

²²⁸ A fábula LXXXIV de Higino narra que Enomau daria a mão da filha em casamento ao pretendente que o vencesse, durante uma corrida de quadrigas. Pélops pede ajuda a Mírtilo, cocheiro de Enomau, para que com sua ajuda conseguisse chegar em primeiro lugar, prometendo-lhe metade do seu reino em troca disto. Mírtilo adultera o carro de Enomau e Pélops consegue vencer; no entanto, para que não houvesse vergonha perante o rei, e este não descobrisse o feito, porque estava junto ao cocheiro, Pélops o mata, lançando-o ao mar.

in † Haemonia ibi nominari, de quibus Homerus in Iliadis secundo dicit. Parmeniscus autem ait Melissea quemdam fuisse Cretae regem; ad eius filias Iouem nutriendum esse delatum. Quae quod lac non habuerint, capram ei admisisse, Amaltheam nomine, quae eum dicitur educasse. Hanc autem geminos haedos solitam esse procreare et fere eo tempore peperisse quo Iuppiter nutriendus est adlatus. Itaque propter beneficium matris et haedos quoque dicitur inter sidera collocasse. Hos autem haedos Cleostratus Tenedius dicitur primus inter sidera ostendisse.

3. Sobre seu ombro esquerdo está a cabra, e em sua mão esquerda se veem formados os cabritos. Sobre estes, alguns dizem assim: Existiu um de nome Óleno, filho de Vulcano; deste, nasceram duas ninfas, Ega e Hélice, que foram nutrizes de Júpiter. Outros, porém, também disseram que se denominam algumas cidades a partir deles, e aí são nomeadas tanto Óleno, na Élide, e Hélice, no Peloponeso, quanto Ega, na Hemônia, sobre as quais Homero fala no segundo canto da *Ilíada*²²⁹. Já Parmenisco²³⁰ afirma que houve um certo Melisseu²³¹, rei de Creta; Júpiter foi levado até suas filhas, para ser amamentado. Visto que elas não tivessem tido leite, admitiu-se-lhe uma cabra, de nome Amalteia²³², que diz-se tê-lo educado. Ela costumava procriar cabritos gêmeos e os pariu quase no mesmo tempo em que Júpiter foi levado para ser amamentado. Assim, por causa do benefício da mãe, diz-se que também os cabritos foram colocados entre os astros. Diz-se que Cleostrato de Tênedos²³³ mostrou primeiro estes cabritos entre os astros.

4. *Musaeus autem dicit Iouem nutritum a Themide et Amalthea nympha, quibus eum mater Ops tradidisse existimatur, Amaltheam autem habuisse capram quamdam ut in deliciis, quae Iouem dicitur aluisse. Nonnulli etiam Aega Solis filiam dixerunt, multis candore corporis praestantem, cui contrarius pulchritudini horribilis aspectus exsistebat.*

²²⁹ A referência à cidade de Hélice se encontra no verso 575 do livro segundo; a Óleno, no verso 639. Bunte (1875) aponta que, como a cidade de Ega não é citada neste livro da obra homérica, parece que se deve ler: tanto Óleno, na Élide, e Hélice, no Peloponeso (sobre as quais Homero fala no segundo canto da *Ilíada*), quanto Ega, na Hemônia. Além disso, o trecho é corrompido, em que alguns manuscritos não o trazem.

²³⁰ Astrônomo e gramático antigo.

²³¹ Melisseu governou Creta no momento do nascimento de Júpiter. Suas duas filhas eram ninfas, Adrasteia e Ida. Esta última teria dado nome ao monte em que, segundo algumas versões, Zeus nasceu.

²³² Amalteia designa tanto a cabra que amamentou Zeus, quanto a ninfa náíade. A referência à ninfa aparecerá no trecho posterior.

²³³ Outro astrônomo grego antigo.

Quo Titanes perterriti petierunt a Terra ut eius corpus obscuraret; quam Terra specu quodam celasse dicitur in insula Creta. Quae postea Iouis fuisse nutrix, ut ante ostendimus, demonstratur. Sed cum Iuppiter, fidens adolescentia, bellum contra Titanas appareret, responsum est ei, si uincere uellet, ut αἰγός pelle tectus et capite Gorgonis bellum administraret, quam aegida Graeci appellauerunt. Itaque facto eo quod supra declarauimus, Iuppiter Titanas superans regnum est adeptus, et reliqua ossa αἰγός caprina pelle contexta anima donauit et stellis figurata memoriae commendauit; et postea, quibus ipse uicerat tectus, Mineruae concessit. Euhemerus ait Aega quamdam fuisse Panos uxorem; eam ab Ioue compressam peperisse quem uiri sui Panos diceret filium; itaque puerum Aegipana, Iouem autem Aegiochum appellatum. Qui, quod eum diligebat plurimum, inter astra caprae figuram memoriae causa conlocauit.

4. Museu²³⁴, por sua vez, diz que Júpiter foi nutrido por Thêmis e pela ninfa Amalteia, às quais considera-se que a mãe, Ops²³⁵, o entregou. Amalteia teve como objeto de carinho uma certa cabra, que diz-se ter alimentado Júpiter. Alguns também disseram ser Cabra²³⁶, filha do Sol, que se sobressaía a muitas pelo candor do corpo, e a quem se mostrava um aspecto horrível, contrário à beleza²³⁷. Os Titãs, aterrorizados, pediram da Terra que ocultasse o corpo dela; diz-se que a Terra a escondeu numa certa caverna, na ilha de Creta. Depois disso, demonstra-se que foi nutriz de Júpiter, conforme mostramos antes. Mas, como Júpiter, confiando na juventude, preparasse uma guerra contra os Titãs²³⁸, fez-se a ele um oráculo de que, se quisesse vencer, administrasse a guerra coberto com a pele de uma cabra e com a cabeça da Górgona, que os gregos chamaram égide²³⁹. Assim, tendo feito isto que declaramos acima, Júpiter conquistou o poder superando os Titãs, agraciou com uma alma

²³⁴ Poeta grego, contemporâneo de Orfeu.

²³⁵ Deusa romana da abundância. Por ser irmã e esposa de Saturno, é associada a Reia, filha de Geia e Urano.

²³⁶ O nome latino Aega remonta ao termo grego αἶγα (áiga), que significa *cabra*.

²³⁷ Boeuffle (2002) afirma que talvez se considere equívoco empregar ambas as noções juntas. Porém, pode-se afirmar que o primeiro trecho (*que se sobressaía a muitas pelo candor do corpo*) foi mudado de lugar por algum copista distraído. Parece que deveria se encaixar melhor se colocado após *Aega quamdam fuisse Panos uxorem*, no final da seção.

²³⁸ Titanomaquia.

²³⁹ *De uma cabra* corresponde ao termo αἰγός (aigós), forma genitiva de αἶξ (áix), *cabra*. *Égide* diz respeito à palavra *aegida*, que, por sua vez, corresponde ao grego αἰγίδα, conforme Higino aponta que os gregos diziam. A relação etimológica que se estabelece entre a pele da cabra e o nome égide, se dá em que αἰγίδα é a junção de αἶξ (*cabra*) e do sufixo -ίδος (-idos), que significa *vindo de, proveniente de*. A égide, assim, seria o instrumento que vem da cabra.

os ossos restantes da cabra, após cobertos com pele caprina, e, à posteridade, transmitiu-a figurada nas estrelas. Após isso, os instrumentos com que ele vencera estando coberto, concedeu a Minerva. Evêmero diz que houve uma certa Cabra, esposa de Pã; violada por Júpiter, ela pariu aquele que diria ser como filho de seu marido, Pã. Assim, o menino foi chamado de Egipã, e Júpiter, de Egíoco²⁴⁰. Visto que Júpiter o amava muito, colocou entre os astros a figura da cabra, em favor de sua memória.

XIV. OPHIUCHUS.

XIV. OFIÚCO.

1. *Ophiucus. Qui apud nostros scriptores Anguitenens est dictus, supra Scorpionem constituitur, tenens manibus anguem medium corpus eius implicantem. Hunc complures Carnabonta nomine dixerunt Getarum, qui sunt in Thracia, regem fuisse; qui eodem tempore rerum est potitus quo primum semina frugum mortalibus tradita esse existimantur. Ceres enim cum sua beneficia largiretur hominibus, Triptolemum, cuius ipsa fuerat nutrix, in curru draconum conlocatum (qui primus omnium una rota dicitur usus, ne cursu moraretur) iussit omnium nationum agros circumeuntem semina partiri, quo facilius ipsi posterique eorum a fero uictu segregarentur. Qui cum peruenisset ad eum, quem supra diximus Getarum regem, ab eo primum hospitaliter acceptus; <deinde> non ut beneficus aduena et innocens, sed ut crudelissimus hostis insidiis captus, aliorum paratus producere, suam paene perdidit uitam. Carnabontis enim iussu cum draco unus eorum esset interfectus, ne, cum Triptolemus sensisset insidias parari, curru praesidium sibi constituere speraret, Ceres eo uenisse et erepto adulescenti currum, dracone altero subiecto, reddidisse, regem pro coepto maleficio poena non mediocri adfecisse. Hegesianax enim dicit Cererem memoriae hominum causa ita*

²⁴⁰ Egipã vem do grego Αἰγίπταν, composto por αἶξ e o próprio nome da divindade, Πάν (Pán). Egipã, assim, seria o deus com elementos de cabra. Egíoco, por sua vez, vem de αἰγίς (aigís – égide) e do verbo ἔχω (ékho – ter, portar). O epíteto de Júpiter como *aquele que porta a égide* aparece já nas obras homéricas, como *Ilíada* (I, 202; II, 375 etc.) e *Odisseia* (V, 103; XV, 245 etc.).

Carnabonta sideribus figurasse manibus tenentem draconem ut interficere existimetur. Qui ita uixerat acerbe, ut iucundissimam sibi conscisceret mortem.

1. Ofiúco, que junto a nossos escritores é chamado *Anguitenens*²⁴¹, está constituído acima do Escorpião, tendo nas mãos uma serpente que se enlaça no meio de seu corpo. Vários disseram que este, de nome Carnabon, foi rei dos Getas, que estão na Trácia. Considera-se que ele tomou o poder das coisas no mesmo tempo em que pela primeira vez as sementes dos cereais foram entregues aos mortais. De fato, como Ceres concedesse seus benefícios em abundância aos homens, ordenou que Triptólemo²⁴², de quem ela mesma fora nutriz, colocado em um carro de dragões (diz-se que, como o primeiro de todos, utilizou uma roda, para que não demorasse no curso), distribuisse as sementes, indo ao redor dos campos de todas as nações, para que eles mesmos e seus posteriores se afastassem mais facilmente do meio selvagem. Visto que Triptólemo tivesse ido até aquele que acima dissemos rei dos getas, primeiro foi recebido por ele com hospitalidade. Em seguida, não como estrangeiro benéfico e inocente, mas como inimigo cruelíssimo, foi capturado por insídias; preparado para prolongar a vida de outros, quase perdeu a sua. De fato, como pela ordem de Carnabon um dos dragões tivesse sido morto, para que Triptólemo não tivesse esperança de constituir uma defesa para si com o carro, já que ele tivesse percebido que se preparavam insídias, Ceres veio àquele lugar e, após ter sido submetido o outro dragão, devolveu o carro ao adolescente roubado e tratou o rei com uma pena não medíocre, por causa do malefício iniciado. Hegesianax diz que, por causa da memória dos homens, assim Ceres figurou Carnabon entre os astros, tendo nas mãos um dragão, de modo que se considere matá-lo. Ele vivera de modo tão acerbo, que decretou para si mesmo uma morte agradabilíssima.

2. Alii autem Herculem esse demonstrant, in Lydia apud flumen Sagarim anquem interficientem, qui et homines complures interficiebat et ripam frugibus orbabat. Pro quo facto ab Omphala, quae ibi regnabat, multis ornatum muneribus Argos remissum, ab Ioue autem propter fortitudinem inter sidera conlocatum.

²⁴¹ Literalmente, significa *que porta a serpente*, formado a partir de *anguis* (serpente) e *teneo* (ter, portar).

²⁴² Há diferentes referências aos pais de Triptólemo. Segundo Apolodoro (*Biblioteca*, I, 5, 1) e Ovídio (*Fastos*, IV, 508 e 540), são Céleo e Metanira.

2. Outros, porém, demonstram ser Hércules, matando junto ao rio Ságari na Lídia uma serpente, que matava vários homens e privava a margem de provisões. Por causa deste feito, foi enviado a Argos ornado de muitos presentes por Ônfale²⁴³, que aí reinava; e por Júpiter, foi colocado entre os astros por causa da bravura.

3. *Nonnulli etiam Triopan, Thessalorum regem, dixerunt esse; qui cum suum domicilium tegere conaretur, Cereris ab antiquis conlocatum diruit templum. Pro quo facto a Cerere fame obiecta, numquam postea frugibus ullis saturari potuisse existimatur. Nouissime prope ad terminum uitae dracone obiecto, mala plurima perpessus, aliquando mortem adeptus, inter astra Cereris uoluntate est constitutus. Itaque adhuc uidetur eum draco circumplexus aeterna merentem adficere poena.*

3. Outros também disseram ser Tríopas, rei dos tessálios, que, como tentasse cobrir seu domicílio, destruiu o templo de Ceres, erigido pelos antigos. Causada a fome por Ceres em consequência deste feito, considera-se que depois disso jamais se pôde saciar com nenhuma provisão. Por fim, próximo ao término da vida, vencido o dragão, tendo sofrido muitos males e enfim alcançado a morte, foi constituído entre os astros por vontade de Ceres. Assim, até agora se vê o dragão circundado a ele, que merece dispô-lo em uma pena eterna.

4. *Polyzelus autem Rhodius hunc Phorbanta nomine demonstrat, qui Rhodiis auxilio maximo fuisse demonstratur. Nam cum eorum insulam, serpentium multitudine occupatam, ciues Ophiussam appellassent, et in ea multitudine ferarum draco fuisset ingenti magnitudine, qui plurimos eorum interfecisset, et patria deinque deserta carere coegisset, dicitur Phorbas, Triopae filius ex Hiscilla Myrmidonis filia natus, eo tempestate delatus, omnes feras et eum draconem interfecisse. Qui cum maxime Apollini dilectus esset, inter sidera locatus ut interficiens draconem laudis et memoriae causa uideretur. Itaque Rhodii quotienscumque longius a litore prodeunt classe, prius sacrificant Phorbantis aduentu, ut*

²⁴³ Segundo Apolodoro (*Biblioteca*, II, 6, 3), Hércules havia sido comprado por Ônfale, então rainha da Lídia. Um oráculo lhe tinha avisado de que deveria servir como escravo durante três anos, para que conseguisse a cura de sua enfermidade, e assim o fez. O autor afirma ainda (*ibid.*, 7, 8) que de ambos nasceu Agelau, de quem descende a estirpe de Cresos.

talis euentus inopinatae uirtutis accidat ciuibus, qualis inscium Phorbanta futurae laudis ad sidera gloriae pertulit casus.

4. Polizelo de Rodes²⁴⁴ indica este pelo nome de Forbas, quem conta-se ter sido de máximo auxílio aos ródios²⁴⁵. Pois, como os cidadãos tivessem chamado de Ofiússa²⁴⁶ a ilha deles, ocupada por uma multidão de serpentes, e nessa multidão de animais selvagens tivesse havido um dragão de ingente magnitude, que teria matado vários deles, e em seguida os tivesse obrigado a carecer da pátria, deserta, diz-se que Forbas, filho de Tríopas, nascido de Hiscila, filha de Mirmidão, levado para aquele lugar por uma tempestade, matou todos os animais selvagens e o dragão. Visto que tivesse sido muitíssimo dileto a Apolo, seria visto localizado entre os astros, como matando o dragão, em virtude do louvor e da memória. Assim, todas as vezes em que os ródios em tropa avançam mais longe do litoral, antes fazem sacrifícios ao advento de Forbas, para que aos cidadãos aconteça um evento de virtude inesperada, da mesma forma que a ocasião de glória levou Forbas até os astros, insciente do futuro louvor.

5. *Complures etiam astrologi hunc Aesculapium finxerunt, quem Iuppiter Apollinis causa inter astra conlocauit. Aesculapius enim, cum esset inter homines et tantum medicina ceteris praestaret ut non satis ei uideretur hominum dolores leuare, nisi etiam mortuos reuocaret ad uitam, nouissime fertur Hippolytum, quod iniquitate <nouercae> et inscientia parentis erat interfectus, sanasse, ita uti Eratosthenes dicit. Nonnulli Glaucum, Minoos filium, eius opera reuixisse dixerunt; pro quo, ut peccato, Iouem domum eius fulmine incendisse, ipsum autem propter artificium et Apollinem eius patrem inter sidera anguem tenentem constituisse. Vt quidam dixerunt, hac de causa anguem dicitur tenere: quod cum Glaucum cogereetur sanare, conclusus quodam loco secreto, bacillum tenens manu, cum quid ageret cogitaret, dicitur anguis ad bacillum eius adrepsisse. Quem Aesculapius mente commotus interfecit, bacillo fugientem feriens saepius. Postea fertur alter anguis eodem*

²⁴⁴ Historiador da cidade de Rodes, que viveu por volta do século III a.C. Boeuffle (2002) afirma que o intermediário entre Polizelo e Eratóstenes/Higino é Parmenisco.

²⁴⁵ O relato que Higino fará, em relação à ajuda de Forbas aos ródios, pode ser encontrado em Diodoro (*Biblioteca Histórica*, V, 58, 4-5).

²⁴⁶ Do adjetivo feminino grego ὀφιούσσα (*ophiússa*), que vem de ὄφις (*óphis* – *serpente*) e significa *abundante em serpentes, infestada de serpentes*.

uenisse, ore ferens herbam, et in caput eius inposuisse; quo facto, utrosque loco fugisse. Quare Aesculapium usum eadem herba et Glaucum reuixisse. Itaque anguis et in Aesculapii tutela et in astris dicitur conlocatus. Qua consuetudine ducti, posterius eius tradiderunt reliquis ut medici anguibus uterentur.

5. Vários astrônomos também imaginaram este como Esculápio, o qual Júpiter colocou entre os astros por causa de Apolo. De fato, como Esculápio estivesse entre os homens e se sobressaísse aos demais na medicina, de modo que não lhe parecesse suficiente aliviar as dores dos homens, mas também chamar os mortos de volta à vida, por fim diz-se que restabeleceu Hipólito, visto que havia sido morto pela iniquidade da madrasta e pela insciência do pai²⁴⁷, da mesma forma que Eratóstenes afirma²⁴⁸. Alguns disseram²⁴⁹ que por obra dele reviveu Glauco, filho de Minos. Em consequência disto, como um crime, Júpiter incendiou sua casa com um raio; e, devido ao artifício e a seu pai Apolo, constituiu-o entre os astros, tendo nas mãos uma serpente. Como alguns afirmaram, diz-se ter uma serpente por esta causa: já que fosse obrigado a restabelecer Glauco, porque havia sido encerrado em um local secreto, tendo na mão um pequeno bastão, diz-se que uma serpente rastejou até o seu bastão, quando cogitava o que faria; agitado na mente, Esculápio a matou, muitas vezes ferindo-a com o pequeno bastão, fugindo. Depois disso, diz-se que outra serpente veio ao mesmo lugar, levando uma erva na boca, e se colocou sobre sua cabeça; com este feito, ambos fugiram do local. Por esta razão, Esculápio utilizou a mesma erva e Glauco reviveu. Assim, afirma-se que a serpente foi colocada sob a tutela de Esculápio, e entre os astros. Os que vieram depois dele, levados por este costume, transmitiram aos demais que os médicos se utilizassem das serpentes.

²⁴⁷ Na obra *Hipólito*, Eurípides narra que a personagem homônima despreza Afrodite. A deusa se vinga fazendo com que Fedra, a madrasta, apaixone-se por ele. A ama revela o acontecido e o jovem passa a repudiar a madrasta e o gênero feminino. Temendo que possa se passar por uma mulher adúltera, Fedra deixa uma mensagem numa espécie de tabuinha, acusando Hipólito de tê-la violado, e, em seguida, comete suicídio. Teseu, ao ver a mensagem e a esposa morta, pensa que Hipólito teria sido o causador de tudo isto, e pede a Posêidon que retire a vida dele. O jovem morre em um acidente com cavalo, por ter se assustado com um monstro marinho enviado pelo deus.

²⁴⁸ *Catasterismos*, VI.

²⁴⁹ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 10, 3 e Higino, *Fábulas*, XLIX. Segundo outras versões dentro dos escritos desses mesmos autores (Apolodoro, *Biblioteca*, III, 3, 1 e Higino, nas fábulas CXXXVI e CCLI), quem devolveu a vida a Glauco teria sido Políido.

XV. SAGITTA.

XV. FLECHA.

1. *Hanc unam de Herculis telis esse demonstrant, qua aquilam dicitur interfecisse, quae Promethei iocinera fertur exedis; de quo pluribus dicere non inutile uidetur. Antiqui, cum maxima caerimonia deorum immortalium sacrificia administrarent, soliti sunt totas hostias in sacrorum consumere flamma. Itaque cum propter sumptus magnitudinem sacrificia pauperibus non obtingerent, Prometheus, qui propter excellentiam ingenii miram homines finxisse existimatur, recusatione dicitur ab Ioue impetrasse ut partem hostiae in ignem coicerent, partem in suo consumerent uictu; idque postea consuetudo firmauit. Quod cum facile a deo, non ut homine auaro, inpetrasset, ipse Prometheus immolat tauros duos. Quorum primum iocinera cum in ara posuisset, reliquam carnem ex utroque taurum in unum compositam corio bubulo texit; ossa autem quaecumque fuerunt, reliqua pelle contexta in medio conlocavit et Ioui fecit potestatem, ut quam uellet eorum sumeret partem. Iuppiter autem, etsi non pro diuina fecit cogitatione neque ut deum decebat, omnia qui debuit ante prouidere, sed (quoniam credere instituimus historiis) deceptus a Prometheo, utrumque putans esse taurum, delegit ossa pro sua dimidia parte. Itaque post ea in sollemnibus et religiosis sacrificiis carne hostiarum consumpta, reliquias, quae pars fuit deorum, igni conburunt.*

1. Demonstram que esta é uma das setas de Hércules, com a qual diz-se ter matado a águia que – conta-se – devorou as vísceras de Prometeu. Sobre isto, não parece inútil dizer muitas coisas. Visto que os antigos administrassem os sacrifícios aos deuses imortais com máxima cerimônia, tiveram o costume de consumir todas as vítimas nas chamas dos cultos sagrados. Assim, como os sacrifícios não coubessem aos pobres por causa da magnitude dos gastos, afirma-se que Prometeu, que devido à excelência admirável do engenho considera-se

ter modelado os homens em barro²⁵⁰, por um protesto conseguiu de Júpiter que lançassem parte da vítima ao fogo, e consumissem a outra parte em seu alimento; e o costume firmou isto desde então. Como tivesse conseguido isto facilmente do deus, não como de um homem avarento, o próprio Prometeu imola dois touros. Visto que antes tivesse colocado no altar as vísceras deles, com o couro de boi cobriu a carne restante, composta de ambos para um único touro. Já os ossos, quaisquer que tenham sido, colocou-os no meio, cobertos com a pele restante, e a Júpiter deu o poder de tomar deles a parte que quisesse. Embora não tenha feito por pensamento divino nem como convinha a um deus, Júpiter, que devia ver tudo anteriormente, mas (como estabelecemos que se acredite nos mitos) enganado por Prometeu, considerando ambos ser um touro, atribuiu os ossos como sua meia parte. Assim, desde então, após consumida a carne das vítimas nas cerimônias solenes e sacrifícios religiosos, queimam ao fogo as [porções] restantes, parte que foi dos deuses.

2. Sed ut ad propositum reuertamur, Iuppiter cum factum rescisset, animo permoto mortalibus eripuit ignem, ne Promethei gratia plus deorum potestate ualeret, neue carnis usus utilis hominibus uideretur, cum coqui non posset. Prometheus autem consuetus insidiari, sua opera ereptum mortalibus ignem restituere cogitabat. Itaque ceteris remotis, deuenit ad Iouis ignem; quo deminuto et in ferulam coniecto, laetus ut uolare, non currere uideretur, ferulam iactans, ne spiritus interclusus uaporis exstingeret in angustia lumen. Itaque homines adhuc plerumque, qui laetitiae fiunt nuntii, celerrime ueniunt. Praeterea in certatione ludorum cursoribus instituerunt ex Promethei consuetudine ut current lampadem iactantes.

2. Mas, para retornarmos ao propósito, dado que Júpiter tivesse descoberto o feito, com o ânimo agitado arrebatou dos mortais o fogo, para que o favor de Prometeu não valesse mais do que o poder dos deuses, e o uso da carne não parecesse útil aos homens, visto que não poderia ser cozida. Prometeu, porém, habituado a armar insídias, cogitava restituir aos mortais o fogo arrebatado por causa de sua obra. Desta forma, tendo deixado tudo para trás, chegou ao fogo de Júpiter; após enfraquecê-lo e introduzi-lo na vara, estava alegre de tal forma que não pareceria correr, [mas] voar, agitando a vara, para que a exalação do calor,

²⁵⁰ Apolodoro, *Biblioteca*, I, 7, 1; Ovídio, *Metamorfoses*, I, 83-88; Higino, *Fábulas*, CXLII.

fechado em um espaço estreito, não extinguisse a luz. Assim, até agora os homens que se tornam mensageiros da alegria, geralmente chegam da maneira mais rápida. Ademais, na disputa dos jogos instituíram aos corredores, a partir do costume de Prometeu, que corressem agitando a tocha.

3. *Pro quo Iuppiter facto mortalibus parem gratiam referens, mulierem tradidit his, quam a Vulcano factam deorum uoluntas omni munere donauit; itaque Pandora est appellata. Prometheum autem in monte Scythiae nomine Caucaso ferrea catena uinxit; quem adligatum ad triginta milia annorum Aeschylus tragoediarum scriptor dicit. Praeterea admisit ei aquilam, quae adsidue noctu renascentia iocinera exeset. Hanc autem aquilam nonnulli ex Typhone et Echidna natam, alii ex Terra et Tartaro, complures Vulcani factam manibus demonstrant, animamque ei ab Ioue traditam dicunt.*

3. Retribuindo um favor similar aos mortais por causa deste feito, Júpiter lhes entregou uma mulher, feita por Vulcano; a vontade dos deuses concedeu-a com todo benefício; desta maneira, foi chamada de Pandora²⁵¹. Quanto a Prometeu, porém, uma cadeia de ferro o prendeu em um monte da Cítia, de nome Cáucaso; Ésquilo, escritor de tragédias, afirma-o amarrado ao longo de trinta mil anos²⁵². Ademais, enviou-lhe uma águia que lhe devoraria o fígado, recompondo-se de modo ininterrupto à noite. Esta águia, uns demonstram como filha de Tífon e Equidna; outros, de Terra e Tártaro; e vários, como feita pelas mãos de Vulcano, e dizem que por Júpiter lhe foi dada uma alma.

4. *Sed de eius solutione haec memoriae prodita est causa. Cum Iuppiter Thetidis conubium pulchritudine corporis inductus peteret, neque a timida uirgine inpetraret, neque ea re minus efficere cogitaret, illo tempore Parcae feruntur cecinisse fata, quae perfici natura uoluit rerum. Dixerunt enim, quicumque Thetidis fuisset maritus, eius filium patria fore laude clariorem; quod Prometheus non uoluntate, sed necessitudine uigilans, auditum Ioui nuntiauit. Qui ueritus id quod ipse Saturno patri fecisset in simili causa, ne patris regno*

²⁵¹ Literalmente significa *todos os dons, presentes*. Seu nome vem da junção de πᾶν (pán – tudo) e δώρα (dóra), plural de δῶρον (dóron – dom, presente).

²⁵² Segundo Griffith (2003), a informação de Prometeu ficar preso ao longo de trinta mil anos estaria numa obra de Ésquilo intitulada Προμηθεύς πυρφόρος (Promethéus pyrphóros – Prometeu porta-fogo), da qual restam apenas fragmentos. Em *Prometeu acorrentado*, no verso 94 aparece apenas a indicação de que ficaria preso por dez mil anos, indicado pela palavra μυριετή (myriete).

priuaretur, coactus destitit Thetis uelle ducere uxorem, et Prometheo pro beneficio meritam retulit gratiam eumque uinculis liberauit. Neque, id quod fuerat iuratus, remisit uacuum omni adligatione futurum; sed memoriae causa ex utraque re, hoc est lapide et ferro, digitum sibi uinciri iussit. Qua consuetudine homines usi, quo satisfacere Prometheo uiderentur, anulos lapide et ferro conclusos habere coeperunt. Nonnulli etiam coronam habuisse dixerunt, ut se uictorem inpune peccasse diceret. Itaque homines in maxima laetitia uictoriisque coronas habere instituerunt; id exercitationibus et conuiujs perspicere licebit.

4. Mas, sobre sua libertação, foi transmitido à posteridade este mito: como Júpiter, seduzido pela beleza do corpo de Thétis, pedisse o casamento e da tímida virgem não o conseguisse, e ela não cogitasse realizá-lo nem por alguma razão, diz-se que naquele tempo as Parcas²⁵³ predisseram os fados, os quais a natureza das coisas desejou serem realizados. De fato, disseram que o filho de qualquer um que tivesse sido marido de Thétis, seria mais glorioso do que o renome do pai. Vigilante não por vontade, mas por necessidade, Prometeu anunciou a Júpiter o que foi ouvido. Receando isto, já que em causa semelhante ele mesmo o tivesse feito ao pai, Saturno, para não ser privado do reino do pai, Júpiter, coagido, desistiu de querer casar-se com Thétis, e como benefício retribuiu a Prometeu o favor merecido e o libertou das amarras. Não desprezou que isto havia sido jurado: que ele haveria de ser livre de qualquer ligadura; mas, por causa da memória, ordenou que o dedo lhe fosse adornado de ambas as coisas, isto é, de pedra e ferro. Utilizando-se desse costume, para que parecessem satisfazer a Prometeu, os homens começaram a possuir anéis contidos de pedra e ferro. Alguns também disseram ele ter possuído uma coroa, para que, como vencedor, se dissesse que cometeu uma falta impunemente. Assim, os homens estabeleceram possuir coroas em uma máxima alegria e nas vitórias; será possível perceber isto nas exercitações e nos banquetes.

5. *Sed potius ad initium causae et interitum aquilae reuertamur. Hercules missus ab Eurystheo ad Hesperidum mala, nescius uiae, deuenit ad Promethea, quem in Caucaso monte uinctum fuisse supra diximus. A quo uia demonstrata, uictor iam dum iter faceret, contendit ut et draconem, de quo ante diximus, interfectum diceret, et gratiam pro beneficio*

²⁵³ São as três irmãs responsáveis pelo fio da vida, na mitologia romana, à semelhança das Moiras gregas. Também possuem a incumbência de predizer o Destino.

referret. Nam confestim honorem quem potuit, reddidit † merenti. Qua <clade> † dimissa, homines instituerunt ut hostiis immolatis iocinera consumerent in deorum altaribus, ut exsaturare eos pro uisceribus Promethei uiderentur.

5. Mas antes, retornemos ao início da questão e à morte da águia. Enviado por Euristeu até as maçãs das Hespérides, insciente do caminho, Hércules foi até Prometeu, quem acima dissemos ter estado preso no monte Cáucaso. Depois que o caminho foi demonstrado por ele, enquanto Hércules fazia o itinerário, já vencedor, sustenta que estava morto o dragão, sobre o qual dissemos antes, e retribuiria agradecimento pelo favor. Pois a quem merecia, logo rendeu a honra que pôde²⁵⁴. Dissolvido o flagelo, os homens estabeleceram que consumiriam nos altares dos deuses as vísceras das vítimas imoladas, para que parecessem saciar-se pelas vísceras de Prometeu.

6. Vt Eratosthenes autem de Sagitta demonstrat, hac Apollo Cyclopes interfecit, qui fulmen Ioui fecerunt, quo Aesculapium interfectum complures dixerunt. Hanc autem sagittam in Hyperboreo monte Apollinem defodisse. Cum autem Iuppiter ignouerit filio, ipsam sagittam uento ad Apollinem perlatam cum frugibus, quae eo tempore nascebantur. Hanc igitur ob causam inter sidera demonstrant.

6. Conforme Eratóstenes demonstra²⁵⁵ sobre a Flecha, com esta Apolo matou os Ciclopes, que produziram para Júpiter o raio, com que – vários disseram²⁵⁶ – Esculápio foi morto. Porém, Apolo enterrou esta flecha no monte Hiperbóreo. Como Júpiter tenha perdoado o filho, a mesma flecha foi levada pelo vento até Apolo com os frutos que nasciam naquele tempo. Portanto, por esta causa a demonstram entre os astros.

XVI. AQUILA.

²⁵⁴ Bunte (1875) afirma que parecem faltar algumas informações neste trecho, por ser de lição corrompida. Aponta que talvez se devesse ler *merenti et aquilam cor eius exedentem interfecit* – [rendeu a honra que pôde] a quem merecia, e matou a águia que consumia seu coração.

²⁵⁵ *Catasterismos*, XXIX.

²⁵⁶ Higino, *Fábulas*, XLIX, 1.

XVI. ÁGUIA.

1. Haec est quae dicitur Ganymedem rapuisse et amanti Ioui tradidisse; hanc etiam Iuppiter primus ex auium genere sibi delegisse existimatur. Quae sola tradita est memoriae contra solis exorientis radios contendere uolare. Itaque supra Aquarium uolare uidetur; hunc enim complures Ganymedem esse finxerunt. Nonnulli etiam dixerunt Meropem quemdam fuisse, qui Coum insulam tenuerit regno, et a filiae nomine Coon et homines ipsos a se Meropas appellaret. Hunc autem habuisse uxorem quamdam nomine Ethemeam, genere nympharum procreatam. Quae cum desierit colere Dianam, ab ea sagittis figi coepit. Tandem a Proserpina uiuam ad inferos abreptam esse. Meropem autem desiderio uxoris permotum, mortem sibi consciscere uoluisset; Iunonem autem misertam eius in aquilam corpus eius conuertisse et inter sidera constituisset, ne, si hominis effigie eum conlocaret, nihilominus memoriam tenens coniugis desiderio moueretur.

1. Diz-se que esta é a que raptou Ganimedes e levou-o para o amante Júpiter²⁵⁷; considera-se também que do gênero das aves Júpiter escolheu primeiro esta para si²⁵⁸. Foi transmitido à memória que apenas ela se lança para voar contra os raios do sol nascente. Assim, parece voar acima de Aquário; de fato, vários imaginaram que Aquário fosse Ganimedes. Alguns também disseram ter sido um certo Mérope, que possuiu o poder da ilha de Cós, e que a partir do nome da filha chamaria de Cós [a ilha]; a partir dele mesmo, chamaria os próprios homens de Méropes. Este teve uma esposa de nome Ethêmea²⁵⁹, procriada da linhagem das ninfas. Como esta deixou de cultuar Diana, por ela começou a ser ferida com flechas. Finalmente, foi arrebatada viva por Prosérpina até os infernos. Mérope, porém, agitado pelo desejo da esposa, quis decretar para si mesmo a morte. Compadecida, Juno converteu seu corpo em águia e constituiu-o entre os astros, para que, caso o colocasse com a imagem de um homem, não fosse movido pelo desejo da cônjuge, mesmo tendo memória.

²⁵⁷ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXX.

²⁵⁸ Eratóstenes afirma isto, também em *Catasterismos*, XXX.

²⁵⁹ Boeuffle (2002) afirma que Higino parece ser o único que atesta esta variante do mito.

2. *Aglaosthenes autem qui Naxica scripsit, ait Iouem Crete subreptum, Naxum delatum et ibi esse nutritum. Qui postquam peruenerit ad uirilem aetatem et uoluerit bello lacescere Titanas, sacrificanti ei aquilam auspicatam; quo auspicio usum esse et eam inter astra conlocasse. Nonnulli etiam dixerunt Mercurium, alii autem Anapladem pulchritudine Veneris inductum in amorem incidisse; et cum ei copia non fieret, animo, ut contumelia accepta, defecisse. Iouem autem misertum eius, cum Venus in Acheloo flumine corpus ablueret, misisse aquilam, quae soccum eius in Amythaoniam Aegyptiorum delatum Mercurio traderet; quem persequens Venus ad cupientem sui peruenit. Qui copia facta, pro beneficio aquilam in mundo conlocauit.*

2. Aglaóstenes, que escreveu *Naxica*, diz que Júpiter foi retirado de Creta, levado a Naxos e aí se desenvolveu. Depois de ter chegado à idade viril e ter desejado atacar os Titãs pela guerra, uma águia concedeu um auspício a ele, que fazia um sacrifício; utilizou-se desse auspício e colocou-a entre os astros. Alguns também disseram que Mercúrio – outros, porém, que Anaplades –, seduzido pela beleza de Vênus, incidiu no amor; e já que não existisse oportunidade, perdeu o ânimo como se tivesse sido recebida uma afronta. Dado que Vênus estivesse lavando o corpo no rio Aqueloo, compadecido dele, Júpiter enviou uma águia, que entregaria a Mercúrio o calçado dela, levado à Amitaônia dos egípcios. Procurando o calçado, Vênus chegou àquele que a desejava. Pela oportunidade feita, como benefício Mercúrio colocou a águia no firmamento.

XVII. DELPHIN.

XVII. DELFIM.

1. *Hic qua de causa sit inter astra conlocatus, Eratosthenes ita cum ceteris dicit: Neptunum, quo tempore uoluerit Amphitriten ducere uxorem, et illa cupiens conseruare uirginitatem fugerit ad Atlanta, complures eam quaesitum dimisisse, in his et Delphina quemdam nomine. Qui peruagatus insulas, aliquando ad uirginem peruenit eique persuasit,*

ut nuberet Neptuno, et ipse nuptias eorum administravit. Pro quo facto inter sidera Delphini effigiem conlocavit. Et hoc amplius: qui Neptuno simulacra faciunt, delphinum aut in manu, aut sub pede eius constituere uidemus; quod Neptuno gratissimum esse arbitrantur.

1. Sobre a causa pela qual este tenha sido colocado entre os astros, Eratóstenes²⁶⁰ assim diz com os demais: No tempo em que Netuno quis desposar Anfitrite, e ela, desejando conservar a virgindade, fugiu até Atlas, Netuno enviou vários para procurá-la; entre estes, também um, de nome Delfim. Tendo percorrido as ilhas, ele finalmente chegou até a virgem e a persuadiu de que se casasse com Netuno, e ele mesmo administrou as núpcias deles. Em consequência deste feito, [o deus] colocou entre os astros a imagem de Delfim. E mais isto: vemos aqueles que fazem esculturas para Netuno colocarem um delfim ou em sua mão ou sob seu pé, porque consideram ser algo gratíssimo a Netuno.

2. Aglaosthenes autem, qui Naxica conscripsit, Tyrrhenos ait fuisse quosdam nauicularios, qui puerum etiam Liberum patrem receptum, ut Naxum cum suis comitibus trauctum redderent nutricibus nymphis, a quibus eum nutritum et nostri in progenie deorum et complures Graeci dixerunt. Sed ut ad propositum reuertamur, nauicularii, spe praedae inducti, nauem auertere uoluerunt. Quod Liber suspicatus comites suos iubet symphoniam canere; quo sonitu inaudito Tyrrheni cum usque adeo delectarentur, ut etiam in saltationibus essent occupati; cupiditate saltandi se in mare inscii proiecerunt et ibi delphini sunt facti. Quorum cogitationem cum Liber memoriae hominum tradere uoluisset, unius effigiem inter sidera conlocavit.

2. Aglaóstenes, porém, que escreveu *Naxica*, diz ter havido alguns naviculários tirrenos pelos quais o pai Líber foi recebido ainda criança, a fim de com seus companheiros o levarem, transportado para Naxos, às ninfas nutrizes. Os nossos [escritores], na *Origem dos deuses*²⁶¹, e vários gregos disseram que por elas o deus foi nutrido. Mas, para retornarmos ao propósito, os naviculários, levados pela esperança da presa, quiseram desviar o navio. Suspeitoso, Líber ordena que seus companheiros cantem uma sinfonia²⁶². Como os tirrenos

²⁶⁰ *Catasterismos*, XXXI.

²⁶¹ Refere-se às teogonias compostas pelos autores.

²⁶² Canto melodioso em coro.

se deleitassem com o som inaudito de tal forma que estivessem tomados inclusive em danças, pelo desejo de saltar lançaram-se ao mar, inscientes, e aí se tornaram delfins. Dado que Líber tivesse querido transmitir à lembrança dos homens o pensamento deles, colocou entre os astros a imagem de um único.

3. *Alii autem dicunt hunc esse delphina, qui Ariona citharoedum ex Siculo mari Taenarum trauxit. Qui cum ceteros artificio praestaret et circum insulas quaestus causa uagaretur, seruuli eius, arbitrati plus in perfidiosa libertate commodi quam in placida seruitute esse, cogitare coeperunt ut, domino in pelagus proiecto, bona inter se partirentur. Qui cum cogitationem eorum sensisset, petiit, non ut dominus a seruis et innocens ab improbis, sed ut parens a filiis, ut se liceret ornatum qua saepe uicerat ueste, quoniam nemo esset alius qui ut ipse suum questu prosequeretur euentum. Quod cum inpetrasset, cithara sumpta, suam coepit deflere mortem; quo sonitu ducti delphines e toto mari pronatant ad Arionis cantum. Itaque deorum immortalium potestate inuocata, super eos se deiecit; quorum unus Ariona exceptum pertulit ad Taenarium litus. Cuius memoriae causa quae ibi statua statuta est Arionis, in ea delphini simulacrum adfixum uidetur; pro qua re inter sidera ab antiquis astrologis est figuratum. Serui autem, qui se putarant seruitute elapsos, tempestate Taenarum perducti, a domino comprehensi, non mediocri supplicio sunt adfecti.*

3. Outros dizem este ser o delfim que transportou o citaredo Aríon²⁶³ do mar sículo a Tênaros. Como se sobressaísse aos demais pela arte e, procurado por este motivo, vagasse em torno das ilhas, seus pequenos escravos julgaram estar mais cômodos em uma pérvida liberdade do que em uma plácida servidão e começaram a pensar que, após lançar o senhor ao mar, os bens seriam repartidos entre si. Já que tivesse percebido o pensamento deles, não como um senhor aos escravos e um inocente aos ímprobos, mas como um pai pede aos filhos, pediu que lhe fosse permitido o ornato com a veste com que muitas vezes havia triunfado²⁶⁴,

²⁶³ Poeta grego, da ilha de Lesbos. Segundo a versão da fábula CXCIV de Higino, o rei de Corinto havia apreciado muito a arte de Aríon e, por causa disto, deu-lhe uma grande quantia para difundir seu talento pelas cidades. Descontentes, os empregados do rei combinaram com os marinheiros de matarem o poeta, mas, como este já havia recebido em sonho os adornos de Apolo, pediu aos algozes que antes lhe deixassem cantar e tocar. Enquanto fazia isto, vários delfins rodearam o barco, ao passo que o poeta lançou-se ao mar e foi salvo pelos animais. A versão difere da que é apresentada aqui, em *De Astronomica*.

²⁶⁴ Refere-se à roupa utilizada em tal evento. Boeuffle (2002) emprega o exemplo empregado por Ovídio (*Fastos*, II, 107), quando cita a veste purpúrea, tingida duas vezes.

porque não haveria nenhum outro que como ele prosseguisse seu acontecimento com lamento. Como tivesse conseguido isto, tendo tomado a cítara, começou a lamentar sua morte. Levados pelo som, de todo o mar os delfins nadaram até o canto de Aríon. Assim, invocado o poder dos deuses imortais, Aríon lançou-se sobre eles, dos quais um levou-o, após ter sido recebido, até o litoral de Tênaros. Por causa de sua memória, na estátua de Aríon que aí foi erigida, vê-se fixada a imagem de um delfim. Em consequência desta questão, foi figurado entre os astros pelos antigos astrônomos. Os escravos, porém, que se consideraram livres da servidão, foram levados por uma tempestade a Tênaros, apanhados pelo senhor e condenados a um não medíocre suplício.

XVIII. EQUUS.

XVIII. CAVALO.

1. *Hunc Aratus et alii complures Pegasus, Neptuni et Medusae Gorgonis filium dixerunt; qui in Helicone Boeotiae monte ungula feriens saxum, fontem aperuit, qui ex eius nomine Hippocrene est appellatus. Alii dicunt, quo tempore Bellerophontes ad Proetum Abantis filium, Argiuorum regem, deuenerit, Antiam regis uxorem hospitis amore inductam, petisse ab eo uti sibi copiam faceret, promittens ei coniugis regnum. Quod cum inpetrare non potuisset, uerita ne se ad regem crimineretur, occupat: eum sibi uim adferre uoluisset Proeto dicit. Qui quod eum dilexerat, noluit ipse supplicium sumere, sed quod ei [Pegasus] equum esse sciebat, mittit eum ad Iobatem, Antiae patrem, quam alii Sthenoboeam dixerunt, ut ille filiae pudicitiam defendens, Bellerophontem obiceret Chimaerae, quae eo tempore Lyciorum agros flamma uastabat. Vnde uictor profugiens, post fontis inuentionem cum ad caelum contenderet euolare neque longe abesset, despiciens ad terram, timore permotus decidit ibique perisse dicitur. Equus autem subuolasse et inter sidera ab Ioue constitutus existimatur. Alii non criminatum ab Antia, sed ne saepius audiret quod nollet, aut precibus eius moueretur, profugisse Argis dixerunt.*

1. Arato²⁶⁵ e vários outros²⁶⁶ disseram que este é Pégaso, filho de Netuno e da Górgona Medusa; ao ferir com o casco uma pedra no Hélicon, monte da Beócia, abriu uma fonte, que a partir de seu nome foi chamada de Hippocrene²⁶⁷. Outros dizem²⁶⁸ que, no tempo em que Belerofonte foi até Preto, filho de Abante, rei dos argivos, a esposa do rei, Anteia, seduzida por amor do hóspede, pediu dele que lhe desse uma oportunidade, prometendo-lhe o reino do cônjuge. Como não tivesse conseguido alcançar isto, receosa, antecipa-se para não ser acusada ao rei: diz a Preto que Belerofonte pretendeu fazer violência contra ela. Visto que o estimava, ele mesmo não quis estabelecer um suplício, mas, como sabia que tinha o cavalo Pégaso, enviou-o a Ióbates, pai de Anteia, a qual outros chamaram Estenebeia, para que ele, defendendo a honra da filha, colocasse Belerofonte diante da Quimera²⁶⁹, que naquele tempo devastava com chamas os campos dos lícios. Fugindo daí como vencedor, já que, após a descoberta da fonte, pretendesse sair voando até o céu e não estivesse muito longe, ao olhar de cima em direção à terra, Belerofonte caiu agitado pelo temor, e diz-se que aí morreu. Considera-se que o cavalo, por sua vez, elevou-se voando e que por Júpiter foi constituído entre os astros. Outros disseram que Belerofonte não foi incriminado por Anteia, mas, para que não ouvisse com mais frequência o que não queria, ou se comovesse com seus pedidos, fugiu para Argos.

2. *Euripides autem in Melanippa Hippen, Chironis Centauri filiam, Thetin antea appellatam dicit. Quae cum aleretur in monte Pelio et studium in uenando maximum haberet, quodam tempore ab Aeolo, Hellenis filio, Iouis nepote, persuasam concepisse; cumque iam partus adpropinquaret, profugisse in siluam, ne patri, cum uirginem speraret, nepotem procreasse uideretur. Itaque cum parens eam persequeretur, dicitur petisse a deorum potestate ne parians a parente conspiceretur. Quae deorum uoluntate, postquam peperit, in equam conuersa, inter astra constituta.*

²⁶⁵ Em *Fenômenos*, ao longo do texto Arato cita apenas a forma de ἵππος (*híppos*), *cavalo*, sem nomeá-lo.

²⁶⁶ Eratóstenes, *Catasterismos*, XVIII.

²⁶⁷ Vem da junção de ἵππος (*híppos*), que significa *cavalo*, e de κρήνη (*kréne*), que significa *fonte*. Literalmente, Hippocrene significa *Fonte do cavalo*.

²⁶⁸ Homero, *Iliada*, VI, 157-171, em que cita este episódio inteiro, excetuando a parte sobre Pégaso; Apolodoro, *Biblioteca*, II, 3, 1; Higino, *Fábulas*, LVII.

²⁶⁹ Conforme aponta Homero (*Iliada*, VI, 181-183), a Quimera era um monstro que possuía a cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão, e soltava chamas pela boca. Já segundo Hesíodo (*Teogonia*, 321-324), além de ter o corpo tripartido, a Quimera possuía três cabeças, sendo uma de leão, outra, de cabra e outra, de víbora.

2. Em *Melanipe*²⁷⁰, Eurípides diz que Hipe²⁷¹, filha do centauro Quíron, antes era chamada de Thétis. Dado que fosse criada no monte Pélion e tivesse máxima dedicação em caçar, ela, persuadida por Éolo, filho de Heleno e neto de Júpiter, em um determinado momento ficou grávida; e como o parto já se aproximasse, fugiu para a floresta, a fim de que ao pai não parecesse ter procriado um neto, já que ele a considerava virgem. Assim, como o pai a perseguisse, diz-se que ela pediu ao poder dos deuses que pelo pai não fosse vista como gestante. Depois que pariu, foi constituída entre os astros, convertida em égua pela vontade dos deuses.

3. *Nonnulli eam uatem dixerunt fuisse; sed quod deorum consilia hominibus sit enuntiare solita, in equam esse conuersam. Callimachus autem ait, quod desierit uenari et colere Dianam, in quam supra speciem diximus eam Dianam conuertisse. Haec dicitur etiam hac re non esse in conspectu Centauri, quem Chirona esse nonnulli dixerunt, et etiam dimidia apparere, quod noluerit sciri se feminam esse.*

3. Alguns disseram ter sido uma vate; mas, como tivesse tido o costume de enunciar os conselhos dos deuses aos homens, foi convertida em égua. Calímaco, porém, afirma que ela teria desistido de caçar e de cultuar Diana, e que Diana a converteu para a forma que dissemos acima. Diz-se, inclusive, que por esta razão ela não está na visão do Centauro, que alguns disseram ser Quíron, e aparece pela metade, porque não quis que se soubesse ser uma mulher.

XIX. DELTOTON.

XIX. TRIÂNGULO.

²⁷⁰ Obra composta por Eurípides, da qual restam apenas fragmentos. A referência é citada por Eratóstenes (*Catasterismos*, XVIII).

²⁷¹ Do grego ἵππη (*híppe*), que significa *égua*.

Hoc sidus quod ut littera est Graeca in triangulo posita, ita appellatur. Quod Mercurius supra caput Arietis statuisse existimatur ideo ut obscuritas Arietis huius splendore, quo loco esset, significaretur, et Iouis nomine Graece Διός primam litteram deformaret. Nonnulli Aegypti positionem, alii qua Nilus terminaret Aethiopiam et Aegyptum dixerunt. Alii Siciliam figuratam putauerunt; alii, quod orbem terrarum superiores trifariam diuiserunt, tres angulos esse constitutos dixerunt.

Esta constelação chama-se assim porque é como a letra grega colocada em triângulo²⁷². Considera-se que Mercúrio o estabeleceu acima da cabeça de Áries para que com seu esplendor, no local em que estivesse, fosse indicada a obscuridade de Áries, e formasse a primeira letra do nome de Júpiter, em grego Διός²⁷³. Alguns disseram ser a posição do Egito; outros, a posição em que o Nilo delimita a Etiópia e o Egito. Uns consideraram figurada a Sicília; outros afirmaram que foram constituídos três ângulos, porque os deuses superiores dividiram o orbe da Terra em três partes²⁷⁴.

XX. ARIES.

XX. ÁRIES.

1. *Hic existimatur esse qui Phrixum transtulisse et Hellen dictus est per Hellespontum. Quem Hesiodus et Pherecydes ait habuisse auream pellem; de qua alibi plura dicemus. Sed Hellen decidisse in Hellespontum et a Neptuno compressam Paeona procreasse complures, nonnulli Edonum dixerunt. Praeterea Phrixum incolumem ad Aetam peruenisse, arietem Ioui inmolasse, pellem in templo fixisse et arietis ipsius effigiem ab Nube inter sidera constitutam habere tempus anni quo frumentum seritur, id Ino quod tostum seuerit ante, quae maxime fugae fuit causa. Eratosthenes ait arietem ipsum sibi pellem auream detraxisse et*

²⁷² Refere-se à letra *delta* maiúscula, que se escreve Δ. O nome *Deltoton* vem do adjetivo grego δελτωτόν (*deltotón*), que significa *algo em forma de delta ou de triângulo*.

²⁷³ *Diós*, referindo-se ao caso genitivo da palavra.

²⁷⁴ Europa, África e Ásia, continentes descobertos até então. Retoma o que foi dito no livro I, 8, 1 da obra.

Phrixo memoriae causa dedisse, ipsum ad sidera peruenisse, quare, ut supra diximus, obscurius uideatur.

1. Considera-se que este é quem transportou Frixo e Hele pelo Helesponto, segundo a tradição²⁷⁵. Hesíodo²⁷⁶ e Ferécides afirmam que possuía a pele dourada, sobre a qual falaremos várias coisas, em outro lugar. Mas Hele caiu no Helesponto, e, após ser violada por Netuno, muitos disseram ter procriado Péon; outros, Édon. Depois disso, Frixo chegou incólume até Eetes²⁷⁷, imolou um carneiro²⁷⁸ a Júpiter e fixou a pele no templo. A imagem do mesmo carneiro, constituída entre os astros por Néfele, possui a época do ano em que é semeado o trigo, porque Ino, que foi sobretudo a causa da fuga²⁷⁹, anteriormente o semeou queimado. Eratóstenes²⁸⁰ afirma que o próprio carneiro tirou de si a pele dourada, concedeu-a a Frixo por causa da memória e ele mesmo foi até os astros. Conforme dissemos acima, por este motivo é visto de forma mais obscura.

2. Hunc autem nonnulli dixerunt in oppido Orchomeno, quod est in Boeotia, natum; alii in Salonum Thessaliae finibus procreatum. Alii dicunt Crethea et Athamantem cum aliis compluribus Aeoli filios fuisse; nonnulli etiam Athamantis filium Salmonea esse Aeoli nepotem dixerunt. Crethea autem habuisse Demodicen uxorem, quam alii Biadicen dixerunt. Hanc autem Phrxi Athamantis filii corpore inductam in amorem incidisse, neque ab eo ut sibi copiam faceret inpetrare potuissent. Itaque necessario coactam, criminari eum ad Crethea coepisse, quod diceret ab eo uim sibi paene adlatam, et horum similia mulierum consuetudine dixisse. Quo facto Crethea, ut uxoris amantem et regem decebat, permotum, Athamanti ut de eo supplicium sumeret persuasisse. Nubem autem interuenisse, et ereptum Phrixum et eius sororem Hellen in arietem inposuisse et per Hellespontum quam longissime posset profugere iussisse. Hellen decidisse et ibi debitum naturae reddidisse, et ex eius nomine Hellespontum

²⁷⁵ A expressão *segundo a tradição* refere-se ao verbo *dictus est*, utilizada em virtude de aparecer expressão verbal semelhante no mesmo período. Frixo e Hele são irmãos, filhos de Atamante e Néfele.

²⁷⁶ Fragmento 68.

²⁷⁷ Rei da Cólquida.

²⁷⁸ Que em latim é *aries*.

²⁷⁹ Atamante primeiro uniu-se a Néfele e gerou Frixo e Hele. Posteriormente, uniu-se também a Ino, mas esta, com ciúmes dos primeiros filhos dele, planejou matá-los. Semeou trigo torrado, para que não germinassem, e subornou os mensageiros do oráculo de Delfos. No momento em que Atamante procura saber o motivo da esterilidade da terra, os homens afirmam ser necessário o sacrifício das crianças. Daí, sobretudo ser Ino o motivo da fuga.

²⁸⁰ *Catasterismos*, XIX.

appellatum. Phrixum Colchos peruenisse et, ut ante diximus, arietis interfecti pellem in templo fixisse. Ipsum autem a Mercurio ad Athamantem esse reductum, qui patri eius satisfecerit, eum innocentia confisum profugisse.

2. Alguns, porém, disseram que este nasceu na cidade de Orcómeno, que está na Beócia; outros, que foi procriado nos territórios de Salonas, na Tessália. Uns²⁸¹ afirmam que com muitos outros Creteu e Atamante foram filhos de Éolo; outros também disseram que Salmoneu era filho de Atamante, neto de Éolo. Creteu, porém, teve Demódice como esposa, a qual outros nomearam Biádice. Esta, seduzida pelo corpo de Frixo, filho de Atamante, incidiu sobre o amor e não pôde conseguir que lhe desse uma oportunidade. Assim, impelida pela necessidade, começou a acusá-lo diante de Creteu, visto que lhe dissesse que quase havia sido levada à força por ele, e lhe contou coisas semelhantes, segundo o costume de mulheres deste tipo. Feito isto, como convinha a alguém que ama a esposa e a um rei, Creteu persuadiu Atamante para que sobre ele atribuísse um castigo. Porém, Néfele interveio e, tendo tomado Frixo e Hele, sua irmã, colocou-os sobre um carneiro e ordenou fugir pelo Helesponto o quão longe pudesse. Hele caiu e neste lugar pagou a dívida da natureza; a partir de seu nome foi nomeado o Helesponto. Frixo chegou a Colcos e, conforme dissemos antes, fixou no templo a pele do carneiro morto. Até Atamante ele foi reconduzido por Mercúrio, e, confiando-se na inocência, a seu pai deu satisfação de que havia fugido.

3. Hermippus autem dicit, quo tempore Liber Africam obpugnauerit, deuenisse cum exercitu in eum locum qui propter multitudinem pulueris Ammodes est appellatus. Itaque cum in maximum periculum deuenisset, quod iter faciendum esse necessario uidebat, accessit eo ut aquae maxima penuria esset; quo facto exercitus ad defectionem maximam uenire cogeatur. Qui quid agerent dum cogitant, aries quidam fortuitu ad milites seorsum errans peruenit; quos cum uidisset, fuga praesidium sibi parauit. Milites autem, qui eum fuerant conspicati, etsi puluere et aestu pressi uix progrediebantur, tamen ut praedam ex flamma petentes, arietem sequi coeperunt usque ad eum locum, qui Iouis Hammonis postea templo constituto est appellatus. Quo cum peruenissent, arietem quem secuti fuerant, nusquam inuenire potuerunt; sed quod magis his fuerat optandum, aquae magnam copiam in eo loco

²⁸¹ Homero, *Odisseia*, XI, 237; Apolônio de Rodas, *Argonáuticas*, III, 360; Apolodoro, *Biblioteca*, I, 7, 3.

nacti, corpora recuperauerunt et Libero statim nuntiauerunt. Qui gaudisus ad eos fines exercitum deduxit et Iouis Hammonis templum cum arietinis cornibus simulacro facto constituit. Arietem inter sidera figuravit, ita ut, cum sol in eius foret signo, omnia nascentia recrearentur, quae ueris tempore fiunt, hac re maxime, quod illius fuga Liberi recreauit exercitum. Praeterea duodecim signorum principem uoluit esse, quod illius optimus exercitui fuerit ductor.

3. Hermipo afirma que Líber, no tempo em que atacou a África, chegou com o exército àquele local, que foi chamado *Ammodēs*²⁸², por conta da grande quantidade de poeira. Assim, como tivesse chegado em máximo perigo, porque via que o caminho deveria ser necessariamente percorrido, a isto somou que houvesse máxima penúria de água; por esse motivo, o exército era obrigado a chegar a um máximo esgotamento. Enquanto os soldados cogitavam o que fariam, por acaso veio até eles um carneiro, que andava sem rumo; quando os viu, preparou para si uma defesa, com a fuga. Os soldados, porém, que o tinham avistado, embora progredissem com dificuldade, refreados pela poeira e pelo calor, mas como se do interior do fogo procurassem atingir a presa, começaram a perseguir o carneiro até o local que logo foi nomeado pelo templo erigido de Júpiter Ámon²⁸³. Quando chegaram aí, não conseguiram encontrar em nenhuma parte o carneiro que haviam perseguido; mas encontraram o que era mais desejado por eles: uma grande quantidade de água; recuperaram os corpos e imediatamente anunciaram isto a Líber. Contento, conduziu o exército até aqueles territórios e, após ter sido feita uma estátua com os chifres do carneiro, erigiu o templo de Júpiter Ámon. Figurou o carneiro entre os astros, de modo que, quando o sol estivesse em seu signo, fossem recriadas todas as coisas nascentes, as quais se fazem no tempo da primavera, sobretudo por esta razão: porque a fuga do carneiro recriou o exército de Líber. Além disso, quis que ele fosse o primeiro dos doze signos, já que havia sido seu melhor condutor para o exército.

4. *Sed de Hammonis simulacro Leon, qui res Aegyptias conscripsit, ait: cum Liber Aegyptum et reliquos fines regno teneret et omnia primus hominibus ostendisse diceretur, Hammonem quemdam ex Africa uenisse et pecoris multitudinem ad Liberum adduxisse, quo*

²⁸² Referente à palavra grega ἀμμώδης, que significa arenoso.

²⁸³ Vem de Ἄμμων (ámmon), nome egípcio de Zeus.

facilius et eius gratia uteretur et aliquid primus inuenisse diceretur. Itaque pro beneficio ei Liber existimatur agrum dedisse, qui est contra Thebas Aegyptias; et qui simulacra faciunt Hammonis, capite cornuto instituunt, ut homines memoria teneant eum primum pecus ostendisse. Qui autem Libero factum uoluerunt adsignare, quod non petierit ab Hammone, sed ultro ad eum sit adductum, Liberi simulacra cornuta fecerunt et arietem memoriae causa inter sidera fixum dixerunt.

4. Mas sobre a estátua de Ámon, Leão, que escreveu *História do Egito*²⁸⁴, afirma: Quando Líber possuía em domínio o Egito e demais territórios, diz-se que ele havia sido o primeiro a apresentar tudo aos homens. Um certo Ámon tinha vindo da África e levado até Líber um grande rebanho, para que gozasse mais facilmente de seu favor; e diz-se que foi o primeiro a inventar algo. Assim, considera-se que como benefício Líber lhe deu um campo, que está em frente à Tebas egípcia. Aqueles que fazem as estátuas de Ámon, erigem-nas com a cabeça cornuda, para que os homens tenham na memória que ele apresentou o primeiro rebanho. Aqueles, porém, que quiseram atribuir o feito a Líber, fizeram as estátuas cornudas, porque o rebanho não foi solicitado a Ámon, mas foi levado espontaneamente até o deus, e disseram que o carneiro foi fixado entre os astros em virtude da memória.

XXI. TAURUS.

XXI. TOURO.

1. *Hic dicitur inter astra esse constitutus, quod Europam incolumem transuexerit Cretam, ut Euripides dicit. Nonnulli aiunt, cum <Io> in bouem sit conuersa, ut Iuppiter ei satisfacere uideretur, inter sidera constituisse, quod eius prior pars adpareat ut tauri, sed reliquum corpus obscurius uideatur. Spectat autem ad exortum solis; cuius oris effigiem quae continent stellae, Hyades appellantur. Has autem Pherecydes Atheniensis Liberi nutrices esse demonstrat, numero septem, quas etiam antea nymphas Dodonidas appellatas. Harum*

²⁸⁴ Autor que viveu por volta do século IV a.C. e escreveu sobre os deuses do Egito.

nomina sunt haec: Ambrosia, Eudora, Pedile, Coronis, Polyxo, Phyto, Thyone. Hae dicuntur a Lycurgo fugatae et praeter Ambrosiam omnes ad Thetim profugatae, ut ait Asclepiades. Sed ut Pherecydes dicit, ad Thebas Liberum perlatum Inoni tradiderunt. Quam ob causam ab Ioue his gratia est relata, quod inter sidera sunt constitutae.

1. Diz-se que este foi constituído entre os astros porque transportou Europa incólume a Creta, conforme afirma Eurípides²⁸⁵. Alguns afirmam que, como Io tenha sido convertida em vaca, para que Júpiter lhe retribuísse, constituiu-a entre os astros, já que sua parte dianteira apareça como de touro, mas o restante do corpo pareça mais obscuro. Está voltada para o nascer do sol; as estrelas que contêm a imagem de seu rosto, são chamadas de Híades. Ferécides de Atenas, porém, demonstra que estas são as nutrizes de Líber, em número de sete, as quais também eram chamadas antes de ninfas de Dodona. Seus nomes são estes: Ambrósia, Eudora, Pedile, Coronis, Polixo, Fito e Tíone. Diz-se que estas foram afugentadas por Licurgo²⁸⁶ e todas, exceto Ambrósia, se refugiaram junto a Thétis, conforme afirma Asclepiades²⁸⁷. Mas, como diz Ferécides, a Ino entregaram Líber, levado até Tebas. Por este motivo, este favor lhes foi concedido por Júpiter, já que foram constituídas entre os astros.

2. Pliades autem appellatae sunt, ut ait Musaeus, quod ex Atlante et Aethra Oceani filia sint filiae quindecim procreatae, quarum quinque Hyades appellatas demonstrat, quod earum Hyas fuerit frater, a sororibus plurimum dilectus. Qui cum uenans a leone esset interfectus, quinque, de quibus supra diximus, lamentationibus adsiduus permotae, dicuntur interisse; quare eas, quod plurimum de eius morte laborarent, Hyadas appellatas. Reliquas autem decem sorores deliberasse de sororum morte et earum septem mortem sibi conscisse; quare quod plures idem senserint, Pliadas dictas.

2. Porém, são chamadas de Plêiades, conforme diz Museu, porque de Atlante e Etra, filha de Oceano, foram procriadas quinze filhas²⁸⁸, dentre as quais demonstra que cinco foram chamadas Híades, porque Hias foi irmão delas, muito amado pelas irmãs. Como ele tivesse

²⁸⁵ Eratóstenes, em *Catasterismos*, XIV, afirma que a obra de Eurípides citada é *Frixo*.

²⁸⁶ Rei da Trácia.

²⁸⁷ Autor grego que viveu por volta do século IV a.C. e que se dedicou à escrita de mitos e estudos literários.

²⁸⁸ Boeuffle (2002) afirma que Higino talvez tenha se equivocado no número total das Híades, que geralmente aparecem em doze, e não em quinze.

sido morto por um leão, caçando, diz-se que as cinco, sobre as quais dissemos acima, agitadas pelas assíduas lamentações, pereceram; por esta razão, visto que sofressem muito devido à sua morte, foram chamadas Híades. As dez restantes deliberaram sobre a morte das irmãs e sete delas decretaram a morte para si mesmas; por esta razão, visto que muitas tenham pensado o mesmo, foram chamadas Plêiades.

3. *Alexander autem Hyadas ait dictas, quod Hyantis et Boeotiae sint filiae; Pliadas autem, quod ex Plione Oceani et Atlante sint natae. Hae numero septem dicuntur, sed nemo amplius sex potest uidere; cuius causa proditur haec, quod de septem sex cum immortalibus concubuerint, tres cum Ioue, duae cum Neptuno, una cum Marte, reliqua autem Sisyphi fuisse uxor demonstratur. Quarum ex Electra et Ioue Dardanum, ex Maia Mercurium, ex Taygete Lacedaemona procreatum; ex Alcyone autem et Neptuno Hyriea, ex Celaeno Lycum et Nyctea natum. Martem autem ex Sterope Oenomaum procreasse, quam alii Oenomai uxorem dixerunt. Meropen autem Sisypho nuptam Glaucum genuisse, quem complures Bellerophontis patrem esse dixerunt. Quare propter reliquas eius sorores inter sidera constitutam; sed quod homini nupserit, stellam eius obscuratam. Alii dicunt Electram non apparere ideo, quod Pliades existimentur choream ducere stellis; sed postquam Troia sit capta et progenies eius, quae a Dardano fuerit, sit euersa, dolore permotam ab his se remouisse et in circulo, qui arcticus dicitur, constitisse, ex quo tam longo tempore lamentantem capillo passo uideri; itaque e facto cometen esse appellatam.*

3. Alexandre²⁸⁹, por sua vez, afirma que são chamadas Híades porque são filhas de Hias e de Beócia; Plêiades, porém, porque são nascidas de Plêione, filha de Oceano, e de Atlas. Diz-se²⁹⁰ que estas são em número de sete, mas ninguém pode ver mais de seis. Disto, conta-se esta causa²⁹¹: porque das sete, seis se deitaram com imortais; três, com Júpiter; duas, com Netuno; uma, com Marte; a restante²⁹², porém, diz-se que foi esposa de Sísifo. Destas, de Electra e Júpiter foi procriado Dárdano; dele e Maia, Mercúrio; dele e Taígeta, Lacedémon. De Alcíone e Netuno nasceu Hirieu; dele e Celeno, Lico e Nicteu. Já Marte

²⁸⁹ Segundo Boeuffle (2002), sem dúvida é Alexandre Polyhístor, citado por Suetônio em *De grammaticis et rhetoribus*, na passagem sobre Higino.

²⁹⁰ Eratóstenes, *Catasterismos*, XIV e XXIII; Arato, *Fenômenos*, 257-258.

²⁹¹ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXIII.

²⁹² Mérope.

procriou Enomau de Estérope, a qual outros afirmaram como esposa de Enomau²⁹³. Mérope, casada com Sísifo, gerou Glauco, quem muitos afirmaram ser pai de Belerofonte. Por esta razão (por causa de suas outras irmãs), foi constituída entre os astros, mas, como se uniu a um homem, sua estrela foi obscurecida. Outros afirmam que Electra não aparece, porque considera-se que as Plêiades conduzem a dança em coro nas estrelas; mas, depois que Troia foi tomada, e arruinou-se sua progênie, que foi a partir de Dárdano, comovida pela dor, se afastou delas, e constituiu-se no círculo que se chama ártico, pelo que é vista se lamentando por tempo tão longo, com o cabelo estendido. Assim, por isto foi chamada de *Cometes*²⁹⁴.

4. *Sed has Pliadas antiqui astrologi seorsum a Tauro deformauerunt, ut ante diximus, Pliones et Atlantis filias. Quae cum per Boeotiam cum puellis iter faceret, Oriona concitatum uoluisse ei uim adferre; illam fugere coepisse, Oriona autem secutum esse annos septem neque inuenire potuisse. Iouem autem puellarum misertum, inter astra constituisse, et postea a nonnullis astrologis caudam Tauri appellatas. Itaque adhuc Orion fugientes eas ad occasum sequi uidetur. Eas stellas nostri Vergilias appellauerunt, quod post uer exoriuntur, et hae quidem ampliorem ceteris habent honorem, quod earum signo exoriente aestas significatur, occidente autem hiems ostenditur, quod aliis non est traditum signis.*

4. Mas os antigos astrônomos representaram estas Plêiades separadamente do Touro, conforme dissemos antes, as filhas de Atlas e Plêione. Quando esta caminhava pela Beócia com as meninas, Órion, excitado, quis fazer-lhe violência. Ela começou a fugir, mas Órion a perseguiu por sete anos²⁹⁵ e não conseguiu encontrá-la. Júpiter, porém, compadecido das meninas, constituiu-as entre os astros e depois, por alguns astrônomos, foram nomeadas a cauda do Touro. Assim, Órion ainda parece persegui-las, fugindo até o ocaso. Os nossos chamaram essas estrelas de *Vergiliae*, porque nascem depois da primavera²⁹⁶; e estas certamente possuem honra mais ampla do que as demais, já que, nascendo seu asterismo²⁹⁷,

²⁹³ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 10, 1; Pausânias, *Descrição da Grécia*, V, 10, 6.

²⁹⁴ Vem do adjetivo grego κομήτης (*kométes*), que denota alguém que tem longos cabelos.

²⁹⁵ Boeuffle (2002) afirma que talvez Higino tenha mudado de forma consciente a duração da perseguição de Órion, de cinco para sete anos.

²⁹⁶ O vocábulo *uergiliae* teria ligação com a primavera porque, em latim, tal estação do ano é *uer*.

²⁹⁷ Seguindo o exemplo de Boeuffle (2002), escolhemos traduzir por *asterismo*. Na astronomia, este termo significa um conjunto de estrelas, dentro de uma constelação, que apresenta uma forma definida.

indica-se o verão; pondo-se, porém, é apresentado o inverno, o que não foi transmitido às outras estrelas.

XXII. GEMINI.

XXII. GÊMEOS.

Hos complures astrologi Castorem et Pollucem esse dixerunt; quos demonstrant omnium fratrum inter se amantissimos fuisse, quod neque de principatu contenderint, neque ullam rem sine communi consilio gesserint. Pro quibus officiis eorum Iuppiter notissima sidera eos constituisse existimatur. Neptunum autem pari consilio munerasse; nam equos his quibus utuntur donavit et dedit potestatem naufragis saluti esse. Alii dixerunt Herculem esse et Apollinem; nonnulli etiam Triptolemum, quem supra diximus, et Iasiona a Cerere dilectos et ad sidera perlatos. Sed qui de Castore et Polluce dicunt, hoc amplius addunt ut Castor in oppido Aphidnis sit occisus, quo tempore Lacedaemones cum Atheniensibus bellum gesserunt. Alii autem, cum oppugnarent Spartam Lynceus et Idas, ibi perisse dixerunt. Pollucem ait Homerus concessisse fratri dimidiam uitam; itaque alternis diebus eorum quemque lucere.

Vários astrônomos²⁹⁸ disseram que estes são Castor e Pólux; demonstram que, dentre todos os irmãos, eles foram os mais amorosos entre si, porque nem contenderam sobre a supremacia, nem executaram nenhuma questão sem um conselho comum. Considera-se que por causa dessas ações Júpiter os constituiu como astros reconhecidíssimos. Netuno os gratificou por uma decisão semelhante, pois concedeu-lhes os cavalos de que se utilizaram e deu-lhes o poder de servirem para a salvação dos náufragos. Outros disseram ser Hércules e Apolo; alguns também disseram ser Triptólemo, quem dissemos acima²⁹⁹, e Jasão, por Ceres amados e conduzidos até os astros. Mas aqueles que falam sobre Castor e Pólux, acrescentam

²⁹⁸ Eratóstenes, *Catasterismos*, X.

²⁹⁹ Livro II, 14, 1.

mais isto: que Castor tenha sido morto na cidade de Afidna, no tempo em que os lacedemônios travaram guerra com os atenienses. Outros³⁰⁰, porém, afirmaram que ele pereceu aí, quando Linceu e Idas atacaram Esparta. Homero³⁰¹ diz que Pólux concedeu ao irmão meia vida; assim, cada um deles faz-se visível em dias alternados.

XXIII. CANCER³⁰².

XXIII. CÂNCER.

1. *Hic dicitur Iunonis beneficio inter astra conlocatus, quod, cum Hercules contra Hydram Lernaean constitisset, ex palude pedem eius mordicus adripuisset; quare Herculem permotum eum interfecisse. Iunonem autem inter sidera constituisse, ut esset cum duodecim signis, quae maxime solis cursu continentur.*

1. Diz-se³⁰³ que este foi colocado entre os astros por benefício de Juno, porque, como Hércules tivesse se colocado contra a Hidra de Lerna³⁰⁴, proveniente de um pântano ele atacou seu pé, mordendo-o; por isso, Hércules, encolerizado, o matou. Juno, porém, o constituiu entre os astros, de modo que estivesse com os doze signos que estão contidos sobretudo no curso do sol.

2. *In eius deformationis parte sunt quidam qui Asini appellantur, a Libero in testa Cancri duabus stellis omnino figurati. Liber enim, ab Iunone furore obiecto, dicitur mente captus fugisse per Thesprotiam, cogitans ad Iouis Dodonaei oraculum peruenire, unde peteret responsum, quo facilius ad pristinum statum mentis perueniret. Sed cum uenisset ad*

³⁰⁰ Apolodoro, *Biblioteca*, III, 11, 2; Ovídio, *Fastos*, IV, 709-710.

³⁰¹ *Odisseia*, XI, 301-304.

³⁰² *Cancer* em latim significa *caranguejo*.

³⁰³ Eratóstenes, *Catasterismos*, XI.

³⁰⁴ Higino (*Fábulas*, XXX, 3) afirma que a Hidra de Lerna diz respeito ao terceiro trabalho de Hércules. Já Diodoro (*Biblioteca Histórica*, IV, 11, 5) e Apolodoro (*Biblioteca*, II, 5, 2), por exemplo, afirmam ser o segundo trabalho.

quamdam paludem magnam, quam transire non posset, de quibusdam asellis duobus obuiis factis dicitur unum eorumprehendisse et ita esse transuectus, ut omnino aquam non tetigerit. Itaque cum uenisset ad templum Iouis Dodonaei, statim dicitur furore liberatus asellis gratiam retulisse et inter astra conlocasse. Nonnulli etiam dixerunt asino illi, quo fuerit uectus, uocem humanam dedisse. Itaque eum postea cum Priapo contendisse de natura et uictum ab eo interfectum. Pro quo Liberum eius misertum in sideribus adnumerasse; et ut sciretur id pro deo, non homine timido, quia Iunonem fugerit, fecisse, supra Cancrum constituit, qui deae beneficio fuerat adfixus astris.

2. Em uma parte de sua representação, estão alguns que se chamam Asnos, figurados por Líber com duas estrelas³⁰⁵ ao todo, na testa do Caranguejo. De fato, diz-se que, depois de causado um furor por Juno, privado da razão, Líber fugiu ao longo da Tespróti³⁰⁶, cogitando chegar ao oráculo de Júpiter Dodoneu³⁰⁷, onde pediria uma resposta, com a qual chegaria mais facilmente ao antigo estado da mente. Mas, como tivesse ido a um certo pântano grande, que não poderia ultrapassar, diz-se que de dois asnos pequenos, que se colocaram diante dele, pegou um deles e assim foi transportado, de modo que em nada tenha tocado a água. Assim, dado que tivesse ido ao templo de Júpiter Dodoneu, diz-se que, tendo sido liberto do furor, imediatamente retribuiu o favor aos pequenos asnos e os colocou entre os astros. Alguns também disseram que deu voz humana àquele asno em que foi transportado. Assim, depois disso ele rivalizou com Príapo sobre o [tamanho do] órgão³⁰⁸ e, vencido, foi morto por ele. Compadecido dele por causa disto, Líber o enumerou entre os astros. E, para que se soubesse que fez isto em favor de um deus, não de um homem receoso porque tenha fugido de Juno, constituiu-o acima do Caranguejo, que por benefício da deusa havia sido fixado nas estrelas.

³⁰⁵ São as estrelas γ (*Asellus Borealis*) e δ (*Asellus Australis*) da constelação.

³⁰⁶ Território do Epiro.

³⁰⁷ Diz respeito à cidade de Dodona, o oráculo de Zeus mais antigo. Já na *Ilíada* (XVI, 234), Homero cita a prece de Aquiles, em que afirma Zeus como habitante desta região. Na *Odisseia* (XIV, 327-330), o autor afirma que Ulisses havia se dirigido a este oráculo, a fim de saber como poderia regressar a Ítaca, depois de tanto tempo ausente.

³⁰⁸ *Natura* aqui, conforme diz Boeuffle (2002), diz respeito ao órgão genital de ambos. Este significado para *natura* também é por Cícero, em *De Natura Deorum*, III, 55. Bunte (1875) afirma que o mesmo significado é utilizado em Apuleio.

3. *Dicitur etiam alia historia de Asellis; ut ait Eratosthenes, quo tempore Iuppiter, bello Gigantibus indicto, ad eos obpugnandos omnes deos conuocauit, uenisse Liberum patrem, Vulcanum, Satyros, Silenos asellis uectos. Qui cum non longe ab hostibus abessent, dicuntur aselli pertimuisse, et ita pro se quisque magnum clamorem et inauditum Gigantibus fecisse, ut omnes hostes eorum clamore in fugam se coniecerint et ita sint superati. Huic similis est historia de bucino Tritonis. Nam is quoque fertur, cum concham inuentam excauasset, secum ad Gigantas tulisse et ibi sonum quemdam inauditum per concham misisse. Hostes autem ueritos ne qua esset inmanis fera ab aduersariis adducta, cuius esset ille mugitus, fugae se mandasse, et ita uictos in hostium potestatem peruenisse.*

3. Conta-se também outra história sobre os Pequenos Asnos. Conforme diz Eratóstenes³⁰⁹, no tempo em que Júpiter, após declarada a guerra aos Gigantes, convocou todos os deuses para atacá-los, o pai Líber, Vulcano, os Sátiros e os Silenos vieram transportados por pequenos asnos. Como não estivessem longe dos inimigos, diz-se que os pequenos asnos tiveram muito medo, e, assim, fizeram em favor de si mesmos um brado enorme e inaudito aos Gigantes, de tal modo que todas as hostes deles se lançaram juntamente em fuga, e dessa forma foram vencidos. Semelhante a esta é a história sobre a trombeta de Tritão. Pois também se narra que, como ele tivesse escavado uma concha encontrada, levou-a consigo até os Gigantes e aí emitiu um certo som inaudito através da concha. Os inimigos, porém, receosos de que fosse alguma fera terrível levada pelos adversários, da qual seria aquele mugido, mandaram-se em fuga e, dessa forma, vencidos, caíram no poder dos inimigos.

XXIV. LEO.

XXIV. LEÃO.

³⁰⁹ *Catasterismos*, XI.

1. *Hic dicitur ab Ioue [inter astra] constitutus, quod omnium ferarum princeps esse existimatur. Nonnulli etiam hoc amplius dicunt, quod Herculis prima fuerit haec certatio et quod eum inermis interfecerit. De hoc et Pisandrus et complures alii scripserunt. Cuius supra simulacrum, proxime Virginem, sunt aliae septem stellae ad caudam Leonis in triangulo conlocatae, quas crines Berenices esse Conon Samius mathematicus et Callimachus dicit. Cum Ptolomaeus Berenicen Ptolomaei et Arsinoes filiam sororem suam duxisset uxorem, et paucis post diebus Asiam obpugnatum profectus esset, uouisse Berenicen, si uictor Ptolomaeus redisset, se crinem detonsuram; quo uoto damnatam crinem in Veneris Arsinoes Zephyritidis posuisse templo, eumque postero die non conparuisse. Quod factum cum rex aegre ferret, ut ante diximus, Conon mathematicus cupiens inire gratiam regis, dixit crinem inter sidera uideri conlocatum et quasdam uacuas a figura septem stellas ostendit, quas esse fingeret crinem.*

1. Diz-se que este foi constituído entre os astros por Júpiter, porque – considera-se – é o primeiro dentre todas as feras. Alguns afirmam ainda mais isto: porque esta tenha sido a primeira disputa de Hércules e porque, inermes, o tenha matado. Pisandro³¹⁰ e muitos outros³¹¹ escreveram sobre isto. Acima de seu simulacro, muito próximo de Virgem, estão outras sete estrelas, colocadas em triângulo junto à cauda do Leão, as quais Cônon, o matemático sâmio, e Calímaco dizem ser os cabelos de Berenice. Como Ptolomeu tivesse desposado sua irmã, Berenice, filha de Ptolomeu e de Arsinoé, e poucos dias depois ele tivesse partido para atacar a Ásia, Berenice fez o voto de que, se Ptolomeu tivesse retornado vencedor, haveria de cortar a cabeleira. A cabeleira, condenada por este voto, ela colocou no templo de Vênus Zefirítida – de Arsinoé³¹² –, mas no dia posterior não estava lá. Visto que o rei suportasse com dificuldade este feito, conforme dissemos antes, o matemático Cônon, desejando entrar na graça do rei, disse que a cabeleira parecia colocada entre os astros e mostrou umas sete estrelas, desprovidas de figura, as quais fingia ser a cabeleira.

2. *Hanc Berenicen nonnulli cum Callimacho dixerunt equos alere et ad Olympia mittere consuetam fuisse. Alii dicunt hoc amplius Ptolomaeum Berenices patrem, multitudine*

³¹⁰ Autor natural de Rodes, que viveu por volta dos séculos VII-VI a.C.

³¹¹ Alguns exemplos são: Eratóstenes (*Catasterismos*, XII), Apolodoro (*Biblioteca*, II, 5, 1), Higino (*Fábulas*, XXX, 2) etc.

³¹² Arsinoé era adorada neste templo com o nome de Vênus Zefirítida (descendente de Zéfiro).

hostium perterritum, fuga salutem petisse; filiam autem saepe consuetam insiluisse in equum et reliquam copiam exercitus constituisse et complures hostium interfecisse, reliquos in fugam coniecisse; pro quo etiam Callimachus eam magnanimam dixit. Eratosthenes autem dicit et uirginibus Lesbiis dotem quam cuique relictam a parente nemo solueret, iussisse reddi, et interea constituisse petitionem.

2. Com Calímaco, alguns afirmaram que esta Berenice nutria cavalos e que havia se acostumado a enviá-los aos jogos olímpicos. Outros ainda dizem isto: Ptolomeu, pai de Berenice, aterrorizado pela multidão dos inimigos, procurou a salvação pela fuga; a filha, porém, acostumada muitas vezes, lançou-se ao cavalo, levantou a grande quantidade restante do exército, matou vários dentre os inimigos e mandou os demais à fuga. Por causa disto, Calímaco a chama de magnânima. Eratóstenes afirma³¹³ ter sido ordenado às virgens lésbias que fosse devolvido o dote que, deixado para cada uma pelo pai, ninguém dissolvesse, e durante este tempo se constituísse a petição³¹⁴.

XXV. VIRGO.

XXV. VIRGEM.

1. *Hanc Hesiodus Iouis et Themidis filiam dicit; Aratus autem Astraei et Aurorae filiam existimari, quae eodem tempore fuerit cum aurea saecula hominum, et eorum principem fuisse demonstrat. Quam propter diligentiam et aequitatem Iustitiam appellatam; neque illo tempore ab hominibus exteris nationes bello lacessitas esse, neque nauigio quemquam usum, sed agris colendis uitam agere consueuisse. Sed post eorum obitum qui sint nati, eos minus officiosos, magis auaros coepisse fieri, quare minus Iustitiam inter*

³¹³ Boeuffle (2002) aponta que, segundo os estudos de Robert, o sujeito dos verbos *iussisse* e *constituisse* seria *Conon mathematicum*.

³¹⁴ Boeuffle (2002) afirma que é um mito obscuro, anterior ao tempo de Berenice, citado talvez por Homero (*Ilíada*, VI, 128-130 e 270-272). Bunte (1875) diz que junto aos escritores não se pode encontrar nenhuma informação acerca da questão do dote entre as virgens de Lesbos.

homines esse uersatam. Denique causam peruenisse usque eo dum diceretur aeneum genus hominum natum. Itaque iam non potuisse pati amplius et ad sidera euolasse.

1. Hesíodo afirma³¹⁵ esta como filha de Júpiter e Thêmis. Arato³¹⁶, porém, demonstra que é considerada filha de Astreu e da Aurora, já que ela viveu no mesmo tempo em que os áureos séculos³¹⁷ dos homens, e demonstra que deles foi a líder. Em virtude da diligência e equidade, foi chamada de Justiça; e naquele tempo as nações estrangeiras não eram atacadas pelos homens com a guerra, nem havia qualquer uso do navio, mas costumava-se levar a vida em cultivar os campos. Contudo, depois da morte deles, os que nasceram, começaram a se tornar menos prestativos e mais cobiçosos, porque menos habitualmente se encontrava a Justiça entre os homens. Por fim, a situação chegou a tal ponto que o gênero de homens nascido seria chamado brônzeo. Assim, ela já não pôde mais suportar e elevou-se aos astros.

2. Sed hanc alii Fortunam, alii Cererem dixerunt, et hoc magis non conuenit inter eos, quod caput eius nimium obscurum uidetur. Nonnulli eam Erigonen Icari filiam dixerunt, de qua supra diximus. Alii autem Apollinis filiam ex Chrysothemí natam, et infantem Parthenon nomine appellatam; eamque, quod parua interierit, ab Apolline inter sidera conlocatam.

2. Mas uns disseram ser Fortuna, outros, Ceres, e isto não se ajustou mais entre eles, porque se vê a cabeça dela bastante obscura. Alguns afirmaram ela como Erígone, filha de Ícaro, sobre quem dissemos acima³¹⁸. Outros, porém, disseram como filha de Apolo, nascida de Crisótemis³¹⁹, e, [quando] criança, chamada pelo nome de Parthénos³²⁰; e, porque tenha morrido pequena, foi colocada por Apolo entre os astros.

XXVI. SCORPIUS.

³¹⁵ *Teogonia*, 901-903.

³¹⁶ *Fenômenos*, 96-100.

³¹⁷ Faz referência à Idade de Ouro.

³¹⁸ II, 4, 4.

³¹⁹ Filha de Carmanor, de Creta.

³²⁰ Advinda do grego Παρθένος, que significa *virgem*.

XXVI. ESCORPIÃO.

Hic propter magnitudinem membrorum in duo signa diuiditur, quorum unius effigiem nostri Libram dixerunt. Sed omnino totum signum hac de causa statutum existimatur, quod Orion cum uenaretur, et in eo exercitatissimum se esse confideret, dixisse etiam Dianae et Latonae se omnia, quae ex terra oriantur, interficere ualere. Quare Terram permotam scorpionem misisse, qui eum interficeret, demonstratur. Iouem autem utriusque animum admiratum, scorpionem inter astra conlocasse, ut species eius hominibus documento esset, ne quis eorum aliqua re sibi confideret. Dianam autem propter studium Orionis petisse ab Ioue, ut idem illi beneficium daret petenti, quod Terrae ultro tribuisset. Itaque eum ita constitutum, ut cum Scorpius exoriatur, occidat Orion.

Por causa da magnitude dos membros, este se divide em dois signos; a efígie de um deles, os nossos chamaram de Libra. Mas, em geral, considera-se estabelecido todo o signo por esta causa: porque, como Órion estivesse caçando e tivesse confiança de que era exercitadíssimo nisto, a Diana e a Latona disse que também podia matar tudo que se levantasse da terra. Por esta razão, demonstra-se³²¹ que a Terra, agitada, enviou um escorpião, que o mataria. Júpiter, porém, tendo admirado o ânimo de ambos, colocou o escorpião entre os astros, para que sua espécie fosse como um aviso aos homens, a fim de que nenhum deles tivesse confiança em si mesmo, por razão alguma. Contudo, por causa da dedicação de Órion, Diana pediu de Júpiter que ao solicitante lhe desse o mesmo benefício que havia concedido espontaneamente à Terra. Assim, ele foi constituído desta forma, para que, quando Escorpião nasça, Órion se ponha.

XXVII. SAGITTARIUS.

XXVII. SAGITÁRIO.

³²¹ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXII.

Hunc complures centaurum esse dixerunt; alii autem hac de causa negauerunt, quod nemo centaurus sagittis sit usus. Hic autem quaeritur cur equinis cruribus sit deformatus et caudam habeat ut satyri. Dicunt enim nonnulli hunc esse Crotum nomine, Euphemes Musarum nutricis filium. Vt ait Sositheus tragoediarum scriptor, eum domicilium in monte Helicone habuisse et cum Musis solitum delectari, nonnumquam etiam studio uenationis exerceri. Itaque pro merita diligentia magnam laudem adsecutum; nam et celerrimum in siluis et acutissimum in Musis factum esse. Pro quo studio illius petisse Musas ab Ioue, ut in aliquo astrorum numero deformaretur. Itaque Iouem fecisse; at cum omnia illius artificia uno corpore uellet significare, crura eius equina fecisse, quod equo multum sit usus; et sagittas adiunxisse, ut ex his et acumen et celeritas esse uideretur. Caudam satyricam in corpore fixisse, quod iam non minus hoc [Croto] Musae, quam Liber Satyris sit delectatus. Ante huius pedes stellae sunt paucae [et] in rotundo deformatae; quam coronam eius ut ludentis abiectam nonnulli dixerunt.

Muitos disseram que este era um centauro; outros, porém, a partir desta causa negaram, porque nenhum centauro usou flechas. Aqui se pergunta por que tenha sido representado com pernas equinas e a cauda como a de um sátiro. De fato, alguns afirmam que este é de nome Croto, filho de Eufeme, nutriz das Musas. Conforme diz Sositeu³²², escritor de tragédias, teve domicílio no monte Hélicon e costumava deleitar-se com as Musas; às vezes também se ocupava com dedicação de caça. Assim, pela diligência merecida alcançou grande louvor. Pois tanto se tornou celérrimo nas florestas quanto agudíssimo entre as Musas³²³. Em favor de sua dedicação, as Musas pediram de Júpiter que ele fosse representado em algum número dentre os astros. Assim Júpiter fez; por outro lado, como quisesse significar todos os seus artifícios em um único corpo, fez suas pernas equinas, porque se utilizou muito do cavalo; e acrescentou as flechas, de modo que a partir delas lhe pareceria haver a agudeza e a celeridade. Fixou no corpo uma cauda satírica, porque as Musas já não se deleitaram com ele menos do que Líber com os Sátiros. Diante de seus pés há poucas

³²² Natural de Alexandria, que viveu por volta do século III a.C.

³²³ Musas aqui, no sentido figurado, referente às artes que elas representavam.

estrelas, representadas em arredondado³²⁴; alguns disseram que é a coroa dele, lançada abaixo, como se estivesse brincando.

XXVIII. CAPRICORNUS.

XXVIII. CAPRICÓRNIO.

Huius effigies similis est Aegipani. Quem Iuppiter, quod cum eo erat nutritus, in sideribus esse uoluit, ut capram nutricem, de qua ante diximus. Hic etiam dicitur, cum Iuppiter Titanas obpugnaret, primus obiecissee hostibus timorem qui πανικός appellatur, ut ait Eratosthenes. Hac etiam de causa eius inferiorem partem piscis esse formatione, et quod muricibus hostes sit iaculatus pro lapidum iactatione. Aegyptii autem sacerdotes et nonnulli dicunt poetae, cum complures dei Aegypto conuenissent, repente peruenisse eodem Typhona, acerrimum giganta et maxime deorum hostem. Quo timore permotos in alias figuras se conuertisse; Mercurium factum esse ibim, Apollinem autem, quae Threicia auis uocatur, Dianam aeluro simulatam. Quibus de causis Aegyptios ea genera uiolari non sinere demonstrant, quod deorum imagines dicantur. Eodem tempore Pana dicunt in flumen se deiecissee et posteriorem partem corporis effigiem piscis, alteram autem hirci fecisse et ita a Typhone profugisse. Cuius cogitatum Iouem admiratum inter sidera effigiem eius fixisse.

A efígie deste é semelhante à de Egíptã³²⁵. Visto que com ele Júpiter havia sido nutrido, quis que estivesse entre os astros, como a cabra nutriz, sobre a qual dissemos antes³²⁶. Também se diz que, quando Júpiter atacava os Titãs, ele foi o primeiro a causar nos inimigos o temor, que se chama πανικός³²⁷, conforme diz Eratóstenes³²⁸. Também por esta causa, sua parte inferior é com formação de peixe, e porque tenha ferido os inimigos com conchas, em

³²⁴ Boeuffle (2002) afirma que é a constelação da Coroa austral, que, antes de ser chamada de Coroa, necessitava de Sagitário para formar um asterismo autônomo. Arato as cita em seu escrito (*Fenômenos*, 399-401).

³²⁵ O deus com elementos de cabra, conforme vimos neste mesmo livro II, 13, 4.

³²⁶ II, 13, 3 e 4.

³²⁷ *Panikós*.

³²⁸ *Catasterismos*, XXVII.

lugar do lançamento de pedras. Os sacerdotes egípcios, porém, e alguns poetas dizem que, quando vários deuses se reuniram no Egito, de repente chegou naquele lugar Tifeu, gigante acérrimo e sobretudo inimigo dos deuses. Agitados pelo temor, converteram-se em outras figuras. Mercúrio tornou-se uma íbis; Apolo, porém, a que se chama ave trácia³²⁹; Diana tomou a aparência de um gato. A partir dessas causas, demonstram que os egípcios não permitem que essas espécies sejam violentadas, porque são ditas como imagens dos deuses. Afirmam que no mesmo tempo Pã se lançou ao rio e fez a parte posterior como a efígie do corpo de um peixe; a outra, no entanto, de bode, e assim fugiu de Tifeu. Tendo admirado o plano dele, Júpiter fixou sua efígie entre os astros.

XXIX. AQUARIUS.

XXIX. AQUÁRIO.

Hunc complures Ganymedem esse dixerunt, quem Iuppiter propter pulchritudinem corporis ereptum parentibus, deorum ministrum fecisse existimatur. Itaque ostenditur ut aquam aliquo infundens. Hegesianax autem Deucaliona dicit esse, quod eo regnante tanta uis aquae se de caelo profuderit, ut cataclysmus factus esse diceretur. Eubulus autem Cecropem demonstrat esse, antiquitatem generis commemorans et ostendens, antequam uinum traditum sit hominibus, aqua in sacrificiis deorum usos esse, et ante Cecropem regnasse quam uinum sit inuentum.

Muitos disseram que este era Ganimedes, quem Júpiter, tendo-o arrebatado dos pais por causa da beleza do corpo, considera-se³³⁰ ter feito servente dos deuses. Assim, mostra-se como quem derrama água em algo. Hegesianax, porém, afirma ser Deucalião³³¹, porque,

³²⁹ Corvo. Ao narrar o episódio da chegada de Tifeu, Ovídio (*Metamorfoses*, V, 329) afirma que Délíio, epíteto de Apolo, havia se transformado em corvo.

³³⁰ Homero, *Ilíada*, XX, 234-235; Eratóstenes, *Catasterismos*, XXVI; Apolodoro, *Biblioteca*, III, 12, 2; Hino Homérico V, A Afrodite, 200-206; Ovídio, *Metamorfoses*, X, 160-161.

³³¹ Filho de Prometeu e Clímene e rei da Tessália, que, juntamente com Pirra foi o responsável por criar a nova geração de homens após o dilúvio.

enquanto reinava, derramou-se abundantemente tanta quantidade de água do céu, que se conta³³² ter produzido um cataclismo. Eubulo³³³, por sua vez, demonstra ser Cé crops, recordando a antiguidade da origem e mostrando que, antes de o vinho ter sido transmitido aos homens, haviam utilizado água nos sacrifícios dos deuses, e que Cé crops reinou antes de o vinho ter sido descoberto.

XXX. PISCES.

XXX. PEIXES.

Diognetus Erythraeus ait quodam tempore Venerem cum Cupidine filio in Syriam ad flumen Euphraten uenisse. Eodem loco repente Typhona, de quo supra diximus, adparuisse; Venerem autem cum filio in flumen se proiecis se et ibi figuram piscium forma mutasse: quo facto, periculo esse liberatos. Itaque postea Syros, qui in his locis sunt proximi, destitisse pisces esitare, quod uereantur eos capere, ne simili causa aut deorum praesidia inpugnare uideantur, aut eos ipsos captare. Eratosthenes autem ex eo pisce natos hos dicit, de quo posterius dicemus.

Diogneto da Eritreia³³⁴ diz que em certo tempo com o filho, Cupido, Vênus veio à Síria ao longo do rio Eufrates. De repente apareceu no mesmo lugar Tifeu, sobre quem dissemos acima³³⁵; Vênus, porém, se lançou ao rio com o filho e aí mudou a figura, com a forma dos peixes: por este feito, se libertaram do perigo. Assim, os Sírios, que estavam próximos naqueles locais, depois desistiram várias vezes de comer peixes porque temiam apanhá-los, para que, em causa semelhante, não parecessem atacar os refúgios dos deuses,

³³² Ovídio, *Metamorfoses*, I, 268-273.

³³³ Autor cômico grego, que viveu no século IV a.C.

³³⁴ General dos combatentes da Eritreia.

³³⁵ II, 28.

ou capturar os próprios deuses. Eratóstenes afirma³³⁶ estes nascidos do peixe, sobre o qual falaremos depois.

XXXI. CETUS.

XXXI. BALEIA.

De hoc dicitur ut a Neptuno sit missus, ut Andromedam interficeret, de qua ante diximus; sed quod a Perseo sit interfectus, propter inmanitatem corporis et illius uirtutem inter sidera conlocatus.

Sobre esta se diz³³⁷ que tenha sido enviada por Netuno, para que matasse Andrômeda, sobre a qual dissemos antes³³⁸; mas, como foi morta por Perseu, por causa da grandeza do corpo e de sua virtude, foi colocada entre os astros.

XXXII. ERIDANUS.

XXXII. ERÍDANO.

Hunc alii Nilum, complures etiam Oceanum esse dixerunt. Qui autem Nilum uolunt uocari, propter magnitudinem eius et utilitatem aequissimum esse demonstrant, praeterea quod infra eum quaedam stella sit, clarius ceteris lucens, nomine Canopos appellata. Canopos autem insula flumine adluitur Nilo.

³³⁶ *Catasterismos*, XXI.

³³⁷ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXVI; Apolodoro, *Biblioteca*, II, 4, 3.

³³⁸ II, 11.

Uns disseram este ser Nilo; outros ainda, Oceano. Aqueles que quiseram que fosse chamado de Nilo, demonstram ser justíssimo, por causa de sua magnitude e utilidade, além de que abaixo dele haja uma certa estrela, luzindo mais clara do que as demais, chamada pelo nome de Canopos³³⁹. A ilha Canopos, porém, é banhada pelo rio Nilo.

XXXIII. LEPUS.

XXXIII. LEBRE.

1. *Hic dicitur Orionis canem fugere uenantis. Nam cum, ut oportebat, eum uenatorem finxissent, uoluerunt etiam significare aliqua de causa; itaque leporem ad pedes eius fugientem finxerunt. Quem nonnulli a Mercurio constitutum dixerunt, eique datum esse, praeter cetera genera quadrupedum, ut alios pareret, alios haberet in uentre. Qui autem ab hac causa dissentiunt, negant [oportere] tam nobilem et tam magnum uenatorem, de quo et ante in Scorpionis signo diximus, oportere fingi leporem uenari. Callimachum quoque accusari quod, cum Dianae scriberet laudes, eam leporum sanguine gaudere et eos uenari dixisset. Itaque Oriona cum Tauro decertantem fecerunt.*

1. Diz-se que esta fuga do cão de Órion, que caçava. Pois, dado que o tivessem representado como caçador, segundo convinha, quiseram também significar a partir de alguma causa; assim, representaram a lebre junto de seus pés, fugindo. Alguns disseram³⁴⁰ ter sido constituída por Mercúrio, e lhe ter sido concedido, em oposição às demais espécies de quadrúpedes, que parisse uns e tivesse outros no ventre³⁴¹. Porém, aqueles que divergem desta causa, negam ser conveniente que um caçador tão nobre e tão grande, sobre o qual também dissemos antes, no signo de Escorpião³⁴², seja representado ao caçar uma lebre.

³³⁹ Do grego, Κάνωπος.

³⁴⁰ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXIV.

³⁴¹ Boeuffle (2002) afirma que, na obra *Sobre a reprodução dos animais*, Aristóteles afirma que a lebre pode conceber uma segunda cria durante a gestação.

³⁴² II, 26.

Calímaco também é acusado, porque, como escrevesse louvores a Diana, teria dito que ela se alegra com o sangue de lebres e as caça. Assim, fizeram Órion lutando com o Touro.

2. Leporis autem hanc historiam memoriae prodiderunt: apud antiquos in insula Lero nullum leporem fuisse, sed ex eorum ciuitate adulescentium quemdam, studio generis inductum, ab exteris finibus leporem feminam praegnantem adtulisse et [ad] eius partum diligentissime administrasse. Itaque cum peperisset, compluribus eius ciuitatis studium incidisse et partim pretio, partim beneficio mercatos omnes lepores alere coepisse. Ita non longo interuallo tantam multitudinem leporum procreata, ut tota insula ab his occupata diceretur. Quibus cum ab hominibus nihil daretur, in semina eorum impetu facto omnia comederunt. Quo facto incolae calamitate adfecti, cum fame forent oppressi, communi consilio totius ciuitatis uix denique eos ex insula abegisse dicuntur. Itaque postea leporis figuram in astris constituisse, ut homines meminissent nihil esse tam exoptandum in uita, quin ex eo plus doloris quam laetitiae capere posterius cogerentur.

2. Transmitiram à memória este mito da Lebre: junto aos antigos, na ilha de Leros, não existiu nenhuma lebre, mas um dos adolescentes da cidade deles, induzido pelo estudo da espécie, levou de territórios estrangeiros uma lebre fêmea, grávida, e de forma diligentíssima administrou seu parto. Assim, como tivesse parido, a muitos da sua cidade sucedeu a intenção e, parte pelo dinheiro, parte pelo benefício, todos começaram a criar lebres. Desse modo, em um intervalo não longo de tempo havia sido procriada uma quantidade tão grande de lebres, que se diria a ilha inteira ocupada por elas. Como não lhes fosse dado nada pelos homens, tendo realizado o ataque às suas sementes, devoraram tudo. Abalados pela calamidade deste feito, como estivessem oprimidos pela fome, diz-se que os moradores, com o conselho comum de toda a cidade, finalmente enxotaram, a custo, as lebres da ilha. Assim, depois constituíram nos astros a figura de uma lebre, para que os homens se lembrassem de que na vida nada deve ser desejado de tal forma que se forçariam a receber depois mais dor do que alegria, por causa disso.

XXXIV. ORION.

XXXIV. ÓRION.

1. *Hunc Hesiodus Neptuni filium dicit, ex Euryale Minois filia natum; concessum autem ei ut supra fluctus curreret ut in terra, quemadmodum Iphiclo datum dicitur ut supra aristas curreret neque eas infringeret. Aristomachus autem dicit quemdam Hyriea fuisse Thebis, Pindarus autem in insula Chio. Hunc autem, cum Iouem et Mercurium hospitio recepisset, petisse ab his ut sibi aliquis liberorum nasceretur. Itaque quo facilius petitem inpetraret, bouem inmolasse et his pro epulis adposuisse. Quod cum fecisset, poposcisse Iouem et Mercurium quod corium de boue foret detractum et quod fecerant urinae in corium infudisse, et id sub terra poni iussisse. Ex quo postea natum puerum, quem Hyrieus e facto Vriona appellare; sed uenustate et consuetudine factum esse ut Orion uocaretur.*

1. Hesíodo afirma³⁴³ este como filho de Netuno, nascido de Euríale, filha de Minos; diz-se³⁴⁴, porém, lhe ter sido concedido que sobre as ondas corresse como em terra, do mesmo modo que se diz dado a Íficlo³⁴⁵, que corresse sobre as espigas e não as quebrasse. Aristômaco afirma que um certo Hirieu viveu em Tebas; já Píndaro, na ilha de Quios. Como este tivesse recebido Júpiter e Mercúrio com hospitalidade³⁴⁶, pediu-lhes que para ele nascesse algum dos filhos. Assim, para que conseguisse mais facilmente o pedido, imolou um boi e colocou-lhes como refeição. Como tivesse feito isto, Júpiter e Mercúrio pediram que o couro fosse tirado do boi e que derramasse no couro o que fizeram de urina, e ordenaram que fosse colocado sob a terra. A partir disto, nasceu um menino, quem Hirieu, de fato, chamou Úrion³⁴⁷; mas, pela agradabilidade e pelo costume, sucedeu que fosse chamado Órion.

³⁴³ Fragmento 148a.

³⁴⁴ Virgílio, *Eneida*, X, 763-767.

³⁴⁵ Filho de Fílaço, rei de uma região da Tessália, e Clímene.

³⁴⁶ Ovídio (*Fastos*, V, 495-536) narra que Hirieu era um velho agricultor, enquanto Higino (*Fábulas*, CXCV) afirma que ele tinha um reino. A personagem recebeu com hospitalidade Júpiter e Mercúrio, e em retribuição pelo benefício, os deuses lhe concederam o pedido, de ter um filho.

³⁴⁷ Referente à etimologia da palavra, vindo de *urina*, em latim, ou de οὐρον (*úron*), em grego. Em relação ao nascimento de Órion, Boeuffle (2002) aponta que, além do significado de *urinar*, o verbo οὐρεῖν (*uréin*) também apresenta a acepção de *espalhar o líquido seminal*. Assim, olhando por esta ótica, os deuses teriam espalhado o sêmen e a Terra teria sido a mãe de Órion, visto que os deuses ordenaram que o couro fosse colocado sob a terra.

2. *Hic dicitur Thebis Chium uenisse et Oenopionis filiam Meropen per uinum cupiditate incensus conpressisse. Pro quo facto ab Oenopione excaecatus et de insula eiectus existimatur Lemnum ad Vulcanum peruenisse et ab eo quemdam ducem Cedalion nomine accepisse. Quem collo ferens dicitur ad Solem uenisse et ab eo sanatus, ut se ulcisceretur, Chium reuertisse. Oenopiona autem a ciuibus sub terra custoditum esse. Quem postquam se inuenire posse desperaret Orion, in insulam Cretam peruenisse, et ibi uenari coepisse cum Diana, et ei polliceri quae supra diximus, et ita ad sidera peruenisse. Nonnulli autem aiunt Oriona cum Oenopione prope nimia coniunctum amicitia uixisse, et quod ei uoluerit suum studium in uenando probare, Dianae quoque pollicitum quae supra diximus; et ita interfectum. Alii dicunt cum Callimacho, cum Dianae uim uoluerit adferre, ab ea sagittis esse confixum et ad sidera propter uenandi consimile studium deformatum.*

2. Diz-se³⁴⁸ que este veio de Tebas a Quios e, inflamado de desejo por causa do vinho, violou Mérope, filha de Enópio. Devido a isto, tendo sido cegado por Enópio e expulso da ilha, considera-se que chegou a Lemnos, diante de Vulcano, e dele recebeu um certo guia, de nome Cedálion. Diz-se que, levando-o no pescoço, chegou até o Sol e, por ele curado, retornou a Quios, para que se vingasse. Enópio, porém, foi protegido pelos cidadãos debaixo da terra. Depois que Órion perdeu as esperanças de poder encontrá-lo, chegou à ilha de Creta e aí começou a caçar com Diana; prometeu-lhe as coisas que dissemos acima³⁴⁹, e assim chegou até os astros. Alguns, porém, afirmam que Órion viveu junto com Enópio em enorme amizade e, porque tenha desejado provar-lhe seu gosto pelo caçar, também prometeu a Diana o que dissemos acima; e foi morto dessa forma. Outros afirmam³⁵⁰ com Calímaco, visto que tenha desejado fazer violência a Diana, que por ela foi transpassado com flechas e representado junto aos astros por causa do gosto semelhante de caçar.

3. *Istrus autem dicit Oriona a Diana esse dilectum et paene factum ut ei nupsisse existimaretur. Quod cum Apollo aegre ferret et saepe eum obiurgans nihil egisset, natantis Orionis longe caput solum uideri conspicatus, contendit cum Diana eam non posse sagittam mittere ad id quod nigrum in mari uideretur. Quae cum se uellet in eo studio maxime*

³⁴⁸ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXII.

³⁴⁹ II, 26.

³⁵⁰ Higino, *Fábulas*, CXCV, 3.

artificem dici, sagitta missa caput Orionis traiecit. Itaque eum cum fluctus interfectum ad litus eiecisset et se eum Diana percussisse plurimum doleat, multis eius obitum prosecuta lacrimis, inter sidera statuisset existimatur. Sed quae post mortem eius Diana fecerit, in eius historiis dicemus.

3. Istros³⁵¹ afirma que Órion foi amado por Diana e se consideraria o fato de que quase teria se casado com ele. Dado que Apolo tolerasse isto com dificuldade e, censurando-o muitas vezes, nada tivesse feito, tendo percebido que de Órion, ao nadar, de longe se vê apenas a cabeça, rivalizou com Diana que ela não seria capaz de lançar uma flecha na direção daquele ponto negro que se veria no mar. Como ela desejasse ser chamada sobretudo de especialista nesta ocupação, tendo sido enviada a flecha, atravessou a cabeça de Órion. Assim, visto que o movimento das águas o tivesse lançado à praia e Diana sofresse bastante por tê-lo atingido, tendo acompanhado sua morte com muitas lágrimas, considera-se que o estabeleceu entre os astros. Mas, as coisas que Diana tenha feito depois de sua morte, falaremos em seus mitos³⁵².

XXXV. CANIS.

XXXV. CÃO.

1. Hic dicitur ab Ioue custos Europae adpositus esse et ad Minoa peruenisse. Quem Procris Cephalis uxor laborantem dicitur sanasse et pro eo beneficio canem muneri accepisse, quod illa studiosa fuerit uenationis et quod cani fuerat datum ne ulla fera praeterire eum posset. Post eius obitum canis ad Cephalum peruenit, quod Procris eius fuerat uxor. Quem ille ducens secum Thebas peruenit. Ibi erat uulpes, cui datum dicebatur ut omnes canes effugere posset. Itaque cum in unum peruenissent, Iuppiter nescius quid faceret, ut Istrus ait, utrosque in lapidem conuertit. Nonnulli hunc canem Orionis esse

³⁵¹ Aluno de Calímaco e autor de obras de temas variados, que viveu por volta do século III a.C.

³⁵² Não se sabe a quais mitos se refere.

dixerunt, et quod studiosus fuerit uenandi, cum eo canem quoque inter astra conlocatum; alii autem Icari canem esse dixerunt, de quo ante diximus. Quae multa proposita suos habent auctores.

1. Diz-se³⁵³ que este foi colocado por Júpiter como guardião de Europa e chegou diante de Minos, quem – conta-se – Prócris, esposa de Céfalos, curou, ao achar-se em perigo; pelo benefício, recebeu um cão como presente, porque ela havia sido aplicada à caça e porque havia sido concedido ao cão que nenhuma fera pudesse preterir-lo. Depois da morte dela, levou o cão até Céfalos, visto que Prócris havia sido sua esposa. Levando-o consigo, ele chegou a Tebas. Dizia-se que aí havia uma raposa, a quem fora concedido que pudesse fugir de todos os cães. Assim, como tivessem chegado juntamente, insciente do que faria, Júpiter converteu ambos em pedra, conforme afirma Istros. Alguns³⁵⁴ disseram este ser o cão de Órion, e, porque tenha sido dedicado a caçar, o cão também foi colocado entre os astros com ele; outros, porém, afirmaram ser o cão de Ícaro, sobre o qual dissemos antes³⁵⁵. Estas muitas proposições têm seus autores.

2. Sed canis habet in lingua stellam unam, quae ipsa Canis appellatur, in capite autem alteram, quam Isis suo nomine statuisset existimatur et Sirion appellasse propter flammae candorem, quod eiusmodi sit ut prae ceteris lucere uideatur. Itaque quo magis eam cognoscerent, Sirion appellasse.

2. Mas o cão possui na língua uma estrela³⁵⁶, que é chamada ela mesma de Cão; na cabeça, porém, outra, que considera-se ter estabelecido Ísis como seu nome, e tê-la chamado de Sirius por causa da brancura do esplendor³⁵⁷, já que ela seja de tal modo que pareça brilhar mais do que as restantes. Assim, para que a reconhecessem mais, chamaram-na Sirius.

³⁵³ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXIII.

³⁵⁴ Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXIII.

³⁵⁵ II, 4, 4.

³⁵⁶ Boeuffle (2002) afirma ser curiosa a distinção feita por Higino entre uma estrela chamada de Cão e outra chamada Ísis/Sirius, visto que a tradição antiga, como em Arato (*Fenômenos*, 329-332) e Eratóstenes (*Catasterismos*, XXXIII), apresenta apenas esta última, como a mais brilhante, presente na língua ou na cabeça do animal.

³⁵⁷ Sirius vem do adjetivo grego σείριος (*séirios*), que significa *brilhante, ardente*.

XXXVI. PROCYON.**XXXVI. PRÓCYON.**

Hic ante maiorem Canem exoriri uidetur, sed a nonnullis Orionis esse existimatur. Hac etiam de causa Procyon est appellatus, sed isdem omnibus historiis quibus superior Canis adnumeratur.

Este parece nascer antes do Cão maior, mas por alguns considera-se ser de Órion. A partir desta causa, também é chamado de Prócyon, mas ele é incluído em todos os mitos em que o Cão superior é incluído.

XXXVII. ARGO.**XXXVII. ARGO.**

Hanc nonnulli propter celeritatem Argo dixerunt Graece appellatam; alii quod Argus eius fuerit inuentor. Hanc autem primam in mari fuisse complures dixerunt, et hac re maxime stellis esse figuratam. Hanc nauem factam Pindarus ait in Magnesia oppido, cui Demetrias est nomen. Callimachus autem in isdem finibus ad Apollinis Actii templum, quod Argonautae proficiscentes statuisse existimantur in eo loco qui Pagasae uocatur, ideo quod nauis Argo ibi primum compacta dicitur, quod est Graece πάγασαι. Homerus hunc eundem locum in Thessaliae finibus esse demonstrat; Aeschylus autem et nonnulli aiunt a Minerua quamdam materiam loquentem eodem esse coniunctam. Sed huius non tota effigies inter astra uidetur; diuisa enim est a puppi usque ad malum, significans ne homines nauibus fractis pertimescerent.

Alguns disseram que esta foi chamada de Argo, em grego, por causa da celeridade³⁵⁸; outros, porque Argos tenha sido seu inventor³⁵⁹. Porém, muitos disseram que esta foi a primeira no mar, e foi figurada nas estrelas sobretudo por este motivo. Píndaro afirma esta nave feita em uma cidade de Magnésia³⁶⁰, que tem o nome de Demetriadé. Calímaco, porém, afirma que foi feita nos mesmos territórios, junto ao templo de Apolo Áccio³⁶¹, porque considera-se que, ao partirem, os Argonautas a estabeleceram no local que se chama Págasas; por isso, diz-se que a nave Argo primeiro foi construída nesse lugar, que em grego é *πάγασαι*. Homero demonstra que este mesmo local é nos territórios da Tessália; já Ésquilo e alguns afirmam que ao mesmo [navio] foi atrelada por Minerva uma certa madeira falante³⁶². Mas não é vista toda a efígie desta entre os astros. De fato, está dividida da popa até o mastro, significando que os homens, mesmo com os navios rompidos, não tivessem medo.

XXXVIII. CENTAURUS.

XXXVIII. CENTAURO.

1. *Hic dicitur nomine Chiron Saturni et Philyrae filius esse, qui non modo ceteros Centauros, sed homines quoque iustitia superasse, Aesculapium et Achillem nutrisse existimatur. Pietate igitur et diligentia effecit ut inter astra numeraretur. Apud hunc Hercules cum deuteretur et simul cum Chirone sedens sagittas consideraret, fertur una earum decidisse supra pedem Chironis et ita eum interfecisse.*

³⁵⁸ Do grego ἀργός (*argós*), que significa *rápido, célere*.

³⁵⁹ Apolodoro, *Biblioteca*, I, 9, 16.

³⁶⁰ Cidade oriental da Tessália.

³⁶¹ O epíteto do deus diz respeito a um templo dedicado a ele na cidade de *Actium*. Há fontes como Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, I, 29, 3), por exemplo, que afirmam o templo estar localizado à entrada do golfo de Ambrácia. A região de Ambrácia também é lembrada por Ovídio (*Metamorfoses*, XIII, 714-715), como disputada pelos deuses.

³⁶² Eratóstenes, *Catasterismos*, XXXIII; Apolodoro, *Biblioteca*, I, 9, 16. Este afirma que a madeira era proveniente do oráculo de Dodona.

1. Diz-se que este, de nome Quíron, é filho de Saturno e de Fílira; considera-se³⁶³ que ele superou em justiça não apenas todos os demais Centauros, mas também os homens, e que cuidou de Esculápio e de Aquiles. Assim, pela piedade e diligência fez com que fosse enumerado entre os astros. Como Hércules estivesse hospedado na casa dele e, assentado junto com Quíron, examinasse as flechas, diz-se que uma delas caiu sobre o pé de Quíron e, assim, o matou.

2. *Alii autem dicunt Centaurum miratum quod tam breuibis sagittis tam magna corpora Centaurorum interfecerit, ipsum contendere arcum conatum, itaque ex eius manu sagittam prolapsam in pedem eius incidisse. Pro qua re Iuppiter eius misertus inter sidera eum constituit cum hostia, quam supra Aram tenens immolare uidetur. Hunc alii Pholon esse Centaurum dixerunt, eum qui haruspicio praeter ceteros plurimum ualuisset; itaque ad Aram cum hostia uenire Iouis uoluntate figuratum.*

2. Outros, porém, dizem que o Centauro, tendo se espantado de que com flechas tão pequenas tenha matado os corpos tão grandes dos Centauros, ele mesmo tentou estender o arco; assim, uma flecha escapada de sua própria mão caiu sobre seu pé. Por esta razão, compadecido dele, Júpiter constituiu-o entre os astros com a vítima³⁶⁴ que ele, tendo nas mãos acima do Altar, parece imolar. Outros disseram este ser o Centauro Folo³⁶⁵, que muito tenha se sobressaído aos demais na ciência dos arúspices; assim, por vontade de Júpiter, apresenta-se figurado com uma vítima junto ao Altar.

XXXIX. ARA.

XXXIX. ALTAR.

³⁶³ Eratóstenes, *Catasterismos*, XL; Ovídio, *Fastos*, V, 379-412.

³⁶⁴ O Lobo.

³⁶⁵ Segundo Apolodoro (*Biblioteca*, II, 5, 4), é um bondoso centauro, filho de Sileno e de uma ninfa.

In hac primum dii existimantur sacra et coniurationem fecisse, cum Titanas obpugnare conarentur; eam autem Cyclopes fecisse. Ab ea consuetudine homines dicuntur instituisse sibi ut, cum aliquam rem efficere cogitarent, prius sacrificarent, quam agere incepissent.

Considera-se que sobre este os deuses fizeram por primeiro as cerimônias sagradas e o juramento, visto que tentassem atacar os titãs; os Ciclopes o confeccionaram. Diz-se que a partir deste costume, os homens instituíram para si que, quando cogitassem realizar alguma coisa, fizessem um sacrifício antes que tivessem começado a agir.

XL. HYDRA.

XL. HIDRA.

1. In qua Coruus insidere et Crater positus existimatur; de qua hanc habemus memoriae proditam causam: coruus, Apollinis tutela usus, eo sacrificante, missus a fonte aquam puram petitem uidit arbores complures ficorum inmaturas; eas exspectans dum maturescerent, in arbore quadam earum consedit. Itaque post aliquot dies coctis ficis, et a coruo compluribus earum comesis, exspectans Apollo coruum uidit cum cratere pleno uolare festinantem. Pro quo admissio eius dicitur, quod diu moratus sit, Apollinem, qui coactus mora corui alia aqua est usus, hac [igitur] ignominia eum adfecisse ut, quamdiu fici coquerentur, coruus bibere non possit, ideo quod guttur habeat pertusum illis diebus. Itaque cum uellet significare sitim corui, inter sidera constituit cratera et subposuit hydram, quae coruum sitientem moraretur. Videtur enim rostro caudam eius extremam uerberare, ut tamquam sinat se ad crateram transire.

1. Considera-se que sobre ela está assentado o Corvo e colocada a Cratera. Sobre ela, temos transmitida à memória este mito: um corvo, utilizando-se da tutela de Apolo quando ele fazia um sacrifício, tendo sido enviado para procurar água pura de uma fonte, viu várias árvores que não estavam maduras de figos. Esperando-as, enquanto amadureciam, assentou-

se em uma certa árvore daquelas. Assim, depois de alguns dias, recolhidos os figos e devorados vários deles pelo corvo, Apolo, esperando, viu o corvo voar, apressando-se com uma cratera cheia. Por causa de seu ato, já que tenha demorado muito tempo, diz-se que Apolo, que, forçado pela demora do corvo, utilizou outra água, condenou-o com esta ignomínia: de que o corvo não possa beber no tempo em que os figos se amadurecessem, porque naqueles dias tinha a garganta perfurada. Assim, como quisesse significar a sede do corvo, constituiu a cratera entre os astros e colocou por baixo a hidra, que retardaria o corvo, sedento. De fato, com o bico parece ferir o extremo de sua cauda, para que o deixe ir além, até a cratera.

2. Istrus autem et complures dixerunt Coronida Phlegyaе filiam fuisse; hanc autem ex Apolline Aesculapium procreasse, sed postea Ischyn Elati filium cum ea concubuisse. Quod cum uiderit coruus, Apollini nuntiasse; qui cum fuerit antea candidus, Apollinem pro incommodo nuntio eum nigrum fecisse et Ischyn sagittis confixisse.

2. Istro, porém, e vários disseram que foi Coronis, filha de Flégias³⁶⁶; esta, porém, de Apolo procriou Esculápio, mas depois disso Ísquis, filho de Élato, deitou-se com ela. Quando o corvo viu isto, anunciou a Apolo. Como antes disso tenha sido branco, por causa da notícia incômoda Apolo o tornou negro e transpassou Ísquis com flechas.

3. De Cratera autem hanc historiam Phylarchus scribit. In Chersoneso, quae confinis est Troiae, ubi Protesilai sepulcrum statutum complures dixerunt, urbs Elaeusa nomine dicitur. In qua Demophon quidam cum regnaret, incidit eorum finibus repentina uastitas et ciuium interitio miranda. Qua re Demophonta permotum ferunt misisse ad Apollinis oraculum quaerentis remedium uastitatis. Responso autem dato, ut quotannis una de nobilium genere uirgo diis Penatibus eorum immolaretur, Demophon omnium filias praeter suas sorte ductas interficiebat, usque dum cuidam ciuium, loco nobilissimo eorum nato, perdoluit inceptum Demophontis. Qui negare coepit de sua filia se passurum sortiri, nisi eodem regis filiae essent coniectae. Quo facto rex permotus, illius filiam sine sorte ductam interfecit. Quod Mastusius nomine, uirginis pater, instanti tempore simulauit se patriae causa non aegre ferre factum (potuisset enim postea sorte ducta nihilominus interire); quod

³⁶⁶ Rei dos lápitás, filho de Marte.

paulatim dies regi in obliuionem perduxit. Itaque cum se prope amicissimum regi uirginis pater ostendisset, sollemne sacrificium se habere dixit, eumque et filias eius ad id conficiendum inuitauit. Qui nihil aliter futurum suspicatus, filias ante misit, ut ipse occupatus in re ciuili postea ueniret. Quod cum exoptanti Mastusio accidisset, filias eius interfecit et sanguinem earum cum uino <in> cratere mixtum aduenienti regi pro potione dari iussit. Qui cum filias desideraret et quid his factum esset rescisset, Mastusium cum cratere in mare proici iussit. Quo facto mare quo ille est proiectus, memoriae causa Mastusium [mare] uocatum est; portus autem adhuc Crater appellatur. Quem antiqui astrologi stellis deformarunt, ut homines meminissent maleficium neminem temere lucrari posse, neque obliuionem inimicitarum fieri solere.

3. Sobre a Cratera, porém, Filarco³⁶⁷ escreve esta história: Em Quersoneso, que é confirm a Troia, onde vários disseram que está estabelecido o sepulcro de Protesilau³⁶⁸, diz-se que há uma cidade de nome Eleunte. Quando um certo Demofonte reinava nela, incidiu em seus limites uma devastação repentina e a ruína surpreendente dos cidadãos. Agitado por esta razão, conta-se que Demofonte enviou [um pedido] ao oráculo de Apolo, que procurava o remédio da devastação. Contudo, após dada a resposta, de que todos os anos uma virgem da raça dos nobres seria imolada a seus deuses Penates, Demofonte matava as filhas de todos – exceto as suas –, levadas por sorteio, até que um dos cidadãos, nascido em um lugar nobilíssimo deles, sofreu com o plano de Demofonte. Ele começou a negar que haveria de permitir que se tirasse a sorte sobre sua filha, exceto se no mesmo lugar as filhas do rei tivessem sido introduzidas. O rei, agitado com o fato, matou a filha dele, levada sem sorte. O pai da virgem, de nome Mastúsio, naquele momento presente fingiu que, por causa da pátria, não levaria o feito de forma penosa (não obstante, depois disso ela realmente poderia ter morrido, tendo sido levada por sorteio); isto pouco a pouco levou o rei ao esquecimento. Assim, como o pai da virgem tivesse se mostrado quase o mais amigo do rei, disse-lhe que tinha um sacrifício solene, e convidou ele e suas filhas para realizá-lo. Não tendo suspetado de forma alguma do que haveria de acontecer, enviou as filhas antes, visto que ele, ocupado no assunto civil, chegaria depois. Como tivesse acontecido isto a Mastúsio, que o desejava

³⁶⁷ Escritor da Grécia antiga, que viveu por volta do século III a.C.

³⁶⁸ Herói da Tessália, filho de Íficio e de Astíoque.

ardentemente, matou suas filhas e ordenou que o sangue delas, misturado com vinho em uma cratera, fosse dado como bebida ao rei, que chegava. Visto que procurasse as filhas e tivesse descoberto o que lhes havia acontecido, Mastúcio ordenou que com a cratera fosse lançado ao mar. Devido a isso, o mar ao qual ele foi lançado, por causa da memória, é chamado mar Mastúcio; já o porto, ainda é chamado de Cratera. Os antigos astrônomos o representaram nas estrelas, para que os homens se lembrassem de que nenhum malefício pode ser lucrado impunemente, e de que não se costuma fazer o esquecimento dos inimigos.

4. *Nonnulli cum Eratosthene dicunt eum cratera esse quo Icarus sit usus, cum hominibus ostenderet uinum. Alii autem [dicunt] dolium esse, quo Mars ab Oto et Ephialte sit coniectus.*

4. Alguns, com Eratóstenes³⁶⁹, dizem que é a cratera da qual Ícaro se utilizou, quando apresentava o vinho aos homens. Outros, porém, dizem ser o jarro no qual Marte foi introduzido por Oto e Efilates.

XLI. PISCIS qui notius appellatur.

XLI. PEIXE que se chama austral.

Hic uidetur ore aquam excipere a signo Aquarii. Qui laborantem quondam Isim seruasse existimatur; pro quo beneficio simulacrum piscis et eius filiorum, de quibus ante diximus, inter astra constituit. Itaque Syri complures pisces non esitant et eorum simulacra inaurata pro diis Penatibus colunt. De hoc et Ctesias scribit.

Parece que este recebe água da boca do signo de Aquário. Considera-se ter protegido Ísis certa vez, que estava em apuros; por causa deste benefício, constituiu entre os astros a imagem do peixe e de seus filhos, sobre os quais dissemos antes³⁷⁰. Assim, vários Sírios não

³⁶⁹ Boeuffle (2002) afirma que, sem dúvidas, é uma alusão à obra *Erígone*.

³⁷⁰ II, 30.

comem peixes e cultuam suas imagens douradas como deuses Penates. Sobre isto, Ctésias³⁷¹ também escreve.

XLII.

1. *Reliquum est nobis dicere de stellis quinque, quas complures ut erraticas, ita planetas Graeci dixerunt. Quarum una est Iouis, nomine Phaenon, quem Heraclides Ponticus ait, quo tempore Prometheus homines finxerit, hunc pulchritudine corporis reliquos praestantem fecisse; eumque subprimere cogitare neque [Ioui] ut ceteros reddere et Cupidinem Ioui nuntiasse. Quo facto missum Mercurium ad Phaenonta persuasisse, ut ad Iouem ueniret et immortalis fieret. Itaque eum inter astra conlocatum.*

1. É remanescente para nós falar sobre as cinco estrelas, que vários chamaram como errantes, do mesmo modo que os gregos chamaram de planetas³⁷². Dessas, uma é de Júpiter, de nome Phaenon³⁷³, quem Heráclides Pôntico³⁷⁴ diz que, no tempo em que Prometeu tenha modelado os homens, fez este se sobressaindo aos demais pela beleza do corpo. Ele cogitava suprimi-la e não devolvê-la, como os demais, e Cupido anunciou a Júpiter. Por isso, tendo sido enviado a Phaenon, Mercúrio persuadiu-o para que viesse até Júpiter e se tornasse imortal. Assim, foi colocado entre os astros.

2. *Secunda stella dicitur Solis, quam alii Saturni dixerunt. Hanc Eratosthenes a Solis filio Phaethonta appellatam dicit. De quo complures scripserunt ut patris insciter curru uectus, incenderet terras; quo facto ab Ioue fulmine percussus, in Eridanum deiectus est et a Sole inter sidera [sit] perlatus.*

³⁷¹ Ctésias de Cnido, médico e historiador do século V a.C.

³⁷² Do adjetivo *πλανήτης* (*planétes*), que significa *errante*.

³⁷³ Da palavra grega *Φαίνων* (*Pháinon*), que significa *brilhante*.

³⁷⁴ Filósofo e escritor grego que viveu por volta do século IV a.C.

2. A segunda estrela diz-se do Sol³⁷⁵, a qual outros disseram de Saturno. Eratóstenes³⁷⁶ afirma que esta é chamada de Faetonte³⁷⁷, a partir do filho do Sol. Sobre ele, vários escreveram³⁷⁸ que, transportado de forma insciente no carro do pai, incendiava as terras. Por causa disso, atingido pelo raio de Júpiter, foi lançado ao Erídano e levado pelo Sol para junto dos astros.

3. *Tertia est stella Martis, quam alii Herculis dixerunt, Veneris sequens stellam hac, ut Eratosthenes ait, de causa: quod Vulcanus cum uxorem Venerem duxisset et propter eius obseruantiam Marti copia non fieret, ut nihil aliud adsequi uideretur, nisi sua stella Veneris sidus persequi a Venere inpetrauit. Itaque cum uehementer amor eum incenderet, significans e facto stellam Pyroenta appellauit.*

3. A terceira é a estrela de Marte, a qual outros disseram de Hércules, e que segue a estrela de Vênus a partir desta causa, conforme Eratóstenes diz: porque, como Vulcano tivesse se casado com Vênus e, devido à observação dele, não houvesse oportunidade para Marte, de modo que não parecesse obter nenhuma outra coisa, de Vênus conseguiu apenas que sua estrela seguisse o astro de Vênus. Assim, como o amor o incendiasse veementemente, chamou a estrela de Pyroente³⁷⁹, representando-a a partir do fato.

4. *Quarta stella est Veneris, Lucifer nomine; quam nonnulli Iunonis esse dixerunt. Hunc eundem Hesperum appellari, multis traditum est historiis. Hic autem omnium siderum maximus esse uidetur. Nonnulli hunc Aurorae et Cephalí filium dixerunt, pulchritudine multos praestantem. Ex qua re etiam cum Venere dicitur certasse, ut etiam Eratosthenes dicit eum hac de causa Veneris appellari, [et] exoriente sole et occidente uideri. Quare, ut ante diximus, iure hunc et Luciferum et Hesperum nominatum.*

³⁷⁵ Boeuffle (2002) aponta que esta era a designação antiga para Saturno, pois, segundo os Babilônios, a estrela era consagrada ao deus Nin Urta, personificando o Sol justiceiro do Ocidente.

³⁷⁶ *Catasterismos*, XLIII.

³⁷⁷ Da forma grega Φαέθων, que significa *radiante, brilhante*. O filho do Sol é Faetonte.

³⁷⁸ Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, V, 23, 2; Ovídio, *Metamorfoses*, II, 150-303; Higino, *Fábulas*, CLII A, 1.

³⁷⁹ Do adjetivo grego πυρόεις (*pyróeis*), que significa *ardente, inflamado*.

4. A quarta estrela é de Vênus, de nome Lúcifer³⁸⁰; alguns disseram ser de Juno. Por muitos mitos transmitiu-se que este mesmo é chamado Héspero³⁸¹. Este, porém, parece ser o maior de todos os astros. Alguns o disseram filho de Aurora e de Céfalos, se sobressaindo a muitos pela beleza. Devido a isso, diz-se inclusive ele ter disputado com Vênus, conforme Eratóstenes também afirma ser chamado [a estrela] de Vênus a partir dessa causa, e é visto quando o sol nasce e quando se põe. Por isso, conforme dissemos antes, ele é nomeado Lúcifer e Héspero com razão.

5. *Quinta stella est Mercurii, nomine Stilbon. Sed haec est brevis et clara. Haec autem Mercurio data existimatur, quod primus menses instituerit et peruiderit siderum cursus. Euhemerus autem Venerem primam ait sidera constituisse et Mercurio demonstrasse.*

5. A quinta estrela é de Mercúrio, de nome Estilbonte³⁸². Mas esta é pequena e clara. Considera-se, porém, que foi dada a Mercúrio porque tenha instituído primeiro os meses e tenha distinguido claramente o curso dos astros. Evêmero, contudo, afirma que Vênus constituiu primeiro os astros e demonstrou a Mercúrio.

XLIII.

Praeterea ostenditur circulus quidam in sideribus, candido colore, quem lacteum esse nonnulli dixerunt. Eratosthenes enim in Mercurio dicit infanti puero insciam Iunonem dedisse lac; sed postquam rescierit eum Maiae filium esse, reiecisit eum ab se; ita lactis profusi splendorem inter sidera apparere. Alii dixerunt dormienti Iunoni Herculem suppositum, et experrectam id quod supra diximus fecisse; alii autem Herculem propter nimiam auiditatem multitudinem lactis adpetisse neque in ore continere potuisse; quod ex ore eius profusum circulum significasse. Alii dicunt, quo tempore Ops Saturno lapidem pro

³⁸⁰ Formado a partir das palavras *lux* (luz) e *ferre* (portar, levar). *Lucifer* significa que traz/porta luz.

³⁸¹ Relaciona-se com Vésper, a estrela vespertina.

³⁸² Do grego *στῖλβων* (*stílbon*), que, semelhantemente aos exemplos anteriores, significa *brilhante*.

partu adtulit, iussisse ei lac praeberere. Quare cum pressisset mammam, profuso lacte circulum deformatum, quem supra demonstrauius.

Nos autem omnium corporum deformationem dicere instituimus.

Além disso, mostra-se um certo círculo entre os astros, de cor branca, que alguns disseram ser lácteo. Eratóstenes, de fato, em *Mercúrio*³⁸³ afirma que Juno, insciente, deu leite a uma criança pequena; mas, depois que descobriu ser o filho de Maia, afastou-o de si; assim, ficou visível entre os astros o brilho do leite derramado. Uns disseram que Hércules colocou-se sob Juno, que dormia, e, depois de acordada, fez o que dissemos acima; outros, porém, afirmaram que Hércules, por causa de um desejo demasiado, cobiçou uma grande quantidade de leite e não pôde contê-lo na boca: o leite derramado de sua boca representou o círculo. Outros dizem que, no tempo em que Ops levou para Saturno uma pedra em lugar da criança, ordenou que lhe oferecesse leite. Por essa razão, como tivesse apertado a mama, através do leite derramado foi representado o círculo que acima demonstramos.

Nós, porém, estabelecemos contar a formação de todos os corpos [celestes].

³⁸³ Na verdade, em *Hermes*, utilizando a nomenclatura grega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios da vida do homem, fez-se necessária a observação do céu e dos fenômenos que nele transcorrem. Como um indivíduo bastante ligado à natureza, da qual tirava o suprimento para suas necessidades, o ser humano tornou costumeira a noção relacionada com a observação dos astros.

Assim, à medida que os povos adquiriam conceitos mais elevados e eram envolvidos nos processos civilizatórios, o conhecimento começava a tomar lugar de destaque. A astronomia, dessa forma, pode ser caracterizada como uma das primeiras ciências que surgiram entre os homens.

Estudando os dados históricos e as culturas inerentes aos indivíduos das civilizações antigas, é perceptível que os astros sempre fizeram parte da observação do cotidiano deles. Pode-se dizer, portanto, que o ponto de vista da observação do céu é um dos fatores com que se pode medir o grau de conhecimento de cada povo.

Não significa dizer, porém, que atualmente tenhamos a mesma forma dos antigos para transformar em ação as noções em que acreditavam. Um dos exemplos mais eloquentes é a arte arqueo-astronômica, em que os povos pré-históricos apresentavam seu modo de apontamento através de elementos que os circundavam, de modo que sua maneira de observação posteriormente era confeccionada, artesanalmente.

Apesar de terem recebido principalmente dos egípcios e mesopotâmicos a base para diversos temas relacionados à astronomia, os gregos possuíram a primazia no que diz respeito à transformação da visão mítica para a visão científica dos astros. Os filósofos tiveram papel importantíssimo em todo o contexto que envolveu estas novas formas de percepção do conhecimento.

Alguns dos principais fundamentos que fizeram parte da nova lição grega sobre a astronomia, conforme apontado, foram a afirmação de que a Terra estaria colocada no centro do Universo, imóvel por causa de seu equilíbrio; a alteração da forma terrestre como esférica, em detrimento da antiga declaração de ser plana ou cilíndrica; a ordenação dos planetas,

juntamente com o Sol e a Lua; e, por fim, a inclusão do Universo em um meio formado por duas esferas.

Durante o período de transição cultural entre os povos gregos e romanos, estes deram maior relevância aos astros pela via politeísta. A astrologia começou, pouco a pouco, a ser desvinculada da noção astronômica, de modo que, à semelhança dos egípcios, havia a consulta das estrelas com fins adivinhatórios.

O contexto filosófico e cultural em que Higino esteve inserido, haja vista sua função como diretor da Biblioteca Palatina, serviu-lhe como arcabouço para a confecção de suas vastas obras. A prova de que seus escritos eram de grande valia entre os estudiosos da época, são as citações empregadas por diversos outros autores clássicos acerca de temáticas variadas.

No decorrer de seu tratado astronômico, Higino aponta (*De Astronomica*, Prefácio, 6) que um de seus intuitos ao escrever a obra é tratar com mais clareza os pontos mais obscuros que porventura estivessem presentes na obra *Fenômenos*, de Arato. Dado que, de modo geral, o intuito dos escritores latinos que se dedicaram à astronomia, não se pautava em gerar novos conceitos, mas aprofundar os já existentes, conclui-se que Higino bem o fez em sua obra, visto que, além de citar Arato e diversos outros autores gregos, ainda os explana de forma mais abrangente.

É claramente manifesta a didática do autor latino ao apresentar um compilado das diversas variantes dos mitos no livro segundo, ao longo de cada seção relacionada às constelações. Demonstra-se, assim, o vasto conhecimento cultural possuído por Higino, no que diz respeito tanto aos autores e suas respectivas obras, quanto à instrução sobre os desdobramentos dessas narrativas, por exemplo, o fato de que os homens começaram a usar anéis de ferro e pedra por conta da libertação de Prometeu (*De Astronomica*, II, 15, 4).

Da mesma forma, pode-se afirmar que a tradução se desenrola como um meio de transpor as realidades linguísticas e culturais entre dois ou mais contextos específicos. Justifica-se nossa escolha em trabalhar este texto antigo por alguns motivos: em primeiro lugar, pelo impacto da tradução na área de letras clássicas, dado que neste vasto campo de estudo haja grande dificuldade de encontrar a obra; posteriormente, pelo desenvolvimento de

questões que envolvem não só a língua ou as noções de pensamento da época, mas também que envolvem o gênero literário em questão.

Por fim, esta contribuição sobre o texto astronômico de Higino proporciona uma nova perspectiva sobre a astronomia em Roma. Com seu valor científico, *De Astronomica* resgata a tradição astronômica dos antigos e lhe dá nova roupagem, dando continuidade à transmissão do conhecimento relacionado aos astros e às constelações.

REFERÊNCIAS

Edições e traduções do texto *De Astronomica*:

CAYO JULIO HIGINO. **Fábulas. Astronomía.** Edición de Guadalupe Morcillo Expósito. Madrid: Ediciones Akal, 2008.

CONDOS, Theony. **Star Myths of the Greeks and Romans: a sourcebook.** Translation and Commentary by Theony Condos. Grand Rapids: Phanes Press, 1997.

ERATOSTHENES AND HYGINUS. **Constellation Myths with Aratus's *Phaenomena*.** A new translation by Robin Hard. Oxford: Oxford World's Classics, 2015.

HYGIN. **L'Astronomie.** Texte établi et traduit par A. Le Boeuffle. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

HYGINUS. **Astronomica - ex codicibus a se primum collatis.** Recensuit Bernhardus Bunte. Lipsiae, 1875.

Dicionários, teóricos e demais referências:

AFONSO, Germano Bruno; NADAL, Carlos Aurélio. **Arqueoastronomia no Brasil.** História da astronomia no Brasil, vol. 1, 2014, Recife, p. 53-86.

ALVES, Diogo Martins. **Ciclos mitológicos nas *Fabulae* de Higino: tradução e análise.** Campinas, SP: [s.n.], 2013.

APOLLODORO. **Biblioteca**. Introduzione, traduzione e note di Marina Cavalli. 1ª ed. Milano: Mondadori, 1998.

APOLÔNIO DE RODES. **Argonáuticas**. Organização, tradução, textos e notas de Fernando Rodrigues Júnior. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

ARATO. **Fenómenos**. GÉMINO. **Introducción a los fenómenos**. Introducciones, traducciones y notas de Esteban Calderón Dorda. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

ARATO. **Fenômenos**. Cadernos de Tradução, Instituto de Letras – UFRGS, Porto Alegre, nº. 38, jan-jun 2016, p. 1-84.

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme de Almeida, 2015.

AULO GÉLIO. **Noites Áticas**. Tradução de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

AULU-GELLE. **Les nuits attiques**. Tome premier; traduction en français avec le text en regard et accompagnées de remarques, par Victor Verger. Paris: C. I. Fournier, 1820.

AULU-GELLE. **Les nuits attiques**. Tome second; traduction en français avec le text en regard et accompagnées de remarques, par Victor Verger. Paris: C. I. Fournier, 1820.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. 4ª ed. Paris: Hachette, 2000.

BIGOURDAN, Guillaume. **L'Astronomie. Évolution des idées et des méthodes**. Paris: Ernest Flammarion, 1920.

BOVIER-LAPIERRE, Gaspard. **L'astronomie pour tous ou Description méthodique des astres et des phénomènes célestes: accompagnée de détails historiques et de considérations philosophiques**. Paris: Furne, 1891.

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. **História de Roma Antiga. Vol. 1 – Das origens à morte de César.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de. **História de Roma Antiga. Vol. 2 – Império Romano do ocidente e romanidade hispânica.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

CANHÃO, Telo Ferreira. **O calendário egípcio.** Revista Cultura [Online], Vol. 23, 2006, p. 39-61, posto online em 17 fev. 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cultura/1296>>. Acesso em: 11 mar 2020.

CASSON, Lionel. **Bibliotecas no mundo antigo** / Lionel Casson; tradução de Cristina Antunes. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2018.

COLUMELLA. **On agriculture – I.** With a recension of the text and english translation by Harrison Boyd Ash. London: William Heinemann LTD, 1960.

COLUMELLA. **On agriculture – II.** With a recension of the text and english translation by E. S. Forster and Edward H. Heffner. London: William Heinemann LTD, 1954.

COLUMELLA. **On agriculture – III.** With a recension of the text and english translation by E. S. Forster and Edward H. Heffner. London: William Heinemann LTD, 1955.

CRAMER, Frederick. **Astrology in Roman Law and Politics.** Philadelphie: American Philosophical Society, 1954.

CREPALDI, Clara Lacerda. **Os fragmentos de Andrômeda de Eurípides.** Estudos linguísticos e literários, nº. 55, 2016, Salvador, p. 356-373.

DELAMBRE, Jean Baptiste Joseph. **Histoire de l'astronomie ancienne. Tome premier.** Paris: Courcier, 1817.

DESMEDT, Clair. **Fabulae Hygini,** Revue Belge de Philologie et d'Histoire, nº. 48, 1970, p. 26-35.

Dicionário Grego-Português. Coordenação de Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti, Maria Helena de Moura Neves. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Editora Mnema, 2022.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica. Libros I-III.** Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasá. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Histórica. Libros IV-VIII.** Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

ESTRABÓN. **Geografía. Libros III-IV.** Traducción y notas de Mª. José Meana y Félix Piñero. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

ESTRABÓN. **Geografía. Libros V-VII.** Traducción y notas de José Vela Tejada y Jesús García Artal. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

EURÍPIDES. **Tragedias II.** Introducciones, traducción y notas de Jose Luis Calvo Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

EURÍPIDES. **Tragedias III.** Introducciones, traducción y notas de Carlos García Gual y Luis Alberto de Cuenca y Prado. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

FARIA, Rodrigo Cristino de. **Modelagem causal da astronomia antiga.** 120 p. 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

FERREIRA, Luísa de Nazaré. **Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. **Astronomia e Astrofísica.** Rio Grande do Sul: Departamento de Astronomia, Instituto de Física UFRS, 2014.

FRAGMENTA COMICORUM GRAECORUM collegit et disposuit Augustus Meineke. Berolini, 1840.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin-Français.** Nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

GALLARTE, Soraya Planchas. **Dioniso en la obra de Plutarco**. 295 p. 2019. Tesis Doctoral. Universidad Complutense de Madrid.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HERÓDOTO. **Historia. Libro I Clio**. Introducción de Francisco R. Adrados; traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HERÓDOTO. **Historia. Libro II Euterpe**. Introducción de Francisco R. Adrados; traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HERÓDOTO. **Historia III-IV**. Traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

HESÍODO. **Obras y fragmentos**. Introducción, traducción y notas de Aurelio Pérez Jiménez y Alfonso Martínez Díez. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução, estudo e notas de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991. 6ª reimpressão, 2015.

HIGINIO. **Fabula**. Introducción y traducción de Javier del Hoyo y José Miguel García Ruiz. Notas y índices de Javier del Hoyo. Madrid: Editorial Gredos, 2009.

HINOS HOMÉRICOS. Tradução, notas e estudo de Edvanda Bonavina da Rosa [et al.]; edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Júnior. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Editora Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HORÁCIO. **Odes**. Tradução, introdução e notas de Pedro Braga Falcão. São Paulo: Editora 34, 2021.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LIDELL, Henry; SCOTT, Robert. **Greek-English Lexicon**. 10a ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LIÉNARD, Edmond. **Obscurités d'Hygin**. In: *L'antiquité classique*, Tome 9, fasc. 1, 1940. p. 47-51.

MACROBIO. **Saturnales**. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Gredos, 2010.

MACROBIVS. Franciscus Eyssenhardt recognovit. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1868.

MARQUES, Manuel Nunes. **Origem e evolução do nosso calendário**. Texto extraído do site <<http://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm>> e adaptado para português brasileiro em julho de 2006. Acesso em: 11 mar. 2020.

MARTIN, André. **La préface de “l’astronomie” d’Hygin**. *Latomus*, vol. 7, 1948, p. 209-211.

MARTINHO, Marcos. **Suetônio, Dos Gramáticos**. *Classica*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 231-255, dezembro de 2014.

Disponível em: < <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/319/264>>

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Uranografia: descrição do céu**. Com mapas e desenhos do autor. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MUHLESTEIN, Kerry. **Encircling Astronomy and the Egyptians: An Approach to Abraham 3**. *The Religious Educator*, vol. 10, nº. 1, p. 33-50.

NONO DE PANÓPOLIS. **Dionisiacas**. Cantos XXXVII-XLVIII. Introducción, traducción y notas de David Hernández de la Fuente. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

OVÍDIO. **Cartas Pônticas**. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino; revisão da tradução Zelia de A. Cardoso. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

OVÍDIO. **Fastos**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OVIDIO. **I Fasti**. Introduzione e note di Luca Canali, note di Marco Fucecchi. 5ª ed. Milano: Burriozoli, 2011.

OVIDIO. **Le Metamorfosi**. Cura e traduzione di Mario Scaffidi Abbate. 1ª ed. Roma: Newton Classici, 2011.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

OVIDE. **Oeuvres complètes**. Avec la traduction em français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris: Imprimeurs de l'institut de France, 1869.

PAUSANIAS. **Description de la Grèce**. Tome VIII. Texte établi par Michel Casevitz, traduit et commenté par Madeleine Jost, avec la collaboration de Jean Marcadé. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

PAUSANIAS. **Description of Greece**. I. With an english translation by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. London: Loeb, 1918.

PAUSANIAS. **Description of Greece**. II. With an english translation by W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. London: Loeb, 1926.

PINDARE. **Tome I: Olympiques**. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

PINDARE. **Tome II: Pythiques**. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

PLATÃO. **A República**. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas. Alexandre e César.** Tradução do grego, introdução e comentário: Maria de Fátima Silva e José Luís Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas. Teseu e Rômulo.** Tradução do grego, introdução e notas: Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

POLYQUIN, Émilie-Jade. **Les textes astronomiques latins: un univers de mots. Enquête épistémologique, logique et rhétorique.** 466 f. 2015. Thèse (Doctorat en études anciennes) - Université Laval, Québec, Canada et Université Toulouse - Jean Jaurès, Toulouse, France.

PSEUDO-ERATÓSTENES. **Constelações do Zodíaco (Ἀστροθεσῖαι ζωδίων).** Introdução, tradução do grego, notas e índices de Reina Marisol Troca Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

RIBEIRO Jr., W.A. **Pseudo-Higino.** Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greeciantiga.org/arquivo.asp?num=1211. Consulta: 13/10/2020.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh.** Tradução do acádio, introdução e comentário de Jacyntho Lins Brandão. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. SÜETONIO. **Vidas de los doce césares.** Introducción general de Antonio Ramírez de Verger. Traducción de Rosa Agudo Cubas. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

ROZOKOKI, Alessandra. 2017. *Erathostenes' Erigone fr. 4 Rozokoki (= 22 Powell)*. Mnemosyne, n.º. 70, p. 939-957.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português.** 12ª ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SCHMIDT, Joël. **Júlio César.** Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

SCHOLIA IN ARATUM VETERA, disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

[BR&lr=&id=LQnnBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=scholia+in+aratum+vetera&ots=P](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LQnnBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=scholia+in+aratum+vetera&ots=P)

www.f3tzt6JJj&sig=xSP0Bca8dksHbqvvgDeIRHeD2CU8#v=onepage&q=scholia%20in%20aratum%20vetera&f=false

SERVII GRAMATICI QUI FERVNTVR IN VERGILII CARMINA COMMENTARII. **Vol. I – Aeneidos Librorum I – V commentarii.** Recensuit Georgius Thilo. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1881.

SERVII GRAMATICI QUI FERVNTVR IN VERGILII AENEIDOS LIBROS VI – VIII
COMMENTARII. Recensuit Georgius Thilo. Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1883.

SÓFOCLES. **Filoctetes**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Edmund Wilson. São Paulo: Editora 34, 2014.

SOUZA, Amanda Salgueiro de; TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza. **História da astronomia no Egito antigo: métodos da medição do tempo e educação científica**. Eixo, Brasília, v. 12, nº. 1, janeiro-abril de 2013, p. 27-38.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso: livro 1**/Tucídides; tradução, apresentação e notas Anna Lia Amaral de Almeida Prado; texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

URBÁN, Ángel. **Higino: balance crítico sobre un mitógrafo traducido, desaparecido y reencontrado**. Alfinge, n.º 15, 2003, p. 139-164.

VALCÁRCEL, José A. Rodríguez. (2004). **PROCURATOR BIBLIOTHECAE AUGUSTI: Los bibliotecarios del emperador en los inicios de las bibliotecas públicas en Roma.** *Anales de Documentación*, 7, 231–239. Recuperado a partir de <<https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/1601>>

VAN DE WOESTYNE, P. **Gaius Julius Hyginus, source de Virgile**. Revue Belge de Philologie et d'Histoire, 6 (1928), pp. 1329-1336.

VENEZIANO, Giuseppe. **Astrologia e astronomia nell'antica Roma**. Genova: Osservatorio Astronomico di Genova, 2018.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. 2^a. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

VIRGILIO. **Georgiche**. Introduzione, traduzione e note di Mario Ramous. 6ª ed. Cernusco: Garzanti, 2001.

YUSTE, Piedad. **Lo que cuentan las estrellas. El oficio de los astrónomos en la Antigua Mesopotamia**. Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua, t. 24, 2011, p. 83-102.